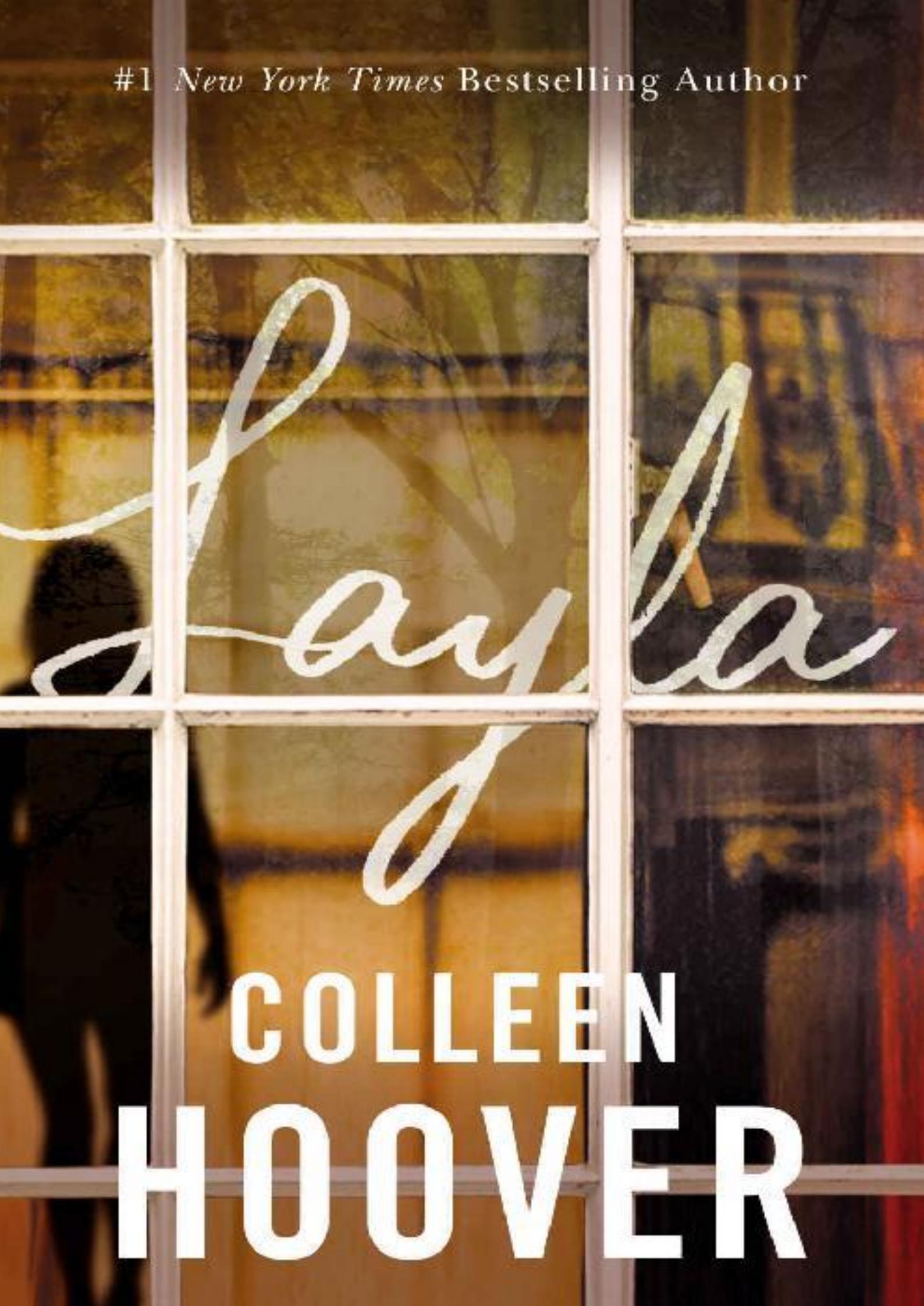


#1 New York Times Bestselling Author



A window with a grid pattern, looking out onto a dark, wooded area at night. The title 'Playa' is written in a large, white, cursive font across the top two rows of the window frame. Below it, the word 'of' is written in a smaller, white, cursive font. The author's name, 'COLLEEN HOOVER', is written in large, bold, white capital letters at the bottom.

Playa  
of  
COLLEEN  
HOOVER

COLLEEN  
HOOVER

# Parceria



# Parceria



# Lançamento

#1 New York Times Bestselling Author

Stay  
COLLEEN  
HOOVER

The book cover features a window frame over a dark, moody background. The title 'Stay' is written in large, white, cursive letters across the center. Below it, the author's name 'COLLEEN HOOVER' is printed in large, white, sans-serif capital letters.

# Sinopse

Quando Leeds conhece Layla, ele está convencido de que passará o resto de sua vida com ela – até que um ataque inesperado deixa Layla lutando por sua vida. Depois de semanas no hospital, Layla se recupera fisicamente, mas as cicatrizes emocionais e mentais alteraram a mulher por quem Leeds se apaixonou. A fim de colocar seu relacionamento de volta nos trilhos, Leeds leva Layla para a pousada onde se conheceram. Assim que eles chegam, o comportamento de Layla dá uma guinada bizarra. E essa é apenas uma das muitas ocorrências inexplicáveis.

Sentindo-se distante de Layla, Leeds logo encontra consolo em Willow – outra hóspede do B&B com quem ele estabelece uma conexão por meio de suas preocupações comuns. À medida que sua curiosidade por Willow cresce, sua decisão de ajudá-la a encontrar respostas o coloca em conflito direto com o bem-estar de Layla. Leeds logo percebe que tem que fazer uma escolha porque não pode ajudar as duas. Mas se ele fizer a escolha errada, pode ser prejudicial para todos eles.

Layla  
COLLEEN  
HOOVER



*O sobrenatural é o natural ainda não compreendido.*

***– Elbert Hubbard***

Layla  
COLLEEN  
HOOVER

# A Entrevista

Coloquei duas camadas de fita adesiva sobre a boca de Layla antes de descer, mas ainda posso ouvir seus gritos abafados quando o detetive se senta à mesa.

Ele tem o tipo de gravador antigo que você veria em um filme dos anos oitenta. Tem cerca de vinte e cinco centímetros de comprimento e quinze centímetros de largura, com um grande círculo vermelho no botão esquerdo. Ele o pressiona com o botão play e desliza o gravador para o centro da mesa. As rodas do cassete começam a girar.

— Por favor, diga o seu nome, — diz ele.

Eu limpo minha garganta. — Leeds Gabriel.

O compartimento da bateria é preso com fita adesiva velha que corre nas laterais da máquina. Eu acho isso meio engraçado. Esta máquina severamente desatualizada gravará cada palavra que estou prestes a dizer, e isso de alguma forma vai ajudar?

Nesse ponto, quase desisti. Não há luz no fim deste túnel. Eu nem tenho certeza se há um *fim* para este túnel.

Como posso ter esperança de sair disso quando as coisas ficaram tão fora de controle? Estou falando com um detetive

que conheci online enquanto minha namorada está lá em cima, perdendo a cabeça.

Como se ela soubesse que estou pensando nela, o barulho aumenta novamente. A cabeceira de madeira bate contra a parede no andar de cima, criando um eco sinistro nesta enorme casa vazia.

— Então, — diz o homem. — Por onde você quer começar?  
— Parece que ele vai conseguir superar o barulho, mas não tenho certeza se vou conseguir. Saber que Layla está sofrendo por causa de minhas ações não é algo que posso ignorar facilmente. Cada som vindo de cima me faz estremecer. — Por que não começamos contando como vocês dois se conheceram, — sugere o homem.

Estou hesitante em responder as perguntas que sei que não levarão a respostas, mas neste ponto, prefiro ouvir minha própria voz do que os gritos abafados de Layla. — Nós nos conhecemos aqui no verão passado. Isso costumava ser uma pousada. Eu era o baixista da banda que tocou no casamento da irmã dela.

O homem não responde. Ele se recosta na cadeira, olhando para mim em silêncio. Não sei mais o que dizer. Devo elaborar isso? — Como conhecer Layla se relaciona com o que está acontecendo dentro desta casa?

Ele balança a cabeça enquanto se inclina para frente, cruzando os braços sobre a mesa. — Talvez não relate. Mas é por isso que estou aqui, Leeds. Qualquer coisa pode ser uma

pista. Preciso que você volte ao primeiro dia em que esteve aqui. O que Layla estava vestindo? Por que vocês dois estavam aqui? Qual foi a primeira coisa que ela disse para você? Algum de vocês notou algo fora do comum na casa naquela noite? Quanto mais informações você puder me dar, melhor. Nenhum detalhe é muito pequeno.

Eu descanso meus cotovelos na mesa e deslizo minhas mãos sobre meus ouvidos para abafar os sons que Layla está fazendo lá em cima. Eu não aguento ouvi-la chateada assim. Eu a amo muito, mas não sei se posso voltar e falar sobre *por que* a amo tanto quando estou fazendo-a passar por isso.

Tento não pensar em como as coisas eram perfeitas no começo. Quando eu faço isso, solidifica o fato de que sou mais do que provavelmente o culpado pela forma como tudo terminou.

Eu fecho meus olhos e penso na primeira noite em que a conheci. Penso quando a vida era mais fácil. Quando a ignorância realmente era uma bênção.

— Ela era uma dançarina horrível, — digo ao homem. — Foi a primeira coisa que notei nela...

# Capítulo Um

Ela é uma péssima dançarina.

É a primeira coisa que noto sobre ela enquanto estou no palco, tocando para uma multidão cada vez menor. Braços longos que ela parece não ter ideia de como controlar. Ela está descalça, movendo-se na grama, deliberadamente batendo os pés sem a delicadeza que a música espera. Ela sacode a cabeça descontroladamente, e seus cachos negros rebeldes balançam de trás para a frente como se ela estivesse tocando uma música de heavy metal.

O que torna isso engraçado é que essa é uma banda country moderna. Uma banda country moderna e *sem graça*. Todo um conjunto de músicas que é doloroso de ouvir e ainda mais doloroso de tocar.

É a banda de Garrett.

Isso é literalmente como é chamado. *Banda de Garrett*. É o melhor que Garrett pode inventar.

Eu sou o quarto membro não oficial – o último a entrar na banda. Eu toco baixo. Não é o tipo de contrabaixo que as pessoas respeitam. Eu toco baixo elétrico. O instrumento invisível e menosprezado que geralmente é segurado pelo membro invisível da banda – aquele que desaparece no fundo

de cada música. Não me importo de desaparecer no fundo, no entanto. Talvez seja por isso que prefiro o baixo elétrico a qualquer outra coisa.

Depois de estudar música em Belmont, meu objetivo era ser cantor e compositor, mas não ajudo Garrett a escrever essas canções. Ele não quer ajuda. Não temos o mesmo apreço por música, então eu apenas escrevo canções para mim e as guardo para um dia futuro, quando terei confiança o suficiente para lançar um álbum solo.

A banda ficou mais popular nos últimos anos e, embora tenhamos mais procura, o que resulta em melhores salários, minha taxa de baixista não aumentou. Eu pensei em trazer isso para o resto da banda, mas não tenho certeza se vale a pena, e eles precisam do dinheiro mais do que eu. Sem mencionar que se eu os abordar, eles podem realmente me oferecer um lugar oficial na banda, e para ser honesto, eu odeio essa música tanto que fico com vergonha de estar até mesmo em pé aqui.

Cada show corrói minha alma. Uma mordidela aqui, uma mordidela ali. Temo que, se continuar fazendo isso por muito mais tempo, não restará nada de mim além de um corpo.

Sinceramente, não tenho certeza do que me mantém aqui. Eu nunca pretendi que isso fosse uma coisa permanente quando entrei, mas por qualquer motivo, não consigo colocar minha bunda em marcha para sair sozinho. Meu pai morreu quando eu tinha dezoito anos e, como resultado de sua morte,

dinheiro nunca foi um problema. Ele deixou para mim e para minha mãe uma apólice de seguro de vida considerável, junto com uma empresa de instalação de internet que se auto administra e funcionários que preferem que eu não interfira e mude anos de práticas que deram certo. Em vez disso, minha mãe e eu ficamos distantes e vivemos da renda.

É definitivamente algo que eu sou grato, mas não é algo que eu me orgulho. Se as pessoas soubessem o quanto pouco é exigido de mim nesta vida, eu não seria respeitado. Talvez seja por isso que eu continuei com a banda. É muita viagem, muito trabalho, muitas madrugadas. Mas a autotortura me faz sentir que pelo menos mereço uma parte do que está em minha conta bancária.

Eu fico no meu lugar designado no palco e vejo a garota enquanto eu toco, me perguntando se ela está bêbada ou drogada, ou se há uma chance de ela estar dançando do jeito que ela está para brincar com o quanto essa banda é uma merda. Seja qual for o motivo para ela se debater como um peixe desidratado, estou grato por isso. É a coisa mais divertida que acontece durante um show há algum tempo. Eu até me pego sorrindo em um ponto - algo que não faço há Deus sabe quanto tempo. E pensar que estava com medo de vir aqui.

Talvez seja a atmosfera – a privacidade do local misturada com o resultado de um casamento. Talvez seja o fato de que ninguém está prestando atenção em nós e noventa por cento da festa de casamento já foi embora. Talvez seja a grama no cabelo da garota e as manchas verdes em todo o vestido das

três vezes em que ela caiu durante a música. Ou talvez seja o período de seca de seis meses que me forcei a suportar desde que terminei com minha ex.

Talvez seja uma combinação de todas essas coisas que estão fazendo com que essa garota seja todo o meu foco esta noite. Não é surpreendente porque, mesmo com a maquiagem espalhada pelo rosto e alguns cachos emaranhados de suor na testa, ela é a garota mais bonita aqui. O que torna ainda mais estranho que ninguém esteja prestando atenção nela. Os poucos convidados restantes estão reunidos ao redor da piscina com o casal recém-casado enquanto tocamos nossa última música da noite.

Minha péssima dançarina é a única que ainda escuta quando finalmente terminamos e começamos a fazer as malas.

Eu ouço a garota gritando *bis* enquanto eu caminho até o fundo do palco e coloco meu baixo no estojo. Fecho com pressa, na esperança de poder encontrá-la assim que colocarmos todos os instrumentos na van.

Nós quatro reservamos dois quartos aqui na pousada para esta noite. É uma viagem de onze horas de volta para Nashville, e nenhum de nós queria fazer isso à meia-noite.

O noivo se aproxima de Garrett enquanto ele está fechando as portas da van e nos convida para um drinque. Normalmente, eu recusaria, mas estou meio que esperando que a péssima dançarina continue por aqui. Ela era divertida. E gostei do fato de ela nunca ter pronunciado uma única letra.

Eu não sei se eu poderia ser atraído por uma garota que realmente gosta da música de Garrett.

Eu a encontro na piscina, flutuando de costas, ainda usando o vestido de dama de honra cor creme com manchas de grama por toda parte.

Ela é a única na piscina, então, depois de pegar uma cerveja, vou até o fundo, tiro os sapatos e coloco as pernas na água, com jeans e tudo.

As ondas da perturbação na minha extremidade da piscina eventualmente a alcançam, mas ela não olha para cima para ver quem se juntou a ela na água. Ela apenas continua olhando para o céu, tão quieta e imóvel como um tronco flutuando na superfície da água. Um contraste com a exibição ridícula que ela fez antes.

Depois de alguns minutos olhando para ela, a água envolve seu corpo inteiro e ela se foi. Quando suas mãos se levantam e separam a água e sua cabeça surge na superfície, ele está olhando diretamente para mim, como se ela soubesse que eu estava aqui o tempo todo.

Ela se mantém flutuando com pequenos movimentos de seus pés e ondas de seus braços em cima da água. Ela lentamente fecha o espaço entre nós até que ela esteja diretamente na frente das minhas pernas, olhando para mim. A lua está atrás de mim, seus olhos refletindo seu brilho como duas pequenas lâmpadas.

Do palco, achei ela bonita. Mas com um pé na frente dela, vejo que ela é a coisa mais linda que já vi. Lábios rosados inchados, uma mandíbula delicada, estou supondo que talvez consiga passar a mão em algum ponto. Seus olhos são verdes como a grama que cerca a piscina. Quero entrar na água com ela, mas meu celular está no bolso e há uma lata de cerveja pela metade na minha mão.

— Você já assistiu aqueles vídeos no YouTube de pessoas morrendo por dentro? — Ela pergunta.

Não tenho ideia do por que ela fez essa pergunta, mas qualquer coisa poderia ter saído de sua boca agora e teria se movido por mim com a mesma força que essas palavras acabaram de fazer. Sua voz é fraca e leve, como se flutuasse sem esforço para fora de sua garganta.

— Não, — eu respondo.

Ela está um pouco sem fôlego enquanto trabalha para se manter à tona. — São compilações de coisas embaraçosas que acontecem às pessoas. A câmera sempre dá zoom no rosto das pessoas no pior momento. Suas expressões fazem parecer que estão morrendo por dentro. — Ela enxuga a água dos olhos com as duas mãos. — Era assim que você parecia lá esta noite. Como se você estivesse morrendo por dentro.

Eu nem me lembro dela olhando para o palco, muito menos me olhando por tempo suficiente para avaliar com precisão como é a sensação toda vez que sou forçado a tocar aquelas músicas de merda no palco.

— Eu já estou morto por dentro. Morri na primeira noite em que comecei a tocar para a banda.

— Eu pensei assim. Você gostou da minha dança? Eu estava tentando te animar.

Eu aceno e tomo um gole da cerveja. — Funcionou.

Ela sorri e foge debaixo d'água por alguns segundos. Quando ela volta a se levantar, ela tira todo o cabelo do rosto e diz: — Você tem namorada?

— Não.

— Namorado?

— Não.

— Esposa?

Eu balancei minha cabeça.

— Você tem amigos, pelo menos?

— Não realmente, — eu admito.

— Irmãos?

— Filho único.

— Merda. Você está sozinho.

Outra avaliação precisa. Embora, no meu caso, solitário seja uma escolha.

— Quem é a pessoa mais importante da sua vida? — Ela pergunta. — Os pais não contam.

— Agora mesmo?

Ela concorda. — Sim. Agora mesmo. Quem é a pessoa mais importante da sua vida?

Eu reflito sobre sua pergunta por um momento e percebo que não há ninguém por quem eu levaria um tiro além da minha mãe. Sou indiferente aos caras da banda. Eles são mais como colegas de trabalho com quem não tenho nada em comum. E como os pais não contam, essa garota é literalmente a única pessoa em minha mente agora.

— Eu acho que você, — eu digo.

Ela inclina a cabeça, estreitando os olhos. — Isso é meio triste. — Ela levanta os pés e chuta a parede entre as minhas pernas, se afastando de mim. — É melhor eu tornar esta uma boa noite para você, então. — Seu sorriso é sedutor. Um convite.

Aceito o convite dela colocando meu telefone no concreto ao lado da cerveja agora vazia. Eu tiro minha camisa e a observo me olhar enquanto eu deslizo o resto do caminho para a piscina.

Estamos no mesmo nível agora, e dane-se se ela simplesmente não ficou mais bonita de alguma forma.

Nadamos em volta um do outro em um círculo lento, com cuidado para não nos tocar, embora seja óbvio que ambos queremos.

— Quem é você? — Ela pergunta.

— O baixista.

Ela ri disso, e sua risada é o oposto de sua voz fina. É deliberada e abrupta, e posso até gostar mais disso do que da voz dela. — Qual é o seu *nome*? — Ela esclarece.

— Leeds Gabriel. — Ainda estamos nadando em círculos. Ela inclina a cabeça e pensa em meu nome.

— Leeds Gabriel é uma espécie de nome de vocalista. Por que você está tocando na banda de outra pessoa? — Ela continua falando, aparentemente não querendo uma resposta para essa pergunta. — Você foi nomeado em homenagem à cidade na Inglaterra?

— Sim. Qual o seu nome?

— Layla. — Ela sussurra como se fosse um segredo.

É o nome perfeito. O único nome que ela poderia ter dito que caberia nela – estou convencido disso.

— Layla, — alguém diz atrás de mim. — Abra. — Eu olho por cima do ombro e a noiva está parada atrás de mim, segurando algo para Layla. Layla nadou até ela, mostrou a língua e a noiva colocou uma pequena pílula branca no centro

dela. Layla engole e eu não tenho ideia do que era, mas foi sexy ‘pra’ caralho.

Ela pode ver que estou paralisado por sua boca. — Leeds quer um, — diz Layla, estendendo a mão para pegar outro comprimido. A noiva lhe dá outro e vai embora. Eu não pergunto o que é. Eu não me importo. Eu a quero tanto que vou ser o Romeu para sua Julieta e tomar qualquer tipo de veneno que ela queira colocar na minha língua agora.

Eu abro minha boca. Seus dedos estão molhados e um pouco se dissolveu antes mesmo de atingir minha língua. É amargo e difícil de descer sem revestimento ou água, mas eu consigo. Eu mastigo um pouco.

— Quem foi a pessoa mais importante da sua vida ontem?  
— Layla pergunta. — Antes de eu vir?

— Eu mesmo.

— Eu tirei você da posição número um?

— Parece que sim.

Ela se move com fluidez e sem esforço de costas, como se passasse mais tempo em uma piscina do que em terra. Ela olha para o céu novamente, com os braços bem abertos, o peito subindo com uma grande entrada de ar.

Eu pressiono minhas costas contra a lateral da piscina e estico meus braços, agarrando a borda de concreto. Meu

coração está começando a bater forte. Meu sangue parece mais espesso.

Não sei que tipo de droga ela me deu, provavelmente ecstasy ou algum outro tipo de droga, porque está fazendo efeito rápido. Estou mais ciente de tudo que está acontecendo em meu peito agora do que qualquer outra parte do meu corpo. Meu coração está inchado, como se não houvesse espaço suficiente para isso.

Layla ainda está flutuando de costas, mas seu rosto está perto do meu peito. Ela está bem na minha frente. Se eu me inclinasse um pouco, ela não estaria olhando para o céu. Ela estaria olhando para mim.

*Porra, isso é uma merda boa.*

*Eu me sinto bem. Me sinto confiante.*

A água está tão calma ao nosso redor que parece que ela está flutuando no ar. Seus olhos estão fechados, mas quando o topo de sua cabeça bate no meu peito, ela olha para mim, seu rosto de cabeça para baixo do meu, como se ela esperasse que eu fizesse algo.

*Então eu faço.*

*Eu me inclino apenas o suficiente para que minha boca descanse suavemente contra a dela. Nós nos beijamos de cabeça para baixo, seu lábio inferior entre os meus. Seus lábios são como uma explosão suave, acendendo campos minados escondidos sob cada centímetro da minha pele. É estranho e*

fascinante porque ela ainda está de costas, flutuando no topo da água. Mergulho minha língua em sua boca e, por qualquer motivo, não me sinto digno o suficiente para tocá-la, então mantendo meus braços onde estão – agarrando a piscina de cada lado meu.

Ela mantém os braços estendidos e a única coisa que move é a boca. Agradeço que nosso primeiro beijo tenha sido de cabeça para baixo, porque isso deixa muito espaço para esperar beijá-la com o lado direito para cima pela primeira vez. Eu nunca vou querer beijar uma garota de novo sem ficar chapado com o que quer que a noiva nos deu. É como se meu coração se contraísse até o tamanho de uma moeda de um centavo e depois se tornasse um balão do tamanho de um tambor a cada vez.

Não está batendo como deveria. Não existe mais gentil *bom bom, bom bom, bom bom*. É um plink e um BOOM.

Plink BOOM, plink BOOM, plink BOOM.

Eu não posso continuar beijando-a de cabeça para baixo assim. Isso está me deixando louco, como se não nos encaixássemos bem, e eu quero que minha boca se encaixe perfeitamente contra a dela. Eu agarro sua cintura e a giro em cima da água até que ela esteja de frente para mim, e então a puxo para mim. Suas pernas giram em volta da minha cintura e ambas as mãos saem da água e agarram minha nuca, o que a faz afundar um pouco, porque agora sou a única coisa que a mantém acima da água. Mas meus próprios braços estão

ocupados demais deslizando pelas costas dela, então começamos a mergulhar e nenhum de nós faz nada a respeito. Nossas bocas se fecham antes de estarmos submersos. Nem uma única gota d'água passa por nossos lábios.

Afundamos todo o caminho até o fundo da piscina, ainda fundidos. Assim que chegamos ao fundo, abrimos nossos olhos ao mesmo tempo e nos separamos para olhar um para o outro. Seu cabelo está flutuando acima dela agora, e ela parece um anjo afundado.

Eu gostaria de poder tirar uma foto.

Bolhas de ar turvam o espaço entre nós, então nós dois nos chutamos de volta ao topo.

Eu alcanço a superfície dois segundos antes dela. Estamos de frente um para o outro, prontos para começar o beijo novamente. Nós nos conectamos, de volta à mesma posição em que estávamos. Nossas bocas se procuram, mas assim que eu sinto o gosto do cloro em seus lábios, somos interrompidos por cantos.

Posso ouvir Garrett acima de vários dos outros, todos torcendo pelo nosso beijo de onde estão sentados. Layla olha para trás e mostra o dedo do meio.

Ela se separa de mim e se empurra para o lado da piscina.  
— Vamos, — ela diz, puxando-se para fora da água. Ela não é graciosa sobre isso. Ela empurra o fundo do poço, a um metro e meio da escada, e tem que rolar no concreto para sair da

piscina. É desajeitado e perfeito. Eu a sigo e, alguns segundos depois, estamos ambos correndo para o lado da casa onde é mais escuro e privado. A grama é fria e macia sob meus pés. Como gelo... mas derretido.

Eu acho que só seria água. Mas não parece água. Parece gelo derretido. *As drogas tornam as coisas difíceis de explicar.*

Layla agarra minha mão e cai na grama derretida, puxando-me para baixo com ela, em cima dela. Eu me seguro com os cotovelos para que ela possa respirar, e fico olhando para ela por um momento. Ela tem sardas. Não muitas, e elas estão espalhadas pela ponte do nariz. Algumas em suas bochechas. Eu levanto minha mão e traço-as. — Por que você é tão bonita?

Ela ri. Com razão. Isso foi brega.

Ela me vira de costas e então puxa o vestido para cima das coxas para que ela possa montar em mim. Suas coxas sugam para os meus lados porque nós dois estamos ensopados. Eu descanso minhas mãos em seus quadris e absorvo a intensidade desta alta.

— Você sabe por que chamam este lugar de Corazón del País? — Ela pergunta.

Eu não sei, então eu apenas balanço minha cabeça e espero que seja uma longa história para que eu possa ouvi-la falar mais do que ela. Eu poderia ouvir a voz dela a noite toda. Na verdade, há um quarto dentro da pousada que eles chamam

de Grand Room, e está forrado com centenas de livros em todas as paredes. Ela poderia ler para mim a noite toda.

— Isso se traduz em *Coração do País*, — diz ela. Há entusiasmo em seus olhos e voz quando ela fala. — Este local — este mesmo pedaço de propriedade em que você está deitado — é o centro geográfico literal dos Estados Unidos contíguos.

Talvez seja porque estou muito ciente do meu batimento cardíaco agora, mas isso não faz sentido. — Por que eles chamariam assim? O coração não é realmente o centro do corpo. O estômago é.

Ela ri sua risada aguda e rápida novamente. — Verdade. Mas *Estômago del País* não parece tão bonito.

*Porra.* — Você fala francês?

— Tenho certeza de que é espanhol.

— De qualquer maneira, foi quente.

— Eu só fiz um ano no ensino médio, — diz ela. — Eu não tenho talentos ocultos. O que você vê é o que você obtém.

— Eu duvido disso. — Eu a rolo de cima de mim e prenho seus pulsos no pescoço enquanto rolo em cima dela. — Você é uma dançarina talentosa.

Ela ri. Eu a beijo.

Nós nos beijamos pelos próximos minutos.

Nós mais do que nos beijamos. Nós nos tocamos. Nós movemos. Nós gememos.

Tudo é demais – como se eu estivesse oscilando à beira da morte. Meu coração pode literalmente explodir no meu peito. Estou começando a me perguntar se devemos continuar fazendo isso. Drogas e beijos com Layla são demais. Não posso deixá-la ficar enrolada em mim por mais um segundo, ou vou desmaiar com tudo que estou sentindo. É como se em cada terminação nervosa crescesse uma terminação nervosa. Sinto tudo com o dobro da magnitude.

— Eu tenho que parar, — eu sussurro, desembrulhando suas pernas ao meu redor. — Em que diabos estamos? Eu não consigo respirar. — Eu rolo em minhas costas, com falta de ar.

— Você quer dizer o que minha irmã te deu?

— A noiva é sua irmã?

— Sim, o nome dela é Aspen. Ela é três anos mais velha que eu. — Layla se ergue sobre o cotovelo. — Por quê? Você gosta disso?

Eu concordo. — Sim. Eu amo isso.

— É intenso, certo?

— Porra, sim.

— Aspen dá para mim toda vez que bebo demais. — Ela se inclina até que sua boca esteja contra minha orelha. —

Chama-se aspirina. — Quando ela se afasta, a confusão em meu rosto a faz sorrir. — Você achou que estava chapado?

*Por que mais eu estaria me sentindo assim?*

Eu me sento — Isso não era uma aspirina.

Ela cai de costas em um ataque de riso, fazendo uma cruz sobre o peito. — Juro por Deus. Você tomou uma *aspirina*. — Ela está rindo tanto que tem que lutar para recuperar o fôlego. Quando ela finalmente o faz, ela suspira e é encantador, e eu acabei de dizer *encantador*?

Ela balança a cabeça, olhando para mim com um sorriso suave. — Não são as drogas que fazem você se sentir assim, Leeds. — Ela se levanta e dá a volta na frente da casa. De novo, eu a sigo, porque se isso realmente foi uma aspirina, então estou ferrado.

Eu estou fodido.

Eu não sabia que outra pessoa poderia me fazer sentir tão bem sem algum tipo de substância correndo pelo meu corpo.

Layla não vai para um quarto depois que estamos dentro de casa. Ela entra no Salão Principal, aquele com todos os livros e o piano de cauda. Quando estamos dentro, ela fecha a porta e tranca. Meu jeans e seu vestido estão deixando um rastro de água atrás de nós.

Quando paro e me viro para olhar para ela, ela está olhando para a água que se acumula sob meus pés.

— Os pisos são velhos, — diz ela. — Devemos respeitá-los. — Ela puxa o vestido encharcado pela cabeça, e agora ela está de pé na sala mal iluminada a cinco metros de mim em nada além de sutiã e calcinha. Eles não combinam. Ela está usando um sutiã branco e calcinha xadrez verde e preta, e eu meio que adoro que ela não se importou muito com o que usava sob o vestido. Eu a observo por um momento – admirando suas curvas e a maneira como ela não tenta esconder pedaços de si mesma de mim.

Minha última namorada tinha um corpo que poderia rivalizar com o de uma supermodelo, mas ela nunca se sentia confortável consigo mesma. Isso se tornou uma das coisas que me irritavam nela, porque não importa o quão bonita ela fosse, sua insegurança era a coisa mais alta nela.

Layla se comporta com uma confiança que seria atraente, não importando sua aparência.

Eu faço como ela pediu e removo meu jeans, deixando minha boxer. Layla reúne nossas roupas e as coloca em cima de um tapete que provavelmente vale mais do que o chão, mas o que quer que a faça se sentir bem.

Eu olho ao redor da sala, e há um sofá marrom de couro desgastado contra a parede ao lado do piano. Eu quero jogá-la sobre ele e me perder dentro dela, mas Layla tem planos diferentes.

Ela puxa o banco do piano e se senta nele. — Você pode cantar? — Ela pergunta, cutucando algumas das teclas.

— Sim.

— Por que você não canta no palco?

— É a banda de Garrett. Ele nunca me pediu isso.

— Garrett? É esse o nome do cantor principal?

— É esse mesmo.

— Ele é tão atroz quanto suas letras?

Isso faz-me rir. Eu balanço minha cabeça e me junto a ela no banco. — Ele é péssimo, mas não é tão ruim quanto suas letras.

Ela pressiona dó central no piano. — Ele está com ciúmes de você? — Ela pergunta.

— Por que ele teria ciúmes de mim? Eu sou apenas o baixista.

— Ele não tem material para vocalista. Você tem.

— Essa é uma grande declaração. Você nunca me ouviu cantar.

— Não importa. Você pode ser terrível, mas todo mundo ainda desaparece no fundo quando você está no palco.

— Assim como o resto da multidão desaparece no fundo quando você está dançando?

— Eu era a *única* dançando.

— Viu? Eu nem percebi.

Ela se inclina depois que eu digo isso, e espero que ela me beije, mas, em vez disso, ela sussurra, — Toque alguma coisa para mim, — contra minha boca. Em seguida, ela se move para o sofá e se deita. — Toque algo digno daquele piano, — diz ela.

Ela cruza as pernas na altura dos tornozelos e deixa um dos braços pendurado para fora do sofá. Ela corre o dedo contra o piso de madeira enquanto espera que eu comece a tocar, mas não consigo parar de olhar para ela. Eu não tenho certeza que há outra mulher neste planeta que poderia me fazer querer olhar para ela sem piscar até que meus olhos secam, mas ela está olhando para mim com expectativa.

— E se você não gostar da minha música? — Eu pergunto. — Você ainda vai me deixar te beijar?

Ela sorri gentilmente. — A música significa algo para você?

— Eu escrevi usando pedaços da minha alma.

— Então você não tem nada com que se preocupar, — diz ela calmamente.

Eu giro no banco e coloco meus dedos nas teclas. Hesito por um momento antes de tocar a música. Eu nunca fiz isso para ninguém antes. A única pessoa para quem eu queria

cantar era meu pai, e ele não está mais vivo. Sua morte é a razão pela qual escrevi isso em primeiro lugar.

Nunca fiquei nervoso ao tocar as músicas de Garrett no palco, mas isso é diferente. Isso é pessoal, e apesar do fato de haver apenas uma pessoa na plateia agora, parece o público mais intenso para o qual já me apresentei.

Eu encho meus pulmões de ar e o libero lentamente enquanto começo a tocar.

*Naquela noite eu parei de acreditar no paraíso*

*Eu não posso acreditar em um deus tão cruel*

*Você pode?*

*Naquela noite parei de orar de joelhos*

*Mas eu também não oro em pé*

*Você?*

*Naquela noite fechei a porta e fechei a janela*

*Eu estive sentado no escuro*

*Você está?*

*Naquela noite eu aprendi que a felicidade é um conto de fadas*

*Mil páginas lidas em voz alta*

*Por você*

*Naquela noite eu parei de acreditar em Deus*

*Você era nosso, ele não ligava, ele*

*Levou você*

*Então naquela noite eu parei...*

*Eu parei...*

*Eu só*

*Parei.*

*Naquela noite eu parei.*

*Eu parei.*

*Eu apenas parei.*

*Naquela noite eu parei.*

*Eu...*

Quando termino de tocar a música, coloco minhas mãos no colo. Estou um pouco hesitante em me virar e olhar para ela. A sala inteira ficou em silêncio depois que toquei a última nota. Tão silenciosa... parece que todo o som foi sugado para fora da casa. Não consigo nem ouvir sua respiração.

Fecho a tampa do piano e giro lentamente no banco. Ela está enxugando os olhos, olhando para o teto. — Uau, — ela sussurra. — Eu não esperava por isso. Eu sinto que você acabou de pisar no meu peito.

É assim que me sinto desde a primeira vez que coloquei os olhos nela esta noite.

— Gosto de como termina, — diz ela. Ela se senta no sofá e enfia as pernas embaixo dela. — Você apenas para no meio da frase. É tão perfeito. Tão poderoso.

Eu não estaria preocupado se ela percebesse o final intencional, mas o fato de que ela faz isso me deixa ainda mais apaixonado por ela.

— Onde posso encontrar a música? Está no Spotify?

Eu balancei minha cabeça. — Eu nunca lancei nada do meu material.

Ela olha para mim com horror fingido, batendo no braço do sofá. — O que? Por que diabos não?

Eu encolho os ombros. — Eu não sei. — Sinceramente não sei. — Talvez porque todos em Nashville pensem que são alguém. Não quero ser alguém que pensa que sou alguém.

Ela se levanta e vai até onde estou sentado no banco do piano. Ela empurra meus ombros até que minhas costas estejam encostadas no piano, e então ela monta em mim, ambos os joelhos apoiados no banco do piano. Eu estou olhando para ela agora, e ela está segurando meu rosto em suas mãos, seus olhos se estreitam enquanto ela fala. — Você está sendo egoísta por manter suas músicas para si mesmo. É melhor ser alguém altruísta do que ser um ninguém egoísta.

Acho que estou feliz por ter conhecido essa garota.

Estou *muito* feliz.

Eu agarro a parte de trás de sua cabeça e trago sua boca na minha. Não sei o que está acontecendo aqui. Faz muito

tempo que não gosto de uma garota o suficiente para me perguntar onde ela estará no dia seguinte.

Mas... onde Layla estará amanhã?

Onde ela estava ontem?

Onde ela chama de casa?

Onde ela cresceu?

Quem é a pessoa favorita *dela* agora?

Eu quero saber todas as coisas. Tudo.

Layla interrompe nosso beijo. — Aspen me avisou mais cedo esta noite, quando me viu olhando para você. Ela disse: '*Prometa-me que ficará longe dos músicos. Eles provavelmente têm clamídia.*'

Eu ri. — Você prometeu a ela que ficaria longe de mim?

— Não. Eu disse: '*Tudo bem se ele tiver clamídia. Ele provavelmente também tem preservativos.*'

— Eu não tenho clamídia. Mas eu também não tenho camisinha.

Ela se separa de mim e se levanta. — Está bem. Eu tenho uma no meu quarto. — Ela se vira e caminha em direção à porta.

Pego nossas roupas molhadas, sigo-a para fora do quarto e subo as escadas. Ela não me convida exatamente para seu

quarto, mas posso dizer que ela espera que eu a siga porque ela está falando enquanto sobe os degraus.

— Já faz um tempo que não faço isso, — ela diz por cima do ombro. — Só tenho preservativos porque eram lembrancinhas para a despedida de solteira. — Ela se vira, parando em um dos degraus. — Eu não sabia como seria muito mais difícil transar no mundo real. Você nem precisa se esforçar na faculdade, mas depois da faculdade... *ugh*. — Ela se vira e começa a subir as escadas novamente. Ela abre a porta do quarto e eu a sigo por dentro. — O problema com sexo depois da faculdade é que odeio namorar. Isso leva muito tempo. Você dedica uma noite inteira a uma pessoa que você pode dizer que nos primeiros cinco minutos é uma perda de tempo.

Eu concordo com ela. Eu prefiro muito mais a ideia de só transar. Sempre quis alguém com quem pudesse clicar instantaneamente e depois apenas mergulhar em.

Não sei se Layla poderia ser essa pessoa, mas com certeza foi assim quando chegamos ao fundo da piscina. Esse foi o beijo mais intenso que já experimentei.

Layla tira nossas roupas molhadas de minhas mãos e as leva até o banheiro. Ela os joga no chuveiro e, em seguida, no caminho de volta para o quarto, diz: — Você deveria sair da banda.

Ela deve ser a pessoa mais imprevisível que já conheci. Mesmo as frases mais simples me pegam desprevenido. — Por quê?

— Porque você está infeliz.

Ela está certa, eu estou. Nós dois vamos para a cama. — Qual é a sua profissão? — Eu pergunto a ela.

— Eu não tenho emprego. Fui demitida na semana passada.

Ela se senta e se inclina contra a cabeceira da cama. Deito de lado no travesseiro, olhando para ela. Meu rosto está perto de seu quadril, e é estranho e sexy estar tão perto de sua coxa. Eu pressiono meus lábios contra ele. — Por que você foi demitida?

— Eles não me deixaram ir ao casamento de Aspen, então eu não apareci para trabalhar. — Ela desliza para baixo da cama e reflete minha posição. — Sua boxer ainda está molhada. Provavelmente deveríamos tirar o resto de nossas roupas.

Ela é atrevida, mas eu gosto.

Eu a agarro pela cintura e a puxo para cima de mim. Eu a coloco tão perfeitamente contra mim que ela engasga. Sou mais alto que ela, então seu rosto não alcança o meu, mas quero beijá-la. Ela deve querer me beijar também, porque ela rasteja pelo meu corpo até que nossas bocas se conectem.

Não há muitas peças de roupa para remover entre nós, então parece que apenas alguns segundos antes de estarmos nus sob as cobertas e quase passando do ponto de nos importarmos com um preservativo. Mas eu não conheço essa garota e ela não me conhece, então espero ela se atrapalhar no quarto escuro até encontrar sua bolsa. Assim que ela pega um preservativo e o entrega para mim, eu alcanço sob as cobertas e começo a colocá-lo.

— Eu acho que você está certa, — eu digo.

— Sobre o que?

Eu rolo em cima dela e ela abre as pernas, me encaixando entre elas. — Eu deveria sair da banda.

Ela acena em concordância. — Você ficaria mais feliz tocando sua própria música, mesmo que não ganhe dinheiro com isso. — Ela me beija, mas apenas brevemente antes de se afastar. — Consiga um emprego que você possa tolerar. Lance sua música ao lado. É melhor ser pobre e realizado do que... pobre e vazio. Eu ia dizer *rico* e vazio, mas não acho que você seja rico, ou não estaria tocando para aquela banda.

Eu diria a ela que não sou pobre, mas admitir que toco para a banda voluntariamente e não por necessidade é meio constrangedor, então prefiro não dizer nada.

— Se você está destinado a ser pobre, é melhor ser o tipo de pobre feliz, — acrescenta ela.

Ela está certa. Beijo seu pescoço, depois seu seio. Então minha boca está descansando contra a dela novamente. — Acho que estou feliz por ter conhecido você.

Ela se afasta um pouco e sorri para mim. — Você *acha*? Ou você *está*?

— Eu estou. Estou *muito* feliz por ter conhecido você.

Ela passa os dedos pela minha boca. — Estou muito feliz por ter conhecido *você*.

Nós nos beijamos mais um pouco, e é cheio de expectativa relaxada, como se soubéssemos que temos a noite toda e não há pressa. Mas eu já coloquei a camisinha, e ela já está me guiando para dentro dela.

Eu ainda levo meu tempo com ela. Tanto tempo.

Os minutos parecem mais importantes quando são passados com ela.



Ela está deitada de bruços, e estou arrastando dedos indignos pela curva suave de sua coluna.

Eu alcanço a base de seu pescoço e, em seguida, varro meus dedos em seus cabelos e começo a acariciar sua nuca.

— Eu mataria por um taco agora, — diz ela.

Nunca quis entrar na mente de uma garota mais do que na de Layla. Sua mente não funciona como as outras mentes. Não há filtro entre o cérebro e a boca, e não há consciência dizendo que ela deveria se sentir mal pelo que quer que tenha dito. Ela apenas diz as coisas sem se desculpar e sem qualquer remorso. Mesmo quando suas palavras doem.

Eu não sabia que a honestidade brutal era sexy até esta noite.

Eu disse a ela há alguns minutos que ela foi o melhor sexo que já tive. Eu esperava que ela retribuísse o elogio, mas ela apenas sorriu e disse: — Sempre pensamos isso quando estamos nisso. Mas então aparece alguém novo e esquecemos o quão bom pensávamos que era antes, e o ciclo começa tudo de novo.

Eu ri. Achei que ela estava brincando, mas não estava. E então pensei no que ela havia dito, e ela estava certa. Perdi minha virgindade aos quinze anos. Eu pensei que era a melhor coisa que eu experimentaria. Mas então Victoria Jared apareceu quando eu tinha dezessete anos, e ela foi o melhor sexo que eu já tive. E então Sarah Kisner, e a garota que entrou sorrateiramente no meu dormitório no primeiro ano, e dois ou três depois disso, e então Sable. A cada vez, o resultado me fazia pensar que era o melhor que poderia acontecer. Mas talvez eles fossem tão bons quanto o anterior.

Nenhum deles se compara a Layla. Tenho certeza disso.

*Tão certo quanto eu estava todas as vezes antes de Layla.*

— Você é religioso? — Layla pergunta.

Seus pensamentos são tão esporádicos e intensos quanto suas ações. Acho que é por isso que estou tão intrigado com ela. Um minuto ela está de costas gritando meu nome enquanto cava suas unhas em meus ombros. No minuto seguinte, ela está de bruços, me dizendo o quanto está com vontade de comer um taco. No minuto seguinte, ela se esquece dos tacos e quer saber se sou religioso. Eu amo isso. A maioria das pessoas é previsível. Cada palavra e ação de Layla é como receber uma surpresa embrulhada para presente.

— Eu não sou religioso. Você é?

Ela encolhe os ombros. — Eu acredito na vida após a morte, mas não tenho certeza se sou religiosa.

— Acho que a existência é simplesmente sorte do sorteio. Estamos aqui por um tempo e depois não estamos.

— Isso é deprimente, — diz ela.

— Na verdade não. Imagine como é o céu. A positividade incessante, os sorrisos, a falta de pecado. A ideia de viver eternamente em um lugar cheio de pessoas que passaram suas vidas falando citações inspiradoras soa muito mais deprimente para mim do que se tudo acabasse com a morte.

— Não sei se acredito *nesse* tipo de vida após a morte, — diz Layla. — Eu vejo a existência mais como uma série de reinos. Talvez o céu seja um deles. Talvez não seja.

— Que tipo de reinos?

Ela rola para o lado e quando meus olhos caem para seus seios, ela não tenta me forçar a fazer contato visual com ela. Em vez disso, ela puxa minha cabeça contra seu peito enquanto rola de costas. Eu coloco minha cabeça em seu peito e seguro um de seus seios enquanto ela casualmente passa os dedos pelos meus cabelos e continua falando.

— Pense assim, — diz ela. — O útero é uma existência. Como fetos, não nos lembrávamos da vida antes do útero e não tínhamos ideia se haveria vida depois do útero. Tudo o que sabíamos era o útero. Mas então nós nascemos, deixamos o útero e entramos em nosso reino *atual* de existência. E agora não podemos nos lembrar de estar no útero antes desta vida, e não temos ideia do que vem depois desta vida. E quando nossa vida atual terminar, estaremos em um reino diferente ao invés dela, onde podemos não nos lembrar *deste* reino de existência, assim como não nos lembramos de estar no útero. São apenas reinos diferentes. Um após o outro. Alguns sabemos que existem de fato. Alguns nós apenas *acreditamos* que existam. Pode haver reinos de existência dos quais nunca sequer pensamos. Eles podem ser infinitos. Acho que nunca morremos de verdade.

A explicação dela faz sentido, ou talvez eu esteja apenas me sentindo bem porque minha boca está em seu seio. Pego outra camisinha enquanto pondero sobre sua teoria. É mais provável para mim do que a ideia de céu e inferno.

Ainda estou convencido de que existe vida e morte e isso é tudo que existe.

— Se você está certa, então eu gosto mais deste reino, — eu digo, cobrindo seu corpo com o meu.

Ela abre suas coxas para mim e sorri contra meus lábios.  
— Só porque você está nele.

Eu balanço minha cabeça enquanto empurro dentro dela.  
— Não. Eu gosto mais porque estou em *você*.

Layla  
COLLEEN  
HOOVER

## *Capítulo Dois*

Eu fico olhando para ela por alguns minutos, esperando que ela não acorde imediatamente. Sua mão está envolta em meu peito – um peso morto enquanto ela dorme. Tento prolongar o momento porque sei como funciona o caso de uma noite. Eu tive minha cota deles. Eu escapei de um monte de camas, mas não quero escapar desta.

Espero que Layla não queira que eu saia dessa.

Ela vai acordar logo, e sei como ela vai se sentir assim que o fizer. Ela provavelmente vai proteger os olhos do sol e rolar enquanto tenta se lembrar de como chegamos aqui. Quem eu sou. Como ela pode se livrar de mim.

Seus dedos são a primeira coisa a se mover. Ela os arrasta do meu ombro, até a minha nuca. Ela mantém os olhos fechados enquanto me puxa contra ela para que possa se aconchegar contra mim.

Estou aliviado por ser familiar para ela – que ela acabou de acordar e sabe exatamente onde está e com quem está e não está tentando se afastar.

— Que horas são? — Ela murmura. Sua voz não sai flutuando de sua garganta tão cedo pela manhã. É um

sussurro áspero e de alguma forma ainda mais sexy do que quando ela está bem acordada.

— Onze.

Ela olha para mim, seus olhos inchados e manchados de rímel. — Você sabia que onze da manhã é a hora mais mortal do dia?

Isso me faz rir. — Isto é um fato?

Ela concorda. — Aprendi isso na faculdade. Mais pessoas morrem durante o café da manhã do que em qualquer outra hora do dia.

Ela é uma bagunça quente. Eu amo isso. — Você é tão estranha.

— Quer tomar um banho comigo?

Eu sorrio. — Foda-se, sim.



Achei que não tomariamos banho no chuveiro, mas era um convite legítimo.

Estou massageando seu cabelo com condicionador, fazendo perguntas que normalmente não faria a uma garota

depois de uma noite. Há tantas coisas sobre ela que quero saber.

— Aspen é sua única irmã?

— Sim.

— Você gosta dela?

— Eu a amo loucamente, — Layla diz. — Eu realmente não concordo com o gosto dela por maridos, mas o que quer que funcione para ela. — Ela olha por cima do ombro para mim. — Você sabe qual é o nome dele?

— Não. Qual o nome dele?

— Chad Kyle.

— De jeito nenhum, — eu sussurro.

— Estou falando sério. Esse é o nome verdadeiro dele.

— É apropriado ou uma infelicidade?

— Infelizmente, é apropriado, — diz ela. — Ele é um Chad tão típico. Garoto de fraternidade, membro do clube de campo, uma picape de um quarto de tonelada e um cachorro chamado Bo.

— Isso explica por que ele gosta da banda de Garrett. — Pego o chuveiro de mão e começo a enxaguar seu cabelo. Quando está molhado, seu cabelo desce até o meio das costas. Nunca lavei o cabelo de uma garota antes, mas é meio sensual.

O formato de sua cabeça também. Ele se encaixa perfeitamente na minha palma. — Sua cabeça é sexy.

— Como pode uma cabeça ser sexy?

Cubro seus olhos com a mão livre para que o sabonete não escorra para eles. — Eu não sei. Mas a sua é. Ou talvez seja só você. — Quando termino de enxaguar o cabelo dela, coloco o chuveiro de volta no suporte. Ela se vira e eu a puxo para mim enquanto o fluxo de água quente nos atinge. — Eu me diverti ontem à noite.

Ela sorri. — Eu também.

— A banda sairá em meia hora.

— Eu também.

— Onde você mora?

— Chicago, — diz ela. — Ainda moro com meus pais. Voltei para a casa deles depois da faculdade. Não tenho certeza de onde quero chegar ainda. Definitivamente, não em Chicago.

— Por que você não gosta de Chicago?

— Eu apenas não gosto. Só não quero viver onde cresci. Eu quero experimentar toda a variedade. Cidade, campo, condomínio, cabana na floresta... — Ela torce o cabelo para tirar o excesso de água. — Onde você mora? Nashville?

— Próximo a isso. Nashville é caro e não gosto de colegas de quarto, então alugo uma casa em Franklin. Se você é de Chicago, por que sua irmã se casou no meio do Kansas?

— Chad Kyle é de Wichita, — ela diz, passando os braços pela minha cintura. Ela olha para o meu cabelo, depois para o meu rosto e suspira. — Você sabe a sorte que tem de ser homem? Todos vocês parecem iguais no final do banho. Talvez até um pouco mais sexy. Os chuveiros transformam as mulheres. Nos deixa com o cabelo liso, maquiagem espalhada pelo rosto, corretivo pelo ralo.

Ela fala como se houvesse alguma diferença drástica entre a Layla que conheci no casamento e a Layla que está na minha frente agora. Na verdade, essa versão dela é melhor. Nua, com os braços em volta de mim, coberta de água. Eu gosto muito dessa versão dela. Eu me inclino e beijo seu pescoço, segurando sua bunda com as duas mãos.

Ela inclina a cabeça para o lado, dando-me mais acesso ao seu pescoço. — Acho que poderia ser uma boa camponesa, — diz ela. — Adoraria viver aqui. É lindo. Eu poderia ser feliz administrando uma pousada.

Por um breve segundo, esqueci do que estávamos falando, porque ela tem uma mente dupla. Felizmente, uma delas está em mim. Ela se deixa cair contra a parede do chuveiro enquanto minhas mãos vagueiam sobre seu corpo – meus lábios sobre sua pele.

— Eu realmente amo isso aqui, — ela diz calmamente. — Eu gosto da reclusão. Da tranquilidade. Sem vizinhos. Apenas suposições temporárias que eu nunca realmente precisaria saber.

Eu deslizo minha língua por seu pescoço e depois em sua boca. É um beijo profundo e curto antes de eu me afastar. — É o coração do país, — eu digo. — Não há lugar melhor na terra do que aqui.

Neste momento, eu realmente quero dizer isso. Não há lugar melhor do que aqui, agora. Ela puxa minha boca de volta para a dela, e nenhum de nós recua quando alguém bate na porta do quarto. Estamos muito ocupados para nos importar.

— Layla! — Aspen grita.

Layla greme ao som de sua voz, mas ela continua a me beijar enquanto ignora a batida. As batidas tornam-se mais incessantes. — Layla, abra!

Layla suspira e eu paro de beijá-la para que ela possa sair do chuveiro. Ela se enrola em uma toalha antes de sair e fechar a porta do banheiro. Eu fico com uma sensação dolorosa de vazio no estômago.

Não pode ser assim que dizemos adeus. Só preciso de mais um dia com ela. Mais uma conversa. Mais um banho. Já posso sentir o desejo que vai me preencher todo o caminho de volta para o Tennessee.

Fecho a torneira e pego minha toalha enquanto Layla deixa Aspen entrar no quarto. Posso ouvir cada palavra quando Aspen diz: — Você dormiu com o baixista? — Suas vozes vão direto para o banheiro.

— Quem está perguntando? — Layla diz.

— Eu. Eu estou perguntando.

— Nesse caso, sim. Duas vezes. Teria sido três vezes se você não tivesse nos interrompido.

Isso me faz rir.

— A banda dele está procurando por ele. Eles estão saindo.

— Desceremos em alguns minutos, — diz Layla.

Eu ouço a porta do quarto se abrir novamente; então Aspen diz: — Mamãe sabe. Ela ouviu um deles dizer: '*Ele transou com a irmã da noiva*'.

Eu congelo com esse comentário. Por que não pensei nisso? Este é um casamento; claro que sua família está aqui. *Merda. Fomos barulhentos ontem à noite?*

— Tenho vinte e dois anos, — diz Layla. — Eu não me importo se a mamãe sabe.

— Só avisando você, — sua irmã responde. — Estou indo para o Havaí. Vou mandar uma mensagem quando pousarmos.

— Divirta-se, Sra. Kyle.

Quando a porta do quarto se fecha, imediatamente abro a porta do banheiro. Layla gira, e o movimento faz sua toalha para escorregar. Ela a envolve de volta enquanto eu arrasto meus olhos para cima dela. Ela é tão sexy sem esforço.

Eu bato meu punho contra o batente da porta. — Vamos ficar. — Sou casual sobre isso, mas esse convite é tudo menos casual. Essas duas palavras são provavelmente as mais sérias que já saíram da minha boca.

— Ficar onde? Aqui?

— Sim. Vamos ver se podemos ficar com o quarto por mais uma noite.

Gosto da expressão em seu rosto - como se ela estivesse contemplando a ideia. — Mas sua banda está indo embora. Você disse que tem um show amanhã.

— Decidimos ontem à noite que eu deveria desistir.

— Oh. Achei que fosse uma sugestão. Não uma decisão.

Eu ando até ela e puxo a ponta de sua toalha dobrada entre seu decote. Ela cai no chão. Ela está sorrindo quando minha boca encontra a dela. Eu posso sentir na maneira como ela se envolve em torno de mim que nenhuma parte dela quer ir embora. Quando ela devolve o meu beijo, aquela sensação temida de saudade que já se formou no meu peito imediatamente derrete.

— Ok, — ela sussurra.



Layla  
COLLEEN  
HOOVER

# A Entrevista

Estou falando há meia hora e o homem não disse uma palavra. Eu continuaria, mas Layla não desistiu esse tempo todo. Eu preciso ter certeza de que ela está bem.

Ou pelo menos tão bem quanto ela *pode* estar enquanto é segurada contra sua vontade pelo próprio namorado.

— Sinto muito, — digo a ele, puxando minha cadeira para trás. — Volto em alguns minutos.

Ele aperta o botão de parada com um aceno de compreensão.

Subo as escadas – *de novo* – para implorar a Layla que confie em mim o tempo suficiente para encontrar respostas. Quando abro a porta, ela está de joelhos na cama, fazendo o possível para deslizar as mãos para fora da corda que conecta seus pulsos à cabeceira da cama.

— Layla, — eu digo, derrotado. — Você pode parar?

Ela puxa os braços na direção oposta da coluna da cama na tentativa de quebrar a corda. Eu estremeço. *Isso deve doer.* Eu caminho até a cama e verifico seus pulsos. Eles estão feridos de todas as vezes que ela tentou se libertar. Seus pulsos estão começando a sangrar.

Ela murmura algo ininteligível, então eu removo a fita adesiva de sua boca.

Ela suga um grande gole de ar. — Por favor, me desamarre, — ela implora. Seus olhos estão injetados de sangue e tristes. O rímel está espalhado por sua bochecha esquerda. Me mata vê-la assim. Eu não quero isso para ela, mas não tenho outra escolha. Pelo menos parece que não tenho outra escolha.

— Eu não posso. Você sabe disso.

— *Por favor*, — ela diz. — Isso dói.

— Não vai doer se você parar de tentar se libertar. — Eu ajusto o travesseiro embaixo dela e dou mais folga na corda para que ela possa se deitar. Eu sei que ela se sente como uma prisioneira. Acho que, de certa forma, ela é. Mas eu pelo menos deixei suas pernas desamarradas. Se ela apenas ficasse quieta e parasse de tentar lutar comigo sobre isso, ela se sairia bem. Ela pode até conseguir um descanso muito necessário. — Só me dê algumas horas. Quando terminar de falar com ele, vou levá-la para baixo comigo.

Ela revira os olhos marejados de lágrimas. — Você é um mentiroso. Tudo que você faz agora é mentir para mim.

Não deixo essas palavras penetrarem nas paredes do meu peito. Eu sei que ela não quis dizer isso. Ela só está assustada. Chateada.

Mas eu também.

Eu me inclino para frente e pressiono um beijo contra o topo de sua cabeça. Ela tenta se afastar de mim, mas não pode ir longe. Ela está chorando agora, tentando não olhar para mim. Eu escondo minha culpa atrás de uma mandíbula endurecida. — Se você prometer não gritar, não vou colocar a fita adesiva de volta.

Este é um compromisso que ela está disposta a fazer. Ela acena com a cabeça com um olhar derrotado em seus olhos, como se eu tivesse vencido esta rodada, mas não estou tentando ganhar nada além de nossa normalidade de volta.

Quando fecho a porta e a tranco dentro, posso ouvi-la começar a soluçar. Eu sinto sua dor em cada parte de mim, estalando dentro dos meus ossos. Eu pressiono minha testa contra a porta por alguns segundos e me force a recuperar minha compostura antes de voltar para baixo.

Quando estou de volta à cozinha, há um copo de licor escuro na frente da minha cadeira. O homem acena em sua direção.

— Bourbon, — ele diz.

Sento-me e cheiro, em seguida, tomo um gole, apreciando a queimadura enquanto desce pela minha garganta. Isso imediatamente acalma meus nervos. Eu deveria ter me servido um copo antes de começarmos isso.

— Qual é o seu nome? — Pergunto-lhe. Eu só sei o endereço de e-mail que usamos para nos comunicarmos, mas

era apenas o nome da empresa dele. Não é seu nome verdadeiro.

Ele olha para a camisa que está vestindo. É uma camisa da Jiffy Lube coberta de manchas de óleo com uma etiqueta com o nome que diz Randall. Ele aponta para o crachá. — Randall.

Ele retoma a gravação, mas nós dois sabemos que seu nome não é Randall, e eu sei com certeza que não é sua camisa. Mas, apesar de saber que ele não é totalmente aberto sobre sua própria identidade, continuo com esta entrevista, porque ele é a única pessoa que conheço na terra que pode ajudar.

E estou desesperado por ajuda.

Estou tão desesperado que estou tomando decisões que não teria ousado tomar se isso fosse há alguns meses.

É interessante o quanto o sistema de crenças de uma pessoa pode ser mudado por coisas neste mundo que não podem ser explicadas. Inferno, não apenas meu sistema de crenças, mas minha moral. Meus valores. Meu foco. Meu coração.

O Leeds de alguns meses atrás teria batido a porta na cara desse homem. Em vez disso, eu fui o único que estendeu a mão para *ele*, implorando por sua ajuda. E agora que ele está aqui, só espero ter tomado a decisão certa.

— Quanto tempo vocês dois ficaram aqui depois de se conhecerem? — Ele pergunta.

- Três dias a mais.
- Aconteceu algo significativo enquanto você estava aqui?
- Não que eu me lembre. Ficamos em nosso quarto a maior parte do tempo. Só descia para comer. Era meio da semana, então o lugar estava relativamente quieto.
- E então você voltou para o Tennessee? Layla para Chicago?
- Não. Mesmo depois de quatro dias juntos, não estávamos prontos para dizer adeus. Eu a convidei para vir ficar uma semana comigo no Tennessee, mas uma semana se transformou em duas. Duas se transformaram em seis e depois em oito. Não queríamos nos separar.
- Há quanto tempo você está com ela?
- Cerca de oito meses agora.
- Houve alguma mudança significativa em sua vida desde que você a conheceu? Além do óbvio?

Eu rio sem entusiasmo com isso. — Eu nem tenho certeza do que você está se referindo quando diz *além do óbvio*. Muita coisa mudou.

- O óbvio é tudo o que aconteceu nesta casa, — diz ele.
- O que mudou antes disso?

Tomo mais um gole do bourbon.

*Então eu termino.*

Estou olhando para o fundo do copo vazio, pensando em tudo isso. A imagem que fiz de nós, o resultado disso, o medo, a recuperação.

— Tudo estava perfeito naqueles primeiros dois meses.

— E depois?

Essa pergunta me causa um grande suspiro. — E então Sable aconteceu.

— Quem é Sable?

— A minha ex.



## *Capítulo Três*

Estou enfiando um par de jeans na minha mochila. Layla está na minha cama, lendo uma revista.

— Você pegou um carregador de telefone? — Ela pergunta.

— Sim.

— Escova de dente? Pasta de dentes?

— Verificado.

— Você deveria levar um livro, — ela sugere. — É uma longa viagem.

— Eu não tenho nenhum livro.

Layla levanta os olhos de sua posição na minha cama. Ela puxa a revista contra o peito e faz uma careta como se eu a tivesse ofendido. — Leeds. Está provado que quem lê vive mais. Você está tentando morrer jovem?

Seu cérebro é como uma versão mórbida da Wikipédia. — Eu leio. Acabei de ler no meu telefone. Eu viajo com pouca bagagem.

Ela levanta uma sobrancelha. — Mentiras. Qual foi o último livro que você leu?

— *Confissões de uma Mente Perigosa.*

— Quem é o autor? É sobre o que? — Ela está sorrindo como se eu não passasse neste interrogatório.

— Não consigo lembrar o nome dele. Ele apresentou o *The Gong Show* nos anos setenta. — Jogo minha mochila no chão e pego meu telefone. Eu o ligo pela primeira vez desde que o desliguei ontem à noite. Layla se inclina sobre o cotovelo, me observando enquanto espero meus aplicativos rodarem. Sento-me na cama e puxo o livro no meu aplicativo Kindle. — Chuck Barris. Ele também criou o *The Newlywed Game*.

— É uma autobiografia?

— Acho que sim. O cara afirma ter sido um assassino da CIA, mas ainda não terminei.

— O apresentador do *The Gong Show* era um assassino?

— Algumas pessoas dizem que ele mentiu sobre tudo. É por isso que estou lendo.

— Uau. Isso é sexy.

— Você acha que assassinos são sexy?

Ela balança a cabeça. — Não. O fato de você *ler* é sexy. — Ela levanta a revista do peito e olha para ela. — Você é gostoso. Você escreve canções. Você lê. Pena que você não sabe cozinhar nada.

Eu a empurro para longe de mim e dou um tapa de brincadeira na bunda dela. Ela está rindo quando se vira. — É sério. Você não pode nem fazer um sanduíche sem estragar tudo.

— Por que você acha que eu mantive você?

Ela revira os olhos. Eu coloco meu foco no meu telefone e começo a verificar todas as mensagens que perdi nas últimas doze horas desde que o desliguei.

A primeira é de Garrett, informando onde e quando encontrá-los à noite.

Eu nunca saí da banda. Depois que Layla e eu saímos da pousada, Garrett me mandou uma mensagem como se eu não tivesse faltado dois shows consecutivos por causa de uma garota que acabei de conhecer. Ele disse: Suas férias já acabaram? Precisamos de você para tocar esta noite.

Eu não tinha uma desculpa boa o suficiente para *não* tocar naquela noite, e saber que Layla iria ao show comigo me fez temer menos. Isso foi há várias semanas e, embora eu ainda me sinto morto por dentro enquanto estou naquele palco, Layla mantém todas as outras partes de mim vivas.

Não sou cínico quando se trata de amor, mas só estive em alguns relacionamentos. Achei que o amor iria me encontrar no final dos meus trinta anos, quando eu estivesse entediado com as viagens e entediado com a vida. Eu culpo Jerry Seinfeld por minha visão da vida.

Assisti demais a cada sessão de *Seinfeld* quando tinha quinze anos e saí disso acreditando que Jerry estava certo - há algo irritante em cada ser humano neste planeta. Irritante o suficiente para fazer os relacionamentos parecerem uma tortura. Depois de testemunhar todos os relacionamentos condenados de Jerry, comecei a procurar os traços mais irritantes nas pessoas. Suas risadas. A maneira como tratam os garçons. Seus gostos por filmes, música, amigos. Seus pais. Assim que eu começasse a namorar exclusivamente uma garota, já me pegaria planejando maneiras de terminar as coisas.

Até Layla, claro.

Ficamos três noites extras em Corazón del País quando nos conhecemos. E mesmo depois daquela última noite, eu não queria dizer adeus a ela. Eu não achei nada irritante sobre ela. Na verdade, a ideia de ficar sozinho parecia mais terrível do que estar com ela. Essa foi a primeira vez.

Pedi a ela que ficasse uma semana em Franklin comigo, mas já se passaram mais de dois meses e fiz mais sexo nesses dois meses do que pensei que seria capaz em toda a vida. Quando não estamos transando, toco músicas para ela, ou escrevo músicas, ou penso sobre músicas. Eu sinto que minha música tem um propósito agora que ela está nisso.

Ela acredita que eu vou ser alguém, e sua fé em mim está me fazendo começar a acreditar também.

Foi preciso um pouco de pressão, mas três semanas atrás ela finalmente me convenceu a lançar algumas das músicas que eu estava trabalhando. Ela me postou tocando uma delas no YouTube há duas semanas, e já tem quase dez mil visualizações.

Odeio gostar disso, mas é surpreendentemente bom ter alguém em minha vida que me faz sentir que vale a pena consumir minha arte. Mesmo que ela seja a única que o consome, será o suficiente para mim.

Garrett ficará chateado se eu oficialmente parar de tocar com eles e for solo, mas os baixistas não são tão difíceis de substituir aqui em Nashville.

Layla vem comigo em todos os shows, não importa o quanto doloroso eles tenham sido para nós dois. Ajuda que ela gaste toda a última música de cada conjunto recriando sua dança de casamento ridícula. Pelo menos eu termino os shows de bom humor agora.

Eu a amo

*Eu acho.*

Não, eu faço. Eu a amo.

Tudo sobre ela. Sua confiança, suas excentricidades, seu impeto, seu corpo, seus boquetes, sua espontaneidade, sua crença em mim. Adoro vê-la dormir. Adoro vê-la acordar.

Tenho certeza que isso é amor.

São apenas cinco horas da tarde e saio em duas horas, e tive que me arrastar para fora da cama para terminar de fazer as malas. A banda de Garrett está tocando em um festival de praia em Miami, então Layla e eu passamos o dia todo na cama para compensar os três dias em que não nos veremos. Este será o primeiro show que ela não vai desde que a conheci. Não há espaço para passageiros na van com todo o equipamento, e a ideia de passar três dias com Garrett e os caras não é atraente para ela. Não vou forçá-la a suportar essa tortura.

Este dia foi meu dia favorito com ela. Nenhum de nós ligou nossos telefones quando acordamos esta manhã. Mantivemos as luzes apagadas e as cortinas fechadas, e eu ative no café da manhã e no almoço.

A lâmpada ao lado da minha cama está acesa agora enquanto Layla folheia sua revista.

Abro o Instagram e imediatamente me arrependo de ligar meu telefone. Não olhei para ele desde que postei uma foto nossa ontem à noite. Foi a primeira vez que postei uma foto com uma garota. Estábamos na cama, naturalmente. Layla estava dormindo no meu peito e eu realmente gostei de como me senti naquele momento, então segurei meu telefone, tirei uma foto nossa e deixei a legenda em branco.

Ganhei quase mil seguidores desde que conheci Layla e lancei algumas de minhas próprias músicas, mas ainda são apenas cinco mil pessoas no total. Eu diria que, com apenas cinco mil seguidores, haveria menos reação à foto que postei

de nós. Chame-me ingênuo, mas eu honestamente não achei que eu teria muito reação a *tudo*.

A maioria dos comentários que estou lendo é de pessoas que estão nos parabenizando, mas alguns dos comentários são de outras garotas que estão destruindo Layla. Felizmente eu não a marquei na foto. Eu odiaria que ela visse o que as pessoas estão dizendo sobre ela.

Quanto mais leio os comentários e mensagens privadas, fico tentado a simplesmente excluir minha conta por completo. Sei que se algum dia chegar a ser capaz de pagar uma fatura com minha música, serei grato por todos os seguidores que tiver. Mas agora é perturbador ler comentários como: *Sua namorada parece uma vagabunda e você fica mais quente quando está solteiro*.

A internet é brutal ‘pra’ caralho. Fico nervoso em deixá-la aqui sozinha por três dias. Acho que ela ainda não viu a foto, então nem me preocupo em excluir os comentários negativos. Eu simplesmente apago a foto e coloco meu telefone virado para baixo na mesa de cabeceira.

— Tem certeza de que está bem em ficar aqui sozinha? — Eu pergunto a ela.

Ela encosta a revista no peito. — Por quê? Você quer que eu saia?

— Não. Claro que não.

— Você tem certeza?

— Tenho certeza.

— Nós nos conhecemos há dois meses e ainda nem paramos para respirar. Certamente você está cansado de eu ocupar seu espaço agora.

Ela não tem ideia de quanto eu *não* estou cansado dela.

Bem, acho que ela *não* teria como saber o que realmente sinto por ela, já que nunca disse isso em voz alta. Eu mostro a ela, mas não digo isso.

Pego sua revista e jogo no chão, então rolo em cima dela. Eu amo o olhar que ela sempre tem quando sabe que estou prestes a beijá-la. É um lampejo de antecipação. Não há nada melhor do que saber que essa garota antecipa minha boca na dela. — Layla, — eu sussurro. — Eu *não* estou cansado de você. Eu estou apaixonado por você.

Eu digo casualmente, mas leva apenas dois segundos para que minhas palavras sejam registradas. Quando o fazem, ela cobre o rosto com as duas mãos. É a primeira vez que a vejo parecer tímida. Beijo uma das mãos que cobrem seu rosto antes que ela as feche em dois punhos contra o queixo. — Eu também estou apaixonada por você.

Eu imediatamente pressiono minha boca na dela, querendo engolir essas palavras. Eu as imagino digitadas em fonte Arial, lentamente saltando dentro de mim, ricocheteando em minhas paredes internas, retorcendo e girando sem parar

dentro do meu estômago e meu peito e meus braços e minhas pernas até que cada parte de mim foi tocada por eles.

— Eu me afasto dela e amo que seu sorriso seja tão largo. — Eu acho que está resolvido, então, — eu digo. — Estamos apaixonados, você vai ficar aqui enquanto eu estiver fora, e acho que isso significa que oficialmente moramos juntos.

— Uau. Talvez eu devesse deixar meus pais saberem que não moro mais com eles.

— Você não voltou para casa desde que sua irmã se casou. Acho que eles estão cientes.

Ela envolve seus braços em volta do meu pescoço. — Isso é muito em um dia. Dissemos *eu te amo*, fomos morar... e somos oficiais no *Instagram* agora. — Ela diz a última parte como uma piada, mas meu estômago embrulha sabendo que ela viu a foto.

— Você viu isso?

Posso dizer pela maneira como seu sorriso desaparece que ela também viu os comentários que acompanhavam a foto.

— Sim.

— Não se preocupe, eu apaguei.

— Você fez? Eu não me importei.

— De qualquer forma, não acho que estava preparado para pessoas que nem conheço terem uma opinião sobre nós.

— Você não é real para eles. É assim que as pessoas são nas redes sociais. — Ela me beija. — É sua culpa por ser tão gostoso, — ela diz com um sorriso.

Estou aliviado por ela não estar levando nada para o lado pessoal. — Não sei se quero mais postar fotos nossas juntas. Não quero que eles encontrem sua conta e comecem a incomodá-la.

Layla ri. — Tarde demais para isso. Você segue trinta pessoas, e eu sou uma delas. Eles já me encontraram.

Eu rolo fora dela e me sento na cama. — O que você quer dizer com eles já encontraram você?

— Tem sido apenas uma garota até agora, — ela diz. — Sonya? Sybil? Não consigo lembrar o nome dela. — Layla diz isso com indiferença, mas eu sei exatamente de quem ela está falando.

— Sable?

Ela aponta para mim com uma piscadela. — É isso aí. *Sable*. Eu já a bloqueei, no entanto.

Não tenho notícias de Sable desde que bloqueei seu número vários meses antes de conhecer Layla. O fato de que ela ainda está olhando minhas postagens confirma minhas preocupações sobre ela. — O que ela disse?

— Eu não sei. Eu tinha mais de vinte mensagens dela quando liguei meu telefone esta manhã. Eu só li duas delas

antes de dizer a ela para ter uma vida. Então eu a bloqueei. — Layla passa os dedos pela minha perna, inclinando-se. Ela sorri como se achasse isso divertido. — Você dormiu com ela?

Desde que conheci Layla, nunca menti para ela. Nunca senti necessidade de fazer isso. Ela é a pessoa menos crítica que já conheci. — Nós namoramos por alguns meses. Descobri bem rápido que o relacionamento era um erro.

Layla sorri, como se ela achasse isso divertido. — Bem. Ela não acha que foi um erro. Ela acha que *eu* sou o erro.

Sable foi o erro, mas não quero dizer nada sobre Sable que possa preocupar Layla. Mas a garota é definitivamente alguém com quem vale a pena se preocupar. Levei várias semanas para descobrir, embora, provavelmente porque eu estava apenas prestando atenção em quanto meu pau gostava dela e não estava ciente de que o que ela sentia por mim estava em um nível completamente diferente.

Inicialmente, pensei que nosso encontro fosse saudável, mas descobri por Garrett que Sable dirigia um fã-clube para mim, que ela havia começado um ano antes mesmo de nos conhecermos. Eu a confrontei sobre isso, e as coisas ficaram estranhas depois disso. Tentei romper, mas ela não aceitou muito bem. No início, eram apenas ligações incessantes. Mensagens no correio de voz. Mas então ela começou a aparecer nos shows, exigindo que eu lhe desse outra chance.

Garrett e os caras começaram a chamá-la de *Instável*

*Sable.*

*Layla*  
COLLEEN  
HOOVER

Finalmente tivemos que ter o segurança escoltando-a para fora de um show uma noite – alguns dias antes de eu bloqueá-la no meu celular e nas redes sociais. Também bloqueei a conta que ela usava para administrar seu fã-clube de Leeds Gabriel.

A coisa toda era bizarra. Ela era bizarra.

E realmente me enerva que ela ainda esteja por aí, observando minha página, alcançando as pessoas com quem posto fotos.

— São pessoas como Sable que me fazem questionar se quero ou não estar aos olhos do público. Por que estou tentando quando odeio tudo que isso envolve?

Layla rasteja em cima de mim. — Infelizmente, você não pode realmente vender música sem uma presença online. Loucura e sucesso são um pacote. — Ela beija a ponta do meu nariz. — Se você se tornar um nome conhecido, terá dinheiro suficiente para contratar alguém para deletar os ofensores *para* você. Então você não terá que lidar com eles.

— Bem pensado, — digo, embora eu tenha dinheiro suficiente para contratar alguém para lidar com minhas redes sociais. Minhas finanças não subiram na conversa entre mim e Layla ainda, no entanto. Ela presume que sou um artista faminto, mas de alguma forma ainda me ama como se eu pudesse lhe dar o mundo. Não há sentimento melhor do que ser amado por quem você é e não pelo que você vale.

Layla sorri. — Estou cheia de pontos positivos. É por isso que você está apaixonado por mim.

— *Tão* apaixonado por você. — Eu a beijo, mas esse beijo é acompanhado de preocupação.

No começo, eu gostava de Layla. Eu fui atraído por ela. Mas a preocupação por ela não acompanhava esses sentimentos. No entanto, nas últimas semanas, comecei a me preocupar com ela.

A preocupação pode ser a única diferença entre gostar de alguém e amar alguém.

Eu discuto dizer a ela para ter muito cuidado enquanto eu estiver fora, porque agora estou ainda mais apreensivo. Eu gostaria que ela nunca atendesse minha porta quando eu não estivesse aqui. Eu realmente gostaria que ela excluisse todas as suas contas de mídia social. Mas ela é uma mulher adulta, então não digo nada disso.

Não sei por que tenho esse buraco no estômago, porque essencialmente, não sou ninguém agora. Um fã-clube não oficial e cinco mil seguidores não faz de mim alguém. Alguns comentários de alguns fãs online não são realmente algo que justifique um namorado super protetor. Mesmo assim, estou instalando um sistema de segurança enquanto estou fora. Isso vai me acalmar.

— Eu tenho que encontrar Garrett em duas horas. E ainda tenho que tomar banho e terminar de empacotar.

Layla me beija e rola para fora da cama. — Vou colocar uma lasanha congelada no forno para que você possa comer antes de sair. Quer um pouco de pão de alho com isso?

— Soa perfeito.

Ela fecha a porta do quarto e eu relutantemente vou para o banheiro.

Talvez devêssemos comprar um cachorro. Um protetor, como um pastor alemão. Isso me faria sentir melhor quando tivesse que deixar Layla aqui sozinha.

Eu ligo a água do chuveiro e tiro minha camisa, mas antes de desabotoar meu jeans, há uma batida na porta. Eu disse a Garrett que o encontraria em sua casa. *Talvez ele tenha ficado impaciente.*

— Eu atenderei! — Eu grito do banheiro. Eu realmente não quero Layla atendendo a porta depois que eu ler alguns desses comentários. Sem mencionar que Sable sabe onde moro. Ela dormiu na minha cama.

— Eu atendo! — Layla grita de volta.

Estou pegando minha camisa e puxando-a de volta pela cabeça quando ouço um som. É como um foguete de tiro único. Pop!

Meu sangue gela... como se minhas veias fossem estilhaçar como vidro se eu me movesse. Mas eu me movo. Eu corro.

Quando chego à porta do quarto, ouço o som novamente.  
Outro pop!

Abro a porta, e tudo que sei e tudo que amo e tudo pelo que vivo está em uma pilha no chão da minha sala. Há sangue acumulando sob seu ombro. Em seu cabelo. Eu imediatamente caio de joelhos e levanto sua cabeça.

— Layla, — eu sussurro, logo antes de sentir uma picada no ombro.

Tudo depois disso é um borrão.

Um pesadelo.

Tudo para.

Simplesmente para.

É só...



# A Entrevista

O homem está quieto.

A casa inteira está quieta. Muito quieta.

Eu preciso de mais bourbon. Como se soubesse disso, ele se levanta e pega a garrafa. Ele o traz de volta para a mesa e o desliza para mim. — O que aconteceu depois?

Eu encolho os ombros. Tomo uma bebida. — Ela sobreviveu.

— Quem atirou nela? Sable?

Minha mandíbula está tensa quando eu aceno. — Sim. Por causa de uma porra de uma postagem no *Instagram*. — Minhas palavras são rápidas e atropeladas. Tenho certeza de que a expressão em meu rosto mostra o quanto eu gostaria de terminar esta conversa.

— Sable foi presa?

Eu balancei minha cabeça. — Não.

O homem está olhando para mim como se quisesse que eu elabore ainda mais naquela noite, e eu irei, mas não agora. Ainda estou tentando engolir tudo o que me levou a este ponto. Preciso digerir totalmente antes de cuspi-lo de volta.

— Eu realmente não quero falar sobre isso agora, — eu digo. — Não que não seja importante. Eu só... — Eu me afasto da mesa e me levanto. — Eu preciso verificar Layla novamente.

— Minha voz está seca de tanto falar. Ele para o gravador quando me viro para subir as escadas.

Eu paro no meio da escada. Eu me inclino contra a parede e fecho os olhos. Ainda é difícil entender o que está acontecendo às vezes, embora eu esteja vivendo isso há semanas.

Eu levo um momento para separar tudo o que estou dizendo sobre Layla lá embaixo do que preciso dizer a ela lá em cima.

Depois de alguns longos segundos, empurro a parede e vou para o nosso quarto. Eu destranco a porta e abro lentamente, esperando que Layla esteja dormindo. Ela não é. Ela está deitada, no entanto.

— Estou com sede, — diz ela categoricamente.

Pego o copo d'água ao lado da cama e espero que ela se sente. Eu dei bastante folga à corda para que ela pudesse se mover um pouco, mas ela ainda estremece quando a corda esfrega contra seus pulsos. Ela se inclina para frente até que o copo encontre seus lábios. Ela toma vários goles antes de se jogar contra a cabeceira, exausta.

— Você deveria comer, — digo a ela. — O que você quer que eu traga para você?

Ela me olha com nojo. — Eu não sei, Leeds. É difícil ver o que está na geladeira quando estou amarrada a uma cama.

Sua raiva desliza em minha pele com a facilidade de um bisturi afiado. Isso se mistura com a culpa que sinto por mantê-la aqui, mas a raiva de Layla e minha culpa combinadas ainda não têm a capacidade de violar minha consciência.

— Posso fazer um sanduíche para você.

— Que tal você me desamarrar e eu posso fazer isso sozinha?

Deixo-a enquanto vou escada abaixo para fazer um sanduíche. Peru e cheddar, sem cebola, o dobro do tomate. Não falo com o homem enquanto preparam o sanduíche para Layla. Tenho perguntas para ele, mas irei fazê-las mais tarde. Só quero contar a ele tudo o que sei primeiro. Eu quero acabar com isso.

Quando estou de volta lá em cima, coloco o sanduíche e o pacote de Cheetos que trouxe para Layla na cama. Eu também fiz uma taça de vinho para ela, então a coloco na mesa de cabeceira.

— Eu vou desamarrar você para que você possa comer, mas não tente correr desta vez, — eu a avirto. — Você sabe que não vai funcionar.

Ela acena com a cabeça, e posso dizer pelo medo em seus olhos que ela não quer experimentar isso de novo. Na verdade, provavelmente posso confiar que ela ficou tão apavorada com

o que aconteceu da última vez que tentou ir embora que nem mesmo precisa ser amarrada. Duvido que ela deixasse este quarto por vontade própria.

Infelizmente, não posso arriscar. Eu preciso dela aqui.

Quando a corda está fora de seus pulsos, ela puxa os braços para baixo e massageia o ombro. Eu me sinto mal por ela estar dolorida, então eu abro espaço entre ela e a cama e me sento atrás dela. Eu esfrego seus ombros enquanto ela come, querendo aliviar um pouco sua tensão. Ela dá uma pequena mordida em seu sanduíche, em seguida, pega um pedaço de tomate e alface que caiu no prato. Ela coloca os dois na boca e lambe os dedos. Talvez ela só esteja com fome, mas parece que está realmente gostando desse sanduíche. Isso me lembra de como ela costumava me provocar sobre minhas habilidades de fazer sanduíches.

— Você costumava odiar meus sanduíches.

Ela encolhe os ombros. — As pessoas mudam, — ela diz entre mordidas. — Você também costumava ser um namorado amoroso que não me mantinha como refém, mas olhe para você agora.

*Touché.*

Quando seus ombros ficam mais relaxados, eu a deixo na cama enquanto caminho para o banheiro, confiando que Willow irá parar Layla se ela tentar escapar novamente. Pego o kit de primeiros socorros embaixo do balcão, volto para a cama

e aplico uma pomada antisséptica nos pulsos de Layla entre suas mordidas na comida e goles de vinho. Comprei este kit de primeiros socorros em um posto de gasolina no nosso caminho para cá há várias semanas. Eu não tinha ideia de quanto eu iria acabar usando.

Não falamos enquanto ela come. Quanto mais rápido ela comer, melhor. Quero acabar com essas perguntas para que possamos começar a obter respostas.

Quando ela termina, envolvo seus pulsos com um rolo de bandagem elástica para aliviar a dor da corda. — Você quer que eu o amarre do outro lado da cama agora para que você possa deitar do seu outro lado?

Ela balança a cabeça, estendendo os braços para mim.

Eu me odeio por isso. Especialmente depois de passar a última hora falando sobre como foi se apaixonar por ela. Lembrando da agonia que passou por mim quando a vi no chão da minha sala.

E agora eu tenho que gastar a próxima hora falando sobre como tudo tem sido *após* naquela noite. A permanência no hospital, a recuperação, o que isso fez com nossas vidas privadas. Os meses de culpa. A traição, as mentiras. Como eu a manipulei. *Não estou ansioso por isso.*

— Tente dormir um pouco agora.

Ela apenas acena com a cabeça neste momento. Acho que o cansaço está afetando ela.

Desço as escadas, mas o homem não está mais na cozinha. Eu o encontro no Grand Room. Ele moveu o gravador para o piano e está sentado no banco. — Pensei em mudar um pouco o cenário, — diz ele. Sento-me na ponta do sofá mais próximo a ele, e ele pressiona gravar novamente. — O que aconteceu depois que você foi baleado?

— Liguei para a emergência. Tentei manter Layla viva até eles chegarem. Então, nós dois fomos levados para a cirurgia.

— E depois disso?

Conto o que consigo lembrar, o que não é muito. Acordei da cirurgia sem saber se Layla ainda estava viva. Conto a ele sobre como tive que passar três horas em recuperação sem nenhuma palavra sobre sua condição. Conto a ele sobre a agonia de ter que ligar para a mãe e a irmã dela para que soubessem o que tinha acontecido, e as duas horas que passei sendo interrogado sem saber se Layla havia sobrevivido.

Conto a ele tudo que consigo lembrar sobre a internação no hospital, mas nada disso é tão importante. Nada sobre sobrevivência ou recuperação dela é tão significativo quanto tudo o que começou a acontecer quando voltamos para a pousada.

— Por que vocês decidiram voltar aqui?

— Eu queria tirá-la do Tennessee. Depois que seus médicos deram alta, achei que seria bom leva-la embora. E eu

sei o quanto ela ama este lugar. — Eu paro quando digo isso, e então volto atrás. — Bem... o quanto ela *costumava* amar.

— Quando ela parou de amar aqui?

— Acho que foi no dia em que a trouxe de volta.



# *Capítulo Quatro*

Comi uma mecha de cabelo de Layla esta manhã.

O pensamento passou pela minha cabeça que algo tão estranho como comer o cabelo da sua namorada poderia ser o ponto de partida para um comportamento ainda mais estranho. Pode ser um precursor do canibalismo, da mesma forma que ferir animais quando criança é às vezes o precursor de se tornar um assassino em série.

Mas comer seu cabelo não foi nada mais do que um último esforço ligeiramente assustador da minha parte para tentar me absolver de toda a culpa. Sonhei que engolir uma mecha de cabelo dela nos colocaria juntos de alguma forma, eliminando qualquer medo de que um dia pudéssemos nos separar por causa de tudo o que aconteceu. Então, quando acordei, arranquei um fio de sua cabeça enquanto ela dormia e coloquei na boca.

Isso foi há oito horas, e parece que o sangue de alguma forma encontrou seu caminho em volta do meu coração e cortou o suprimento de sangue.

Meu coração está sufocando.

*Isso daria uma boa letra.*

Abro meu telefone enquanto esperamos na fila para embarcar no avião, e digito *meu coração sufoca com a própria culpa* em minhas notas, sob várias outras letras sombrias que tirei de pensamentos aleatórios.

Minhas letras realmente tomaram um rumo deprimente ultimamente.

— Leeds, — Layla diz, me dando uma cutucada suave por trás. Estou segurando a fila. Eu deslizo meu telefone no bolso e sento em nossos lugares.

Arrumei muito pouco para esta viagem. Dois pares de jeans, alguns shorts, algumas camisetas e o anel de noivado.

Enfiei-o em uma meia e enfiei a meia dentro de um par de meus tênis de corrida. Layla tem uma mala separada, então não deve haver motivo para ela vasculhar a minha, mas não quero que ela encontre o anel. Comprei quando ela ainda estava no hospital. Eu sabia que era prematuro, mas fui dominado pelo medo do desconhecido. Achei que comprar o anel poderia colocar algum tipo de energia no universo que a faria se recuperar mais rápido.

A recuperação dela foi melhor do que o esperado, mas ainda estou indo propor. Ela nem sabe que comprei o anel para ela. Ainda não tenho certeza de quando estou propondo porque quero que seja perfeito. Pode até não acontecer nesta viagem, mas eu prefiro ter o anel e não precisar dele do que precisar e não ter.

Eu reservei esta viagem porque os últimos seis meses foram horríveis. Isso nos afetou tanto emocionalmente quanto fisicamente. Espero que voltar ao lugar onde Layla e eu nos conhecemos seja como uma reinicialização em nossas vidas. Tenho a ideia de que, se nos levar de volta à linha de partida, nunca cruzaremos a linha de chegada.

*Outra letra em potencial.*

O homem na minha frente está tentando enfiar sua mala enorme no compartimento superior, então eu faço uma pausa no movimento da fila e digito uma versão ajustada dessa frase em minhas anotações. *Eu continuo correndo de volta para a linha de partida porque não quero terminar com você.*

A recuperação de Layla foi muito mais intensa do que a minha. Foi instável por uma semana inteira. Quando ela ficou estável, ainda faltavam quatro semanas para ela receber alta.

Eu me culpo diariamente por não ser mais cuidadoso. Por não temer a instabilidade de Sable todos aqueles meses antes, quando ela se recusou a parar de me contatar.

Eu me culpo por nunca ter pensado que era uma boa ideia mostrar a cara de Layla sem esperar algum tipo de repercussão. Quer dizer, é a porra da *internet*. Eu deveria ter conhecido melhor. Todo post tem algum tipo de repercussão.

Precisávamos desesperadamente dessa viagem. Precisamos de privacidade. Uma ruptura com o mundo exterior. Eu só quero voltar a como tudo era no início. Apenas

nós dois, trancados em um quarto, tendo as melhores e mais aleatórias conversas entre rodadas de sexo suado.

Enfio a bagagem de mão de Layla no compartimento superior. Estamos nos assentos 4A e 4B, a última fila da primeira classe. Layla se senta na janela. Ela está estranhamente quieta, o que significa que provavelmente está se sentindo ansiosa.

Ainda não disse a ela para onde vamos. Eu queria que fosse uma surpresa, mas o desconhecido pode estar alimentando sua ansiedade. Eu realmente não tinha pensado nisso até este momento.

Sento-me e aperto o cinto de segurança enquanto ela fecha a persiana. — Alguma ideia de para onde estamos indo?

— Eu sei que estamos voando para Nebraska, — diz ela.  
— Eu nem sei o que há em Nebraska.

— Na verdade, não vamos ficar em Nebraska. É o aeroporto mais próximo de onde estamos indo, no entanto.

Isso deveria ser uma dica, mas ela não parece entender. Ela pega uma das garrafinhas de água que estão entre nossos assentos e a abre. — Espero que seja relaxante. Não sei se estou com vontade de aventura.

Tento não rir com o pensamento disso. O que ela espera? Que eu iria inscrevê-la em escalada ou canoagem depois de ela ter feito fisioterapia nos últimos seis meses?

Ela já passou por muito e eu sei que fui extremamente super protetor, mas aos poucos estamos voltando à nossa velha rotina. Ninguém pode se recuperar de algo assim e imediatamente voltar a ser seu eu alegre e animado, então ainda há um terreno a percorrer, mas tenho certeza de que nosso ritmo voltará com o tempo.

Layla puxa o telefone de sua bolsa antes de empurrar a bolsa para baixo do assento à sua frente. — Precisamos postar uma foto sua no avião, — ela diz, levantando o telefone.

Eu sorrio, mas ela balança a cabeça, indicando que não quer que eu sorria. Eu parei de sorrir. Ela tira uma foto minha e a abre em um aplicativo de edição.

É difícil não ficar um pouco amargo com a ideia de fama depois do que aconteceu conosco. Layla nunca teria se ferido se não fosse pelas redes sociais.

Ela termina de editar a foto e mostra para eu aprovar. Eu sempre as aprovo. Eu realmente não me importo com o que ela posta, para ser honesto. Concordo com a cabeça quando vejo a foto, mas gemo quando vejo as hashtags. #Cantor #Músico #LeedsGabriel #Modelo

— Modelo? Sério, Layla? Estou tentando me tornar um músico ou um influenciador?

— Hoje em dia não se pode ser o primeiro sem ser também o segundo. — Ela posta a foto com as hashtags.

— Eles costumavam dizer que a MTV era a morte do músico feio, — murmuro. — Nem mesmo perto. O Instagram é o novo ceifador.

— É uma coisa boa que você se pareça com você, então, — Layla diz. Ela me beija e depois coloca o telefone de volta na bolsa.

Coloco meu celular no modo avião e o coloco no bolso de trás do assento à minha frente, temendo as inevitáveis fotos que Layla vai me迫使 a tirar antes que minha cabeça bata no travesseiro esta noite. Sei que deveria ser mais grato a ela por querer que eu tivesse sucesso. Tudo parece sujo agora. Nossa história ganhou algumas manchetes e circulou na cena de Nashville, então me deu um aumento nas vendas e um aumento enorme de seguidores – estou com mais de dez mil agora. Mas não posso deixar de sentir que estou capitalizando seus ferimentos.

Eu me sinto como um vendedor que nunca teve nada para vender.

O avião começa a taxiar e Layla começa a torcer nervosamente a bainha do vestido. Ela já bebeu as duas garrafas de nossa água.

O ataque mudou muitas coisas sobre ela. Isso mudou nós dois.

Muito foi tirado dela por minha causa. Meses de sua vida. Sua confiança. Sua segurança. Ela ficou com ansiedade,

problemas de dependência, terror noturno, ataques de pânico, perda de memória. A garota despreocupada e confiante por quem me apaixonei não se senta mais ao meu lado. Em vez disso, sento-me ao lado de uma garota que parece estar lutando para não rastejar para fora da pele em que está.

É como se toda a sua resiliência estivesse enterrada sob camadas de tecido cicatrizado agora.

Talvez seja por isso que eu basicamente a deixei assumir como minha gerente enquanto ela se recupera. Eu faço o que ela diz porque minha carreira é a única coisa que parece dar a ela um senso de propósito. Mantenha sua mente longe de tudo o que aconteceu.

E talvez seja assim que ela lida com isso - transformando a única coisa que causou tudo isso em algo positivo. Todos os aspectos de nossas vidas, exceto minha carreira, sofreram. Layla diz que é bom termos aquele pequeno pedaço de positividade para segurar. Não quero privá-la disso, mas sinto falta dos dias em que ela não levava minha carreira tão a sério. Eu sinto falta quando ela me encoraja a sair da banda para preservar minha própria felicidade. Sinto falta de como ela costumava tirar meu violão das minhas mãos para que pudesse rastejar em cima de mim. Eu sinto falta de quando ela não se importava com o que foi postado na minha página do Instagram.

Mas principalmente, sinto falta de ser eu mesmo perto dela. Ultimamente, sinto que tenho me afastado da pessoa que era para poder me tornar a pessoa de que ela precisa agora.

— Já foi permitido tirar cinto de segurança? — Ela pergunta. Seu rosto está enterrado na manga da minha camisa. Ela está segurando minha mão. Honestamente, eu nem tinha percebido que havíamos decolado. É como se eu vivesse mais dentro da minha cabeça agora do que na realidade.

— Ainda não.

Ela deve estar extremamente nervosa agora, se não consegue nem levantar os olhos para olhar por si mesma. Eu trago minha mão para o lado de sua cabeça e pressiono meus lábios em seu cabelo. Ela tenta esconder, mas a ansiedade não é uma coisa invisível. Posso ver na maneira como ela se comporta. Na maneira como suas mãos se torcem em seu vestido. No modo como sua mandíbula endurece. Posso até ver na maneira como seus olhos se movem rapidamente quando estamos em público, como se ela estivesse esperando alguém virar a esquina e atacar.

Quando um *ding* indica que os sinais do cinto de segurança estão desligados e que é seguro se mover pela cabine, ela finalmente se separa de mim. Seus olhos voam nervosamente ao redor da cabine enquanto ela toma nota mentalmente de seus arredores. Ela levanta a cortina e olha pela janela para as nuvens, distraidamente levando a mão até

a cicatriz na lateral de sua cabeça. Ela está sempre tocando. Às vezes me pergunto o que ela pensa quando toca. Ela não tem memória daquela noite. Apenas o que eu disse a ela, mas ela raramente pergunta sobre isso. Ela *nunca* pergunta sobre isso, na verdade.

Seu joelho está balançando para cima e para baixo. Ela se mexe em sua cadeira e depois volta a olhar para a classe econômica. Seus olhos estão arregalados, como se ela estivesse à beira de um ataque de pânico.

Ela teve dois ataques de pânico completos apenas no último mês. Foi assim que os dois começaram. Ela tocando sua cicatriz. Seus dedos tremendo. Seus olhos cheios de medo. Sua respiração difícil.

— Você está bem?

Ela balança a cabeça, mas não faz contato visual comigo. Ela apenas solta várias respirações lentas e silenciosas, como se ela estivesse tentando esconder de mim que ela está tentando se acalmar.

Ela fecha os olhos e inclina a cabeça para trás. Parece que ela quer ficar embaixo da cadeira. — Eu preciso dos meus comprimidos, — ela sussurra.

Eu sabia que ela não parecia certa. Eu alcanço o chão para pegar sua bolsa. Procuro seu remédio para ansiedade, mas não está em sua bolsa em lugar nenhum. Apenas uma

carteira, um pacote de chicletes e um rolo de algodão. — Você o colocou na mala despachada?

— Merda, — ela murmura, os olhos ainda fechados. Ela está segurando os braços da cadeira, estremecendo como se estivesse com dor. Não finjo saber como é lidar com a ansiedade. Ela tentou me explicar na semana passada. Perguntei a ela como era a ansiedade. Ela disse: — *É como um arrepio correndo pelo meu sangue.*

Até aquele ponto, sempre presumi que a ansiedade era apenas um sentimento intensificado de preocupação. Mas ela explicou que era uma sensação física real. Ela o sente percorrer seu corpo como minúsculas ondas de choques elétricos. Depois que ela me disse isso, eu apenas a segurei em meus braços. Eu me senti impotente. Eu sempre me sinto impotente agora quando se trata dela, e é por isso que eu saio do meu caminho para ter certeza de que ela está bem.

Ela não está bem agora.

— Você quer ir esperar no banheiro? — Eu pergunto a ela.

Ela balança a cabeça, então pego a mão de Layla e a ajudo a se levantar. Quando chegamos à frente da cabine, inclino-me para a comissária de bordo. — Ela está tendo um ataque de pânico. Vou ficar com ela até que passe.

A comissária de bordo dá uma olhada em Layla, e sua expressão imediatamente se torna simpática. Ela fecha a

cortina para bloquear a visão da porta do banheiro da cabine da primeira classe.

Não há espaço para nos movermos depois que fecho a porta. Eu envolvo um braço em volta da cintura de Layla e puxo seu rosto para o meu peito. Com minha mão livre, molho uma toalha de papel na pia e a pressiono contra sua nuca enquanto a seguro.

Ela me disse na semana passada que meus braços funcionam melhor para ela do que seu cobertor pesado. Não sei como me sinto sobre isso — sendo a única coisa que parece aliviar seu pânico. Eu gostaria que ela descobrisse como lutar contra isso sem minha ajuda. Não posso estar sempre aqui com ela e me preocupo com o que acontecerá se ela tiver uma quando eu não estiver por perto.

Eu a seguro por um momento, sentindo seu corpo tremer contra o meu. — Quer que eu diga para onde estamos indo? — Eu pergunto a ela. — Talvez não saber esteja piorando sua ansiedade.

Ela balança a cabeça. — Eu não quero estragar sua surpresa.

— Eu planejava te contar após a decolagem de qualquer maneira. — Eu puxo seu rosto do meu peito para que eu possa ver sua reação. — Estamos indo para o Corazón del País. Eu reservei por duas semanas inteiras.

Não há uma reação imediata. Mas então, após alguns segundos, ela fez uma cara confusa. — *Onde?*

Tento esconder minha preocupação, mas isso tem acontecido muito. Coisas das quais ela deveria se lembrar facilmente demoram um pouco para voltar à sua memória. O médico disse que é normal depois de um dano cerebral, mas ainda é chocante toda vez que percebo o quanto ela perdeu.

Demorou muito para aceitar — que ela tinha danos cerebrais.

É pequeno, mas perceptível. Especialmente quando ela leva um pouco mais de tempo para lembrar de coisas que foram importantes para mim. Para nós. Não levo isso para o lado pessoal, mas ainda sinto a dor.

— A pousada, — eu digo.

A familiaridade reaparece em sua expressão. — Oh sim. O casamento de Aspen. A banda de merda de Garrett. — Há uma centelha de excitação em seus olhos. — *A pousada.*

— Na verdade, não é mais uma pousada. O lugar está à venda agora; ele fechou há três meses. Mandei um e-mail para a corretora de imóveis e perguntei se poderíamos alugá-lo por algumas semanas.

— Temos todo o lugar só para nós?

Eu concordo. — Só eu e você.

— E quanto aos cozinheiros? E governantas?

— Não é mais um negócio, então vamos cozinhar nós mesmos. Já mandei entregar mantimentos. — Posso dizer que ela ainda está tentando superar o pequeno ataque de pânico, então continuo falando para mantê-la longe disso. — Aspen e Chad querem passar a noite. São apenas algumas horas de Wichita. Eles estão pensando em sexta-feira.

Layla balança a cabeça e pressiona sua bochecha contra minha camisa. — Isso vai ser bom.

Eu a seguro por mais alguns minutos - até que ela não esteja mais tremendo. — Você está se sentindo melhor?

— Sim.

— Bom. — Eu corro minha mão sobre seu cabelo e beijo o topo de sua cabeça. — Nós deveríamos voltar a sentar. Todos no avião estarão falando sobre o casal que se juntou ao Clube das Alturas<sup>1</sup>.

Ela não me solta. Em vez disso, ela traz sua boca perto da minha e sua mão começa a rastejar pelo meu peito, todo o caminho até o botão do meu jeans. — Não vamos torná-los mentirosos. — Ela fica na ponta dos pés até que seus lábios estejam pressionados contra os meus.

Eu sei que ela pensa que esta é provavelmente uma fantasia minha - eu *estaria mentindo se eu dissesse que não é*

— mas não agora. Não depois que ela acabou de voltar de um ataque de pânico. Parece errado.

Eu pego seu rosto em minhas mãos. — Não aqui, ok?

Ela murcha um pouco. — Seremos rápidos.

Eu a beijo. — Não agora. Esta noite. — Eu me afasto dela e abro a porta, dando um passo para o lado para deixá-la sair.

Ela acena para mim e balança a cabeça. — Eu quero usar o banheiro primeiro, — ela diz com uma voz fraca. Seus olhos parecem estar carrancudos quando fecho a porta. Volto para o meu lugar, sentindo-me um completo idiota por rejeitá-la.

Mas teria me tornado um idiota ainda maior se eu a tivesse fodido sessenta segundos depois que ela teve um ataque de pânico.

Não é algo com que eu quero que ela se acostume.

Não posso ser o Band-Aid para as feridas dela. Eu preciso ser o que as ajuda a curar.



— A que distância estamos? — É a primeira coisa que ela diz desde que entramos no carro alugado. Ela adormeceu antes mesmo de sairmos do terminal do aeroporto.

— Cerca de vinte minutos.

Ela estica as pernas e os braços e solta um gemido que me faz mexer no assento. Tenho me arrependido de não tê-la tomado sobre a pia do avião desde que saí do banheiro mais cedo. O velho Leeds teria aceitado aquela oferta. Duas vezes, provavelmente.

Às vezes acho que mudei mais do que ela. Meu amor por ela tem sido uma proteção exagerada desde sua cirurgia. Acho que sou muito cuidadoso com ela agora. Tenho cuidado quando falo com ela, cuidado quando a abraço, cuidado quando a beijo, cuidado quando faço amor com ela.

Eu ligo minha seta para pegar a próxima saída. — Precisamos de combustível. Esta é a última loja antes de chegarmos lá. Você precisa de uma pausa para ir ao banheiro?

Layla balança a cabeça. — Eu estou bem.

Depois de chegarmos ao posto de gasolina e travar o bocal, vou até a porta do passageiro e a abro. Layla olha para mim, protegendo seus olhos do sol da tarde. Pego a mão dela e a puxo para fora do carro.

Eu envolvo meus braços em torno dela, inclinando-a contra o carro, e então beijo o lado de sua cabeça. — Eu sinto muito.

É tudo o que digo. Eu nem sei se ela está desapontada por eu tê-la dispensado ou se ela sabe do que eu sinto muito, mas ela afunda em mim um pouco mais.

— Está tudo bem, — ela diz. — Você não precisa me querer a cada segundo do dia.

O vento está soprando seu cabelo em seu rosto, então eu o empurro para trás com minhas mãos. Quando faço isso, sinto algo nas mechas de seu cabelo. Elas estão grudadas — pegajosas entre meus dedos. Eu me inclino e inspeciono sua cabeça, embora ela tente se afastar. Seu cabelo é escuro, então não posso ver o sangue, mas quando puxo meus dedos para trás, as pontas deles estão vermelhas. — Você está sangrando.

— Eu estou? — Ela pressiona os dedos contra a cabeça, bem sobre a incisão.

O bocal da gasolina estala, então eu a solto e o puxo para fora do tanque. — Deixe-me estacionar o carro e vou entrar e ajudá-la a limpá-lo.

Depois de estacionar o carro, procuro nas prateleiras da loja até encontrar um pequeno kit de primeiros socorros. Encontro Layla no banheiro feminino com ele. É um box para uma pessoa, então eu tranco a porta do banheiro atrás de mim. Ela me encara, encostada na pia. Pego um cotonete e um pouco de água oxigenada do kit e limpo primeiro o sangue seco do cabelo dela, depois ao redor da incisão.

— Você bateu com a cabeça em alguma coisa?

— Não.

— É muito ruim. — Já deveria estar curado. Já se passaram seis meses desde que ela teve a cicatriz, mas a cada

duas semanas ela se abre novamente. — Talvez você devesse verificar esta semana.

— Não dói, — diz ela. — Vai ficar tudo bem. Estou bem.

Termino de limpar e coloco um pouco de pomada antisséptica. Eu não a pressiono novamente sobre por que está sangrando. Ela nunca vai admitir que ela mesma faz isso, mas eu a vi mexendo nisso.

Eu limpo a bagunça e fecho o kit de primeiros socorros enquanto Layla usa o banheiro. Ela vai até a pia e lava as mãos. Estou encostado na porta do banheiro, olhando-a no espelho.

E se eu for parte do problema? E se minha hesitação em tratá-la exatamente como eu a tratava antes a está segurando de alguma forma?

Fazemos muito amor, mas é diferente de antes. Naqueles primeiros meses juntos, éramos uma combinação de tudo o que torna o sexo bom. Eu era doce e gentil com ela, mas também imprudente e rude, às vezes ao mesmo tempo. Eu não a tratei como se ela fosse frágil. Eu a tratei como se ela fosse inquebrável.

Talvez seja onde eu tenha errado. Eu preciso tratá-la como a pessoa que ela está tentando se tornar novamente. A Layla que estava cheia de força e espontaneidade antes disso foi arrancada dela.

Ela está me olhando no espelho enquanto coloco o kit de primeiros socorros ao lado dela na pia. Nossos olhos ficam presos enquanto minha mão segura seu vestido e desliza lentamente entre suas coxas. Eu posso ver o rolar de sua garganta quando coloco meu dedo em volta de sua calcinha e a puxo para baixo.

Eu coloco minha mão direita em sua nuca e a empurro para frente enquanto desabotoo meu jeans.

E então, pela primeira vez em seis meses, não sou nada gentil com ela.



## Capítulo Cinco

Eu insiro a senha que me foi fornecida pela corretora imobiliário. O portão é de ferro forjado e treme enquanto desliza inseguro pelo caminho de cascalho, como se estivesse lutando para se lembrar de como operar.

A pousada é uma antiga mansão de estilo vitoriano de dois andares com vista para hectares de árvores densas. É branco com uma porta vermelha e, pelo que me lembro, seis quartos no andar de cima e um para casal no andar de baixo.

À primeira vista, a propriedade parece a mesma do ano passado – apenas mais vazia. O estacionamento está vazio. Nenhum convidado caminhando pelo terreno. A primeira vez que parei neste lugar, lembro-me de que havia um burburinho enérgico enquanto todos se preparavam para o casamento de Aspen e Chad. Era no auge do verão, então a grama estava verde e o gramado bem cuidado.

No momento, o terreno parece estar no limbo, esperando a primavera para trazer de volta toda a vida que foi assassinada pelo inverno.

— Parece o mesmo, — eu digo, parando o carro, embora ele realmente não pareça o mesmo. Parece... mais solitário.

Layla não diz nada.

Abro minha porta e não consigo deixar de notar o vazio no ar. Sem cheiros, sem sons, sem pássaros cantando. Está quieto agora, e eu meio que gosto disso. Congratulo-me com a ideia de estar no coração do país com Layla novamente, com a vantagem de um isolamento completo.

Pegamos nossas malas no porta-malas. Eu puxo as duas escadas acima enquanto Layla usa o teclado e o código que me foi dado pela corretora de imóveis para abrir a porta.

Eu entro primeiro e imediatamente noto que o cheiro é diferente. Não me lembro de ter cheirado a naftalina no casamento do ano passado. Esperançosamente, há velas que podemos acender para dominar esse cheiro.

Layla dá um passo além da soleira e, assim que o faz, estremece. Ela levanta a mão para a parede, como se estivesse tentando se equilibrar.

— Você está bem?

Ela concorda. — Sim. Eu só... — Ela fecha os olhos por alguns segundos. — Está frio aqui. E minha cabeça dói. Eu meio que queria tirar uma soneca.

Não está frio. Na verdade, está meio abafado, mas seus braços estão arrepiados.

— Vou encontrar o termostato. Deixe sua mala, e eu a trarei para nosso antigo quarto para você em um segundo. — Vou para a cozinha em busca do termostato. Não está na cozinha, mas estou aliviado ao ver que a corretora de imóveis

entregou as compras. Eu normalmente não pediria a alguém para fazer compras para mim, mas ela ofereceu, e eu dei uma boa gorjeta.

Eu não tinha certeza se eles permitiriam que ficássemos aqui, então aludi ao fato de que estou interessado em comprar o lugar e queria um teste. Não mencionei isso a Layla, no entanto. Eu queria dar uma olhada no lugar primeiro – ver se nós o amamos tanto quanto fazíamos quando estivemos aqui pela primeira vez.

Não tenho certeza se o olhar que está no rosto de Layla desde que estacionamos na garagem transmite o desejo de viver aqui, no entanto. Se qualquer coisa, ela parece pronta para sair.

Eu ando em direção ao Grand Room para ver se é onde o termostato está localizado. Estou aliviado ao ver que o piano de cauda ainda está aqui. A tampa está fechada e há uma fina camada de poeira sobre ela, o que me deixa triste. Um piano tão lindo merece ser tocado, mas pelo que parece, eu devo ter sido a última pessoa a tocá-lo.

Eu corro meu dedo na parte superior do piano, limpando toda a poeira. Eu não sabia o que esperar quando me disseram que este lugar estava vazio. Eu estava preocupado que isso significasse que os proprietários mudaram o piano, mas todos os mesmos móveis ainda estão aqui.

Layla sabe que esta é uma viagem de trabalho e também de férias. Tenho um álbum para escrever, então planejo usar o

piano o máximo que puder, sem fazer Layla sentir que a música é minha prioridade nas próximas duas semanas.

Inferno, ela provavelmente fará disso minha prioridade. Ela quer que eu termine este álbum mais do que eu mesmo.

Deixo o Grand Room depois de não conseguir encontrar o termostato. Eu olho para o corredor e vejo Layla espiando em uma sala. Ela fecha a porta e continua andando e abre a porta para um segundo quarto. Ela parece confusa – como se não conseguisse lembrar onde ficava nosso quarto. Ela começa a fechar a porta.

— Está lá em cima, Layla.

Ela se assusta quando eu digo isso, girando. — Eu sei. — Ela aponta para a sala pela qual ela estava prestes a passar e se dirige para dentro. — Eu só... precisa usar o banheiro primeiro. — Ela desliza para dentro do banheiro e fecha a porta.

*Ela acabou de usar o banheiro há vinte minutos no posto de gasolina.*

Às vezes, sinto que a perda de memória dela é pior do que ela admite. Pensei em testá-la – talvez trazer à tona algo que nunca aconteceu apenas para ver se ela fingiria se lembrar.

Isso é conivente, no entanto. Já sinto culpa suficiente do jeito que está.

Ouço a água começar a correr no banheiro no momento em que localizo o termostato ao lado da escada. Ele marca vinte e um graus Celsius. Eu não tenho certeza se quero mais quente do que isso, mas eu subo alguns graus para ela para que o calor possa acabar qualquer frio que ela esteja sentindo.

Eu faço meu caminho para a sala de estar, apenas para inspecionar todas as áreas da casa que nunca entrei na última vez que estive aqui.

Tem uma sensação muito desagradável – como se o quarto não fosse feito para ser habitável. Um sofá de cor creme claro e poltrona combinando estão virados em direção a uma lareira. Uma cadeira rígida de couro marrom fica ao lado de uma mesa estrategicamente repleta de livros.

Há apenas uma janela no quarto, mas as cortinas estão fechadas, então o quarto está escuro. Passei por esta sala algumas vezes na última vez que estive aqui, mas nunca a usei. Sempre houve pessoas aqui, mas agora essas figuras foram substituídas por sombras.

Não gosto necessariamente desta sala tanto quanto gosto do Grand Room. Talvez porque Layla e eu nos conectamos no Grand Room. Há uma história para nós aí.

Este quarto parece desconectado de nós. Se esta casa é o coração do país, esta sala é a vesícula biliar.

Se acabarmos comprando este lugar, este seria o primeiro cômodo que eu despiria. Eu arrancaria parte da parede e

adicionaria mais janelas. Eu encheria com móveis nos quais Layla pudesse derramar cereal ou vinho tinto.

Eu o tornaria habitável.

Nada parecia um lar para nós desde que Layla foi liberada do hospital. Nenhum de nós queria voltar para minha casa em Franklin. Compreensível. Mas não me sentia bem em conseguir um novo lugar sem que Layla tivesse uma palavra a dizer, então aluguei um apartamento temporário perto do hospital e foi para onde a levei quando ela recebeu alta. Tenho me esforçado para comprar algo permanente. Não tenho certeza se quero um lugar em Franklin. Ou Nashville, mesmo.

Eu olho muito para as casas, mas até ver este lugar à venda, não me sentia atraído por nada.

Há algo sobre este lugar, no entanto. Talvez seja porque conheci Layla aqui. Talvez seja porque estar literalmente no coração do país seja realmente aterrador de alguma forma. Ou talvez seja porque é um dia inteiro de carro de Nashville, e eu realmente gosto da ideia de sair dessa cidade.

Seja o que for, não estou aqui apenas porque queria férias. Estou aqui porque quero tempo para me concentrar na minha música e quero que Layla encontre paz. Eu sinto que este é o único lugar que pode nos dar isso. A reclusão seria perfeita para nós. Ela se sentiria bem.

Eu me viro ao som de Layla gritando.

Eu imediatamente corro pela sala e em direção ao banheiro quando ouço vidro quebrando.

— Layla? — Abro a porta e ela me olha com dois olhos temerosos. Eu imediatamente pego sua mão porque há sangue em seus dedos. Cacos de espelho revestem o fundo da pia. Eu olho para cima e o espelho do banheiro está quebrado. Parece que alguém colocou o punho bem no centro dela. — O que aconteceu?

Layla balança a cabeça. Ela olha do espelho quebrado para todos os vidros da pia. — Eu... eu não sei. Eu estava lavando minhas mãos e o espelho se espatifou.

Há um recuo óbvio no espelho, como se alguém o tivesse socado, mas não consigo imaginar por que Layla faria isso. Talvez já estivesse quebrado antes de ela começar a lavar as mãos e o movimento empurrar o vidro do lugar.

— Vou pegar o kit de primeiros socorros do carro.

Ela está na cozinha quando volto da van. E, assim como antes, cuido de suas feridas. Eu não faço perguntas a ela. Ela parece abalada. Suas mãos estão tremendo. Quando termino, pego o kit de primeiros socorros e pego uma de nossas malas. — Vou mandar um e-mail para o corretor de imóveis sobre o espelho, — digo a ela. — Isso poderia ter causado sérios danos.

Ela pega a outra mala e me segue escada acima. Eu posso dizer que ela está abalada com aquele incidente.

Eu tenho que parar de tratá-la como se ela fosse incapaz de cuidar de si mesma, no entanto. Ela é capaz. Ela é forte. Ela é incrível. E serei eu quem a lembrarei disso, porque ela parece ter esquecido.



Layla  
COLLEEN  
HOOVER

# *Capítulo Seis*

Se eu não estivesse me esforçando para ser um músico, seria um chef.

Há algo calmante em cozinhar. Nunca fui muito de cozinhar antes da cirurgia de Layla. Ela me ensinou algumas coisas quando foi morar comigo, mas depois que ela se machucou, eu não me senti confortável com ela exercendo muita energia, então comecei a cozinhar. Eu dominei a sopa, principalmente porque era tudo que Layla estava com vontade enquanto estava se recuperando.

Ela está lá em cima desfazendo as malas. Fiz questão de desempacotar meus sapatos e colocá-los no armário para que ela não visse o anel. Desci para começar o jantar. Queria experimentar e começar bem essa viagem, então estou fazendo pasta e fagioli. Seu favorito.

Aprendi muito desde que ela saiu do hospital. Principalmente de sua mãe, Gail. Ela ficou conosco nas primeiras semanas após a liberação de Layla. Ela queria levar Layla de volta para Chicago com ela, mas felizmente Layla não queria ir. Eu não queria que Layla fosse. Eu senti que cabia a mim ajudá-la a se recuperar, já que o que aconteceu com ela nunca teria acontecido se eu tivesse sido mais protetor com ela.

Tenho que admitir que foi um ajuste. Só conheci Layla dois meses antes de ela passar um mês no hospital. Logo depois disso, sua mãe mudou-se temporariamente para nosso novo apartamento, já apertado. Em menos de três meses, deixei de sempre ter vivido sozinho quando adulto e passei a morar com minha namorada, a mãe dela, e algumas vezes com a irmã dela, Aspen. O apartamento que aluguei tinha apenas um quarto, então o sofá estava sempre ocupado, e um colchão de ar ocupava a maior parte do resto da sala.

Fiquei feliz quando sua mãe finalmente voltou para Chicago, mas não porque eu não gostasse dela. Era apenas muito. Tudo o que passamos, não sentindo realmente como se tivéssemos nosso próprio espaço, e então assistindo Layla lutar para voltar ao ritmo de sua vida – eu só ansiava por normalidade. Ambos fizemos.

Mas não foi de todo ruim. Conheci a família de Layla e rapidamente percebi por que me apaixonei por ela. Eles são todos muito carismáticos e abertos. Inferno, até meio que gosto de Chad Kyle. Só o vi uma vez desde o casamento e, como Layla sugeriu, ele é um pouco idiota, mas é engraçado.

Estou ansioso pela visita deles na sexta-feira.

Depois que coloco todos os ingredientes na panela, eu seco minhas mãos em um pano de prato e corro escada acima para verificar Layla. Ela estava desfazendo as malas quando decidi começar a cozinhar, mas isso foi há mais de meia hora,

e o andar de cima está silencioso desde então. Eu não a ouvi andando por aí.

Quando abro a porta, encontro Layla dormindo na cama, as malas desempacotadas ainda abertas. Ela está roncando levemente.

Tem sido um longo dia. Esta é sua primeira viagem desde que recebeu alta do hospital. Posso imaginar que isso está cobrando seu preço, então começo a desfazer as malas em silêncio enquanto ela dorme.

De vez em quando, olho para ela e sou levado de volta aos primeiros dias que passamos aqui. Cada segundo com ela parecia um despertar. Como se eu nunca tivesse realmente aberto meus olhos até que ela apareceu.

*Eu estava cego, mas agora vejo.*

É assim que Layla me fez sentir. Foi como se alguém tivesse deixado todo o ar voltar à minha vida quando eu não tinha ideia de que estava sufocando.

O que eu não daria para voltar a esse sentimento antes de sermos injustamente roubados dele. Estávamos confortáveis em minha casa em Franklin. Layla não tinha problemas para dormir à noite. Ela não olhava por cima do ombro toda vez que estávamos em público.

Vou até onde Layla está dormindo na cama e toco seu cabelo, empurrando-o suavemente atrás da orelha. Eles tiveram que raspar uma parte de seu cabelo durante a cirurgia,

então ela usa seu cabelo repartido agora para cobrir o novo crescimento. Eu afasto seu cabelo e olho para a cicatriz.

Estou grato por isso.

Sei que ela odeia e faz de tudo para encobrir, mas às vezes olho para ela enquanto ela está dormindo porque é uma lembrança do que quase perdi.

Layla vacila um pouco, então eu puxo minha mão, assim que o cheiro de algo queimando entra na sala. Eu olho para a porta, confuso, porque não há como a sopa já estar queimando. Faz menos de dez minutos desde que liguei o fogão a gás.

Ando até o topo da escada e vejo uma nuvem escura de fumaça saindo da entrada da cozinha.

Assim que começo a descer as escadas, ouço um estrondo vindo da cozinha.

É tão alto; eu sinto isso no meu peito.

Desço correndo o resto da escada e, quando chego à cozinha, há sopa por toda parte. Eu examino o fogão, o chão, as paredes. Eu abano a fumaça do meu rosto e tento descobrir o que precisa ser salvo primeiro.

Não há fogo, no entanto. Só um monte de fumaça e uma bagunça enorme.

Estou olhando para tudo em choque quando Layla desce as escadas correndo.

Ela para na entrada da cozinha e observa a bagunça. — O que aconteceu?

Vou até o fogão para desligar o queimador, mas, quando alcanço a alavanca, o queimador nem está ligado. Ele foi colocado na posição desligado.

Meu braço cai ao meu lado. Eu olho para o queimador, então olho para a panela do outro lado da cozinha.

— Por que a torneira está aberta? — Layla pergunta.

Há um fluxo de água saindo da torneira. Não me lembro de deixar a água aberta. Eu vou até ela para desligá-la e noto algo no fundo da pia.

*Um pano queimado.*

O mesmo pano em que limpei as mãos antes de correr escada acima.

O pano obviamente pegou fogo, porque está queimado até ficar torrado, mas como foi parar na pia? Como está a água? Quem desligou o fogão?

Quem derrubou a panela de sopa?

Eu imediatamente ando até a porta da frente, mas ela está trancada por dentro. Layla me segue. — O que você está fazendo?

Eu sei que há uma porta dos fundos, mas se alguém derrubasse a panela do fogão enquanto eu descia as escadas,

eu os teria visto indo em direção à porta dos fundos. Não há outra saída para a cozinha.

Volto para a cozinha e olho pela janela. Também está trancada por dentro.

— Leeds, você está me assustando.

Eu balancei minha cabeça. — Está tudo bem, Layla, — eu digo tranquilizador. Eu não quero preocupá-la. Se eu agir como se não pudesse explicar isso, isso causará preocupação desnecessária. — Eu coloquei fogo no pano. Sem querer, derrubei a sopa do fogão tentando apagá-lo. — Eu esfrego minhas mãos em seus braços. — Eu sinto muito. Eu vou limpar.

— Eu vou te ajudar, — ela diz.

Eu a deixei. Prefiro que ela fique na mesma sala porque não tenho certeza do que diabos aconteceu.

# *A Entrevista*

A fita termina, então o homem a tira, vira e pressiona gravar novamente.

Eu me pergunto se ele sabe como seria mais fácil usar o celular. Ele provavelmente é um teórico da conspiração que questiona o governo a ponto de se recusar a carregar um telefone.

— Quero ver o fogão, — diz o homem. Ele pega o gravador e volta com ele para a cozinha. Fico sentado no sofá por um momento — me perguntando se pedir a ele para vir aqui foi um erro. A maioria das pessoas sãs me chamaria de louco depois de ouvir minha história. E aqui estou eu, confiando que este homem não vazará minha história diretamente nas mãos de todas aquelas pessoas sãs.

Honestamente? Eu nem dou a mínima. Minha carreira potencial, meus poucos seguidores, a imagem que Layla está tentando construir para mim — nada disso importa mais. Tudo parece tão insignificante agora que vi do que este mundo é capaz.

É como se eu tivesse vivido minha vida inteira em águas rasas, mas nas últimas semanas, eu afundei todo o caminho até o Challenger Deep<sup>2</sup>.

O homem está olhando para o fogão quando entro na cozinha – sua cabeça inclinada. Ele pressiona o botão, o gira e espera que a chama de gás se acenda. Quando isso acontece, ele o observa queimar por um momento. Então ele desliga.

Ele acena com a mão para o fogão. — Você tem que pressioná-lo para colocá-lo na posição desligada. Como você explicou isso para si mesmo?

Eu encolho os ombros. — Eu não poderia.

Ele ri um pouco. É o primeiro pingo de expressão que recebo dele. Ele se senta à mesa e coloca o gravador entre nós.

— Layla parecia preocupada com isso?

— Não realmente, — eu digo. — Eu assumi a culpa e ela não me questionou. Limpamos a cozinha juntos e acabei fazendo macarrão simples.

— Algo mais lhe pareceu estranho naquela primeira noite?

— Não como o que aconteceu com o fogão.

— Mas algo fora do comum aconteceu?

— Várias coisas aconteceram ao longo dos próximos dias que me fizeram questionar se eu estava enlouquecendo ou não.

— Que tipo de coisas?

— Coisas que teriam enviado qualquer outra pessoa pela porta da frente sem pensar duas vezes.



# Capítulo Sete

Layla está beliscando sua massa, mexendo mais com o garfo do que comendo. Ela parece entediada.

— Você não gostou?

Ela enrijece quando percebe que estou olhando para ela.  
— É bom, — diz ela, dando uma pequena mordida.

Ela não tem tido muito apetite ultimamente. Ela mal come, e quando o faz, escolhe qualquer coisa com carboidratos. Talvez seja por isso que ela só deu três pequenas mordidas — porque tudo em sua tigela é um carboidrato.

Ela se pesou uma semana depois de receber alta do hospital. Lembro que estava escovando os dentes na pia e ela pisou na balança do banheiro ao meu lado. Ela sussurrou: “*Oh meu Deus*” para si mesma, e eu realmente não a vi em uma refeição completa desde então.

Ela mastiga a comida com cuidado, olhando para a tigela à sua frente. Ela toma um gole de seu vinho e começa a espalhar o macarrão novamente.

— Quando Aspen e Chad virão? — Ela pergunta.

— Sexta-feira.

— Quanto tempo eles vão ficar?

— Só uma noite. Eles têm essa viagem. — Layla balança a cabeça como se soubesse do que estou falando, mas quando liguei para Aspen para contar a ela sobre a viagem, ela me disse que não falava com Layla há duas semanas. Verifiquei o telefone de Layla mais tarde naquela noite, e ela tinha várias ligações perdidas de sua mãe e de sua irmã. Não sei por que ela as evita, mas ela envia as ligações para o correio de voz mais do que atende.

— Você conversou com sua mãe hoje? — Eu pergunto a ela.

Layla balança a cabeça. — Não. — Ela olha para mim. — Por que?

Não sei por que perguntei isso. Eu simplesmente odeio que ela esteja evitando a maioria das ligações de sua mãe. Quando ela faz isso, Gail começa a me enviar mensagens de texto, se perguntando o que há de errado com Layla. Em seguida, ela envia mensagens de texto para Aspen e preocupa Aspen. Então Aspen me mandou uma mensagem, perguntando por que Layla não atendia ao telefone.

Seria mais fácil para todos se Layla os atualizasse com mais frequência, para que não se preocupassem tanto com ela. Mas eles se preocupam. Todos nós fazemos. Outra coisa que provavelmente é um revés para ela.

— Gostaria que minha mãe tivesse um hobby para não esperar que eu falasse com ela todos os dias, — diz Layla, deixando cair o garfo na mesa. Ela toma outro gole de seu

vinho. Quando ela o abaixa, ela fecha os olhos por vários segundos.

Quando ela os abre, ela encara seu macarrão em silêncio.

Ela respira fundo, como se quisesse apenas esquecer a conversa.

Talvez ela tenha passado muito tempo com eles quando teve alta do hospital. Ela provavelmente precisa de uma boa pausa deles, assim como eu preciso de uma pausa do resto do mundo.

Layla pega seu garfo e olha para ele; então ela olha para sua tigela de macarrão novamente. — Cheira tão *bem*. — Ela diz *bem* de uma maneira que soa como um gemido. Ela realmente cheira o macarrão. Inclina-se para a frente e fecha os olhos, inalando o aroma do molho. Talvez este seja seu mais novo truque para perder os sete quilos de que vive falando — cheirar comida em vez de comê-la.

Layla agarra seu garfo e o torce na tigela. Ela dá a maior mordida que eu já a vi dar. Ela geme quando está em sua boca. — Oh meu Deus. É tão bom. — Ela dá outra mordida, mas antes de terminar de engolir, ela está dando mais uma mordida na boca. — Eu quero mais, — ela diz com a boca cheia. Ela pega sua taça de vinho e a leva à boca enquanto levo sua tigela ao fogão e a encho com mais macarrão.

Ela praticamente o arranca das minhas mãos quando me sento de volta à mesa. Ela come a tigela inteira com apenas

algumas mordidas. Quando ela termina, ela se inclina para trás em sua cadeira e pressiona a palma da mão em seu estômago, ainda segurando o garfo com força em sua mão direita.

Começo a rir porque estou aliviado que ela finalmente esteja comendo, mas também porque nunca vi ninguém tão animado enquanto come.

Ela fecha os olhos e gême, inclinando-se para frente. Ela apoia os cotovelos na mesa e move a mão da barriga para a testa.

Eu dou uma mordida no meu próprio macarrão bem quando ela abre os olhos. Ela olha direto para sua tigela vazia e faz uma cara horrível como se ela se arrependesse de cada carboidrato que acabou de comer. Ela cobre a boca com a mão.  
— Leeds? Minha comida acabou.

— Você quer mais?

Ela olha para mim - o branco de seus olhos está mais proeminente do que eu já vi. — Ele se *foi*, — ela sussurra.

— Não tudo disso. Você pode ficar com o resto, se quiser.

Ela parece horrorizada quando digo isso – como se a estivesse insultando.

Ela olha para o garfo ainda em sua mão e o examina como se não reconhecesse que é um garfo. Então ela deixa cair. Joga

fora, realmente. Ela desliza pela mesa, atingindo minha tigela no momento em que ela se afasta e se levanta.

— Layla, o que há de errado?

Ela balança a cabeça. — Nada. Estou bem, — diz ela. — Apenas... comi muito rápido. Um pouco nauseada. — Ela se vira e sai da cozinha, então sobe as escadas correndo.

Eu a sigo. Ela está se comportando como se outro ataque de pânico pudesse estar no horizonte.

Quando chego ao quarto, ela está vasculhando as gavetas da cômoda, murmurando: — *Onde está?* — Quando ela não encontra o que está procurando, ela abre a porta do armário. Eu entro em pânico — pensando que talvez ela possa encontrar o anel por acidente. Eu me aproximo e pego suas mãos, puxando sua atenção para mim e longe do armário.

— O que você está procurando?

— Meu remédio.

*Claro.*

Eu alcanço a primeira gaveta da cômoda e retiro seu frasco de comprimidos. Eu os abro e entrego um para ela, mas ela parece que quer tirar a garrafa de mim e engolir cada um deles. Não tenho ideia do que a assustou tanto, mas assim que toma a pílula vai ao banheiro e abre a torneira. Ela coloca o comprimido na língua e toma um gole direto da pia. Ela inclina

a cabeça para trás para engoli-lo, e isso me lembra da noite na piscina quando Aspen lhe deu o remédio.

O pensamento me faz sorrir enquanto me encosto na porta. Layla parece um pouco mais calma agora que tomou o Xanax, então tento distraí-la de sua própria ansiedade conversando. — Lembra quando eu pensei que sua irmã me deu drogas?

Layla balança a cabeça em minha direção. — Por que eu me lembraria de Aspen dando *drogas* a você? — Assim que ela diz isso, posso ver o arrependimento em seus olhos. Ela deixa cair a cabeça entre os ombros e agarra a pia. — Eu sinto muito. Tem sido um longo dia. — Ela solta um suspiro e se afasta da pia. Ela caminha até mim e envolve seus braços em volta da minha cintura, pressionando sua testa contra meu peito.

Eu a abraço, porque não tenho ideia de como deve ser dentro da cabeça dela. Ela está fazendo o seu melhor, então não deixo seu humor me incomodar. Eu a seguro por vários minutos — sentindo seu batimento cardíaco conforme ele diminui gradualmente.

— Você quer ir para a cama? — Eu sussurro.

Ela acena com a cabeça, então eu deslizo minhas mãos em suas costas e a tiro de sua camisa. Em algum lugar entre a porta do banheiro e a cama, começamos a nos beijar.

Tornou-se nossa rotina noturna. Ela se estressa. Eu a acalmo. Nós fazemos amor.



Tomei um banho depois que Layla adormeceu. Eu ainda não conseguia dormir depois disso, então desci as escadas e fiz todas as tarefas de um dia inteiro no espaço de duas horas. Eu fiz a barba, lavei a louça, escrevi algumas letras para uma nova música.

Agora é uma hora da manhã e finalmente estou de volta à cama com Layla, mas minha mente ainda não se acalma.

Eu fecho meus olhos e tento me forçar a dormir, mas minha mente está correndo. Achei que hoje seria diferente para Layla. Livre de estresse. Eu pensei que talvez seria como a primeira vez que estivemos aqui, mas não foi. Hoje foi como todos os outros dias desde o hospital. Por mais que eu não queira sugerir de novo, realmente acho que ela precisa começar a ver um terapeuta. O médico recomendou. Sua mãe e irmã recomendaram. Mas ela insistiu que ficaria bem. Até agora, estive do lado dela. Achei que, se a apoiasse durante sua recuperação, a ansiedade passaria. Mas está piorando.

Estou olhando para o despertador quando sinto o lado de Layla na cama se mexendo. Eu a ouço se levantar e andar pelo piso de madeira.

No começo, acho que ela está indo para o banheiro. Mas o som de sua caminhada cessa e ela não se move por um

tempo. Posso sentir que ela não está na cama, então, então me viro para ver o que ela está fazendo.

Há um espelho na parede a alguns metros da cama. Layla está olhando para si mesma. Está escuro aqui, além de um pouco da luz da lua brilhando pela janela, então não tenho certeza do que ela está tentando ver. Ela se vira da esquerda para a direita, se inspecionando no espelho. É estranho quanto tempo ela se encara. Espero mais alguns minutos, pensando que ela vai voltar para a cama, mas ela não volta.

Ela se aproxima do espelho, levantando a mão para fora do vidro. Ela traça o dedo indicador sobre o espelho como se estivesse delineando seu corpo.

— Layla?

Sua cabeça vira para trás em minha direção. Seus olhos estão arregalados de vergonha - como se ela tivesse sido pega fazendo algo que não deveria estar fazendo. Ela corre de volta para a cama e desliza para debaixo das cobertas de costas para mim. — Volte a dormir, — diz ela em um sussurro. — Estou bem.

Eu fico olhando para a parte de trás de sua cabeça por um tempo, mas então me afasto dela. Eu certamente não consigo dormir, no entanto. Especialmente agora.

Estou olhando para o despertador quando marca 1h30. Layla já adormeceu. Ela está roncando levemente.

Eu não consigo dormir, não importa quanto tempo eu fique aqui.

Eu saio furtivamente da cama, pego meu celular e desço as escadas. Sento-me no sofá do Grand Room. São 1:35 aqui, mas são apenas 23:35 em Seattle. Minha mãe nunca vai dormir antes da meia-noite, então eu mando uma mensagem para ela para ver se ela está acordada. Ela responde com um telefonema.

Eu deito contra o braço do sofá e passo o dedo na tela do meu telefone. — Ei.

— Vocês chegaram ao Kansas? — Ela diz.

— Sim. Chegamos aqui por volta das cinco horas.

— Como está Layla?

— Bem. A mesma.

— Como você está?

Eu suspiro. — Bem. O mesmo.

Minha mãe ri porque ela sabe quando estou falando merda. Mas ela também sabe que direi o que tenho vontade de dizer a ela, quando eu quiser.

— Como está Tim? — Ele é o primeiro cara que minha mãe namorou desde que meu pai morreu. Eu o encontrei algumas vezes. Ele parece bem. Humilde. Gentil. Exatamente o tipo de cara que eu queria para minha mãe.

— Ele está bem. Sua aula da manhã não tinha alunos suficientes, então foi descartada. Agora ele tem uma hora extra de folga pela manhã. Ele está gostando muito disso.

— Bom para ele, — eu digo. E então, antes que eu possa sequer pensar nas palavras que saem da minha boca, eu pergunto a ela: — Você acredita em fantasmas?

— Isso é aleatório.

— Eu sei. Só não me lembro de você falar sobre fantasmas.

— Eu sou meio indiferente à ideia deles, — diz ela. — *Não* acredito neles, mas não sei se alguma vez tive uma experiência que me fizesse acreditar neles. — Ela faz uma pausa e diz: — Por quê? E você?

— Não, — eu digo. Porque eu não acredito. — Mas antes... eu não sei. Algo estranho aconteceu. Quase coloquei fogo na casa enquanto cozinhava. Eu estava lá em cima antes de notar a fumaça. Quando voltei para a cozinha, o pano que havia deixado no fogão estava na pia. Água estava correndo em cima dele. A panela havia caído no chão e alguém desligou o fogão. Layla estava lá em cima o tempo todo, então não pode ter sido ela.

— Isso é estranho, — diz ela. — Esse lugar tem um sistema de segurança?

— Não. Mas a casa estava trancada por dentro. Até as janelas, então ninguém poderia colocar o fogo e sair sem ser visto.

— Hmm, — ela diz. — É definitivamente estranho. Mas se alguém salvou o lugar de um incêndio, parece que você tem um anjo da guarda. Não um fantasma.

Eu ri.

— Ou uma casa mal-assombrada... *protegida*, — diz minha mãe, rindo de seu próprio trocadilho. — O que mais está acontecendo?

Eu suspiro de novo, mas não elaboro o suspiro.

— Tudo bem sentir o que você está sentindo, Leeds.

— Eu não disse que estava me sentindo de uma certa maneira.

— Você não precisa. Eu sou sua mãe. Eu posso ouvir o estresse em sua voz. E a culpa sempre foi sua pior característica.

Ela está certa sobre isso. Eu pressiono minha palma na minha testa. — Eu não sei o que há de errado comigo.

— Vamos ver... — Ela diz. — Você foi atacado em sua própria casa. A garota que você ama quase morreu. Você passou um mês inteiro ao lado dela em um hospital, e ainda mais depois disso cuidando dela. Posso imaginar que é muito

estressante, — diz ela. — E, para completar, você tem um fantasma.

Eu rio, sentindo a tensão diminuir em meus ombros. Ela sempre teve um jeito de justificar tudo que eu nem preciso dizer o que estou sentindo.

— Você sabe o que eu sinto falta? — Minha mãe pergunta.

— O que?

— Você. Já se passaram seis meses desde que te vi, e essas não eram boas circunstâncias. Quando você vem para Seattle?

— Em breve. Agora que Layla foi liberada para viajar, verei o que ela quer fazer. No próximo mês parece bom?

— Eu não me importo quando você chegar aqui, contanto que você eventualmente chegue.

— OK. Ligo para você amanhã depois de falar com ela.

— Parece bom. Sinto sua falta e te amo. Abrace Layla por mim.

— Eu vou. Eu também te amo.

Eu termino a ligação e fico imóvel em minha posição de derrota no sofá. *Talvez eu esteja deprimido. Talvez eu precise de terapia.*

Por mais que seja uma merda pensar, eu meio que espero que tudo que tenho sentido ultimamente seja resultado de

depressão. Algum tipo de desequilíbrio químico. Eu poderia tomar um comprimido todos os dias e então, com sorte, começar a me apaixonar pela minha vida novamente.

Tudo isso soa como se pudesse ser uma música. Chego até a mesa final onde deixei meu laptop antes e abro um documento do Word. Eu começo a digitar as letras.

*Eu não sentiria nada se você me desse um soco no coração*

*Eu me sentiria ainda menos se você me esfaqueasse com uma faca*

*Mas eu não me apaixonei por você*

*Eu me apaixonei pela vida*

Eu estudo as letras, convencido de que nunca escrevi palavras mais verdadeiras. Nada me excita mais, parece. Nem mesmo escrevendo música. Parece que estou abrindo feridas que venho tentando curar.

Eu deveria apenas comprar este lugar. Poderíamos ficar aqui para sempre, plantar um jardim, arranjar um cachorro e alguns gatos. Talvez algumas galinhas. Poderíamos reabri-lo como uma pousada e ver as pessoas se casarem no quintal todos os sábados.

Eu retiro o aplicativo Microsoft Word e abro o Google. Eu digito no site do corretor de imóveis e procuro a casa. Tenho a lista salva em meus favoritos porque a vejo quase diariamente

desde que descobri que estava à venda. Não é difícil imaginar eu e Layla construindo uma vida aqui.

Talvez eu pudesse aceitar aumentar o lado público da minha carreira se também tivesse uma vida privada extremamente isolada. Tenho certeza de que há uma maneira de encontrar um bom equilíbrio entre os dois.

Sua recuperação provavelmente seria menos estressante aqui, especialmente se eu instalasse uma cerca de privacidade e um portão eletrônico. Tirá-la da cidade onde todas as nossas memórias ruins começaram.

Clico no ícone de e-mail para enviar um e-mail ao corretor de imóveis. Tenho algumas perguntas sobre a propriedade e gostaria que ela nos encontrasse aqui na casa para que Layla pudesse tomar parte na decisão.

Assim que termino de digitar o e-mail, movo o cursor para enviar, mas antes de clicar nele, meu laptop fecha – bem em cima das minhas mãos.

*Que porra é essa?*

Eu jogo o laptop longe de mim. É um impulso instintivo jogá-lo, embora doa ao vê-lo bater no chão de madeira.

*Mas que porra foi essa?*

Eu olho para as minhas mãos. Eu olho para o laptop que está a um metro de meus pés. Não há como explicar isso.

Fechou com força suficiente para que dois de meus dedos fiquem vermelhos.

Eu imediatamente subi as escadas correndo. Quando chego ao quarto, fecho a porta atrás de mim.

Penso em todas as coisas que poderiam ter causado isso, mas não consigo nada. A culpa não pode ser atribuída a uma dobradiça quebrada, um aparelho defeituoso ou vento.

*Eu não acredito em fantasmas. Isso é estúpido. Estúpido ‘pra’ caralho.*

Talvez eu esteja delirando. Acordei às 4h da manhã no Tennessee ontem para que pudéssemos fazer as malas para nossa viagem aqui. Já estou acordado há quase vinte e quatro horas.

Tem que ser isso. Eu só preciso dormir. Muito.

Eu rastejo para a cama, meu coração ainda batendo forte. Eu puxo as cobertas sobre a minha cabeça como uma criança assustada tentando bloquear os monstros.

Vou encontrar uma Best Buy<sup>3</sup> amanhã. Descobrir o que há de errado com meu laptop. Enquanto estiver lá, comprarei câmeras. Algum tipo de sistema de segurança que pode ser conectado a um aplicativo no meu telefone.

Deste ponto em diante, qualquer coisa estranha que aconteça nesta casa será registrada.



Layla  
COLLEEN  
HOOVER

# Capítulo Oito

São quase nove da manhã quando acordo. Levei uma eternidade para adormecer na noite passada. Sinto que ainda tenho horas de sono em potencial, mas quero me levantar antes de Layla. A ideia de café e isolamento na varanda da frente é tudo que eu realmente quero agora, depois de ontem à noite.

Depois que eu pego a cafeteira, abro a geladeira para procurar o creme, mas imediatamente paro quando vejo algo com o canto do olho.

Meu laptop está na mesa da cozinha.

Eu fico olhando para ele - com medo de me mover. *Eu sonhei com isso ontem à noite?*

Imediatamente odeio começar a me questionar. Nunca confundo minha realidade com meus sonhos, mas parece que sim, porque agora esse laptop estava no chão do Grand Room ontem à noite. Eu joguei lá depois que fechou em minhas mãos.

Talvez Layla tenha saído da cama depois que adormeci. Não sei por que ela usaria meu laptop, no entanto. Ela tem seu próprio.

Eu ando até a mesa e sento na frente dele. Abro lentamente o laptop e movo meu dedo sobre o *touchpad* para acordar o computador. Quero olhar o histórico de navegação e ver o que Layla pensou que eu estava fazendo.

Quando o computador é ligado, o documento do Word em que escrevi as letras na noite passada é aberto. Lembro-me especificamente de minimizar este documento antes de abrir o Google, o que significa que Layla definitivamente usou meu computador depois que adormeci.

Uma sensação de aperto no estômago se instala quando percebo que Layla leu as poucas letras que coloquei neste documento. Ela presume que são sobre ela?

Vou minimizar o documento, mas antes de fazer isso, noto que no canto esquerdo da parte inferior mostra que há duas páginas.

Escrevi apenas quatro frases.

Não escrevi mais nada que pudesse criar outra página neste documento.

Rolo para baixo até chegar a algo na segunda página que tenho certeza de que não escrevi. São apenas cinco palavras, mas são o suficiente para fazer meu sangue gelar.

*Me desculpe, eu te assustei.*

Eu li e reli as palavras digitadas em meu documento nada menos que vinte vezes antes de Layla descer as escadas. Assim

que ela entra na cozinha, eu digo: — Você usou meu laptop na noite passada?

Ela me lançou um olhar engraçado, como se fosse uma pergunta estúpida. — Não. — Ela vai direto para a cafeteira. Ela está de costas para mim agora, mas não tenho certeza se acredito nela.

Ela não gosta daqui? Ela está tentando me assustar para ir embora?

Ela provavelmente viu meu histórico de navegação e está preocupada que eu esteja comprando a casa. Talvez não seja mais algo que ela queira. Mas por que ir tão longe para mover meu laptop e depois me fazer pensar que ela não digitou essas cinco palavras? Por que ela simplesmente não me disse que não quer morar aqui?

Alguém está fodendo comigo e, como Layla é a única nesta casa, tem que ser ela. Mas o pior é que ela é muito frágil para eu confrontá-la sobre isso. Receio que, se a acusar de mentir para mim, ela se sinta atacada e suba as escadas, tome outra pílula e desmaie.

Eu li as palavras novamente antes de fechar o documento, mas não falei com Layla. Ou ela já sabe sobre isso e é quem escreveu, ou ela vai pirar se eu contar a ela que alguém mudou meu laptop enquanto estávamos dormindo.

Nenhum desses resultados é bom.

— Você precisa postar algo hoje, — diz ela. Ela está na cafeteira, mexendo o adoçante em sua xícara de café. — Talvez uma selfie sem camisa à beira da piscina, — ela diz com uma piscadela.

Não consigo pensar na porra da minha plataforma agora. Ou estou sentado em frente a alguém que está tentando me manipular, ou estou sentado em uma casa onde alguém – ou alguma *coisa* – está fodendo comigo.

De qualquer forma, preciso de um sistema de segurança.

Procuro no Google onde posso encontrar um, mas o Best Buy mais próximo fica a horas daqui. O Walmart mais próximo fica a sessenta e três milhas de distância. *Droga, nós realmente estamos no meio do nada.* Eu poderia encomendá-lo online, mas isso levaria alguns dias antes que qualquer coisa fosse entregue.

— Quer correr para a cidade comigo? — Eu pergunto a Layla. — Eu preciso de algumas coisas.

Ela faz uma careta. — Cidade? Leeds. Não há nenhuma cidade para a qual possamos *correr*.

Eu fecho meu laptop. — É apenas uma hora de distância. Vou te levar para almoçar.

Layla parece estar pensando nisso enquanto bebe seu café. Mas agora que estou pensando nisso, ela pode me questionar quando eu começar a comprar um sistema de

segurança para uma casa que ela supõe que ficaremos apenas duas semanas.

— Ou eu posso ir sozinho, — eu digo. — Tudo bem se você quiser um tempo sozinha.

Ela pensa por um momento e depois me lança um olhar envergonhado. — Tudo bem se eu não for? Não consegui dormir noite passada. Provavelmente vou voltar para a cama por algumas horas.

— Isso aí, amor. Totalmente bem. — Eu a beijo na testa antes de sair da cozinha. — Volto depois do almoço. Me mande uma mensagem se precisar de alguma coisa.

# A Entrevista

Estou inclinado para a frente com os cotovelos apoiados na mesa. A conversa está se tornando menos incômoda. Talvez porque superamos a parte mais difícil.

— Por que você comprou um sistema de segurança? — O homem pergunta. — Por que você simplesmente não foi embora?

Eu pego uma unha lascada. — Eu não faço ideia. Talvez porque tenha sido a primeira coisa que eu realmente senti depois de algum tempo.

— O que você quer dizer com isso?

— Eu estava entorpecido por dentro. Já fazia um tempo. Mas as coisas que estavam acontecendo na casa eram tão fascinantes quanto inexplicáveis. Eu não fui embora, porque de alguma forma distorcida... acho que estava *gostando*.

— Então você ficou fora do tédio?

Eu penso nisso por um momento. — Não é tédio, realmente. Eu tinha Layla. Mas eu certamente não estava com medo do que estava acontecendo. É difícil encontrar algo ameaçador quando você não acredita. Achei que o sistema de segurança iria explicar tudo o que aconteceu.

— E agora? Você se sente ameaçado agora?

Eu penso em tudo o que aconteceu desde que chegamos aqui. Houve momentos em que eu quis ir embora... para fugir de tudo. Aconteceram coisas absolutamente aterrorizantes. Mas mesmo com tudo isso, sou resoluto em minha resposta quando digo: — Não. Não me sinto ameaçado. Sinto-me solidário.

— Essa geralmente não é a reação que as pessoas têm nessas situações.

— Eu sei. É por isso que procurei você, no entanto. Não é porque me sinto ameaçado. É porque eu quero respostas.

— O sistema de segurança ajudou você a encontrar algum?

— Não no começo. Mas... eventualmente. Sim.

## *Capítulo Nove*

Coloquei uma câmera de segurança na cozinha e outra em uma estante de livros no Grand Room. As câmeras estão conectadas a um aplicativo no meu telefone, então sempre que houver movimento, recebo uma notificação.

Isso foi há dois dias e, até agora, as únicas vezes que ele disparou foi quando Layla ou eu entramos no campo de visão das câmeras.

Vim aqui para me concentrar em Layla, mas dizer que estou distraído seria um eufemismo. Estou sempre olhando por cima do ombro, esperando que algo aconteça. Tanto que disfarço minhas noites de trabalho, mas tudo o que tenho feito é ficar sentado no Grand Room, navegando em sites sobre merdas sobrenaturais. Fiquei acordado até tarde ontem à noite e acabei adormecendo no sofá.

Acabei de acordar. Ainda está escuro agora. Acho que são cerca de cinco da manhã. Ainda estou no sofá, mas não me movi desde que abri os olhos.

Estou tentando pensar em qual posição eu estava quando adormeci, o que eu estava segurando, o fato de que não estava totalmente coberto. Porque não me lembro do cobertor que estou segurando. Lembro-me de estar no encosto do sofá, mas não me lembro de usá-lo para me cobrir.

Quando adormeci neste sofá ontem à noite – este cobertor estava dobrado e estendido nas costas dele.

Eu sei que Layla mais do que provavelmente desceu e cobriu-me com ele, mas eu ainda refaço mentalmente meus passos antes de abrir o aplicativo.

Layla não sabe sobre as câmeras de segurança. Não estou tentando esconder nada dela, mas eu as configurei enquanto ela dormia. Eu só imaginei que se ela visse uma e mencionasse, eu diria a ela que elas estavam aqui quando nós aparecêssemos para que ela não ficasse preocupada.

Mas assistir aos vídeos gravados pelo aplicativo é uma invasão de privacidade. Só não quero dizer a ela que tenho acesso às filmagens porque não quero que ela se preocupe desnecessariamente. Também não quero que ela sinta que a estou espionando.

Mas de certa forma, estou. Eu configurei as câmeras como uma maneira de pegá-la em flagrante. Porque quem *mais* vou pegar? Um fantasma em que não acredito? Um intruso que pode de alguma forma contornar os ferrolhos?

Eu me movo pela primeira vez desde que abri meus olhos alguns minutos atrás. Sento-me lentamente no sofá e pego meu telefone. Abro o aplicativo e percebo que meus dedos estão tremendo enquanto pulo o vídeo de volta para o momento em que adormeci. *Por que minhas mãos tremeriam se eu acho que é apenas Layla?*

Adormeci por volta das duas da manhã, então configurei o vídeo para tocar nessa hora. Eu permaneço sentado no sofá, meio coberto com o cobertor, e vejo a filmagem de perto, avançando a cada poucos minutos.

Às três e vinte da manhã, uma sombra aparece na porta do Grand Room.

Layla não está em nenhum lugar da filmagem, mas posso dizer que é a sombra dela.

Alguns segundos depois, ela caminha lentamente para o Grand Room. Ela me encara enquanto estou dormindo. Então ela me cobre com o cobertor.

*Foi Layla.*

Eu sou um idiota. Estou entrando em minha própria cabeça. Agora estou me forçando a assumir que as coisas estão acontecendo sem alguma explicação por trás delas.

Eu movo meu dedo para parar o vídeo, mas meu dedo paira sobre a tela porque algo que Layla faz no vídeo chama minha atenção.

Depois que ela me cobriu, seus olhos foram diretos para a câmera de segurança no Grand Room.

Assisti ao vídeo com um nó na garganta. Layla olha para a câmera por uns bons quinze segundos antes de se mover em direção a ela. Ela atravessa a sala com uma expressão curiosa no rosto e para bem na frente da câmera. Ela não levanta. Ela

nem mesmo toca. Ela apenas olha para ela como se quisesse que eu a visse.

Um momento depois, ela se vira e sai da sala, deixando-me dormindo no sofá.

Toda a interação entre Layla e a câmera é tão bizarra; eu rebobino e assisto novamente. Mas desta vez, continuo assistindo ao vídeo muito depois de Layla ter saído da sala. Há algumas vezes que rolo no sofá, mas além desses dois movimentos, nada mais acontece na sala.

Até que acontece.

Aproximadamente às 4:29 da manhã, a visão da câmera muda abruptamente e o vídeo fica preto.

Eu pauso o vídeo e olho para a câmera de segurança empoleirada em uma das estantes. Está apontada para a parede agora.

Eu imediatamente me levanto e vou até a câmera. Eu o ajusto para que aponte para o Grand Room novamente.

Não havia como essa câmera ter virado sozinha.

Eu assisto ao vídeo não menos que quinze vezes na tentativa de descobrir como a câmera pode simplesmente girar sozinha, mas não consigo. E não havia ninguém no Grand Room naquele momento além de mim.

Eu começo a andar pela sala.

Eu não posso explicar isso.

*Ninguém* pode explicar isso.

E se eu fosse mostrar para alguém, seria acusado de falsificar o vídeo.

Talvez porque o vídeo seja falso? Isso é possível? Será que a câmera foi feita para se mover sozinha?

Eu ando até a câmera novamente. Pego e inspeciono uma segunda vez, como se fosse encontrar algo na câmera que pudesse explicar como ela se moveu.

E se a empresa de aplicativos tiver um hacker? Eu podia ver isso acontecendo. Um cara sentado em frente ao computador, manipulando ângulos e posições da câmera para assustar as pessoas.

É a explicação mais plausível, mas ainda me encontro na mesa da cozinha em meu laptop dez minutos depois, pesquisando fantasmas e casas mal-assombradas.

Eu crio uma conta usando um nome falso em uma sala de bate-papo paranormal. Eu li as postagens no fórum até o sol nascer completamente lá fora.

Eu rolo meus olhos para cada uma das histórias que li. Pessoas que afirmam ter visto uma sombra, ouvido um ruído ou uma luz tremeluzente. Todas as coisas que podem ser facilmente explicadas.

*Essa merda não pode ser explicada.*

Como uma câmera se move sozinha? Como o botão do fogão desliga sozinho? Como um pano se move do fogão para a pia? Como um laptop digita mensagens para si mesmo e se move de uma sala para outra?

Posso sentir a certeza de minhas crenças sendo destruídas enquanto faço minha própria postagem no fórum. Eu chamo de “Cético”.

Então eu escrevo:

Eu não acredito em fantasmas. Nem um pouco. Mas aconteceram coisas que nem mesmo meu eu cético pode explicar. Os aparelhos desligam sozinhos. Os objetos se movem. Meu laptop fechou em minhas mãos. Meu pensamento inicial é que minha namorada está me pregando uma peça, mas os horários e sua localização na casa não combinam com as coisas que aconteceram. Não tenho certeza do que espero que vocês digam. Acho que só quero outro cético para explicar essas coisas para mim. Mas quantas coisas têm que acontecer antes que não possam mais ser explicadas?

Quando eu envio o post, me sinto uma idiota.

Fecho meu laptop e fico olhando para ele.

*Estou enlouquecendo.*

Não porque coisas estranhas estão acontecendo – mas porque me permiti acreditar que não podem ser explicadas. Há uma explicação para tudo. Eu só tenho que descobrir.

— Você acordou cedo.

Meu corpo inteiro estremece ao som da voz de Layla. Eu nem mesmo a ouvi descendo as escadas. Ela se inclina e me beija antes de caminhar até a cafeteira. Fiz um café fresco, mas isso foi há duas horas — quando eu era um idiota e escolhi passar uma manhã inteira online lendo histórias de fantasmas.

Não sou mais o mesmo idiota. Amadureci nos últimos dois minutos. Eu recuperei os meus sentidos.

— Quais são seus planos para hoje? — Layla pergunta. Ela está olhando para o celular, tomando um gole de café.

— Eu não sei. Achei melhor trabalhar em alguma música. Você?

Ela encolhe os ombros. — Estou pensando em ter um dia na piscina. — Ela coloca o telefone e o café no balcão e vem até mim. Ela desliza entre mim e a mesa, então eu empurro minha cadeira um pouco para trás para que ela possa montar em mim. Ela está vestindo uma camiseta justa que nem cobre sua barriga e uma calcinha rosa.

Sempre que Layla está vestindo algo tão revelador, é a primeira coisa que noto. E então, quando eu percebo, ela geralmente acaba não vestindo o que ela estava vestindo porque acabamos nus na cama, ou no chuveiro, ou no sofá.

No entanto... eu não a notei desta vez até que ela se sentou no meu colo.

Eu deslizo minhas mãos para sua bunda e enterro meu rosto em seu pescoço. Esta é mais uma prova de que meu foco foi distorcido desde o dia em que chegamos aqui.

— Você não disse que a piscina era aquecida?

— Sim.

— Você deveria fazer uma pausa e ter um dia na piscina comigo, — diz ela.

Um dia na piscina realmente parece bom. Estar fora parece bom. Passar o tempo na água com Layla faz lembrar da primeira vez que estávamos juntos nessa piscina, o que soa *muito* bom.

Eu deslizo minhas mãos por suas costas e sorrio para ela.

— Dia na piscina com roupa de banho ou dia na piscina sem roupa?

— Essa é uma pergunta estúpida. — Ela sorri, e é o primeiro sorriso genuíno que vejo em seu rosto em muito tempo. Eu amo tanto isso que beijo aquele sorriso.

Eu também achei aquele sorriso enganoso. Por que ela não me perguntou sobre a câmera?

Talvez ela presumiu que pertence ao dono da casa.

Vou apenas deixá-la continuar assumindo isso.



Layla encontrou uma boia grande com porta-copos e um alto-falante Bluetooth, então estamos nela juntos no meio da piscina. Ela está de bruços tentando se bronzear, embora já esteja na casa dos quinze graus agora. Ela pode até estar dormindo. Estou deitado de costas, interagindo vergonhosamente e secretamente no fórum paranormal.

Agora é fim de tarde e véspera de decidir que não sou mais a mesma pessoa que era esta manhã quando postei estupidamente naquele fórum, ainda estou lendo os comentários como se não pudesse devorá-los rápido o suficiente.

*Há quanto tempo você mora na casa?*

*Cara, dê o fora daí.*

*Alguém já foi assassinado em casa?*

Eu respondo a alguns deles com uma resposta:

Nós não moramos nesta casa. Está à venda, mas estamos aqui apenas para um aluguel de curto prazo. Estava pensando em comprar, mas agora não tenho tanta certeza. E não sei a história da casa. Como eu poderia descobrir isso?

Eu envio o post, enquanto Layla geme. — Você está ao telefone há duas horas, — diz ela. Ela pega meu telefone das

minhas mãos e eu tento arrancá-lo de volta, porque o fórum paranormal ainda está aberto, mas ela não olha para a tela. Ela apenas estica o braço e o coloca no concreto ao lado da piscina para me manter longe dele.

Eu me sinto mal. Ela está certa. Não guardei meu telefone uma vez hoje.

Layla rola de costas. O flutuador balança para cima e para baixo com o movimento. Seus olhos estão fechados e ela está relaxada enquanto preguiçosamente coloca os braços sobre a cabeça. Eu fico olhando para ela por um momento – meus olhos seguindo seu comprimento. Ela está insanamente sexy agora.

— Você já fez sexo em uma boia da piscina? — Eu pergunto a ela.

Ela não abre os olhos. Ela apenas sorri e balança a cabeça. — Não. Mas estou definitivamente pronta para o desafio.



A falta de comida aliada ao álcool nos levou a falhar em tentar foder na boia da piscina. Nós caímos três vezes. Nós não

desistimos, no entanto. Nós apenas nos mudamos para uma das espreguiçadeiras próximas para terminar.

O vento aumentou quando o sol começou a se pôr e, por mais quente que a água estivesse, o ar estava ficando muito frio para permanecer do lado de fora.

Já estamos lá dentro há várias horas, relaxando na cama. Ela está assistindo filmes e eu estou no meu laptop tentando navegar nos fóruns, mas é difícil tentar manter a tela fora de sua linha de visão com tanto quanto ela se move.

Eu finalmente decido dar uma olhada no andar de baixo. Estendo o braço e apago meu abajur.

— Você vai dormir também? — Layla pergunta, sua voz abafada pelo travesseiro que ela está aconchegando.

— Vou trabalhar em uma música por um tempo. — Eu me inclino e a beijo. — Me mande uma mensagem se o piano estiver muito alto.

Ela acena com a cabeça, os olhos fechados. — Você pode desligar a TV?

Eu desligo e desço as escadas.

Hoje foi bom. Layla parecia relaxada. Feliz. Houve um momento logo depois de terminarmos de fazer sexo quando quase contei a ela que estou pensando em comprar a propriedade. Eu estava beijando seu pescoço, pensando em como o dia estava bom. Como todos os dias futuros poderiam

ser bons. Eu queria perguntar a opinião dela sobre a compra da casa, mas não consegui pronunciar as palavras.

Comprar uma casa é um grande compromisso.

Comprar uma casa com uma garota que conheço há menos de um ano é um compromisso ainda *maior*.

Hoje foi quase perfeito. Mas ainda há uma incerteza que permanece, não apenas com as coisas estranhas que aconteceram na casa, mas se Layla iria querer tomar uma decisão tão grande.

Optei por não dizer nada. Ainda não, de qualquer maneira.

Quando chego ao Grand Room, sento-me ao piano, mas realmente não estou com humor para trabalhar na minha música esta noite. Eu coloco meu laptop em cima do piano com a intenção de verificar meu e-mail, mas não o faço. Volto direto para o fórum que postei esta manhã e começo a ler as respostas em meu tópico.

*Por que o local está à venda? Você deve perguntar aos proprietários anteriores por que eles saíram.*

Esse comentário desperta minha curiosidade. Este lugar não estava à venda quando estivemos aqui pela primeira vez. E lembro-me de Layla dizendo algo sobre como Aspen teve que reservar com um ano de antecedência para garantir o local. Se eles estivessem fazendo reservas com tanta antecedência, não

poderiam estar prejudicado nos negócios. Por que eles fechariam e colocariam à venda tão de repente?

Eu continuo percorrendo os comentários até encontrar alguém com o nome de usuário UncoverInc. Eu clico em seu perfil e a descrição me faz rir. *Fantasmas também são pessoas.*

Uau. Eles realmente levam essa merda a sério.

Eu volto para seu comentário e leio.

*Você já tentou falar com seu fantasma?*

Esse único comentário iniciou uma sequência de outros comentários.

Eu nem consigo ler. Não posso levar nenhum deles a sério quando afirmam ter conversado com fantasmas.

Fecho meu laptop, sentindo simpatia por todas as pessoas que passam tanto tempo nesse fórum.

Mesmo se fantasmas existissem, como diabos eu iria me comunicar com um?

Por mais que esteja tentando colocar meu intelecto acima de todas as pessoas naquele fórum, ainda me pego olhando ao redor do Grand Room. Eu olho para trás, para minha frente.

Certifico-me de que Layla não está perto de mim quando sussurro: — Tem alguém aqui?

Nada acontece.

Ninguém responde.

Isso porque *fantasmas não existem, Leeds.*

— Jesus Cristo, — murmuro. Agora estou no mesmo campo de jogo que os malucos do fórum.

Eu me levanto e estico meus braços sobre minha cabeça. Eu olho ao redor da sala, esperando mais alguns segundos, como se alguém fosse realmente responder a essa pergunta.

Eu finalmente balancei minha cabeça com o quanto absurdos meus pensamentos têm sido nos últimos dias. Eu ando em direção à porta e agarro a maçaneta, e então um som inesperado me força a fazer uma pausa no meu caminho.

Uma das teclas do piano acabou de tocar.

Estava tão alto que reconheci exatamente qual tecla fazia o barulho. Dó central.

Eu fecho meus olhos.

*Isso não simplesmente aconteceu.*

Eu me viro lentamente, os olhos ainda fechados, sem saber o que espero encontrar quando os abro. Será que meu laptop caiu nas teclas do piano? Meu pulso está batendo tão violentamente, posso sentir no pescoço.

Eu abro um olho... depois o outro.

Não há ninguém ao piano. Ninguém na sala além de mim.

Eu imediatamente puxo meu telefone do bolso, abro o aplicativo para as câmeras de segurança e vejo a reprodução dos últimos trinta segundos.

O aplicativo me mostra em pé do piano. Alongamento. Eu mantendo meus olhos na filmagem do piano. Assim que alcanço a maçaneta da porta, o dó central do piano é pressionado por nada.

A tecla apenas... *tocou* sozinha.

Não havia nada ali. Absolutamente nada.

*Não há como explicar.*

Meu primeiro instinto é correr, mas meu segundo instinto - a parte de mim que acha isso fascinante - vence.

— Faça isso de novo, — eu digo, me aproximando do piano.

Alguns segundos se passam e a mesma tecla é tocada novamente.

Eu dou um passo rápido para trás.

Meus joelhos parecem que você está prestes a ceder. — *Porra.* — Eu me curvo, olhando para o piano. Eu respiro lentamente.

Eu quero fazer outra pergunta. Eu quero fazer um milhão de perguntas. Mas a realidade deste momento é muito pesada para eu aceitar. É aqui que eu traço o limite, aparentemente,

porque estou caminhando em direção à porta. Apressando. Correndo. No meio da escada, faço uma pausa e pressiono minhas costas contra a parede.

Eu penso em todas as histórias de fantasmas de que já ri. Cada conto de fadas em que nunca acreditei.

*Eu realmente poderia estar errado?*

Incredulidade começa a ferver dentro de mim, ou talvez seja medo. Como posso estar errado durante toda a minha vida? Sempre fui capaz de explicar tudo. Esses últimos dias foram a única vez em minha vida em que não consegui explicar nada.

Posso continuar fugindo disso ou posso enfrentá-lo. Entendê-lo. Deixar minha mente tranquila.

Penso nos idiotas dos filmes de terror que nunca correm quando deveriam, mas sinto empatia por eles agora. A necessidade de refutar o que é assustador é maior do que a necessidade de fugir do dano potencial que isso pode trazer.

Não estou convencido de que seja algo de que eu deva ter medo. Estou convencido de que é algo que devo investigar.

Quando estou de volta à sala, eu me fecho por dentro. Percebo que a maioria das pessoas sãs estaria no carro alugado agora, dando o fora deste lugar. Ainda não tenho certeza se não serei eu em alguns minutos.

— Quem é você? — Eu pergunto, olhando para o piano, minhas costas pressionadas contra a porta caso eu precise de uma fuga rápida.

Espero uma resposta, mas percebo que uma pergunta como essa não pode ser respondida com o toque de uma tecla de piano.

Hesito antes de finalmente caminhar para o piano. Eu olho para trás. Abaixo dele. Dentro dele. Não há fios... nenhuma configuração que permitiria alguém fazer isso.

— Pressione uma tecla diferente.

A tecla Ré é tocada desta vez, quase imediatamente.

Eu cubro minha boca com a mão e murmuro — Puta merda — contra a palma da minha mão. Eu tenho que estar sonhando. Essa é a única explicação.

— Pressione a tecla Lá.

A tecla Lá emite um som.

Eu não sei o que está acontecendo, mas eu suprimo completamente o cético em mim e apenas vou com meu instinto neste momento. — Eu tenho perguntas, — eu digo. — Pressione o dó central para sim. Ré para não. Lá se você não souber a resposta.

O dó central pressiona levemente, o que significa sim. Minha voz sai um pouco trêmula quando pergunto: — Você é perigoso?

Não sei por que pergunto isso. Qualquer entidade perigosa certamente negaria que eles são perigosos.

A tecla Dó é pressionada para *não*.

— Você é um fantasma?

*Eu não sei.*

— Você está morto?

*Eu não sei.*

— Você me conhece?

*Não.*

Eu começo a andar pela sala. Parece que minhas pernas estão flutuando porque não sinto mais nada nelas. Minha pele está formigando de excitação. Ou medo. Eles sentem o mesmo para mim às vezes.

— Estou tendo uma conversa com um piano, — murmuro. — O que diabos está acontecendo?

Eu tenho que estar sonhando. Estou dormindo agora. Ou isso ou alguém está me batendo. Provavelmente estou em algum programa de pegadinhas. Inferno, Layla provavelmente nos inscreveu em um programa de pegadinhas para me dar mais notoriedade.

Talvez alguém de fora da sala esteja se divertindo com isso. Eu deveria fazer perguntas que ninguém saberia responder, a menos que estivessem aqui comigo. Eu olho para

a câmera de segurança. *Talvez seja isso?* Alguém da empresa de segurança acha que é uma brincadeira divertida? Tiro a coberta de uma das almofadas do sofá. Eu atiro para a câmera e cubro.

*Eu levanto cinco dedos.*

— Estou segurando três dedos?

*Não.*

— Um?

*Não.*

— Cinco?

*Sim.*

Eu deixo cair meu braço. — Estou ficando louco? — Eu sussurro para mim mesmo.

*Eu não sei.*

— Essa pergunta não era para você. — Sento no sofá e esfrego minhas mãos no rosto. — Você está sozinho?

*Sim.*

Espero um pouco antes de fazer outra pergunta. Estou tentando absorver tudo o que aconteceu na última meia hora, mas ainda estou tentando lançar explicações para mim mesmo.

Nenhuma tecla é pressionada enquanto estou sentado em silêncio. Minha adrenalina nunca foi tão alta. Quero acordar Layla e mostrar a ela o que está acontecendo, mas estou reagindo a isso como se tivesse encontrado um cachorro de rua e não um totalmente diferente... *reino*. Layla disse isso uma vez. Que ela pensa que existem reinos diferentes. *Porra. Talvez ela estivesse certa.*

Isso me faz querer contar a ela sobre isso ainda mais, mas estou preocupado que vá assustá-la. Ela pode querer ir embora. Teremos que arrumar nossas coisas e entrar no carro, e então nunca terei respostas para todas as milhares de perguntas que se formaram nos últimos minutos. Tipo, o que é essa coisa? *Quem* é essa coisa?

— Você pode se mostrar para mim?

*Não.*

— Porque você não quer?

*Não.*

— Porque você não sabe como?

*Sim.*

Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo e, em seguida, agarro minha nuca enquanto caminho até uma das estantes que se alinham nas paredes. Preciso de mais provas de que não é uma brincadeira. Não é tão fácil suspender uma vida inteira de crenças em um dia.

— Puxe um livro de uma dessas prateleiras, — eu digo. Uma câmera de segurança hackeada não será capaz de fazer isso.

Eu fico olhando pacientemente para a estante de livros na minha frente.

Dez segundos muito quietos e imóveis se passam; em seguida, o livro que estou focado desliza para fora da estante e cai no chão com um baque. Eu olho para o livro em total descrença.

Abro a boca, mas não sai nada.

Eu ando pela sala por alguns minutos. Penso em tudo o que aconteceu até agora e acho que talvez esteja anestesiado. Em descrença.

— Você tem um nome?

*Sim.*

— Qual é?

Nada acontece. Nenhuma tecla é pressionada. Eu percebo que a pergunta não pode ser respondida usando uma das teclas do piano. Comecei a descobrir como as palavras podem ser soletradas usando as teclas do piano quando ouço um barulho. Eu olho para o meu laptop, que está em cima do piano. Está abrindo.

Meu documento do Word aparece.

As letras estão sendo digitadas no documento do Word.

*W... i... l... l... o... w...*

Eu dou um passo rápido para longe do laptop.

Estou extremamente inquieto agora.

Antes, com o piano, eu sentia que ainda tinha uma pequena chance de explicar isso. Tecla do piano com defeito. Um rato nas cordas. *Alguma coisa.*

Mas depois do livro, e agora isso - essa é uma conversa completa com... *nada*. Ninguém está aqui além de mim, de modo que só resta uma explicação.

Fantasmas são reais.

E o nome deste é Willow.

Eu fico olhando para o computador por tanto tempo que a tela escurece. Então meu laptop fecha, sozinho, sem fios conectados, sem explicação – isso é uma loucura, *uma boa noite do caralho.*

Eu saio da sala.

Quando chego ao quarto, abro a gaveta onde Layla guarda todos os seus remédios. Ela tem três prescrições. Um é para a ansiedade, outro é para ajudá-la a dormir, o outro é um analgésico.

Eu tomo um de cada.

# *A Entrevista*

— Por que você foi embora quando ela disse o nome dela?

Eu ri. — Por que não fui embora quando o fogão desligou sozinho? Ou quando o laptop fechou em minhas mãos? Eu não sei. Eu era difícil de vender, eu acho. Não é fácil para uma pessoa simplesmente mudar todo o seu sistema de crenças no espaço de meia hora.

O gravador ainda está ligado quando diz: — Aconteceu mais alguma coisa naquela noite?

Abro a boca para dizer não, mas nós dois olhamos para o teto assim que ouvimos um estrondo. Deixo a cozinha e subo as escadas correndo.

Layla ainda está amarrada à cama, mas a lâmpada na mesa de cabeceira foi derrubada. Ela está me olhando com calma. — Deixe-me ir ou vou quebrar alguma outra coisa.

Eu balancei minha cabeça. — Eu não posso.

Ela levanta a perna e chuta a mesa de cabeceira. Ela desliza trinta centímetros pelo chão, e então ela a chuta novamente, derrubando-a.

— Socorro! — Ela grita. — AJUDE-ME!

Ela sabe que alguém está lá embaixo e, embora saiba que alguém está na casa, não tem ideia de que ele não está aqui para ajudá-la a escapar. — Ele não está aqui para ajudar você, Layla, — eu digo. — Ele está aqui para nos ajudar a obter respostas.

— Eu não quero respostas! Eu quero ir *embora!*

Eu a vi chateada desde que tudo isso começou, mas não tenho certeza se ela está *tão* chateada. Parte de mim só quer soltá-la e deixá-la ir, mas se eu fizer isso, só vai significar problemas para mim. Ela iria direto para a polícia. E qual seria a minha desculpa? Um fantasma me fez fazer isso?

Se não me prenderem, vão me mandar para um hospital psiquiátrico.

Pego o rosto de Layla em minhas mãos. Meu aperto é firme, mas ela não fica parada, e preciso que ela me olhe nos olhos. — Layla. Layla, me *escute*.

Lágrimas escorrem pelo seu rosto. Ela está respirando pesadamente, inalando suspiros trêmulos. O branco de seus olhos ficou vermelho de tanto chorar.

— Layla, você sabe que isso está fora do meu controle. Você *sabe* disso. Você viu o vídeo. — Eu limpo as lágrimas de suas bochechas, mas mais as seguem. — Mesmo se eu fosse desamarrar você, você seria incapaz de sair.

— Se eu não posso sair, então por que tenho que ficar amarrada? — Sua voz está chorosa — uma dor gutural. —

Desamarre-me e me deixe descer com você. Você pode me amarrar na cadeira, não me importo. Só não quero ficar mais sozinha aqui.

Eu quero. Mas eu não posso. Não quero que ela ouça tudo que estou prestes a admitir para o homem lá embaixo. Eu sei que ela está com medo, mas ela está segura aqui. Mesmo que ela não senta vontade.

— OK. Eu vou te levar lá embaixo comigo. — Seus olhos ficam esperançosos, mas essa esperança se desvanece quando digo: — Em breve. Preciso de mais vinte minutos e depois voltarei aqui. — Eu pressiono um beijo em sua testa. — Vinte minutos. Eu prometo. — Coloquei a mesa de cabeceira de volta perto da cama. Coloco o abajur quebrado em cima dele e volto para a cozinha. Meus pés ficam mais pesados enquanto desço as escadas. Quanto mais tempo eu mantendo Layla presa contra sua vontade, mais culpado me sinto e mais difícil será para ela me perdoar.

Isso vale a pena? As respostas para mim e para Willow valem o que estou fazendo Layla passar?

— Ela está bem? — O homem pergunta quando eu volto para a cozinha.

— Não, ela não está bem. Ela está amarrada a uma cama. — Sento-me com um baque e pressiono meu rosto nas palmas das mãos. — Vamos acabar com isso para que eu possa descobrir o que fazer com ela.

— Ela sabe por que estou aqui?

— Não.

— Ela sabe alguma coisa?

— Um pouco. Mas ela acha que tudo está relacionado ao ferimento na cabeça. A perda de memória. Ela não sabe que não tem nada a ver com ela.

— O que ela pensa sobre você mantê-la trancada dentro desta casa?

— Ela acha que eu sou um monstro.

— Por que você simplesmente não a deixa sair?

É uma pergunta tão simples ter tantas respostas complicadas. — Porque talvez ela esteja certa. Talvez eu seja um monstro.

Ele acena com a cabeça, quase com simpatia. Não sei como ele pode olhar para mim sem julgamento, mas é exatamente como ele está olhando para mim agora. Quase como se ele tivesse visto isso antes. — Depois do incidente com o piano, você falou com Willow novamente naquela noite?

Eu estou mexendo minha cabeça. — Não, adormeci. Dormi doze horas por causa dos comprimidos que tomei. Quando acordei, Layla decidiu que queria outro dia de piscina, apesar das queimaduras de sol. Ela ficou sob o dossel e leu um livro na sombra. Eu me juntei a ela porque eu só queria ficar fora de casa. Fiquei inquieto depois do que acontecera na noite

anterior. Mas o tempo todo que estivemos fora, eu estava no meu telefone. Distraído pelas câmeras, esperando algo mais acontecer. Falando para as pessoas no fórum.

— Você falou com Willow de novo naquele dia?

— Chad e Aspen acabaram aparecendo por volta das cinco horas da tarde. Eu nem tentei me comunicar com Willow. Tentei esquecer que tinha acontecido, mas Willow tornou isso impossível.

— Como assim?

— Ela se juntou a nós para jantar.

## Capítulo Dez

— Vocês têm planos para o seu aniversário? — Eu pergunto. Estou tentando acompanhar a conversa — fingir que estou mentalmente envolvido neste jantar. Mas minha mente não tem estado no jantar.

— Apenas praticando nosso bebê em nossa viagem, — Chad diz, sorrindo na direção de Aspen.

— Nós não estamos. Ainda estou fazendo controle de natalidade, — diz Aspen.

— É por isso que eu disse *praticar*, — Chad diz. Ele me olha. — Fizemos um desvio para Hutchinson no caminho para cá hoje. Já foi ao Salt Mine Museum?

Eu tomo um longo gole da minha cerveja e então digo, — Não.

— Fizemos sexo na mina, — diz Chad, sorrindo para Aspen.

Eu olho para Layla. Ela está se encolhendo.

Aspen geme e diz: — Por favor, pare de falar sobre nossa vida sexual.

— Sim, — diz Layla. — Por favor.

Quero implorar para ele parar também, mas, honestamente, mal estou nessa conversa. Chad era tolerável quando eles chegaram aqui algumas horas atrás, mas isso foi antes das oito cervejas.

— Mal posso esperar até o fim da fase de lua de mel, — murmura Aspen. — Você está me cansando.

Chad ri e pega a mão dela, beijando as costas dela. Aspen parece derreter um pouco com essa ação.

Layla ainda está segurando seu garfo, se encolhendo para Chad.

— Como foi a estadia até agora? — Aspen perguntou. — É meio estranho ver este lugar tão vazio.

— Tem sido bom, — diz Layla, parecendo aliviada com a mudança de assunto. — Ter a piscina só para nós é a minha parte favorita, embora provavelmente comece a ter bolhas se não ficar dentro de casa.

— É uma loucura o lugar estar à venda agora, — diz Aspen. — Não seria legal ter uma pousada?

— Parece muito trabalho, — diz Layla.

Eu afundo um pouco com essa resposta, me perguntando se Layla realmente se sente assim agora. Ela corta um pequeno pedaço de sua pizza. É uma pizza caseira — Aspen cozinhou. Layla costumava fazer isso, mas ela não cozinha desde a cirurgia. A crosta é espessa e as coberturas têm 2,5

centímetros de altura, por isso é difícil de comer com as mãos. Chad é o único na mesa que não come com garfo.

— Eu odiaria viver aqui, — Chad diz. — Você sabe a que distância fica a loja de bebidas? Longe. E estamos sem cerveja.

Aspen agarra a garrafa de vinho que está no centro da mesa e a desliza para ele. — Sobraram alguns desses, — ela sugere.

— Prefiro que você não beba todo o meu vinho, — diz Layla. — Há um armário de bebidas acima da pia.

Chad se anima com esse comentário. Eu gostaria que ela não tivesse dito isso. Chad atingiu seu limite há cerca de três cervejas, mas ele se levanta e vai direto para a bebida mesmo assim.

Aspen se serve de mais vinho.

Estou olhando para Layla, porque ela apenas enrijeceu em seu assento. Às vezes, quando isso acontece, é por causa da ansiedade.

Eu fico focado nela, observando cada movimento seu, esperando que ela não esteja experimentando o início de um ataque de pânico – mas algo sobre como ela está se segurando agora está me preocupando.

Ela segura o garfo e pega a fatia de pizza com as mãos. Ela dá uma grande mordida. Então outra. Ela segura a pizza

com a mão direita enquanto pega sua taça de vinho e toma um gole.

— Isso é tão *bom*, — diz ela, sua voz à beira de um gemido, como se ela não comesse há dias. Chama a atenção de todos. Ela enfia o resto da pizza na boca.

Aspen olha para ela como Layla estava olhando para Chad antes – com um pouco de nojo. Layla se levanta de sua cadeira e alcança a bandeja de pizza, pegando outra fatia com as mãos.

Ela se estrela de volta em sua cadeira e enfia o máximo de pizza que pode na boca. Ela está fazendo aquela coisa de novo – comer como se sua vida dependesse disso. Aspen apenas continua a encará-la com horror enquanto ela enfia metade da fatia de pizza na boca.

— Nojento, — diz Aspen. — Use seu garfo.

Layla faz uma pausa e olha para Aspen; então ela dá sua atenção para mim. Seus olhos estão repentinamente apoligéticos. Envergonhado. Ela dá outra mordida rápida e enorme e, em seguida, bebe toda a sua taça de vinho de uma vez.

Assim que Layla pousa o copo, ela hesita. Em seguida, sua mão vai para a testa e ela geme, fechando os olhos com força. — Oh Deus. Minha cabeça dói. — Ela massageia a testa e depois abaixa a mão, abre os olhos e depois... gritos.

O barulho inesperado faz todos nós pularmos em nossas cadeiras.

Seu grito faz *Aspen* gritar. — O que é isso? — *Aspen* diz, afastando-se da mesa. — É uma aranha? — Ela se arrasta para a cadeira. — Cadê?

Layla está balançando a cabeça, mas não diz nada. Ela está olhando para seu prato vazio de comida. Ela se levanta e se afasta da mesa — uma expressão de puro terror em seu rosto.

— Pegue um pouco de água para ela, — digo a *Aspen* enquanto me levanto. Eu ando até Layla, e suas costas estão apoiadas na parede agora, seu corpo está tremendo. Ela inspira e expira muito lentamente, mas ainda não tira os olhos da mesa.

Eu coloco uma mão gentil em sua bochecha e puxo seu olhar para o meu. — Layla, você está bem?

Ela balança a cabeça, mas suas mãos estão tremendo quando ela agarra o copo d'água que *Aspen* traz para ela. Ela engole tudo e quase deixa cair o copo quando o devolve.

— Não me sinto bem, — diz ela, virando-se para sair da cozinha.

Eu aigo escada acima e, assim que ela chega ao nosso quarto, vai direto para a cômoda e se atrapalha com seu frasco de comprimidos. Suas mãos estão instáveis e ela derrama alguns dos comprimidos quando abre a tampa.

Eu me abajo e os pego, em seguida, pego o frasco dela e coloco os comprimidos perdidos de volta dentro. Ela está se arrastando para a cama quando fecho a gaveta da cômoda.

Sento-me ao lado dela, e ela está enrolada em posição fetal no centro do colchão. Eu puxo as cobertas sobre ela, passando minha mão suavemente por seu cabelo. — O que aconteceu lá embaixo?

Ela balança a cabeça, descartando minha pergunta. — Nada. Eu simplesmente não me sinto bem.

— Você acha que comeu muito rápido? — Eu sugiro.

Ela se vira e puxa as cobertas até o queixo. — Eu não *comi*, — diz ela. Suas palavras saem cortadas — cheias de raiva e confusão. Quero perguntar a ela o que ela quer dizer com isso, mas parte de mim já sabe.

Ela está tendo apagões. Convulsões silenciosas, talvez? Ela já teve uma antes - no hospital. Mas foi só uma, então eles decidiram não dar remédio ‘pra’ ela. Devo ligar para o neurologista dela amanhã.

Apago o abajur ao lado da cama e a beijo. — Eu irei verificar você em breve.

Ela balança a cabeça e puxa as cobertas sobre a cabeça.

Ela tem dormido muito. Mais do que o normal. Juntamente com os apagões e o comportamento estranho — eu realmente acho que ela precisa ver um neurologista.

Mas também temo que não tenha nada a ver com o ferimento na cabeça.

Sento-me ao lado dela por alguns minutos, hesitante em voltar para baixo. Parte de mim não quer deixá-la sozinha, mas preciso limpar a cozinha.

As rodas estão girando em minha mente enquanto desço as escadas.

Aspen está carregando o lava-louças quando eu volto para lá. Chad plantou o rosto na mesa, um copo de algum tipo de bebida alcoólica na mão. Ele não está totalmente desmaiado porque está murmurando algo ininteligível.

— Ela está bem? — Aspen pergunta.

Eu nem tento cobrir Layla porque estou confuso e cheio de perguntas. — Eu não sei. Ela diz que está com dor de cabeça.

— Tenho certeza de que ela terá enxaquecas pelo resto da vida, — diz Aspen. — Efeito colateral de levar um tiro na cabeça, infelizmente.

Aspen saberia. Afinal, ela é enfermeira. Tenho certeza de que ela viu recuperações muito piores do que as que Layla está passando.

Aspen coloca o último prato na máquina de lavar louça.  
— Eu preciso levar Chad para cima. Pode me ajudar?

Eu sacudo Chad até que ele abra os olhos, e então puxo seu braço e digo: — Vamos para a cama, amigo.

Ele greme. — Eu não quero ir para a cama com você, Leeds. — Ele tenta me empurrar para longe dele, mas eu envolvo seu braço sobre meus ombros.

— Estou levando você para a cama da sua esposa.

Ele para de me afastar com esse comentário. Ele levanta a cabeça e olha ao redor da sala até encontrar Aspen do outro lado dele. — Estou bêbado demais para foder?

Aspen concorda. — Isso aí, amor. Bêbado demais. Talvez amanhã.

Ele abaixa a cabeça como se estivesse desapontado consigo mesmo, mas nós o tiramos da cadeira e o colocamos em pé. Ele resmunga o tempo todo que o ajudamos a subir em seu quarto. Assim que o colocamos na cama, Aspen me leva até a porta do quarto. — Provavelmente estaremos na estrada antes de você acordar. Se eu não vir Layla, diga a ela que nos divertimos.

— Não foi tão divertido, — eu digo com uma risada.

Aspen dá de ombros. — Sim, estou tentando ser legal. Talvez possamos voltar antes de vocês partirem. Não é muito longe de Wichita.

Digo boa noite a ela e saio do quarto, em seguida, verifico Layla. Não sei se ela já dormiu, mas ainda está com as cobertas

cobrindo a cabeça. Deixo a porta do nosso quarto aberta porque quero poder ouvi-la se ela me chamar. Desço as escadas para o Grand Room e pego meu telefone, em seguida, sento-me no sofá.

Eu assisto o vídeo do jantar três vezes no meu aplicativo de segurança. Cada vez, noto pequenas coisas que fazem todo o evento parecer cada vez mais estranho. Houve uma mudança em sua postura. Uma diferença na maneira como ela deixou de ser envolvida na conversa e passou a ignorar completamente todos ao seu redor. A maneira como ela segurava a cabeça antes de gritar. A coisa toda era estranha.

*Mas o que mais é normal?*

Pode ser um apagão. Podem ser convulsões silenciosas. Mas aqueles dois minutos eram tão incomuns dela ultimamente. Exatamente como quando ela pirou depois de comer pasta.

Não consigo parar de pensar nas três palavras que ela disse enquanto eu a estava aconchegando.

— *Eu não comi.*

Pego meu laptop e vou para a cozinha. Abro o mesmo documento do Word que contém as palavras *Sinto muito por ter assustado você* e o nome *Willow*.

Suspiro completamente de minha descrença por alguns segundos e digito uma pergunta.

*Aquilo foi você?*

Afasto o laptop alguns centímetros de mim e o observo atentamente. Quase imediatamente, letras aparecem na tela.

*Sim.*

Eu sinto essas três letras como socos em meu estômago, minhas costas, minha mandíbula.

Acho que finalmente aceitei que esta casa veio com algum tipo de espírito, mas acreditar que o espírito pode assumir o controle do corpo de Layla é algo totalmente novo de se processar.

Isso é real. É real ‘pra’ caralho, e eu não posso mais negar.

Eu começo a pensar nos dias que estivemos aqui. Naquela primeira noite... quando Layla estava olhando para si mesma no escuro. O jantar em que Layla comeu mais carboidratos em dois minutos do que em seis meses. Seu comportamento no jantar *esta noite*.

Nenhum desses momentos foi Layla.

Quantos outros momentos não foram Layla?

Meu coração começa a bater mais forte. Não necessariamente mais rápido – apenas mais forte e mais alto, me deixando ciente de sua batida mais do que apenas no meu peito. Eu sinto que deveria estar com medo, como se meu coração estivesse fora de controle, mas não estou com medo. Na verdade, estou com raiva. O que quer que seja – seja lá

quem for -- não gosto que eles tenham usado Layla como fizeram.

Mas também estou com raiva de mim mesmo, porque preciso ver isso novamente. Preciso saber que não é Layla enlouquecendo. Preciso saber que não *sou eu* ficando louco.

Preciso de respostas para todas as perguntas que nunca soube que tinha.

*Quero que você faça de novo, eu digito. Eu quero poder ter uma conversa real com você.*

Eu fecho o laptop, não dando a quem estou falando a chance de recusar meu pedido. Mas também não me movo. Se isso está realmente acontecendo, quero que provem sua existência de alguma outra maneira. Quero ver a mudança em Layla com meus próprios olhos enquanto sei exatamente o que está acontecendo.

Eu não vou escada acima. Quero que quem quer que seja venha até mim, então fico sentado na cozinha por vários minutos. Meu coração bate cada vez mais forte enquanto espero.

Não ouço uma porta se abrir, mas ouço passos quando eles começam a descer as escadas. É uma descida lenta, com cada degrau estalando sob o peso de quem se aproxima da cozinha.

Não olho para trás enquanto quem quer que seja entra na sala. Meu olhar permanece paralisado na mesa à minha frente.

Sinto o cheiro do perfume de Layla antes de vê-la, então sei que não é Aspen ou Chad. Calafrios sobem pela minha espinha e se espalham sobre meus ombros e braços enquanto ela caminha ao meu redor. Eu ainda não olho para ela. É a primeira vez que sinto medo de verdade desde o início, porque não sei o que esperar.

É Layla? Ela desceu em uma sincronia estranhamente impercável?

Ou Layla está dormindo em algum lugar lá?

Eu finalmente faço contato visual com ela quando ela puxa a cadeira para se sentar. É Layla.

*Mas não é.*

Há algo diferente sobre ela – como se ela estivesse olhando para mim como se ela fosse tão estranha comigo quanto eu sou com ela. Ela parece assustada. Ou talvez seja mais curiosidade do que medo.

Ela puxa uma perna e coloca um pé descalço na cadeira, envolvendo os braços em volta do joelho. Ela deita a cabeça no joelho e apenas me encara.

— Layla? — Minha voz é um sussurro, mas não porque estou tentando ficar quieto. Só não tenho muita voz agora porque há mais trepidação presa na minha garganta do que ar.

Ela balança a cabeça.

— Willow?

Ela concorda.

Eu me inclino para frente sobre a mesa e solto uma respiração profunda, massageando minha testa com a mão.  
*Que porra é essa?*

— Você não vai correr? — Ela pergunta. A voz dela é a voz de Layla, mas sai diferente. Sua voz soa divertida, ao contrário da voz de Layla.

— Eu devo?

— Não.

Isso é tão estranho. Como posso estar olhando para Layla enquanto vejo outra pessoa totalmente me encarando?

Eu oficialmente perdi minha cabeça. A idade média de início da esquizofrenia em homens não é o início dos vinte anos? Talvez seja isso. Talvez eu seja apenas esquizofrênico. Eu acreditaria nisso antes de acreditar que estou testemunhando um espírito possuir um corpo. — Estou ficando louco?

Ela encolhe os ombros. — Você já perguntou isso antes. Ainda não sei a resposta. — Ela olha por cima do ombro para a geladeira. — Posso tomar um pouco de suco?

*Suco?*

*Ela quer suco?*

Eu aceno e começo a recuar na minha cadeira, mas ela levanta a mão. — Eu posso pegar. — Ela vai até o armário e pega um copo. Ela abre a geladeira e tira a garrafa de suco de laranja. Eu apenas a observo, meio que cativado por tudo isso. Ela se comporta de maneira diferente de Layla. Há uma maneira quase caprichosa de como ela se move, como se não houvesse um pingo de ansiedade prendendo-a.

Ela se inclina contra o balcão da cozinha e bebe o suco. Ela suspira, pressionando o copo contra a bochecha por um momento, quando ela termina. Seus olhos estão fechados como se ela estivesse saboreando o gosto do suco em sua língua. — Isso é tão bom. — Ela lava o copo e depois o coloca de volta no armário.

— Você faz muito isso?

— Fazer o que? — Ela se senta novamente à mesa, puxando a perna para cima novamente. — Roubar seus mantimentos?

Eu concordo.

— Não. Eu preciso de um corpo para fazer isso. Não gosto de usar o corpo de Layla, a menos que seja necessário. É um pouco estranho.

— Um pouco?

— Meu normal e o seu normal não são os mesmos.

— Qual é o seu normal?

Ela olha para o teto pensativa. — Nada.

— O que você quer dizer?

— Meu normal é nada. Eu só... existo. Mas eu *não* existo. Eu *não* sei - é difícil de explicar.

— Você é um fantasma?

— Eu *não* sei.

— À quanto tempo você esteve aqui?

— Não sei. O tempo é estranho. É como se não contasse para mim. — Ela traça um arranhão antigo na mesa com o dedo. — Certa vez, fiquei olhando para um relógio na parede da sala de estar por oito dias corridos, só para ver quanto tempo eu conseguia ficar olhando para a parede.

— Você *não* dorme?

— Não. Não durmo, mas estou sempre cansada. Não como, mas estou sempre com fome. Não posso beber, mas estou sempre com sede. Estou começando a pensar que talvez seja o inferno, porque não há nada pior do que ficar eternamente faminto.

Isso é surreal. Ela está no corpo de Layla agora, mas é tão diferente da Layla com quem estive o dia todo. — Há outros aqui como você?

Ela balança a cabeça. — Não nesta casa. Estou sozinho.

— Você pode sair?

Ela encolhe os ombros. — Eu não sei. Estou com muito medo de tentar.

— Do que você tem medo?

Ela levanta um ombro. — Outras coisas como eu, talvez?

Eu levanto uma sobrancelha. — Um fantasma com medo de outros fantasmas?

— Não é tão improvável, — diz ela. — Os humanos têm medo de outros humanos.

— Você tem medo de mim?

Novamente, ela levanta um ombro. — Eu não sei. Acho que não. Mas pode ser apenas que eu esteja dentro do corpo de Layla agora, então eu sinto alguns de seus sentimentos. Você a faz se sentir confortável.

É bom saber disso. — Como você se sentiu quando aparecemos aqui?

Ela abaixa a perna e se recosta na cadeira. — Nervosa. Eu não queria vocês aqui. É por isso que fechei seu laptop quando você estava enviando um e-mail ao corretor de imóveis sobre a compra desta casa.

— Então era você?

— Eu normalmente não faço coisas assim. Tento manter nossos mundos separados.

— Você não está agora.

— Isso é porque você me pediu para fazer isso - para falar com você através de Layla. Eu não *quero* fazer isso.

— Mas você fez. Duas vezes já. Talvez três vezes. Certo?

Ela solta um suspiro frustrado. — Sim, mas isso é só porque às vezes é tortura. Eu não posso evitar. — Ela se levanta e começa a vasculhar os armários. Ela encontra um saco de batatas fritas e depois volta para a mesa, mas ela se senta *na* mesa desta vez, colocando os pés na cadeira. Ela coloca um chip na boca. — Eu não sabia que poderia fazer isso no início, — diz ela. — Não até a noite em que vocês apareceram. Já houve outras pessoas aqui antes, mas nunca tentei entrar nelas. Eu nem sabia que *poderia*. Mas eu estava com tanta fome. — Ela come outra batata frita. — Você não tem ideia de como é saber como é a sensação de fome... e sede... mas não pode comer ou beber. E já faz tanto tempo que este lugar foi aberto. Sentia falta do cheiro de comida, e macarrão deve ser minha coisa favorita, porque quando eu estava assistindo Layla pegá-la, tudo que eu queria fazer era prová-la. Isto simplesmente aconteceu. Eu não queria que isso acontecesse.

— Quantas vezes você já fez isso?

— Apenas algumas vezes, — diz ela, enxugando as migalhas de seus dedos na camisa de Layla. — Duas vezes no jantar. Uma vez, enquanto você estava dormindo no sofá. E uma vez quando eu estava olhando para ela no espelho do

quarto lá em cima. Tentei ser discreta, mas você percebe todas as vezes.

— Você não é imperceptível. É uma mudança óbvia quando você está dentro dela.

— Sou uma péssima atriz, o que posso dizer?

— Como você fica quando não está dentro de Layla?

Ela ri. É a risada *de Layla*, porém, que faz meu coração apertar um pouco. É estranho – outra pessoa rindo com a risada de Layla. Já faz muito tempo desde que ouvi isso.

— Eu não pareço com nada. Eu não existo em uma forma física. Não consigo ver nada quando me olho no espelho. Não é como os fantasmas dos filmes com vestidos brancos esvoaçantes. Eu sou apenas... *nada*. Eu sou pensamentos. Sentimentos. Mas eles não estão realmente apegados a nada tangível. É estranho, eu acho, mas é tudo que eu sei.

Estou tentando pensar em mais perguntas para fazer, mas é difícil quando estou cheio de tanta adrenalina. Sinto que deciframos alguns códigos ao nos comunicarmos dessa forma. Ou talvez tenhamos quebrado alguma regra implícita.

Quero ficar animado com a ideia de tudo isso, mas é difícil abandonar vinte e cinco anos de descrença.

— Layla... se isso é algum tipo de brincadeira...

Ela balança a cabeça. — Não é. Eu não sou Layla. Sou Willow.

A ideia de que Layla iria para esses dias para mentir para mim sem motivo é de alguma forma mais inacreditável do que Layla sendo possuída por um fantasma. Tudo o que posso fazer é acreditar nessa garota – ou pelo menos  *fingir* que acredito nela – enquanto tento obter mais respostas. — Quantos anos você tem?

— Eu não sei. Nem sei se tenho idade, se isso faz sentido. Como eu disse antes, o tempo não é realmente uma coisa para mim.

— Então você não sente que há um fim para sua vida?

— Eu simplesmente não penso sobre isso. Não como os humanos fazem. Quando literalmente não há nada que eu possa fazer ou ansiar por fazer... nem mesmo refeições ou cochilos. Ou as coisas maiores, como envelhecimento e morte... que importância tem o tempo?

Ela come várias outras batatas fritas em silêncio. Então ela pega um refrigerante da geladeira e se senta na cadeira enquanto bebe. Cada vez que ela toma um gole ou uma mordida na comida, é como se ela o apreciasse com a sensação de um milhão de papilas gustativas. Isso me faz sentir como se tivesse dado tudo que já provei como garantido.

— É diferente estar no corpo dela?

Ela acena imediatamente. — Sim. É muito confuso. Existem memórias que não pertencem a mim. Sentimentos que não são meus. Mas essa é a coisa-quando *não* estou dentro

dela, eu sinto muito pouco, e eu não tenho memórias em tudo. Então, eu meio que gosto de estar dentro dela, mesmo que pareça errado, como se eu não devesse fazer isso.

— Você tem as memórias dela?

Ela concorda. — Sim, mas estou tentando não ser intrusiva.

— Você consegue se lembrar das coisas que aconteceram entre mim e Layla?

Ela olha para sua lata de refrigerante. Eu vejo suas bochechas corarem um pouco de vergonha, e isso me faz pensar que memórias causaram esse sentimento nela.

— Você a conheceu aqui.

Eu aceno para que ela saiba que a memória está certa.

Ela sorri. — Ela ama você.

— Você pode sentir isso?

— Sim. Ela te ama muito. Mas ela também está preocupada.

— Sobre o que?

— Que você não a ama tanto quanto ela te ama.

Eu posso sentir meu rosto cair um pouco com essa confissão. Não quero que Layla se sinta assim. Não quero que

ela se sinta menos amada do que realmente é, nem cheia de ansiedade ou medo.

— Ela vai se lembrar dessa conversa? De você assumindo o controle dela?

Ela balança a cabeça. — Não. Ela não se lembrava das vezes que eu comia sua comida. Ela só acha que está tendo problemas de memória. — Seus olhos se estreitam. — Alguma coisa ruim aconteceu com ela. Isso a afetou. Muito.

— Sim. Afetou.

Uma porta se abre no andar de cima e rouba minha atenção. Nós dois olhamos para a entrada da cozinha. *Merda*. Esqueci que Aspen e Chad ainda estavam aqui. — Você pode deixar o corpo dela? Provavelmente é a irmã dela.

Willow balança a cabeça. Há uma nova aparência de desconforto nela. — Não sei se é uma boa ideia. Layla vai pirar se eu deixar seu corpo agora. Ela estará na cozinha quando acordar e não terá nenhuma lembrança de como chegou aqui.

Aspen apareceu na porta. — Pensei ter ouvido vocês dois. — Ela caminha até Layla — até Willow — e agarra o saco de batatas fritas dela. Aspen se senta ao lado de Willow. — Chad mijou na cama. Mudei os lençóis, mas tenho certeza de que o colchão precisará ser limpo agora. — Ela olha para Willow. — Sua culpa por mostrar a ele onde estava a bebida.

Willow olha para mim com os olhos arregalados, como se ela estivesse com medo de dizer qualquer coisa para Aspen.

Eu empurro minha cadeira para trás. — Eu cuidarei disso amanhã. Nada demais. — Eu olho para Willow. — Você está pronta para dormir, Layla?

Ela balança a cabeça e começa a se levantar, mas Aspen agarra sua mão e faz beicinho. — Não, fique. Não consigo mais te ver e não consigo dormir.

Willow olha para mim e depois para Aspen e depois de volta para mim. Ela relutantemente se senta novamente. Não quero deixá-la aqui sozinha, então me sento de novo com ela. Aspen parece aliviada por ter a companhia, mas Willow parece com medo de falar — como se Aspen fosse descobrir imediatamente que ela não é Layla agora.

— Vocês terminaram a pizza? — Aspen perguntou.

— Não, ainda está na geladeira.

Ela caminha até a geladeira para pegar a pizza, e Willow inclina os cotovelos sobre a mesa, segurando sua testa. Ela murmura, *o que eu faço?*

Sinceramente não sei. E é estranho que ela esteja *me* perguntando como lidar com isso, como se eu tivesse alguma experiência com essas coisas. Tento desviar Willow com a única coisa que sei sobre ela. Ela gosta de comida. — Quer pizza?

Ela faz uma pausa e depois acena com um leve sorriso.

— Eu quero, na verdade. Mais dois pedaços. E outro refrigerante.

Todos os próximos minutos são surreais. Eu faço um prato para Willow, e então Aspen se senta ao lado dela. Aspen tem falado sem parar, enquanto Willow apenas come. Eu mantendo Aspen falando, compondo quase metade da conversa para que Willow não tenha que falar muito. Ela está um pouco mais relaxada do que quando Aspen veio pela primeira vez aqui. Ela está se concentrando principalmente na comida à sua frente.

Isso dura até Aspen dizer: — Você contou a Leeds o que aconteceu enquanto eu preparava a pizza?

Eu olho para Willow, e seus olhos se arregalam.

— Meu Deus, — diz Aspen. Ela começa a rir enquanto acena com a mão de Layla para mim. — Diga a ele, Layla. Foi tão engraçado.

Eu posso ver o medo nos olhos de Willow — como se estivéssemos prestes a ser pegos. Eu sei que Willow disse que ela tem acesso a memórias de Layla, mas eu não estou certo de quão precisas são. E se Willow não estivesse na cozinha enquanto elas cozinhavam pizza, ela não teria essa memória.

— Ela já me disse, — eu digo. Não tenho ideia do que Aspen está falando, mas não quero colocar Willow em perigo. Eu me levanto. — Nós realmente precisamos dormir um pouco.

Willow balança a cabeça e se afasta da mesa. — Sim, estou exausta. E ainda tenho aquela maldita dor de cabeça. —

Ela se abaixa e abraça Aspen. — Boa noite. Obrigada por ter vindo.

Aspen joga a mão para o ar. — Sério? Eu vi você duas vezes desde que me casei.

Estou puxando Willow pelo braço enquanto saímos da cozinha. — Por que vocês não ficam mais amanhã?

Aspen revira os olhos. — Não podemos. Devemos estar no Colorado amanhã à noite, e Chad vai me fazer dirigir a maior parte dele até que sua ressaca passe. — Ela acena em direção à escada. — Vocês dois vão para a cama. Vou limpar minha bagunça.

Willow não perde tempo. Ela diz boa noite novamente e sobe as escadas correndo. Eu a sigo, mas quando estamos no quarto e fecho a porta, tenho que me encostar na porta e exalar várias vezes para acalmar meus nervos.

Os últimos quinze minutos inteiros com Aspen me deixaram mais nervoso do que o fato de haver um fantasma usando o corpo da minha namorada.

— Isso foi intenso, — diz ela, andando pela sala. — Eu tenho que ser mais cuidadosa.

— Eles partem de manhã, e então somos só eu e Layla novamente. Você não precisa se preocupar com mais ninguém.

Ela faz uma pausa. — Vocês estão ficando?

Eu concordo. — Sim. Não partimos até a próxima quarta-feira.

— Você não está com raiva de mim?

— Pelo o quê?

Ela acena com a mão por todo o comprimento de seu corpo. — Por isto. Para usar Layla.

Eu deveria estar? Eu não sei.

Eu meio que sinto pena de Willow - não estou com raiva dela. Isso vai além de qualquer coisa que eu possa até mesmo começar a compreender, então minhas reações provavelmente não são adequadas para o que realmente está acontecendo aqui.

— Eu não sou louco. Na verdade, gostaria de falar com você novamente, se isso não afetar Layla. Não quero que ela descubra sobre você ainda. Não tenho certeza se ela vai entender.

— Você entende?

Eu balancei minha cabeça. — De jeito nenhum. Sinto que vou acordar amanhã e rir de como esse sonho foi insano.

Willow olha para a cama e depois de volta para mim. — Não posso escapar dela sem que ela adormeça primeiro. Eu não quero que ela fique com medo.

— Eu concordo. — Está tudo bem. Vou sentar na cadeira até você dormir.

— Tem certeza?

— Sim. Mas eu quero falar com você novamente. Talvez amanhã à noite?

Ela acena, mas não diz mais nada. Ela simplesmente se arrasta para a cama, se cobre com as cobertas e fecha os olhos.

Eu a assisti por meia hora. E então, lentamente, o corpo de Layla relaxa.

Não vi nada que pudesse provar que Willow não está mais dentro dela, mas posso dizer que ela não está. Ela apenas mudou, ligeiramente, e agora Layla parece estar dormindo em paz. Ela se parece com a mesma Layla que eu coloquei nesta mesma cama hoje à noite.

Eu olho ao redor da sala, sabendo que Willow provavelmente ainda pode me ver. Ainda me ouve. Eu sussurro, — Boa noite, — e então me arrasto para a cama com Layla.

Passo a próxima hora fazendo perguntas e mais perguntas em minha mente, me perguntando se Layla vai se lembrar de algo do que aconteceu.

E o que isso significa para Willow? O que acontecerá quando Layla e eu partirmos na próxima semana? Ela ficará completamente sozinha de novo?

Eu caio no sono com um sentimento de simpatia correndo  
por mim maior que o medo ou culpa.



Layla

COLLEEN  
HOOVER

# *A Entrevista*

Já se passaram muito mais de vinte minutos desde a última vez que deixei Layla no andar de cima. Layla me deixa saber disso gritando meu nome repetidamente.

O homem pausa o gravador de fita. — Ela parece zangada.

Eu concordo. — Eu disse a ela que a traria para embaixo. Ela quer te conhecer.

— Layla quer?

— Sim. Tudo bem?

— Qual foi a razão que você deu a ela para eu estar aqui?

— Eu realmente não disse muito a ela ainda. Ela sabe que algo estranho está acontecendo com seu comportamento. Eu disse a ela que você poderia ter respostas.

O homem acena com a cabeça. — Traga-a para baixo, então.

Eu me sirvo de outro gole de bourbon antes de voltar para cima para desamarrá-la.

Quando entro no quarto, ela está tentando alcançar o nó da corda, mas não consegue. Tive certeza disso quando amarrei, mas admiro sua tenacidade.

Ela ouve a porta fechar, então ela vira a cabeça na minha direção. — Vinte minutos? Já faz uma *hora*.

— Eu sinto muito. — Eu começo a desamarrar suas mãos e percebo que ela está tentando puxar as cordas a ponto de suas bandagens se soltarem. Seus pulsos parecem ainda piores agora. Não sei o que mais eu poderia usar para contê-la que não doesse. Não tenho algemas e não confio nela o suficiente para sair de casa e comprar uma. — Eu preciso que você me prometa que não vai tentar nada estúpido. Eu escondi todas as facas.

— Você escondeu os garfos? Esses doem também.

Eu nem mesmo respondo a esse comentário. Depois de desamarrada, ela diz: — Eu preciso fazer xixi primeiro. — Ela vai ao banheiro, então eu a sigo e fico de olho nela.

Ela não está tão assustada quanto antes. Ela parece mais brava agora. Seus movimentos estão cheios de raiva enquanto ela liga a água para lavar as mãos.

— Então, quem é esse cara? — Ela pergunta, me seguindo para fora do banheiro.

— Eu o encontrei na Internet.

Ela faz uma pausa enquanto abro a porta do quarto. — Está brincando, né?

— O que eu deveria fazer, Layla? Ligar para a polícia e pedir ajuda?

— Você trouxe um charlatão da internet para resolver isso?

Eu coloco minha mão em suas costas e a guio para fora do quarto. — Estou fazendo o meu melhor. Agarrando a sorte agora. É tudo o que posso fazer.

Ela desce as escadas pisando forte e eu mantendo minha mão em suas costas, não porque tenha medo de que ela caia, mas porque estou preocupado que ela tente correr. Eu adicionei um par de fechos nas portas que dão para fora, então ela não terá tempo de abrir uma porta e escapar. É a única razão pela qual estou permitindo que ela desça em primeiro lugar.

Ela entra na cozinha e faz uma pausa ao vê-lo. Ela olha do homem para mim, de volta para o homem. — Você é um detetive?

— Mais ou menos, — ele diz. Ele estende a mão para apertar a dela. — Eu sou Richard.

— Randall, — eu o corrijo.

Ele olha para sua camisa. — Oh. Sim, Randall. Meu nome é Randall.

Esta foi uma má ideia.

— Você nem sabe seu próprio nome? — Layla pergunta.

— É Randall Richard, — ele diz, encobrindo sua mentira.

Layla lentamente vira a cabeça para me encontrar. Ela levanta uma sobrancelha e então olha para ele. — Você é médico?

— Um pouco.

Layla ri sem entusiasmo. — *Mais ou menos detetive. Um pouco* médico. Você é ou não é.

— Eu costumava a ser médico. Agora sou um detetive.

— Claro, — Layla diz categoricamente.

O homem se senta novamente à mesa, apontando para a cadeira à sua frente.

Layla disse: — Prefiro ficar em pé. — Ela volta sua atenção para mim. — Você fez uma verificação de antecedentes desse cara antes de trazê-lo aqui?

Eu não minto para ela. Eu apenas balancei minha cabeça.

Layla ri. — Isto é brilhante. — Ela caminha em direção à saída da cozinha. — Simplesmente ótimo. — Ela faz uma pausa e olha para mim, e é a primeira vez que ela me olha com ódio nos olhos. — Estou *indo embora*. E se você tentar me

impedir desta vez, vou gritar até alguém me ouvir ou até eu morrer. Eu realmente não me importo com o que vem primeiro.

— Não fui eu quem te impediu de sair da última vez, Layla.

Eu fico onde estou quando ela passa por mim, mas eu vejo enquanto ela atravessa o foyer e se dirige para a porta da frente. Ela destranca a fechadura de cima antes de parar, fazer uma pausa e se afastar da porta.

Ela se vira para me encarar, e posso dizer que Layla não é quem está olhando para mim agora. É Willow.

— Ela está realmente chateada, — diz Willow. Seus olhos estão cheios de preocupação. — Eu acho que você precisa amarrá-la novamente.

Eu aceno e caminho de volta até as escadas com Willow e para o quarto. Ela se senta na cama, e eu noto uma lágrima cair em sua bochecha enquanto ela levanta as mãos para mim.

— Não se sinta mal, — digo, embora eu saiba que ela se sente. Ambos sentimos.

— Eu não posso evitar. Eu odeio que estejamos fazendo isso com ela. Ela acha que você é mau e que está ficando louca.

Enrolo suas mãos antes de amarrá-las com a corda, esperando que Willow fique dentro dela o tempo suficiente para Layla adormecer. — Você esteve lá embaixo conosco esse tempo todo? — Eu pergunto a ela.

Willow acena. — Sim, mas ele não ofereceu nenhum conselho. Sem explicações.

— Eu sei, mas ele está chegando lá. Não tenho muito mais a dizer a ele, e ele poderia saber exatamente como ajudá-la. É por isso que temos que manter Layla aqui até terminarmos. Podemos precisar dela.

Willow está chorando um pouco mais forte agora. Suas lágrimas são diferentes das de Layla. Layla chora de raiva e medo. Willow chora porque é solidária com Layla.

*Deus, que teia emaranhada nós tecemos.*

Pego um lenço de papel ao lado da cama e limpo as lágrimas de seu rosto. Eu inclino seu rosto para cima. — Nós vamos descobrir isso. Eu prometo. Você pode tentar fazer Layla adormecer?

Ela concorda. Eu me inclino para frente e a beijo no topo da cabeça; então desço as escadas. Quando entro na cozinha, sinto-me culpado, mas também sinto um pouco mais de esperança do que ultimamente. Este homem viu Layla. Ele viu o que Willow pode fazer. Nada disso pareceu perturbá-lo, no entanto, isso me dá uma sensação de otimismo. Se isso não o perturbou, talvez ele já tenha visto coisas assim antes. E se ele já viu coisas assim antes, talvez ele realmente possa ajudar.

— Willow está obrigando você a fazer isso? — O homem pergunta enquanto eu me sento.

Não tenho certeza de como responder a isso. Ela não quer que a gente saia. Ela deixou isso bem claro. Mas também não lutei muito. — Eu não sei. Acho que é um esforço mútuo, infelizmente.

— Por que vocês dois não deixam Layla ir embora?

Não respondo porque a resposta me faz sentir um monstro.

O homem se inclina para frente, inclinando a cabeça. — Você está apaixonado por ela?

— Claro. Ela só está amarrada porque quero ficar de olho nela, mas não posso fazer isso se ela for embora.

— Eu não estava falando sobre Layla.

Meus olhos caem para a mesa quando percebo o que ele está insinuando. Posso sentir o calor em meu peito se espalhando para o pescoço... minhas bochechas. — Não. Não é desse jeito.

— Que jeito?

— Não é... Eu não sei. Eu me importo com Willow. Mas estou apaixonado por Layla.

— Mas você desenvolveu um relacionamento com Willow. O suficiente para colocar Layla em risco para ajudar Willow.

— Não sinto que Layla esteja em risco, — digo.

— Você certamente não a está mantendo fora de perigo, forçando-a a ficar aqui.

— Mas também não estou fazendo isso por falta de preocupação com ela. — Estou ficando agitado com sua linha de questionamento. — Olha, não importa por que estou escolhendo manter Layla aqui. Ela viu muito. Essa é uma razão boa o suficiente por si só. — Eu aceno minha mão em direção a ele. — Pergunte-me outra coisa.

Ele revira um pouco os olhos. — Tudo certo. Com que frequência você e Willow usam o corpo de Layla sem o conhecimento dela?

— Não tanto quanto fizemos no início.

— Com que frequência isso aconteceu no início?

— Muito.

## *Capítulo Onze*

A maneira como uma pessoa acorda de manhã revela muito sobre o estágio em que se encontra na vida. Antes de conhecer Layla, eu era um difícil de acordar. Eu acionaria a soneca no meu alarme cinco vezes se houvesse algum lugar que eu deveria estar. E se não houvesse, eu dormiria até que meu corpo doesse; então, rolava para fora da cama como um peso morto e arrastava os pés até o chuveiro. Eu vivi uma vida com muito pouco que me entusiasmasse.

Depois que conheci Layla, fiquei ansioso para acordar. Meus olhos se abriam e imediatamente a procuravam. Se o alarme fosse definido, eu o silenciaria ao primeiro som, com medo de que ele a acordasse porque eu queria ser a única coisa que a acordaria. Eu beijaria sua bochecha ou arrastaria meus dedos por seu braço até que ela sorrisse. Eu queria vê-la antes que ela me visse, mas também queria ser o que acordou ela.

Hoje, acordo de uma forma semelhante, mas inteiramente nova - minha pele já zumbe de ansiedade antes de estar totalmente alerta. Meus olhos se abrem e eu imediatamente procuro Layla, mas não porque eu quero ser o que a acorda. Eu quero o oposto. Eu quero sair da nossa cama sem ser detectado para que eu possa me esconder no banheiro e assistir novamente a filmagem da noite passada.

Eu tranco a porta do banheiro, ligo o chuveiro para abafar o barulho do meu telefone, e então me inclino contra o balcão. Eu pulo a filmagem de volta para o momento em que Willow entrou na cozinha e se sentou à mesa. Eu repasso toda a minha conversa com Willow, apenas para ter certeza de que realmente aconteceu e eu não sonhei com a coisa toda.

Eu não sonhei nada.

Eu fecho meu aplicativo de telefone e olho para o espelho do banheiro. É uma loucura como, há duas manhãs, acordei confiante na minha visão de mundo. Mas agora essa confiança desapareceu e foi substituída por curiosidade, fascínio e uma nova e intensa necessidade de descobrir tudo neste universo que eu não conheço.

Saber que há mais nesta vida do que os olhos veem faz com que tudo ao meu redor pareça insignificante. Minha carreira parece insignificante. Meu amor por Layla parece que importa menos para a linha do tempo da minha vida do que há dois dias.

A maioria das coisas que já me causaram estresse parecem tão sem importância agora que sei que há muito mais coisas por aí do que aquilo em que me levo a acreditar.

Minha *própria* existência parece menos importante para mim agora.

Minhas prioridades mudaram nas últimas vinte e quatro horas, mas não tenho ideia de qual é minha nova prioridade.

Layla tem sido por muito tempo agora, mas até mesmo tudo que Layla e eu passamos parece menos traumático quando você considera a possibilidade de que não apenas outros humanos tenham pior do que nós – mas outros reinos de existência tenham pior do que nós.

Sempre conto tudo a Layla, mas ainda não tenho certeza se quero falar sobre isso com ela. Mas há uma parte de mim que acredita que Layla saber a verdade sobre isso poderia de alguma forma ajudá-la. Se ela soubesse com certeza que existem outros planos de existência além daquele em que estamos, talvez o que aconteceu conosco pareceria menos significativo. Talvez, de alguma forma distorcida, isso fosse tão intrigante para ela quanto para mim, e poderia ajudar em tudo que ela está lutando.

Certamente me livrou do vazio que tenho sentido ultimamente. Não tenho certeza do que estou cheio agora, talvez apenas curiosidade e uma tonelada de perguntas. Mas já faz um tempo que não acordei com tanto entusiasmo para o dia.

Estou pronto para falar com Willow novamente.

Eu olho ao redor do banheiro, me perguntando se Willow está aqui agora. Ela nos observa o tempo todo? O que ela faz a noite toda se não dorme? O que ela está fazendo agora?

Tenho tantas perguntas para ela; não quero nem perder tempo com um banho. Fecho a água e saio do banheiro. Layla ainda está dormindo de bruços.

Deixo-a na cama e desço para a cozinha. Eu começo um bule de café e olho ao redor da cozinha, me perguntando se ela está aqui. Precisamos de uma maneira de nos comunicar quando ela não está usando Layla.

— Você está aqui? — Eu pergunto.

Digo baixinho, porque não tenho certeza se algum dia vai parecer normal - falar com nada.

Não recebo nenhum tipo de resposta, então me repito. — Willow? Você está aqui?

Eu giro quando a água na torneira da pia começa a pingar. Eu me viro e observo os pingos de água até que eles mudam para um fluxo constante, depois um fluxo pesado.

Em seguida, a água desliga-se completamente.

Sei que o medo deveria estar correndo por mim, mas a única coisa que sinto agora é ansiedade. Quero continuar de onde paramos em nossa conversa na noite passada. Eu olho ao redor da cozinha — me perguntando como podemos fazer isso. Eu tenho um telefone em minhas mãos. Eu posso usar meu telefone. Willow pode usar meu laptop.

Pego meu laptop e me sento à mesa da cozinha. — Não sei se você sabe muito sobre tecnologia, — digo em voz alta. — Mas como eu sei que você pode digitar, podemos usar o aplicativo de mensagens. — Eu abro e aponto para a tela, supondo que ela esteja acompanhando se ela estiver na sala.

— Vou usar meu celular. Você pode usar o laptop. — Eu deslizo

para a minha esquerda e, em seguida, descanso meus cotovelos na mesa, segurando meu telefone em minhas mãos. Estou olhando para as teclas do meu laptop enquanto elas começam a pressionar, rapidamente, várias letras em rápida sucessão. Ela digita rápido. Isso poderia ser uma pista sobre o que ela fez em sua vida passada.

Uma mensagem aparece no meu telefone. *Sou muito boa com tecnologia.*

Não posso deixar de sorrir com a mensagem.

Isso é surreal. É muito maior do que qualquer coisa que eu já imaginei que aconteceria durante a minha vida. A ideia de casamento, ter filhos, construir uma carreira musical – tudo parece uma adição agora. E se eu tiver algum tipo de sexto sentido? E se eu tiver que fazer algo com isso? E se eu for outra coisa além de um músico?

As teclas do meu laptop estão sendo pressionadas novamente. Ela está digitando outra coisa.

*Eu sei coisas... como cozinhar. Como usar um computador. Como usar um telefone celular. Mas não tenho ideia de como sei essas coisas.*

Eu não uso meu telefone para responder a ela. Acabei de falar em voz alta, já que Layla ainda está dormindo lá em cima.

— Eu me pergunto se isso poderia ser uma pista de quão recentemente você morreu. Eu diria que se sua morte

acontecesse décadas atrás, você falaria ou agiria de maneira diferente.

*Você parece tão certo de que eu costumava estar viva. E se eu sempre estive aqui?*

— Talvez você tenha, e você apenas adquiriu conhecimento ao longo do caminho. Você diz que às vezes assiste televisão, certo?

*Sim.*

— Há coisas que podemos fazer para tentar definir um cronograma.

*Isso é importante para você? Saber se já estive viva?*

— Não é importante para você?

*Eu não sei. Na verdade não, eu acho. O que isso importa?*

— Se você soubesse como é sua vida, talvez pudesse descobrir por que está presa aqui.

*Não me sinto necessariamente presa.*

— Mas você está feliz?

*Não. Eu já disse como é aqui. Você e Layla aparecerem foi a coisa mais emocionante que me aconteceu.*

— E se eu estiver aqui para ajudá-la? Você quer ajuda para descobrir isso?

*É muito egocêntrico da sua parte presumir que sou eu quem precisa da ajuda. E se eu estiver aqui para te ajudar?*

Eu fico olhando para esse comentário por um momento, permitindo que ele se enrede em todos os meus outros pensamentos. — Nunca pensei nisso assim. — Eu me inclino para frente na mesa, levando meus dedos a um ponto contra meu queixo. — Talvez você esteja certa... talvez estejamos ambos onde pertencemos. Mas se fosse esse o caso, por que você estaria cruzando para *este* mundo? Você é a única que sente falta das coisas que ainda tenho. Comida. Água. Dormir. Você nunca fica saciada onde está. Tudo o que é tangível está neste reino, e parece que você sente falta dessas coisas, o que significa que talvez você as teve em algum momento no passado.

Meu laptop desliza vários centímetros pela mesa até que esteja bem na minha frente. O movimento repentino me faz estremecer.

— Por que você me deixou dormir tão tarde? — Layla pergunta. Meus olhos disparam e ela está parada na porta da cozinha, esticando os braços acima da cabeça. Ela boceja enquanto se dirige para a cafeteira.

— Não é tão tarde, — eu digo, fechando lentamente a tampa do meu laptop.

Layla serve café em uma caneca. — São onze horas.

— A hora mais mortal do dia, — eu digo provocativamente.

Ela me olha com curiosidade. — É o quê? — Ela está com as duas mãos em volta da caneca de café enquanto bebe. Eu ando até ela e a beijo na testa.

— Onze da manhã - a hora mais mortal do dia, — digo, repetindo um dos muitos fatos que ela me contou.

Seus olhos estreitam em confusão. — Esquisito. Você pensaria que seria de noite.

Um cobertor de culpa parece cobrir meus ombros. Há tantas coisas que considero garantidas que Layla ainda está se recuperando lentamente – as conversas que tivemos, as memórias que fizemos, todos os momentos perfeitos que passamos juntos. É como se alguém pegasse uma tesoura artesanal e arrancasse pedaços de sua vida da mente, deixando-os em retalhos sobre a mesa.

Às vezes sinto que não aprecio a gravidade de seus ferimentos. Passei os últimos seis meses, desde que aconteceu, pisando em ovos, tentando não apontar o óbvio, não querendo que ela se sentisse perdida tanto quanto está. Mas e se ceder ao desejo de evitar falar sobre aquela noite, inadvertidamente, piorou tudo?

Uma lesão cerebral deve ser semelhante a uma lesão física. Você exerce uma lesão física. Você trabalha mais para recuperar toda a força que perdeu. Passei por três meses de

fisioterapia para o ferimento no meu ombro, mas fizemos exatamente o oposto com o ferimento de Layla.

Não exercitamos seu cérebro... nós o colocamos em repouso na cama.

Evitamos o dano – colocamos suas feridas em descanso na esperança de que tudo cicatrizasse por conta própria. Mas não funcionou. Fisicamente, sim. Mas mentalmente... não tenho tanta certeza.

— Você estava no telefone agora? — Ela pergunta.

— Não. Por quê?

— Eu pensei ter ouvido você falando quando eu estava descendo.

— Eu estava, — eu digo rapidamente. — Para mim mesmo. Não no telefone.

Ela acredita na minha explicação, vai até a geladeira e a abre. Ela olha para as prateleiras, mas não agarra nada antes de fechar a porta.

— Quer que eu faça um café da manhã para você? — Eu pergunto a ela.

Ela greme. — Ganhei um quilo esta semana. Não estou mais tomando café da manhã.

— Estamos de férias. Você ainda tem pelo menos quatro quilos a mais para ganhar antes mesmo de podermos considerar esta uma viagem bem-sucedida.

Ela sorri. — Você é doce. Mas mais quatro quilos em mim significariam sem mais dias nus na piscina. Eu não seria capaz de olhar para mim mesma.

Eu ando até ela e a puxo contra mim. Não gosto de ouvi-la falar assim. Não gosto que algo tão simples como um pequeno ganho de peso nas férias pudesse até mesmo estressá-la. Tento pensar em nosso relacionamento – lembro de qualquer coisa que eu possa ter dito que a faria pensar que me preocupo mais com seu corpo do que com ela. Eu digo a ela que ela é muito sexy, mas quero dizer isso de uma forma positiva. Mas talvez reforçar minha atração por sua aparência esteja fazendo com que ela dê mais importância à sua aparência do que deveria.

Eu pego seu rosto em minhas mãos. — Eu te amo, Layla. Esse amor não varia de acordo com números em uma balança.

Ela sorri, mas seu sorriso não alcança seus olhos. — Eu sei disso. Mas eu ainda quero ser saudável.

— Pular refeições não é saudável.

— Pop-Tarts ou Twinkies também não, mas esta cozinha está cheia de nada além de porcarias.

— É *férias*, — eu digo. — Isso é o que você faz nas férias. Você come porcaria que é ruim para você enquanto é

preguiçoso e dorme tarde demais. — Eu a beijo. — Você precisa entrar no modo de férias antes que nossas férias acabem.

Ela envolve seus braços em volta da minha cintura e pressiona sua testa contra meu ombro. — Você está certo. Preciso relaxar e aproveitar a próxima semana. — Ela se afasta. — Você sabe o que eu não posso dizer não? Comida mexicana. Especificamente tacos.

— Tacos parece bom.

— E margaritas. Onde podemos ir aqui comprar tacos e margaritas?

Eu me encho de hesitação quando ela sugere sair de casa. Eu quero tirá-la daqui, e gosto que ela pareça animada com a ideia dos tacos, mas também tenho cinquenta mil perguntas para Willow. Não poderei fazer essas perguntas a ela se partirmos e eu estiver dirigindo e preocupado com Layla.

— Tem certeza que quer sair? São pelo menos sessenta milhas até o restaurante mais próximo.

Layla acena com a cabeça enfaticamente. — Sim. Eu preciso sair desta casa. — Ela fica na ponta dos pés e me beija. — Eu vou tomar banho.

Ela sai da cozinha e eu vou direto para o meu laptop e o abro.

— Você ainda está aqui? — Eu pergunto, esperando obter algum tipo de resposta.

Eu fico olhando para meu laptop, mas nada acontece. Espero pacientemente até ouvir o chuveiro correndo escada acima. Repito minha pergunta. — Willow? Você ainda está aqui?

Os segundos são lentos à medida que passam sem ação. Mas então as teclas começam a pressionar e eu respiro um suspiro de alívio enquanto ela digita algo.

*Desculpe. Eu estou aqui agora. Saí da sala quando Layla desceu aqui. É estranho assistir vocês dois sem a permissão de vocês, então eu não faço.*

— Para onde você vai quando sai da sala?

*Eu estava no Grand Room.*

— Você alguma vez sobe?

*Às vezes. Não quando vocês dois estão lá, no entanto.*

Isso não está totalmente correto. — Você estava lá em cima na noite em que você deslizou para dentro dela e saiu da cama para se olhar no espelho.

*Achei que vocês dois estivessem dormindo. Tento não espionar você quando estão juntos. Parece errado. Mas eu tenho fraquezas... como quando eu sinto o cheiro da comida que vocês estão comendo.*

— Mas você nos espiona quando estamos sozinhos?

*Espiar é um termo forte. Fico curiosa. Solitária. Então, sim, às vezes eu vejo você viver suas vidas. Não há mais nada para fazer por aqui.*

— O que você vai fazer quando partirmos na próxima semana?

*Ficar de mau humor. Talvez tente bater meu recorde de oito dias de olhar para o relógio.*

Eu não rio de sua piada autodepreciativa. A ideia de ela estar completamente sozinha me faz sentir mal por ela. É estranho – sentir pena de um fantasma. Um espírito. O que quer que ela seja.

Eu me pergunto o que aconteceu na minha infância que me fez sentir tanta culpa, mesmo quando não sou responsável pelo que está errado. Eu assumo o peso das tristezas de Layla. Agora estou assumindo o peso das de Willow.

Talvez eu *deva* comprar esta casa. Eu sei que Layla não gostaria de morar aqui em tempo integral, mas poderíamos vir para ela nas férias. Dessa forma, Willow não estaria sempre sozinha.

— Vamos embora em breve, mas estaremos de volta esta noite.

*Onde você vai?*

Acho que ela realmente não estava aqui para a conversa de Layla e minha. Acho engraçado que um fantasma tenha

moral da mesma maneira que os humanos. Ela não quer ser intrusiva, mesmo que não estejamos cientes de sua presença.

— Layla quer tacos. E tenho certeza que ela vai querer fazer compras enquanto estivermos na cidade. Estaremos fora a tarde toda.

*Tacos parece tão bom.*

— Quer que eu traga para você?

*É um gesto bonito, mas acho que você esqueceu que não posso comer.*

— Você poderia esta noite. Depois que Layla for dormir.  
— Há um momento de silêncio antes que ela comece a digitar novamente.

*Você está bem comigo usando Layla novamente?*

Eu não deveria estar bem com isso, mas não parece estar prejudicando Layla de forma alguma. Se qualquer coisa, ela está obtendo algumas calorias muito necessárias com isso. — Certo. Tacos são importantes. Você quer carne ou frango?

*Surpreenda-me.*

Fecho o laptop e subo as escadas, pulando todos os passos. Estou ansioso para passar o dia com Layla. Mas acho que estou mais ansioso para falar com Willow novamente esta noite.

Definitivamente, há algum engano acontecendo aqui – estou totalmente ciente disso. Mas é difícil saber onde traçar a linha quando as linhas nem estão no mesmo mundo.



Layla  
COLLEEN  
HOOVER

## *Capítulo Doze*

Havia mais opções em Nebraska do que em qualquer lugar dentro de uma hora de Lebanon, Kansas, então cruzamos a fronteira do estado e fomos para uma cidade chamada Hastings.

Eu estava morrendo de fome quando chegamos lá, mas Layla queria fazer compras primeiro, então fomos a algumas boutiques antes de ir ao restaurante. Foi uma escolha ruim da parte dela, porque ela tomou quatro margaritas com apenas um taco, então ela mal conseguia ficar de pé sem ajuda no final do jantar.

Ela não estava muito bêbada para não questionar por que eu queria pedir tacos para viagem. Eu disse a ela que era porque ela não comeu o suficiente no jantar, então eu queria levar comida para casa, caso ela ficasse com fome mais tarde.

Quando eu disse isso, ela sorriu e se inclinou sobre a mesa para me beijar, mas derrubou um de seus copos de margarita. Ele caiu no chão, e ela estava tão envergonhada que estava se desculpando com todos no restaurante enquanto eles limpavam sua bagunça. Ela até se desculpou com o vidro que quebrou. Foi quando eu soube que ela ultrapassou seu limite.

Era apenas uma hora de viagem de volta, mas Layla teve que parar duas vezes para fazer xixi por causa de todas as

margaritas. Continuei falando com ela na tentativa de mantê-la acordada. Ainda era muito cedo na nossa viagem de volta à Lebanon, então eu não queria que ela dormisse no carro e depois ficasse acordada até tarde.

Eu senti uma pontada de culpa por isso - estar animado para ela ir dormir na casa para que Willow pudesse assumir.

Mas não culpado o suficiente para me impedir de fazer tudo que podia para mantê-la falando.

Chegamos de volta à casa assim que o sol estava se pondo. Layla queria sentar do lado de fora e assistir, então é isso que estamos fazendo agora. Sentados na grama perto da nogueira-pecã, observando o sol ser engolido pela terra.

É um processo dolorosamente lento.

Fico verificando as horas no meu telefone como se eu tivesse que estar em algum lugar. Não tenho onde estar, mas nunca quis que Layla quisesse dormir tanto quanto eu gostaria que ela fizesse agora. Mas ela ainda está bêbada. Ainda rindo de nada e de tudo.

Tenho tantas perguntas para Willow e só quero entrar, mas Layla tem outros planos.

Ela coloca a mão no meu peito e me empurra de costas assim que o último raio de sol desaparece. Ela se inclina sobre mim, deixando cair a mão no botão da minha calça jeans, assim como ela abaixa sua boca na minha. O gosto azedo de limão ainda permanece em sua língua.

Eu a beijo de volta porque é isso que eu deveria querer fazer. Eu deveria ansiar por ela, querer sua língua na minha boca, minhas mãos em seu corpo, para me empurrar dentro dela. Mas não é o que eu quero agora. Tudo o que sinto agora é uma impaciência avassaladora.

Não sei como separar meus desejos agora. Vim aqui para que Layla e eu pudéssemos recuperar o equilíbrio, mas tenho a sensação de que nossos mundos vão se distanciar mais quanto mais ficarmos aqui. Estou ficando fascinado demais com o mundo em que não vivemos, e isso vai nos afetar. De alguma forma. Ainda não sei como, mas sei que o que estou fazendo é errado. Permitir que Willow use o corpo de Layla é uma terrível forma de engano. No entanto, é um engano que me vejo justificando toda vez que começo a questioná-lo.

A mão de Layla desliza entre meu jeans e meu estômago. Eu posso senti-la murchar quando ela me agarra e descobre que não estou tão envolvido com isso como ela está agora.

— Você está bem? — Ela pergunta. Isso normalmente não acontece. Quando ela me quer, tudo o que ela precisa fazer é me beijar, e isso é o suficiente para me deixar duro. Mas agora não é o suficiente. Minha mente está em toda parte, menos aqui, e posso dizer em seus olhos que ela sente que é de alguma forma um reflexo de como me sinto por ela. Não é. Estou apenas preocupado.

Eu levo minha mão até sua bochecha. — Estou bem, — digo, roçando minha boca com o polegar. — Há apenas uma

pedra ou algo cavando minhas costas. — Eu a rolo de modo que estou olhando para ela agora. — Talvez possamos terminar isso mais tarde esta noite. Em nossa cama.

Ela sorri. — Ou *agora* em nossa cama. — Ela me empurra para longe dela e se levanta. Ela está vacilante quando está de pé, então eu me levanto e a estabilizo. Ela leva a mão à testa. — Uau. Estou tão bêbada.

Eu a ajudo a voltar para casa, esperando que ela esteja bêbada demais para querer continuar com isso lá em cima.

Ela não esquece, no entanto.

Ela começa a me beijar assim que entramos na casa. Ela enfia as mãos na minha calça jeans e me puxa em direção ao Grand Room. — Vamos fazer isso no sofá, — ela diz.

Eu paro, me perguntando onde Willow está agora. É estranho saber que ela pode ver isso.

Eu não quero foder Layla no Grand Room. Eu não quero foder Layla agora. É estranho saber que outra pessoa está nesta casa conosco. Layla fala alto durante o sexo quando pensa que estamos sozinhos. E sim, tecnicamente estamos sozinhos, mas não estamos.

Nossas férias aqui não acabaram, porém, e não posso evitar fazer sexo com ela pelo resto da viagem. Ela saberá que algo está acontecendo. Ela vai levar para o lado pessoal. E a última coisa que quero é que ela comece a se sentir como eu a fiz se sentir no banheiro do avião.

— Vamos subir, — digo, puxando-a para longe da porta do Grand Room e em direção à escada. Ela faz beicinho, mas me deixa pegar sua mão. Ela se segura no corrimão por todo o caminho escada acima. Eu a seguro porque não quero que ela caia.

Quando chegamos ao quarto, fecho a porta, confiante de que Willow permaneceu no andar de baixo.

Layla tira seu jeans e o chuta em direção à cama. Ela tira a camisa, mas fica presa nela e quase cai. Eu a ajudo a tirar a camisa. Ela está rindo quando jogo no chão.

É quando Layla recebe toda a minha atenção. Ela está de bom humor. Ela está *rindo*. Ela está bêbada e despreocupada neste momento. É muito raro que Layla se solte desse jeito. Posso contar com uma mão as vezes que a ouvi rir desde a cirurgia.

Eu gosto disso. Eu *sinto falta* disso.

Talvez esta casa e estas férias estejam realmente nos ajudando.

Eu a beijo desta vez, e fico aliviado quando o faço, porque todo o *desejo* está de volta dentro de mim. Eu forço Willow para fora da minha mente e me concentro em Layla tanto quanto posso. Ela tira minha camisa de cima de mim e ainda estamos de pé ao lado da cama quando desabotoo seu sutiã. Ela pressiona seu corpo contra o meu, e nós nos beijamos até que

eu posso senti-la se tornando desequilibrada, seu corpo inclinado para a direita.

Ela engasga quando eu a giro e a curvo sobre o colchão. Seu suspiro é seguido por uma risada, e *meu Deus, eu amo tanto esse som*. Eu nem mesmo tiro sua calcinha. Eu apenas a puxo de lado e, em seguida, me enfio nela como se tivesse medo que esse sentimento passe se eu não me apressar.

Ela geme, e é alto, e eu não quero que ela fale alto esta noite. Eu chego ao redor e cubro sua boca com a minha mão enquanto a fodo. Todos os ruídos que ela faz permanecem abafados na palma da minha mão.

Eu não faço nenhum barulho quando venho.

E então quando eu a rolo de costas e alcanço entre suas pernas, eu a beijo o tempo todo em que a estou tocando.

Willow pode estar no fundo da minha mente, mas isso significa que ela ainda está na minha mente, e por qualquer motivo, não quero que ela ouça isso agora.

Quando terminamos, caio em cima dela, respirando pesadamente. Layla está passando as unhas pelas minhas costas, mas meus olhos estão fechados, meu rosto pressionado contra o colchão.

Eu deveria estar saciado, mas estou cheio de impaciência, mesmo assim.

Eu quero descer e falar com Willow.

Eu penso sobre como eu trouxe Layla de volta a este lugar para que eu pudesse me concentrar nela, mas esse foco está começando a se confundir.

Layla tem o direito de saber o que está acontecendo nesta casa ao seu redor. Ela é ignorante à presença de Willow. Ignorante ao uso que Willow faz de seu corpo à noite. Ignorante da minha culpa na situação.

No entanto, não faço nada para mudar nada disso.

Layla se empurra contra meu peito até que eu role de costas. Ela caminha até o banheiro para se limpar. Eu deito de costas e olho para o teto, me perguntando quanto tempo vai demorar até que Layla vá dormir. Não é muito tarde. Quatro margaritas normalmente seriam o suficiente para garantir que ela encerrasse a noite cedo, mas ela dormiu até as onze da manhã.

Eu posso ouvir o chuveiro ligado no banheiro e eu gemo. O banho a acorda ainda mais quando está bêbada. É como se ele desse uma nova vida a ela. Ela provavelmente vai sair do banho e pedir para ver uma série inteira da Netflix de uma vez. Pode levar horas antes que ela adormeça agora.

Abotoo minha calça jeans e caminho até a cômoda. Eu estudo seus frascos de remédios, lendo os nomes para ver qual ela normalmente toma para ajudá-la a dormir.

Abro a tampa do Ambien, aperto um na mão e coloco a garrafa de volta na cômoda.

Desço para preparar uma taça de vinho para Layla. Vinho misturado com margaritas a deixará mais sonolenta. A pílula para dormir vai agravar isso. Não é como se ela não os tivesse sozinha todas as noites de qualquer maneira. Estou apenas acelerando o processo.

Uso a parte de trás de uma colher para esmagar o comprimido no balcão. Eu pego o pó e misturo na taça de vinho até que esteja completamente dissolvido.

Eu me viro para sair da cozinha, mas não vou muito longe.

O vidro cai do meu aperto e se espalha no chão da cozinha, a vários metros de mim.

Eu olho para a minha mão vazia, e então eu olho para as gotas de vinho tinto que mancham os armários brancos em sua queda até o chão.

O vinho está em toda parte. Eu apenas fico parado, completamente chocado. Arrependido instantaneamente. O vidro foi arrancado da minha mão com força suficiente para mandá-lo pela cozinha, e só há uma explicação para o motivo disso.

Willow viu o que eu estava fazendo, e isso obviamente a perturbou.

A severidade do que eu estava prestes a fazer finalmente me atinge. Eu olho para o teto e arrasto minhas mãos pelo meu rosto.

### *O que eu estava pensando?*

Deixo a cozinha e volto lá para cima, envergonhado que Willow viu isso. Envergonhado, que eu considerei em dar a Layla sua própria medicação para que ela adormecesse mais rápido.

Meu desejo de falar com Willow desaparece imediatamente e agora é substituído por um monte de vergonha. Abro a porta do quarto no momento em que Layla sai do banheiro enrolada em uma toalha. Ela aponta para o chão perto dos meus pés. — Jogue-me sua camiseta.

Ela pega a camisa e a puxa pela cabeça, deixando cair a toalha no processo. A bainha cai até o meio de suas coxas, e eu percebo que minhas roupas a engolem. Ela é pequena e possivelmente está abaixo do peso agora que mal come; no entanto, eu estava prestes a dar a ela uma dose de seu remédio para dormir, junto com ainda mais álcool, sem saber como isso poderia afetá-la. Especialmente se ela tivesse tomado sua pílula noturna habitual junto com isso.

*Este não é quem eu sou.*

Eu envolvo meus braços em torno de Layla, puxando-a contra mim, silenciosamente me desculpando por algo que nunca admitirei quase fazer. Eu fecho meus olhos e pressiono meu rosto em seus cachos úmidos. — Eu te amo.

— Eu também te amo, — ela diz, suas palavras abafadas contra minha pele.

Eu a seguro assim por muito tempo. Vários minutos, como se isso fosse de alguma forma me absolver de minha culpa.

Não é absolve. Isso só piora.

Layla boceja contra meu peito e então se afasta. — Estou tão cansada, — diz ela. — Acho que bebi demais. Eu vou para a cama.

— Eu também, — eu digo. Ela deixa minha camiseta e se arrasta para debaixo das cobertas. Eu tiro minha calça jeans, puxando um par de calças de moletom. Normalmente durmo de boxer, mas não sei se Willow vai aparecer esta noite. Eu quero estar preparado se ela fizer isso.



Eu não estava cansado quando me deitei com ela e, embora uma hora tenha se passado desde que deitamos na cama, ainda não estou cansado. Eu nem mesmo fecho meus olhos. Eu vejo Layla dormir, esperando que Willow assuma, mas ela ainda não o fez.

Ela poderia estar chateada comigo. Ou talvez ela tenha que esperar até que Layla esteja em um sono mais profundo.

Eu não sei. Eu não conheço as regras. Eu não sei se *existem* regras.

Quero explicar minhas ações para Willow, mas não posso fazer isso se ela não escorregar para Layla, e não posso fazer isso daqui de cima porque preciso do meu laptop para me comunicar com ela.

Eu me levanto da cama sem acordar Layla e desço as escadas para a cozinha.

Eu paro na porta, chocado com o que vejo. Ou por que eu *não* vejo, na verdade.

Não sobrou um único traço do que aconteceu antes. O vinho derramado foi limpo. Os cacos de vidro sumiram. É como se nunca tivesse acontecido.

Eu caminho até a lata de lixo e levanto a tampa. Bem em cima do lixo estão os cacos de vidro que estavam espalhados pelo chão uma hora atrás.

Willow limpou tudo enquanto eu estava lá em cima com Layla.

Sento-me à mesa da cozinha, mas não abro meu laptop. Eu abro o aplicativo de segurança no meu telefone primeiro. Eu pulo para trás e vejo como a taça de vinho é arrancada de minhas mãos por nada. Eu o adianto e, aproximadamente dez minutos depois de subir mais cedo, o vídeo mostra a tampa deslizando para fora da lata de lixo.

Eu observo fascinado enquanto a cozinha é lentamente limpa por nada. As manchas de vinho desaparecem. Os cacos de vidro se movem do chão para a lata de lixo. A tampa eventualmente desliza de volta para o topo da lata de lixo, e todos os vestígios do vidro quebrado sumiram.

Eu fecho o aplicativo e coloco meu telefone virado para baixo sobre a mesa.

Tentei parar de entender o mundo ao meu redor um dia depois de chegarmos aqui. Assistir a uma fita de um fantasma limpando uma cozinha nem me perturba neste momento. Pelo menos neste ambiente.

Não sei o que isso diz sobre mim.

Também não sei o que diz sobre mim que quase coloquei a medicação para Layla sem seu conhecimento.

Talvez esta casa esteja bagunçando minha cabeça. Desvendando os fios da minha moral.

Eu nem tenho certeza de onde começar a conversa com Willow. *Como* iniciar a conversa. Eu peço desculpas? Não quero que Willow pense que sou o tipo de cara que drogaria sua namorada, mas... isso é exatamente o que eu estava prestes a fazer antes que ela impedisse que acontecesse.

Ela evitou porque ela não gostou do que eu estava fazendo ou porque ela não queria que o corpo de Layla fosse muito difícil de acordar?

Não sei se as ações de Willow foram altruistas ou egoístas, mas não estou realmente em posição de julgar, considerando que minhas ações foram completamente egoístas.

Eu ouço a porta do nosso quarto se abrir.

Minha espinha se enrijece e eu imediatamente saio da cadeira. Não sei se é Layla ou Willow descendo as escadas agora, mas vou me sentir igualmente envergonhado, não importa quais olhos estou prestes a olhar.

De repente, não sei como agir com naturalidade ou o que fazer com as mãos. Eu agarro o balcão atrás de mim e me inclino contra ele, olhando para a entrada.

Ela dá uma volta. Posso dizer que é Willow imediatamente. Ela vestiu um short de Layla e ainda está usando minha camiseta. Posso dizer que é Willow por causa do jeito que ela está olhando para mim - como se eu tivesse muito o que explicar.

— Sinto muito, — eu digo imediatamente.

Ela levanta a mão, puxa uma cadeira e se senta. — Ainda não. Ela está muito bêbada; eu preciso sentar por um segundo. — Ela abaixa a cabeça entre as mãos. — Você pode me servir um copo d'água?

Eu me viro e pego um copo do armário. Eu encho com gelo e água e entrego para ela, em seguida, tomo um lugar à mesa. Ela abaixa o copo e o coloca de volta na mesa na frente dela.

Ela olha para o copo por um momento silencioso, segurando-o com as duas mãos. — O que foi isso?

— O que foi o quê? — Estou precisando de esclarecimentos.

Ela arrasta os olhos para o meu rosto. — Que tipo de pílula você colocou no vinho dela?

Minha mandíbula se contrai. Eu me inclino para trás na minha cadeira, cruzando os braços sobre o peito. — Ambien. Um comprimido para dormir. Eu não... eu nunca fiz isso antes. Eu realmente queria que ela dormisse.

— Por quê? Então você poderia falar comigo?

Eu concordo.

— Isso é perigoso, Leeds. Ela estava bêbada. E se ela tivesse tomado outro comprimido além do que você já estava dando a ela?

Eu me inclino para frente, passando a mão pelo meu cabelo. Eu agarro minha nuca e solto um suspiro. — Eu sei. Eu nem estava pensando. Era como se eu estivesse agindo por impulso.

— Se a sua necessidade de falar comigo te faz agir por impulso assim, não tenho certeza se é uma boa ideia continuarmos fazendo isso.

O pensamento dela dando um fim nisso faz meu peito apertar. Eu tenho muitas outras perguntas. — Eu nunca faria

nada para machucar Layla intencionalmente. Isso não vai acontecer de novo.

Os olhos de Willow estão procurando a verdade nos meus. Ela deve aceitar tudo o que vê, porque ela acena com a cabeça e diz: — Bom. — Então ela se inclina para frente, pressionando a palma da mão contra o estômago enquanto ele ronca. — Ela alguma vez come? *Cristo*. Ela está sempre morrendo de fome.

Eu me levanto, lembrando dos tacos. — Eu trouxe tacos para você. — Pego a caixa para viagem da geladeira. Eu tive separados os condimentos e a carne do taco para que seja fácil de montar e aquecer. — Ela só comeu um taco no restaurante, mas provavelmente porque ela bebeu quatro margaritas. — Eu aqueço a comida enquanto Willow permanece sentada na mesa. — O que você quer beber?

— Água está bem. Eu não acho que seu corpo possa lidar com nada mais forte do que isso agora.

Encho a água dela e preparamos os tacos. Quando eu os coloco na frente dela, seus olhos estão praticamente brilhando. Ela pega um dos tacos e dá uma mordida.

— Puta merda, — diz ela com a boca cheia. — Estes são tão bons. — É engraçado como pequenas diferenças, como a maneira como comem os alimentos, são tão perceptíveis entre as duas, mesmo sendo o mesmo corpo. — Layla perguntou por que você estava pedindo tacos para viagem?

— Eu apenas disse a ela que ela não comia o suficiente.

— Eu inclino minha cabeça enquanto penso mais sobre a pergunta de Willow. — Você tem as memórias dela quando você está dentro dela, certo? Você não consegue se lembrar de nós estarmos jantando, embora você não estivesse lá?

Willow pega seu guardanapo e limpa a boca. Ela toma um gole d'água. — Tenho certeza de que poderia, mas é preciso muito esforço para fazer isso. Seus pensamentos são realmente... desordenados. Tento ficar fora de sua cabeça quando estou dentro dela.

— Como você faz isso?

Willow se inclina um pouco para frente, baixando a voz como se alguém pudesse nos ouvir. — É como ler um livro. Como você pode ler uma página inteira antes de perceber que não processou nada do que leu porque seus pensamentos estavam inteiramente em outro lugar. É assim que está na cabeça dela. Se eu quiser, posso me concentrar mais e intencionalmente receber todas as informações. Mas prefiro apenas me distrair. — Ela pega o copo e bebe o resto da água.

— A cabeça dela não é um lugar divertido para se estar às vezes.

— O que você quer dizer com isso?

Willow encolhe os ombros. — Não quero dizer nada negativo com isso. Todos nós temos pensamentos que nunca falaríamos em voz alta. É estranho poder ver esses

pensamentos, então prefiro não olhar para eles. Eu penso em outras coisas quando estou dentro dela.

Quero perguntar a ela quais são alguns dos pensamentos indizíveis de Layla, mas não pergunto. Já sinto que ultrapassei muitos limites esta noite com o Ambien. Sem mencionar a linha que estou cruzando agora - permitir que Willow use o corpo de Layla para que ela possa comer tacos. Tacos pode desculpar muitas decisões erradas, mas não tenho certeza se eles são dignos o suficiente para justificar uma posse.

— Podemos ir nadar? — Willow pergunta.

Sou pego de surpresa por sua pergunta. — Você quer sair? Achei que você não tivesse saído de casa.

— Eu nunca disse isso, — diz ela. — Eu disse que nunca saí da propriedade. A ideia me deixa nervosa, mas há muito tempo que desejo poder nadar.

Não tenho certeza do que esperava esta noite, mas certamente não esperava que Willow quisesse nadar. Mas a água é aquecida, então por que não? — Claro, — eu digo, divertido com a virada dos eventos. — Vamos nadar. — Ela comeu dois tacos e deixou um no prato, mas o empurra para longe como se estivesse satisfeita. Pego o prato e jogo a comida no lixo. — Layla tem alguns maiôs lá em cima. — Eu coloco o prato no balcão, e então Willow me segue até o quarto.

Abro a terceira gaveta da cômoda e tiro um calção de banho para mim. Layla trouxe dois maiôs e, por mais que

tenhamos nadado, ela não usou nenhum deles. — Qual deles você quer? Vermelho ou preto?

— Eu não me importo, — Willow diz.

Eu entrego a ela o preto. Não é tão revelador quanto o vermelho. Não que isso importasse — ela não tem nada que eu não tenha visto antes ou tocado.

Mas isso importa. Ela não é Layla, então não sinto que seu corpo seja algo que eu deva olhar da mesma forma que faço quando Willow não o está ocupando.

Willow se troca no banheiro enquanto eu me troco no quarto. Quando ela sai, ela está segurando duas toalhas. Eu não posso evitar quando meus olhos vagam por seu corpo — mas é difícil não ficar fascinado pelo fato de que não é seu corpo, mas ela o torna seu de alguma forma. Seus passos são mais longos, seus ombros ficam mais para trás quando ela anda. Ela até segura a cabeça de forma diferente.

Quando meus olhos encontram os dela, eu imediatamente limpo minha garganta e olho para longe. — Pronta?

Eu saio pela porta, desço as escadas e todo o caminho até a piscina sem fazer contato visual com ela novamente.

Eu pulo no fundo do poço assim que chego à piscina, precisando da água refrescante para redefinir meu foco. Eu fico debaixo d'água por um momento, o tempo suficiente para ver os pés de Willow enquanto ela os mergulha na água.

Suas pernas balançam sobre a saliência no fundo. Eu me empurro para fora da água e ela está sentada perto do local onde eu me sentei quando falei com Layla pela primeira vez.

Isso foi quando eu pensava que a parte mais difícil da vida era tocar baixo em uma banda ligeiramente bem-sucedida que eu não suportava.

Muita coisa aconteceu desde então. Eu mudei como pessoa em mais de uma maneira. *Isso acontece quando você é forçado a tirar a vida de outra pessoa.*

Não me permito pensar muito nisso. Eu fiz o que tinha que fazer, mas ainda assim não tira a culpa, não importa o quão justificado seja.

Afundo de volta na água, odiando que meus pensamentos tenham voltado para aquela noite. Eu não quero pensar nisso. Não quero pensar em nada agora. Só quero que Willow aproveite ser capaz de sentir a água pela primeira vez.

Eu me empurro para fora do fundo da piscina e alcanço a superfície. Ela ainda está sentada no mesmo lugar, olhando para a água ao redor de suas panturrilhas. — Você vai entrar? — Eu pergunto a ela.

Ela olha para mim e acena com a cabeça. — Sim, mas estou meio assustado. E se eu não souber nadar?

— Só há uma maneira de descobrir. — Eu nado para mais perto dela e estendo minha mão. — Aqui. Vou te ajudar.

Ela hesita antes de pegar minha mão. Ela desliza lentamente na água e afunda até o queixo antes de gritar e agarrar meu ombro com a outra mão. Ela começa a mexer os pés para tentar se manter à tona, mas está com muito medo de me soltar.

Mas ela está sorrindo, então sei que ela não está com medo. Isso é novo para ela. Ela solta meu ombro e começa a mover o braço, mas ainda está segurando minha mão.

— Você consegue? — Eu pergunto.

Ela balança a cabeça, tomando goles acidentais de água enquanto mal consegue manter a cabeça dele acima da superfície. Ela cospe de volta e diz: — Acho que sim. — Ela está sem fôlego de um jeito tonto. É como assistir uma criança tentando nadar pela primeira vez. Eu solto sua mão, mas fico perto dela. Quando ela não afunda imediatamente, seus olhos se arregalam de excitação. — Estou fazendo isso! — Ela diz. — Eu estou nadando!

Seu orgulho me faz rir. Ela estende os braços à sua frente e parte a água. Talvez nadar seja um instinto natural, mesmo para fantasmas, mas ela se empurra da parede e nada sozinha para o meio da piscina. Ela gira e nada de volta. Ela já pegou o jeito, o que prova que já fez isso antes.

— É como andar de bicicleta, — eu digo.

Ela ri. — Eu não saberia. Eu também nunca fiz isso.

— Você provavelmente fez - você só não se lembra de estar vivo.

Minhas palavras fazem seu sorriso desaparecer.

Ela fica no mesmo lugar, movendo os braços e as pernas para se manter à tona. — Você realmente acha que eu morri?

Ela me pergunta de uma forma curiosa, não ofendida. — Se as teorias sobre fantasmas são precisas, acho que talvez você tivesse uma vida antes disso. Você simplesmente não se lembra disso.

Ela me observa por um momento antes de nadar de volta para a borda da piscina. Ela se agarra a ele. — Você acha que sou um fantasma estereotipado, preso entre a morte e a vida após a morte?

— Eu não tenho certeza de por que mais você estaria aqui. O que *você* acha? — Eu pergunto a ela.

— Eu não sei. Eu realmente nunca pensei sobre isso até que você apareceu aqui e começou a tentar me entender.

— Você gostaria de nunca ter aparecido?

Ela não responde a isso.

Em vez disso, ela desvia o olhar de mim e pressiona as costas contra a borda de concreto. Ela inclina a cabeça para trás até olhar para as estrelas. — Estou com um pouco de medo de descobrir porque estou aqui. É por isso que nunca saí desta propriedade para procurar respostas ou para procurar

outras pessoas como eu. Porque e se você estiver certo? E se eu estiver presa entre a vida e a morte? — Seus olhos procuram os meus novamente, mas ela parece assustada quando fazemos contato visual desta vez. — E se eu encontrar as respostas e depois acabar?

— E então o *que* acabar?

— Isto. *Eu*. E se eu encontrar uma maneira de deixar esta existência, apenas para descobrir que não há nada depois dela? E se eu apenas... desaparecer? Para sempre?

— Isso te deixaria triste? — Eu pergunto. — Você fala como se fosse uma existência miserável.

Ela me encara por vários segundos. Então ela diz: — Costumava ser. — Ela se deixa afundar abaixo da superfície assim que diz isso.

Sua resposta foi mais pesada do que eu esperava.

Quando ela volta para cima, ela está perto de mim. Ela olha meu ombro com curiosidade, estendendo a mão para tocá-lo. Ela corre o dedo sobre a cicatriz da ferida que tive a seis meses atrás. — É aqui que você foi baleado?

— Sim. — É uma sensação estranha - ela tocando minha cicatriz. Layla nunca a tocou. Nem uma vez. Cada vez que fazemos amor, ela deliberadamente passa as mãos em torno dela, perto dela, mas nunca a toca. Sempre me perguntei se isso traz lembranças ruins para ela, ou se ela está apenas com medo de que possa me machucar se ela tocar.

— Quem atirou em você?

— Sable. A mesma garota que atirou em Layla. — Eu levanto a mão dela e a levo até a cicatriz na cabeça de Layla.

— Sente isso? — Willow toca a cicatriz de Layla com a ponta dos dedos, passando os dedos para frente e para trás sobre ela. Em seguida, ela leva a mão de volta ao meu ombro e passa o dedo pela minha cicatriz.

— O seu parece curado. O dela não.

— Ela mexe muito com a dela, — eu digo.

— Por quê?

— Eu não sei. Você é o único dentro da cabeça dela. Me diz você.

Ela me encara por vários segundos, e acho que talvez seja porque ela está vasculhando as memórias de Layla. Quero perguntar a ela o que Layla lembra, mas não quero usar Willow para invadir a mente de Layla sem sua permissão. O que estamos fazendo com o corpo de Layla está errado o suficiente.

Willow nada de volta para a borda e encosta nela. Ela deixa cair o queixo sobre os braços e olha para o quintal. Eu nado ao lado dela e faço o mesmo. Eu a observo, mas ela não olha para mim. Não tenho certeza do que ela viu na cabeça de Layla — ou se ela viu alguma coisa —, mas sua quietude desperta um mal-estar dentro de mim.

Ela deita a bochecha no braço e olha para mim. — Ela se apaixonou por você nesta piscina.

— Ela fez?

Willow acena com a cabeça, mas o aceno não é acompanhado por um sorriso ou um olhar de carinho enquanto ela pensa sobre isso. Ela apenas sussurra, — Sim, — e então se afasta de mim. Ela deita a bochecha oposta no braço e olha na outra direção. Eu nado ao redor dela, querendo ver a expressão em seu rosto. Quando fazemos contato visual, seus olhos estão marejados de lágrimas.

— O que está errado?

Ela ri, envergonhada, e enxuga os olhos. — É apenas confuso. Eu tenho os sentimentos dela quando estou dentro dela. Acho que ela está triste agora.

— Como você sabe que as lágrimas não são suas?

Willow me olha com uma expressão estoica. — Acho que não. — Ela desliza para baixo da água e, quando volta a subir, enxuga as lágrimas que caem junto com a água.

Eu me sinto em conflito.

Ela está dentro do corpo de Layla, e se Layla é quem está triste agora, eu quero confortá-la. Puxá-la contra mim e beijar sua dor.

Mas ela não é Layla, então a necessidade de confortá-la e o conhecimento de que não posso, me deixa com uma sensação

de vazio. Parece um pouco com saudade, e não gosto dessa sensação. Tudo isso está começando a ficar confuso.

— Devíamos voltar para dentro, — eu digo. — Vou precisar lavar e secar seu maiô antes de dormir para que ela não perceba que foi usado.

Willow concorda, embora pareça que ela ainda não está pronta para parar de nadar. Ela nada até a beira da piscina e sai da água. Ela pega uma toalha e se enrola nela, de costas para mim. Em seguida, ela caminha de volta para a casa, sem nunca verificar se a estou seguindo. Ainda estou no meio da piscina, observando enquanto a porta se fecha e ela desaparece dentro.

Suspiro pesadamente e afundo no fundo da piscina, prendendo a respiração até não conseguir mais segurar.



Willow está usando minha camiseta quando eu volto para o quarto, mas ela não está usando o short desta vez. Quando fecho a porta do quarto, meus olhos permanecem em suas coxas por um momento.

— Coloquei os shorts dela de volta na gaveta onde os encontrei, — diz Willow. — Eu não quero que ela se questione ao acordar em algo que ela não adormeceu.

— Está tudo bem, — eu digo. — Onde está o maiô?

Ela aponta para a porta do banheiro. — Eu pendurei na porta do chuveiro.

Eu ando em direção ao banheiro, mas paro antes de entrar. Não tenho certeza se Willow está pronta para deixar o corpo de Layla. — Você quer assistir TV enquanto eu tomo banho?

Ela balança a cabeça, então pego o controle remoto e ligo a televisão do quarto. Jogo o controle remoto na cama e entro no banheiro.

Tomo um banho demorado — não porque estou tentando evitar Willow, mas porque preciso de tempo para clarear minha cabeça. Essa coisa toda parece errada, mas como alguém interage adequadamente com um fantasma? Não é como se houvesse um manual ou pessoas que poderiam me dizer se o que estou fazendo é moralmente corrupto.

A quem eu perguntaria? Um psiquiatra me diria que sou esquizofrênico. Um médico me mandaria a um psiquiatra. Minha mãe me dizia que o estresse de tudo o que aconteceu está subindo à minha cabeça, e ela me imploraria para voltar para casa.

Layla provavelmente me deixaria se soubesse o que estava acontecendo enquanto ela dormia. Quem não faria? Se ela me dissesse que estava permitindo que algum espírito de um reino diferente habitasse meu corpo para preencher algum buraco em sua vida, eu a internaria e então correria na direção oposta.

Não há uma única pessoa com quem eu possa falar sobre isso.

Mas isso também significa que não há ninguém para me dizer que o que estou fazendo é errado.

Já passa da meia-noite e não estou com vontade de ficar acordado por um ciclo inteiro de máquina de lavar só para lavar um maiô, então eu lavo à mão na pia e depois levo para a lavanderia e jogo no secador. Enquanto estou lá embaixo, coloco um pacote de pipoca no micro-ondas.

Willow está sentada na cama, meio coberta com o cobertor quando eu o levo para ela, junto com outro copo d'água. Ela parece exultante quando vê a pipoca. Ela se endireita e agarra a tigela antes mesmo de eu sentar na cama.

— O que você está assistindo? — Eu pergunto.

Ela enfia três pedaços na boca. — *Ghost*<sup>4</sup>. — Eu levanto uma sobrancelha, e isso a faz rir. — Eu sei. Sou um fantasma assistindo ao filme *Ghost*. Irônico.

---

<sup>4</sup> Fantasma – tradução.

— Eu nunca vi isso.

Seus olhos se arregalam. — Como você nunca viu esse filme?

Eu dou de ombros e pego um punhado de pipoca. — Foi lançado antes de eu nascer. — Meu comentário me faz pensar se isso poderia ser uma pista. Se ela já viu esse filme antes, há quanto tempo está nesta casa, assistindo a filmes quando ninguém está por perto? — Quantos anos você acha que tem?

— Eu já disse que não sei. Por quê?

— Você parece jovem. A maneira como você fala. O fato de você saber usar um computador. Mas aí você age como se fosse uma loucura eu nunca ter visto um filme lançado há trinta anos.

Willow ri. — Eu não acho que isso seja uma pista. Este filme é como um rito de passagem; quase todo mundo vivo já viu. Todos menos você. Inferno, eu vi isso, e eu nem existo de verdade.

— Pare de dizer isso.

— O que?

— Que você não existe. Você disse isso pelo menos três vezes desde que nos conhecemos.

— Não é pior do que você me chamar de *morto*. — Ela enfia mais pipoca na boca e se inclina para trás, concentrando-

se no filme novamente. Eu assisto um pouco com ela, mas a ironia da nossa situação é demais.

— Isso é tão estranho, — eu digo.

— O filme? Ou assistindo a um filme chamado *Ghost com um fantasma*?

— Tudo isso.

Ela levanta uma sobrancelha. — Você sabe o que seria ainda mais estranho?

— O que?

— Se outro fantasma aparecesse, — ela diz, sorrindo. — Então, haveria um fantasma observando um fantasma assistir *Ghost* enquanto estivesse no corpo de outra pessoa.

Eu a estudo por um momento, depois pego alguns pedaços de pipoca e jogo em seu rosto. — Você é tão estranha.

Os grãos de pipoca estão espalhados por toda a sua camisa, no cabelo. Ela puxa um pedaço de sua camisa e depois o come. Eu me sento e olho para a TV, porque olhar para ela está começando a mexer com algo dentro de mim. Normalmente, quando Layla diz algo que acho engraçado, eu riria e a beijaria.

Há momentos em que esqueço que Willow não é Layla enquanto ela está usando seu corpo.

Não posso reagir com ela como reagiria com Layla. Mas é instintivo para mim querer apenas agarrar a mão dela ou beijá-la. Mas então lembro que ela não é a garota por quem estou apaixonado, e é confuso.

Talvez eu não devesse me colocar em situações como essa. Situações familiares em que estou sentado em uma cama em nosso quarto. Isso torna tudo perigosamente turvo.

Deixo Willow terminar seu filme, mas desço e verifico a secadora. O maiô está quase seco, então deixo para mais cinco minutos e vou para a cozinha. Sento-me à mesa e abro meu laptop, em seguida, vou direto para o fórum paranormal. Estou curioso para saber se alguém disse mais alguma coisa que possa me dar alguma resposta sobre o motivo de Willow estar aqui.

Nunca atualizei o grupo para que soubessem que, de fato, falei com o fantasma. Certamente não os atualizei para dizer que me comunico com ela por meio de Layla. Essas duas coisas parecem rebuscadas demais, mesmo para um fórum paranormal.

Tenho uma notificação no canto superior direito da tela. Eu abro as mensagens privadas no fórum e tenho uma mensagem não lida do membro do fórum UncoverInc. Eu clico nele.

*Você já se comunicou com seu fantasma?*

Eu não respondo à sua mensagem. Não tenho certeza se alguém acreditaria em mim neste momento. Clico em excluir e minha caixa de entrada está vazia novamente, mas então recebo um ping e uma caixa aparece no canto esquerdo da tela. É do mesmo nome de usuário.

*Estou esperando por uma atualização. Sua postagem me intrigou.*

A mensagem está ao vivo, enviada agora mesmo em uma caixa de bate-papo. Eu move meu mouse sobre o X para minimizá-lo, mas não o minimizo. Sou anônimo neste fórum, então o que machucaria falar com esse cara? Eu digito,

*Vamos apenas dizer que não sou mais um céptico.*

Clico em enviar e imediatamente vejo que ele está digitando algo. Observo a caixa de bate-papo até que sua próxima mensagem apareça.

*Então você se comunicou?*

*Sim.*

*Você ainda está aí na casa? Ou você foi embora?*

*Ainda estou aqui.*

*Existe algum motivo pelo qual você escolheu ficar? A maioria das pessoas teria saído se estivessem na sua situação.*

*Ela não parece perigosa.*

*Esperançosamente. Eles geralmente não são.*

Eu fico olhando para essa frase por um segundo. Essa pessoa não hesitou em nada enquanto falava comigo. E se quem quer que seja teve uma experiência como a minha? Eu digito outra pergunta:

*Ela não tem memória de sua vida. Não sei como ajudá-la. Eu nem tenho certeza se ela quer ajuda.*

*Fantasmas não têm capacidade de guardar memórias específicas. Apenas sentimentos, então isso não é incomum. Mas sua falta de desejo por respostas pode ser um indicador de que ela pode ser um espírito relativamente novo. Isso cobra seu preço depois de um tempo. Eles geralmente estão mais do que prontos para seguir em frente com o tempo. Não é um lugar divertido para se estar.*

Reli a resposta, querendo acreditar que essa pessoa sabe do que está falando, mas isso é a internet. Provavelmente, a pessoa do outro lado da conversa está rindo da minha credulidade.

*Eu gostaria de ajudar seu fantasma a encontrar respostas. É o que eu faço.*

Eu começo a digitar uma resposta para isso, mas meus dedos ainda crescem no teclado. Como essa pessoa poderia ajudar sem que eu tivesse que dar-lhe informações pessoais, como onde o fantasma mora ou como entrar em contato comigo? Não posso dizer a um completo estranho quem eu sou. Aprendi minha lição da maneira mais difícil que a privacidade é algo precioso e frágil.

Meu corpo inteiro estremece quando a campainha da secadora soa. Eu rapidamente fecho meu laptop, vou pegar o maiô de Layla e volto para cima.

Willow está olhando para a TV enquanto os créditos rolam, seus olhos cheios de lágrimas. Ela nem mesmo desvia o olhar da TV quando fecho a porta atrás de mim. Coloco o maiô de Layla de volta na cômoda e pego a tigela de pipoca vazia de Willow. Ela finalmente interrompe seu olhar e me segue com os olhos enquanto eu coloco a tigela na minha mesa de cabeceira. — É um final tão terrível, — ela murmura. — Eu sempre esqueço o quão ruim é o final.

— Como termina?

— Ele encontra o encerramento e vai para o céu, — diz ela com um beicinho.

Eu rio, sem entender por que esse é um final ruim. — Se o paraíso existe, não é isso que um fantasma deveria querer?

Ela acena com o braço com raiva para a televisão. — E quanto a Molly? Ela está sozinha agora. Ela tem que viver o resto de sua vida sabendo que seu marido está vagando pela eternidade enquanto ela ainda tem que trabalhar e pagar as contas e... *viver*.

Ela diz *viver* como se fosse uma coisa tão ruim. Eu sento na cama. — Deixe-me ter certeza de que entendi direito. Você está triste pelo humano? Não pelo fantasma?

— É *claro que* eu estou triste pelo ser humano. Uau, *ótimo final*, o fantasma se tornou um fantasma ainda mais fantasmagórico, — ela diz sarcasticamente. — Grande coisa, nós sabíamos que ele estava morto desde que aconteceu no início do filme. Mas onde isso leva *ela*? Ela obteve provas de que ele estava morto e ainda *mais* provas de que ele estava morto. Como isso é romântico? Ela teve que sofrer *duas vezes*! É o pior filme que já vi.

— Eu pensei que você já tinha visto isso antes.

— Sim, mas não enquanto eu estava em um corpo com um coração que poderia se quebrar e lágrimas que poderiam se formar. Não senti tudo isso quando assisti antes. Isso é *péssimo*. — Ela se joga na cama e abraça o travesseiro de Layla.

— Eu não gosto de todos esses sentimentos.

Aponto o controle remoto para a TV e aperto o botão para desligar. A sala escurece. Eu coloco o controle remoto na mesa de cabeceira e, em seguida, deito na cama e puxo as cobertas sobre mim. Willow se vira para mim, enrolando as mãos sob a bochecha. — Patrick Swayze morreu, certo? Na vida real?

— Sim.

— Você acha que ele é um fantasma de verdade agora? Você acha que ele poderia ser como eu?

— Talvez. Mas você nunca deixou esta propriedade, então como pode saber o que mais existe por aí? *Quem* mais está aí?

Ela sorri. — Eu deixaria esta propriedade para Patrick Swayze.

— Talvez seja isso que você precise fazer. Sair. Viajar. Ir ver se há outros como você.

— Mas parece que devo ficar aqui.

— Por quê?

Ela encolhe os ombros. — Eu sempre me senti assim. Certamente há uma razão para eu estar aqui, nesta casa aleatória no meio do nada.

— Talvez você morasse aqui. Talvez você tenha morrido aqui.

Ela pensa nisso por um momento. — Não me sinto em casa, no entanto. Não que em qualquer lugar poderia, eu acho.

— E se houvesse uma maneira de você descobrir de onde você é? Quem você é? Você faria isso?

Suas sobrancelhas frazem. — O que você quer dizer?  
Como contratar um detetive?

— Algo parecido. Posso conhecer um cara.

Ela ri. — Você *conhece* um cara? — Ela revira os olhos como se isso fosse improvável. Mas, honestamente, não parece muito improvável para mim. Ela cobre a boca e boceja. — Layla está muito cansada. Ela vai ter uma ressaca quando acordar amanhã.

— Eu vou te ver amanhã à noite? Quero falar mais sobre como posso ajudá-la a encontrar respostas.

Willow ajusta o travesseiro sob sua cabeça. — Eu realmente não quero ajuda, Leeds. Cada vez que você toca no assunto, me dá uma vibração de Dr. Kevorkian.

Eu rio, confuso. — O que?

— Como você se sentiria se eu dissesse que você deveria seguir em frente com *sua* existência? É como me encorajar a cometer suicídio.

*Uau.*

Eu rolo em minhas costas, juntando minhas mãos sobre meu peito. — Eu não pensei sobre isso do seu ponto de vista. Me desculpe, eu continuo tocando no assunto.

— Está tudo bem, — ela diz. — E não estou dizendo que me oponho a buscar respostas algum dia. Só não tenho certeza se sou corajosa o suficiente para dar esse passo ainda. Por enquanto, eu só quero aproveitar esta última semana sendo capaz de sair com você.

Eu não olho para ela, mas posso sentir que ela está olhando para mim. *Ela gosta de sair comigo.* Não é uma coisa inadequada de se dizer, mas a reação que tenho em meu peito a essas palavras pode ser quase inadequada.

Eu não respondi a ela. É durante os momentos de silêncio entre nós que me sinto mais culpado.

O silêncio é onde todos os erros acontecem.

Eu rolo e fecho meus olhos. — Boa noite, Willow.



Layla  
COLLEEN  
HOOVER

# *A Entrevista*

O homem para o gravador.

Eu inclino minha cabeça para trás, sentindo-me desconfortável sobre para onde esta conversa está indo. Eu quero ser honesto com ele, mas a verdade que está prestes a surgir não me pinta em uma boa luz.

Nada mais que eu diga esta noite vai me pintar com uma boa luz.

— Você tem um banheiro que eu possa usar? — Ele pergunta.

Eu aponto para o corredor. — Terceira porta à sua direita.

Ele se levanta e sai da sala. Eu iria verificar Layla, mas finalmente está tranquilo lá em cima. Espero que continue assim por um tempo. Abro meu laptop para ver se Willow está na sala com a gente.

— Você está aqui? — Eu pergunto a ela.

Eu coloco o laptop em um assento vazio ao meu lado, e ela imediatamente digita uma resposta.

*Sim.*

— O que você acha?

*Não estive aqui durante toda a conversa porque queria que Layla adormecesse, então não sei o que você disse a ele ou o que ele sugeriu.*

— Eu disse a ele quase tudo, mas tudo o que ele fez foi ouvir até agora.

*Quase tudo? O que você deixou de fora?*

Eu rolo minha cabeça e a abaixo em meus braços. — Não contei a ele tudo o que aconteceu na noite em que Layla e eu fomos baleados.

*Leeds...*

— Eu sei. Eu vou chegar lá. Eu só...

O homem volta para a sala, então eu fecho minha boca e não termino minha frase. Ele me olha com atenção enquanto se senta à mesa. — Você estava falando com Willow?

Eu concordo.

— Como?

— Através do meu laptop. Falo com ela em voz alta e ela responde usando o computador.

O homem me encara pensativo. — Fascinante, — diz ele.

Eu viro o laptop em direção a ele. — Você quer vê-la fazer isso?

Ele balança a cabeça. — Eu não preciso ver isso. Eu acredito em você. — Ele se inclina para frente e liga o gravador.  
— Então, o que aconteceu na manhã seguinte?



Layla  
COLLEEN  
HOOVER

## *Capítulo Treze*

Eu acordo com o cheiro de ovos. Eu rolo e Layla não está na cama. Há um caroço de pipoca ao lado de seu travesseiro, então rapidamente pego e levo comigo para o banheiro, jogando-o na lata de lixo.

Depois de escovar os dentes, desço as escadas, sem saber exatamente o que esperar. Layla normalmente não cozinha mais, mas *alguém* está cozinhando.

Eu entro na cozinha, e ela ainda está com a camiseta que Willow estava usando quando nos deitamos na cama ontem à noite, mas não tenho certeza de que ainda não seja Willow.

É a primeira vez que não consigo dizer quem é quem. Willow acordou como Layla?

Eu a observo em silêncio da porta. *Willow algum dia fingiria ser Layla para me enganar?*

Eu imediatamente me sinto mal por pensar nisso. Willow protege Layla. Ela tirou a taça de vinho da minha mão ontem à noite. Duvido que ela faça algo enganoso agora que sei sobre ela.

Assim que ela levanta os olhos do fogão e faço contato visual com ela, sei instantaneamente que é Layla. Sua voz está pesada de sono quando ela murmura: — Bom dia. — Suas

pálpebras estão um pouco fechadas. Ela parece cansada. De ressaca.

Eu ando até ela e a beijo na bochecha. — Dia. — Eu olho para a frigideira e ela está mexendo nos ovos mexidos com um garfo.

— Você quer um pouco? — Ela pergunta. — Eu li que ovos ajudam com ressacas.

— Não, estou bem. — Eu preparam uma xícara de café para mim e me inclino contra o balcão, observando Layla. Estou curioso para saber se ela tem alguma lembrança da noite passada.

— Que horas você acordou? — Eu pergunto a ela.

— Cinco. Não consegui voltar a dormir. Estou com uma ressaca horrível. — Ela se vira e diz: — Quer saber algo estranho?

— O quê?

— Eu tinha um pedaço de pipoca preso no dente quando acordei.

Minha coluna endurece com esse comentário. Eu me afasto dela e despejo creme na minha xícara de café. — Sim, nós assistimos um filme na cama ontem à noite. Você estava muito bêbada.

Layla ri, mas é uma risada sonora. Ela está tocando sua testa quando eu me viro. Ela estremece e diz: — Uau. Eu não me lembro disso.

Ela coloca uma pilha de ovos em uma torrada e se senta à mesa para comer. Não consigo parar de olhar nos olhos dela. Suas pupilas estão escuras e largas – como se duas bolinhas pretas cobrissem o verde de seus olhos.

Ela dá uma mordida em seus ovos e torradas com um garfo, então bate o garfo repetidamente na mesa enquanto mastiga. Seu joelho está balançando para cima e para baixo, como se sua ressaca fosse estranhamente associada a muita energia nervosa reprimida.

— Quanto café você bebeu hoje?

Ela engole sua mordida e limpa a boca com um guardanapo. — Quatro xícaras já. Achei que poderia ajudar com a ressaca.

Isso explica seu comportamento. Eu estava começando a pensar que ela poderia ser Willow de novo, mas não é ela. Ela está comendo como Layla come. Pequenas mordidas, sempre com garfo. Willow já teria devorado todo aquele prato de comida.

— Talvez você deva relaxar hoje, — eu sugiro. — Ter outro dia na piscina.

Ela aponta para a cozinha na janela. — Eu não posso... é suposto ter uma tempestade.

Eu ando até a janela e afasto a cortina. Todo o céu parece colinas onduladas de um azul profundo. Abro o aplicativo de previsão do tempo no meu telefone e ele diz que vai chover nos próximos dois dias. Eu olho para trás para Layla. Ela só comeu metade da torrada e dos ovos, mas já empurrou o prato e está mexendo no telefone. — Então o que você quer fazer hoje? — Eu pergunto.

— Você realmente precisa de algum novo conteúdo de mídia social, — diz ela. — Não postamos nada desde a foto no avião. Posso tirar algumas fotos sensuais de você na chuva. Isso pode ser uma capa de álbum realmente ótima.

Na verdade, parece um pesadelo. Layla pode ver no meu rosto que não estou com vontade de posar para fotos.

— Eu sei que você não quer pensar em trabalho, mas esta casa é enorme. Existem tantos cenários potenciais para fotos. Apenas me dê duas horas com a câmera, e então vou deixá-lo em paz até quarta-feira.

— Por que quarta-feira?

— É quando partimos.

Sua voz é delicada, mas essas palavras parecem densas e involuntariamente ásperas. Estaremos deixando Willow aqui sozinha em questão de dias. Eu realmente não quero ir até que Willow esteja pronta para encontrar respostas, porque por algum motivo, eu preciso de respostas. Não sinto que serei

capaz de funcionar no mundo real a menos que, de alguma forma, consiga entender tudo o que aconteceu nesta casa.

— Eu me sento em frente a Layla. — O que você acha de ficar mais um pouco?

— Seus ombros caem um pouco. — Sério?

— Sim. Estou escrevendo muitas músicas. Provavelmente poderei terminar o álbum aqui se tiver um pouco mais de tempo.

— Não ouvi piano nenhuma vez.

— Eu não precisei disso. Tenho escrito letras, — minto.

Ela suspira e deixa seu telefone cair na mesa. — Não ser má, mas é chato aqui, Leeds. Eu estou ficando louca. E o tédio está me deixando cansada. Eu me sinto exausta todos os dias. É como se tudo que eu fizesse fosse dormir.

— Eu sei que o cansaço é minha culpa, mas ainda não desisto. — E se fizermos um acordo?

Ela levanta uma sobrancelha. — Depende do acordo.

— Vou te dar três horas hoje para me posar como quiser, quantas fotos quiser tirar. E você me dá mais três dias para trabalhar no meu álbum.

Ela parece atraída por esse compromisso. — Posso até posar você na chuva?

— Eu concordo.

Um sorriso consegue romper sua ressaca. — Combinado.  
— Ela se inclina sobre a mesa e me beija. — Você não vai se arrepender disso.

Ela está errada. Eu já me arrependo. Eu me arrependi de quase todas as decisões que tomei às custas dela desde que chegamos aqui.

No entanto... não fiz nada para me impedir.



Layla *talvez* tenha dormido quatro horas na noite passada. Combine isso com uma sessão de fotos de três horas, uma ressaca e muito pouca comida hoje, e não tenho ideia de como ela aguentou até as oito horas antes de subir para dormir.

Já são quase dez horas e não há sinal de Willow. Tentei perguntar se ela está aqui, mas ela não respondeu. Nem mesmo com o laptop.

Passei a última hora elaborando novas letras. Se vou mentir para Layla e dizer a ela que a música é o que me mantém nesta casa, pelo menos preciso criar essa música.

Comecei a escrever uma música há cerca de duas semanas chamada *No Vacancy*, então passei a maior parte do meu tempo esta noite reformulando as letras.

Já faz quatro horas que está tempesteando. A previsão estendeu a chuva para um terceiro dia, o que me preocupa. Layla parece contente quando chega a seus dias na piscina, mas não sei em que humor a deixará ficar três dias presa dentro desta casa.

— O que você está fazendo?

Eu pulo com tanta violência que minha cadeira recua meio metro. Eu agarro meu peito e solto um suspiro quando vejo Willow parada na porta. Não a ouvi descer as escadas por causa do trovão, então minha reação ao seu aparecimento inesperado a faz rir.

— Parece que você acabou de ver um fantasma, — ela diz com uma piscadela. Ela vai direto para a geladeira. — Sério, Leeds. Sua namorada tem um distúrbio alimentar. Estou preocupada com ela. — Ela pega um prato com as sobras do jantar que preparei antes. Batatas assadas recheadas e salada Caesar. Layla só comeu a salada, então guardei a batata assada para Willow.

Eu fecho meu documento e, em seguida, fecho meu laptop. Willow coloca o prato no micro-ondas e se vira para me encarar. — O que foi hoje? Com as fotos, e as fotos estranhamente vaidosas?

O tempo todo que Layla estava me forçando a posar, eu me perguntei onde Willow estava. Se ela estava assistindo ou não. Eu esperava que ela não estivesse.

— Nada. — Não quero falar sobre o compromisso que fiz com Layla e, especialmente, não quero falar sobre o fato constrangedor de que toda vez que Layla posta uma selfie sem camiseta minha, eu consigo o dobro de downloads da minha música.

— Você é como um modelo ou algo assim? — A voz de Willow é divertida, mas ainda não sinto vontade de falar sobre isso. Eu quase prefiro que ela mergulhe nos pensamentos de Layla apenas para não ter que explicar a ela.

— Existe essa coisa... mídia social.

— Eu sei o que é mídia social, — diz ela.

— Claro que você sabe. De qualquer forma. Layla está trabalhando para monetizar minha plataforma.

— Então você é um influenciador?

Eu me inclino para trás em minha cadeira, perplexo. — Como você sabe o que é isso?

— Eu assisto TV. Eu sei muitas coisas. Você é famoso?

— Não.

— Mas você quer ser? — O temporizador do micro-ondas apaga-se. Willow pega seu prato e caminha até a mesa.

— Layla espera que minha carreira musical decole, então eu faço a vontade dela. Dá a ela algo em que se concentrar.

— E se ela estiver certa? E se você se tornar famoso? — Willow diz.

— Esse é o meu medo.

Ela acena com o garfo no ar depois de dar uma mordida.

— É assim que você pode ficar aqui? Dinheiro da mídia social?

— Não. Eu só tenho três músicas lançadas. Mas eu tenho dinheiro. Uma herança.

Espero que ela faça um comentário sobre isso, mas Willow apenas me olha com curiosidade por um momento. — Você está apenas tocando indiferente ou realmente não quer que a carreira musical dê certo?

— Estou indeciso. Amo escrever música e quero que as pessoas ouçam, mas não sei se fui feito para tudo o que vem com isso.

— Você tem a aparência.

— Definitivamente, não quero ficar famoso por causa da minha aparência.

— E se você não for tão talentoso quanto pensa que é? E se a única razão de você ter seguidores for porque você é gostoso?

Eu rio de sua franqueza. — Você acha que eu sou gostoso?

Ela revira os olhos. — Você já viu um espelho antes. — Ela aponta em direção ao meu telefone. — Eu quero ouvir uma de suas canções. Toque o que você tocou para Layla no piano na noite em que a conheceu. Acho que se chama *I Stopped*.

— Eu pensei que você não tivesse olhado para as memórias dela.

— Eu tento não olhar. Esse é difícil de evitar, no entanto. Está na frente e no centro de sua cabeça.

Gosto que Layla prefira essa memória. É uma das minhas favoritas também.

Abro o aplicativo de música e clico em reproduzir a música para Willow. Mas então abro meu laptop e me concentro nele em uma tentativa de ignorar o fato de que ela está ouvindo minha música.

Eu odeio ouvir minha própria música. Tento me ocupar com os e-mails enquanto ela escuta cada uma das três músicas com atenção. Quando todas terminam de tocar, ela leva meu telefone de volta para mim do outro lado da mesa.

— Sua voz é assustadora, — ela diz.

— Assustadora é bom ou ruim vindo de um fantasma?

Ela sorri. — Acho que pode ser os dois. — Ela está de bom humor. Ela está quase sempre de bom humor, mesmo quando

está chateada comigo por quase drogar minha namorada ou por insistir continuamente que ela deveria descobrir por que está aqui. É como uma chicotada, indo de Layla, que parece tão intensa, para Willow, que é como uma rajada de vento.

— Você pode sentir a ansiedade de Layla quando você está dentro dela? — Eu pergunto a ela.

— Eu não sinto isso agora. Provavelmente porque ela não está alerta - nada para se preocupar.

— Mas você pode sentir o amor dela. E sua tristeza. Você já disse isso antes.

Willow acena com a cabeça. — Talvez os sentimentos dela por você sejam mais fortes do que sua ansiedade. Ela sente muito por você.

É bom saber disso. — Ela acha que eu vou propor a ela?

— Você vai?

— Provavelmente.

Willow toma um gole d'água. Goles. Ela olha para o prato por um momento, pensativa, e posso dizer que ela está tentando peneirar os sentimentos de Layla. — Ela *espera* que você peça em casamento, mas não acho que ela esteja esperando isso tão cedo.

— Que tipo de anel ela quer?

— Isso importa? Você já comprou. Você o mantém lá em cima no seu sapato como um idiota. — *Ela sabe sobre o anel de noivado?* — As meninas podem farejar essas coisas como um cão de caça. Ela vai descobrir se você não esconder melhor.

— Então você viu o anel? Você acha que ela vai gostar?

Willow sorri. — Tenho a sensação de que ela vai gostar de qualquer anel que você der a ela, mesmo que seja de plástico. Ela te ama mais do que... — Sua voz desaparece antes que ela termine a frase.

— Mais do que o quê?

Willow balança a cabeça, seus olhos de repente ficando mais sérios. — Deixa ‘pra’ lá. Eu não deveria estar compartilhando seus pensamentos com você. Parece errado.

Willow termina sua comida, mas não posso deixar de me perguntar sobre o que foi a mudança repentina em seu comportamento. *O que ela estava prestes a dizer?*

Ela limpa a mesa e caminha até a entrada da cozinha. Ela olha por cima do ombro para mim. — Venha tocar uma música para mim, Leeds.

Hesito, porque não sei o que quero. Gosto da memória de tocar uma música para Layla no Grand Room. Não tenho certeza se quero criar essa memória com mais ninguém. Parece uma traição.

Willow já entrou no Grand Room. Ela está esperando por mim lá. Hesito por mais alguns segundos, mas acabo saindo da cozinha e atravesso o corredor.

Eu paro na porta do Grand Room porque Willow está baixando a tampa do piano de cauda. Então ela começa a subir em cima dela. Ela se estende sobre o piano de barriga para baixo, esticando os braços sobre ele. Ela me vê olhando para ela com perplexidade. Ela sorri gentilmente e diz: — Eu quero sentir o som. Nunca consigo sentir as coisas sem um corpo. É legal.

Por mais que eu queira preservar minha memória desta sala com Layla, me sinto igualmente mal por não tocar uma música para Willow. Ela não consegue interagir com pessoas além de mim. Isso tem que ser solitário.

Eu relutantemente sento no banco do piano. — O que você quer que eu toque?

— Toque o que você estava escrevendo antes, em seu laptop.

— Eu pensei que você não estava lá quando eu estava no meu laptop. Tentei falar com você.

Ela levanta a bochecha do piano. — Eu não queria que você parasse de escrever, então fingi que não estava lá.

Achei que ela poderia estar lá. Não sei como. Às vezes é como se eu pudesse senti-la no quarto comigo, mas não sei se

é porque eu sei que ela está nesta casa ou se ela realmente tem uma presença.

Willow encosta a bochecha contra a madeira envernizada novamente, esperando pacientemente.

Eu olho para as teclas do piano e tento me lembrar como a música começa. — Eu não terminei de escrever ainda.

— Toque o que você tem, então.

Começo a mexer nas teclas e, quando olho de volta para ela, ela fecha os olhos. — Este se chama *No Vacancy*, — eu digo baixinho. Então eu canto para ela.

*Eu apareci rico enquanto me sentia pobre*

*Eu não bati mas eles abriram a porta*

*Atirando pedras, elas perfuram meu olho*

*Deixando pequenas rachaduras na minha espinha*

*Éramos realeza sem trono*

*Nosso castelo não parecia casa*

*Ecos de “eu te amo” nos corredores*

*Nossas palavras absorvidas nas paredes*

*Eu nos registrei para que não pudéssemos sair*

*Pensei que talvez o tempo me fizesse acreditar*

*Se eu nos levasse de volta para a linha de partida*

*Nós nunca cruzaríamos a linha de chegada*

*Minhas mãos podem não estar vermelhas*

*Mas meu coração, ele sente o sangramento*

*Se minha alma tivesse um letreiro de néon*

*Teria escrito Sem Vaga*

*Se minha alma tivesse um letreiro de néon*

*Teria escrito Sem Vaga*

Quando termino de tocar todas as partes da música que escrevi, ergo os olhos do piano. Seus olhos ainda estão fechados.

Ela permanece pressionada contra o piano, como se não quisesse que a sensação acabasse. Ela parece triste... meio arrependida. Isso me faz pensar se ela vai sentir falta disso quando partirmos. Ela estará sozinha sem ninguém aqui para conversar à noite, ninguém aqui para tocar música para ela, ninguém aqui para lhe dar algo para fazer para passar o tempo enquanto ela simplesmente flutua no nada.

Ela finalmente abre os olhos, mas não se move.

Sinto meu peito apertar quando fazemos contato visual, porque, novamente, eu só quero confortá-la. Mas não porque estou confundindo esse desejo com algum vestígio errante de como me sinto por Layla - mas porque quero confortar *ela*.

*Willow.*

— Lamento que você esteja tão sozinha, — eu sussurro.

Ela sorri, mas é um sorriso tão triste. — Foi você quem escreveu essa música. Não sou mais solitária do que você.

O silêncio desce lentamente sobre a sala, envolvendo-nos firmemente em suas garras.

Mas não digo nada para quebrá-lo. Eu absorvo isso. Eu a absorvo. Ninguém mais o fará, e isso me deixa triste por ela.

— Ela está realmente apaixonada por você, — Willow diz.

Não sei por que ela diz isso. Ela às vezes sente a necessidade de Layla de me tocar e beijar, da mesma forma que eu sinto a necessidade de tocar e beijar Layla? Quando ela está dentro de Layla, é tão confuso para ela quanto é para mim?

— O corpo dela está muito cansado esta noite. Eu deveria deixá-la dormir. — Willow se senta no piano. — Você vem para a cama?

Eu quero.

É exatamente por isso que eu não deveria.

Eu engulo o *sim* que está preso na minha garganta e olho para as teclas do piano. Eu coloco meus dedos sobre elas. — Vá em frente.

Ela me encara por um momento, mas eu não olho para ela. Começo a tocar a música de novo e, quando o faço, ela sai da sala. Depois que ela sobe as escadas e ouço a porta do quarto se fechar, paro a música. Eu abajo minha cabeça no piano.

*O que eu estou fazendo?*

*E por que não quero parar?*

Layla  
COLLEEN  
HOOVER

# *Capítulo Quatorze*

Acordei determinado a dar a Layla todo o meu foco hoje. Talvez fosse culpa. Não foi difícil dar a ela todo o meu foco. Ela ficou ao meu lado a maior parte do dia porque o tempo lá fora nos deixava com pouca coisa para fazer.

É quase meia-noite e Layla ainda não dormiu.

Isso pode ser por causa da tempestade. Ela não gosta da ideia de estar no meio do Tornado Alley<sup>5</sup> durante uma tempestade, mas estou de olho no tempo. Não há avisos de tornado... apenas muitos raios e chuva. E trovões que a deixam tensa toda vez que sacode a casa.

Normalmente acho esse tipo de clima relaxante, mas agora estou apenas irritado com ele porque mantém Layla acordada.

Ela está deitada no sofá comigo no Grand Room, passando por suas postagens nas redes sociais. Seus pés estão no meu colo. Estou tentando terminar de ler o livro que comecei há seis meses – aquele sobre o apresentador do game show que alegou ser um espião – mas meus olhos estão apenas examinando a tela. Não estou absorvendo nenhuma das palavras porque não consigo parar de pensar em Willow. Layla

---

<sup>5</sup> Termo usado para designar a região central dos Estados Unidos cobrindo muitos estados em que frequentemente ocorrem muitos tornados.

concordou em me dar mais alguns dias em casa, mas ainda assim teremos que ir embora.

Willow ficará sozinha.

Não é como se eu pudesse simplesmente ir visitá-la - este lugar fica no meio do nada. Envolve um voo, um carro alugado, horas de condução. É um dia inteiro de viagem.

Vou ter que fazer uma oferta pela casa se quiser ajudá-la a encontrar respostas eventualmente. Mesmo que Layla não queira morar aqui, eu odiaria que outra pessoa o comprasse. Eu poderia contratar outra pessoa para administrar o lugar – transformá-lo de volta em uma pousada para que Willow não ficasse sozinha. Haveria uma porta giratória constante de estranhos. Ela pode gostar disso mais do que ficar sentada sozinha em uma casa vazia.

E se eu fosse o dono deste lugar, teria uma desculpa para voltar ocasionalmente. Visitar Willow sem que Layla ficasse desconfiada.

*Isso é traição emocional?*

Willow é um fantasma. Não é como se ela pudesse ficar entre mim e Layla.

Mas eu acho que ela pode de certa forma.

Willow e eu nos sentimos confortáveis um com o outro... a ponto de eu começar a preferir a companhia dela à de Layla. Não estou orgulhoso disso. Layla significa muito para mim,

mas estou fascinado - até *obcecado* - com a ideia de que esta vida não é a única que importa. Alguém poderia pensar que isso me faria sentir que esta vida é ainda mais importante, mas me sinto cada vez mais distante deste mundo. Estou sendo puxado para a casa de Willow, ou talvez ela esteja sendo puxada para a minha. De qualquer maneira, não pertencemos ao mundo um do outro, mas agora que encontramos uma maneira fácil de combiná-los, isso me torna desinteressado por tudo o mais ao meu redor.

Isso não é culpa de Layla. Não há nada que Layla tenha feito de errado. Ela é a vítima de tudo isso. Ela foi a vítima seis meses atrás, e ela é a vítima agora, embora ela não saiba disso. A única coisa que Layla fez de errado foi se apaixonar por mim.

Achei que essa viagem iria tornar as coisas melhores para ela. Talvez isso tivesse funcionado se eu não tivesse descoberto a existência de Willow nesta casa. Agora eu não fiz nada além de diminuir meu fascínio com o que quer que seja que Willow é para abrir uma parte ainda maior entre mim e todos os outros aspectos da minha vida.

Layla parece não saber de nada disso, no entanto. Ela pode pensar que as coisas estão bem entre nós. Mas isso é só porque ela não se lembra dos detalhes e como era bom entre nós antes de eu me tornar seu cuidador.

Não que eu tivesse feito qualquer outra escolha. Mas, independentemente do amor por trás de cuidar dela, ou das boas intenções – a recuperação ainda cobra seu preço, não

apenas na recuperação das pessoas, mas em todos ao seu redor.

— O que você está lendo? — Layla pergunta.

Eu olho para ela, e ela deixa cair o celular contra o peito. Sua cabeça está inclinada e seu cabelo está espalhado sobre o travesseiro embaixo dela. Ela quase não está usando nada — uma blusa de seda transparente que nem cobre o umbigo. Um par de calcinhas de cor creme combinando. Eu coloco meu telefone no braço do sofá e envolvo minha mão em torno do tornozelo de Layla. Eu arrasto lentamente até o joelho. — Ainda estou tentando terminar o mesmo livro.

— Qual livro?

— Aquele sobre o apresentador do game show que pensa que é um assassino.

Ela balança um pouco a cabeça. — Não parece familiar.

Começo a dizer: — *Já falei sobre isso*, — mas me lembro que foi uma das últimas conversas que tivemos antes de ela ser baleada. Ela não tem memória daquele dia inteiro, ou da semana que se seguiu. Nenhuma lembrança de nossas conversas naquele dia anterior ao momento em que ela foi baleada. Às vezes eu preencho as lacunas para ela, mas não quero falar sobre isso agora. Eu me sentiria mal por mencionar algo que pudesse desencadear sua ansiedade.

— É apenas um romance, — eu digo, me ajustando no sofá para me deitar ao lado dela. Ela se aninha contra mim,

pressionando um beijo no meu pescoço. Eu sinto o cheiro de seu shampoo. É tropical – mangas e bananas – e me lembra de todos os lugares que não é o Lebanon, Kansas. Em todos os lugares que Layla provavelmente preferiria estar do que aqui mesmo.

O que ela vai pensar se eu comprar esta casa?

Devo mesmo comprar?

Ou devemos apenas fazer as malas e partir antes que cada linha que já cruzei se torne uma parede tão alta que não possamos escalar?



— Leeds.

A voz de Layla é um sussurro distante, pairando no ar enquanto eu me esforço para decidir se quero deixar meu sono e seguir aquela voz.

— Leeds, acorde.

A mão dela está na minha bochecha e estamos pressionados juntos. Ainda estamos no sofá. Não é surpreendente que adormecemos, considerando todas as

noites que passo acordado com Willow. Tenho dormido tão pouco quanto Layla consegue.

Eu deslizo minha mão dentro das costas de sua camisa de seda e corro minha palma por sua pele. Quando eu faço isso, ela pressiona suas mãos com tanta força contra meu peito que se impulsiona para fora do sofá e cai no chão. Seu movimento repentino, seguido pelo baque, força meus olhos a se abrirem. Eu me inclino sobre o sofá em busca dela. Ela está deitada de costas, olhando para mim.

É Willow. Não Layla.

— Minha culpa, — eu digo, lutando para ajudá-la a se levantar. — Eu pensei que você fosse Layla.

Quando ela se levanta, ela olha para si mesma - para as roupas que Layla vestiu mais cedo. Ou a falta dela.

Minha voz está rouca quando digo: — Você provavelmente deveria se trocar. — Limpo minha garganta e entro na cozinha enquanto ela sobe as escadas correndo.

Eu faço um bule de café para nós porque Willow sente a exaustão de Layla quando ela está dentro dela. Eu certamente sinto a exaustão. É tarde e a última coisa de que preciso é café. A última coisa de que preciso é uma desculpa para ficar acordado e bater um papo com alguém que não seja Layla. Mas quando Willow desce as escadas e entra na cozinha, fico aliviado em vê-la e imediatamente esqueço o quanto isso é errado.

Ela vestiu uma camiseta e uma calça de pijama de Layla. Ela cutuca sua cabeça em direção ao café. — Boa ideia.

Quando termina de preparar, encho duas xícaras de café e deslizo uma para ela. Ela está parada ao meu lado no balcão. Estamos ombro a ombro enquanto eu despejo creme em minha xícara e ela coloca açúcar no dela.

— Você sabia que na cultura árabe antiga, uma mulher só poderia se divorciar de seu marido se ele não gostasse do café dela? — Willow pergunta.

Eu me inclino contra o balcão. — Isso é verdade?

Ela acena com a cabeça, encostada no balcão ao meu lado, de frente para mim. Ela bebe lentamente de sua xícara e diz: — Eu li em um daqueles livros no Grand Room.

— Quantos você leu?

— Todos eles.

— Que outros fatos aleatórios você aprendeu?

Ela pousa a xícara e se empurra para cima da bancada. — O café mais caro do mundo é feito na Indonésia. É caro porque os grãos são comidos e digeridos por um gato antes de serem usados para fazer o café.

Eu não esperava um fato assim. Eu olho para o meu café e faço uma careta. — O que eles fazem? Tiram o feijão digerido da merda do gato?

Ela concorda.

— As pessoas pagam *mais* pelo café feito do cocô de gato?

Willow sorri. — Pessoas ricas são estranhas. Isso pode ser você algum dia. Bebendo café de merda de gato no seu mega iate.

— Espero que não.

Ela pressiona as duas mãos no balcão ao lado do corpo. Ela se inclina um pouco para trás, balançando as pernas para frente e para trás. — Como é a sua mãe?

Essa pergunta me deixa confuso. — Minha mãe?

Ela concorda. — Eu ouço você no telefone com ela às vezes.

Há tantas vezes ao longo do dia que me pergunto onde Willow está quando não está no corpo de Layla. Ela me segue por aí? Ela passa o dia todo no Grand Room? Ela sempre segue Layla?

— Ela é uma boa pessoa. Tive sorte.

Willow solta uma respiração lenta e então olha para seus pés balançando. Ela para de movê-los. — Eu me pergunto como minha mãe era.

É a primeira vez que ela reconhece que pode ter tido uma vida humana real antes daquela que está vivendo. Isso me faz

pensar se ela está mudando de ideia. Se talvez ela queira tentar pesquisar sobre seu passado.

— Estou pensando em fazer uma oferta pela casa.

Willow se anima com isso. — *Esta casa?* Você realmente vai comprar?

Eu concordo.

— Layla quer morar aqui?

— Provavelmente não. Mas eu poderia apresentar isso a ela como um investimento empresarial. Isso me daria um motivo para visitá-la.

— Por que ela não gosta daqui? Quando eu olho para trás em suas memórias deste lugar, todas elas parecem boas.

— Muita coisa aconteceu desde que nos conhecemos. Não sei se é desse lugar em particular que ela não gosta. Ela simplesmente não teve a chance de se estabelecer desde que foi liberada do hospital. Eu não acho que nenhum lugar vai parecer um lar para ela até que possamos escolher um lugar juntos, e eu duvido que ela queira um lugar tão isolado.

— Ela morou em Chicago antes, certo? Você acha que ela quer voltar lá?

Eu fico olhando para Willow, me perguntando se ela sabe o que Layla quer, e ela está apenas dizendo isso como uma dica. — Eu não sei. Me diz você.

Willow balança a cabeça. — Eu não quero mais cavar em sua cabeça. Como eu disse antes, seus pensamentos são caóticos.

— O que você quer dizer com caótico?

— Eu não tenho certeza, — Willow diz com um encolher de ombros. — Você diz que ela perdeu muitas de suas memórias, mas para mim, quando estou dentro de sua cabeça, há muitas para eu processar. É como se todos eles se sobrepuxessem, então é difícil para mim realmente filtrá-los. Mas, honestamente, eles não são meus pensamentos para filtrar, então eu basicamente os ignoro.

— Essa é provavelmente a coisa certa a fazer.

Ela ri sem entusiasmo. — Eu acho que nós borramos a linha entre o certo e o errado há algum tempo.

Nenhum de nós fala por um momento depois que ela diz isso. É difícil, porque nós dois sabemos que isso é errado, mas acho que ambos esperamos que o outro não dê um basta nisso. Obviamente, gostamos da companhia um do outro, ou não estariámos fazendo isso noite após noite.

Willow me olha pensativa. — O que aconteceu na noite em que você e Layla foram baleados?

Eu me endireito. Passo meu peso para a outra perna. — Você não pode simplesmente cavar em sua cabeça por isso? Não é realmente algo que eu gosto de falar.

Willow fica em silêncio por vários segundos. — Eu poderia... mas eu quero ouvir sua versão.

Eu não gosto de falar sobre isso. Jurei para mim mesmo, depois de contar todos os detalhes à polícia, que nunca mais falaria sobre isso, a menos que Layla perguntasse.

Willow está esperando que eu diga algo. Abro minha boca para responder, assim como um trovão rola no céu e um raio de luz atinge as proximidades. Willow se encolhe e as luzes se apagam.

As luzes da cozinha nem piscaram — elas apenas desligaram imediatamente, junto com todos os outros eletrodomésticos da casa.

O som de um trovão ainda retumba pela casa quando Willow diz: — Leeds?

Ela parece assustada.

Eu a encontro no escuro, e ela não está mais sentada no balcão. Ela está parada no meio da cozinha. Eu esfrego minhas mãos em seus braços de forma tranquilizadora. — Está tudo bem. A energia acabou de cair. Provavelmente voltará em um segundo.

Willow dá um passo para trás e diz: — O que está acontecendo? — Suas palavras saem rápidas e instáveis. — Onde estamos?

Mais relâmpagos iluminam a cozinha, e eu fico olhando para ela entre lampejos de escuridão e luz brilhante. Seus olhos estão cheios de medo. Eu posso dizer imediatamente que não estou mais olhando para Willow. — Layla?

— Que porra está acontecendo? — Ela diz, sua voz mais alta enquanto dá mais um passo para trás. Ela agarra o balcão ao lado dela, olhando selvagemente ao redor da cozinha. — Por que estou na cozinha?

Eu imediatamente pego Layla e a puxo contra mim. Eu pressiono minha mão contra sua nuca. — Está tudo bem, — eu digo, tentando inventar uma desculpa de por que ela agora está parada no meio da cozinha sem nenhuma memória de como acabamos aqui. — A energia acabou. Isso nos acordou.

— Por que não me lembro disso? Como estamos na cozinha... — Ela para de falar.

Ela solta um suspiro.

Eu a sinto relaxar, e posso dizer imediatamente que Willow está de volta porque ela se sente diferente em meus braços. Ela se afasta do meu peito.

— Sinto muito, — diz Willow. — O raio me assustou e devo ter accidentalmente escorregado para fora dela. — Há uma nova preocupação em seus olhos que não existia antes. Willow leva o polegar à boca e começa a mastigá-lo. — Ela vai se lembrar disso amanhã. Ela vai se lembrar de acordar aqui.

Não gosto de ver Willow preocupada tanto quanto não gosto de ver Layla preocupada. — Ei, — eu digo, apertando a mão dela. — Tudo bem. Vou fingir que ela teve um pesadelo ou estava meio adormecida.

Willow acena com a cabeça, mas ainda posso ver a energia nervosa em sua expressão. — Ok. — Ela cobre o rosto com as mãos. — Deus, eu sinto muito.

— Está tudo bem, Willow.

Ela acena com a cabeça novamente, mas posso dizer que ela não se sente tranquila.

Nem eu.

# *A Entrevista*

— Layla se lembrou no dia seguinte?

Eu concordo. — Sim. Foi a primeira coisa que ela perguntou quando acordou. Eu joguei como se ela estivesse meio adormecida quando a luz caiu, então eu a fiz ir para a cozinha comigo, e ela não acordou completamente até que o raio caiu.

— E ela comprou isso?

— Sim. Foi uma venda fácil. Qualquer um acreditaria que estava atordoado ou sonâmbulo antes que sua mente automaticamente começasse a questionar se eles estavam ou não possuídos por um fantasma.

O homem concorda com um aceno de cabeça. — Willow continuou a usar seu corpo depois disso? Mesmo depois do deslize?

Eu aceno, mas mal. Não é algo de que me orgulho, porque nenhuma desculpa é boa o suficiente para o que fizemos. Nem mesmo uma desculpa tão digna quanto a nossa.

— Layla já começou a suspeitar de alguma coisa?

— Ela estava preocupada sobre por que estava tão cansada o tempo todo. Willow estava usando seu corpo à noite,

então ela não estava dormindo tanto quanto pensava que estava dormindo. Ela acordava confusa sobre o motivo de ter dormido tão tarde quando estava indo para a cama tão cedo. Ela começou a achar que estava relacionado ao ferimento na cabeça.

— E você não disse a ela o contrário?

Eu inspiro e depois expiro lentamente antes de responder a essa pergunta. — Não. Eu concordei. Marquei uma consulta com o neurologista para ela.

— O que o neurologista disse a ela?

— A consulta é apenas na próxima semana.

— Você vai levá-la?

Eu balancei minha cabeça. — Não. Eu não posso agora. Ela nunca vai me perdoar pelo que fiz a ela nos últimos dias. — Eu me inclino para frente, pressionando minhas palmas na minha testa. — Eu deixei isso escapar do controle e não tenho certeza de como mudar isso.

— Por que você simplesmente não disse a Willow para parar quando percebeu que começou a afetar Layla?

— Eu não queria que ela parasse.

— Porque você estava tentando ajudar Willow?

Eu gostaria de poder dizer sim a isso, mas eu balanço minha cabeça. — Nós simplesmente caímos em uma rotina, eu

acho. Isso durou dias. Layla adormecia à noite e Willow assumia. Assistíamos filmes. Eu cozinhava para ela. Ela lia um livro no sofá enquanto eu trabalhava na música. Não havia um bom motivo para fazermos isso... ainda não estávamos usando o tempo juntos para buscar respostas. Nós apenas gostávamos da companhia um do outro.

O homem acena com a cabeça. — Como Willow se sente sobre o papel que ela desempenha nisso?

— Ela se sente péssima. Nós dois sentimos.

— Ainda assim, você continua fazendo isso?

Estou ficando frustrado com seu questionamento.

— É justo presumir que isso continuou porque você começou a desenvolver sentimentos por Willow?

Não consigo nem dizer sim em voz alta. Em vez disso, eu apenas aceno.

# Capítulo Quinze

Devemos fazer o check out em dois dias e voltar para o Tennessee. Layla está animada com isso.

Eu não estou.

Estou sentado no banco do piano, arrastando meus dedos para cima e para baixo nas teclas. Estive me lamentando internamente o dia todo, como uma criança sendo forçada a jogar fora seu brinquedo favorito.

Não falei muito com Willow desde a noite passada. Ficamos acordados até tarde assistindo outro filme. Tenho notado um tema recorrente nas últimas noites. Assistimos a filmes sobre fantasmas, vida após a morte, qualquer coisa paranormal. Willow faz perguntas após o final de cada filme, como se estivesse tentando descobrir em qual versão desse mundo ela quer acreditar. Na noite passada, assistimos *What Dreams May Come*. Isso a fez chorar.

Ela não fez uma única pergunta quando acabou. Ela apenas rolou para o lado e olhou para mim com tristeza. Perguntei a ela o que havia de errado e ela disse: — *Não quero voltar*.

— *Voltar para onde?* — Eu disse.

— Para nada. Gosto de estar dentro de Layla. Gosto de ficar com você. Fica mais difícil cada vez que tenho que deixar o corpo dela.

Eu não sabia o que dizer porque me sentia da mesma maneira, então apenas agarrei a mão dela e segurei até que ambos adormecêssemos.

Está ficando difícil à noite, vê-la ter que deixar Layla, sabendo que ela está apenas voltando ao mínimo de uma existência em uma casa enorme e solitária. E quanto mais perto chegamos do dia em que Layla e eu devemos partir, mais taciturnos Willow e eu nos tornamos quando passamos um tempo juntos.

Estou tocando uma nota baixa no piano – batendo sem parar com meu dedo – quando uma das notas mais altas toca sozinha. Eu imediatamente olho em volta, mas Layla ainda está lá em cima.

Willow deve estar tentando chamar minha atenção.

Eu vou para a cozinha para abrir meu laptop e ela imediatamente começa a digitar.

*Tenho más notícias.*

— O que?

*Layla acabou de encontrar o anel.*

Meus olhos imediatamente disparam em direção ao quarto do andar de cima. — Ela está vasculhando minhas coisas?

*Sim.*

— O que ela fez quando o encontrou?

*Ela engasgou. Então ela colocou de volta e imediatamente mandou uma mensagem de texto para Aspen e contou a ela sobre isso.*

— Merda, — eu digo com uma respiração pesada.

Eu não estava pronto para isso. Não depois de passar as últimas duas semanas e meia usando Layla do jeito que estou usando. Uma proposta neste ponto pareceria desonesto.

Sento-me à mesa e coloco minha cabeça em minhas mãos. Willow começa a digitar algo no documento novamente.

*Ela não sabe que dia você vai propor, então ainda há um elemento surpresa aí. Você não deve deixar isso te aborrecer.*

— Não é isso, — eu digo. — Eu simplesmente não acho que estou pronto, mas agora é tudo o que ela vai pensar.

*Se você não está pronto, por que trouxe o anel com você?*

— Eu trouxe comigo por causa dessa viagem... — Eu me inclino para trás na minha cadeira. — Esta viagem deveria nos aproximar. Mas me sinto ainda mais distante do que no dia em que chegamos.

*É minha culpa?*

— Não. Não acho que o que estamos fazendo ajudou, mas não é sua culpa.

*Eu não sabia que foi por isso que você veio aqui. Agora me sinto culpada por me inserir na narrativa. Eu posso parar. Se você quiser passar os últimos dois dias com Layla... eu posso desaparecer, e você nem vai saber que estou aqui.*

Meu peito aperta com esse pensamento. Não quero passar esses dois últimos dias aqui sem Willow. — Isso é o que temo que você faça, Willow. Não é o que eu quero. — Fecho o laptop porque não quero continuar esta conversa. Não por um laptop, de qualquer maneira. Preciso falar com Layla. Avaliar seu humor. Talvez o anel a tenha assustado. Talvez ela também não esteja pronta. Talvez isso desencadeie uma conversa há muito esperada entre nós.

Eu subo as escadas e posso escutar o chuveiro aberto. Eu entro no banheiro e Layla está escovando os dentes. Ela sempre faz isso. Liga o chuveiro para esquentar a água e fica de pé na pia por dez minutos para fazer sua rotina noturna de escovar os dentes, lavar o rosto e arrancar as sobrancelhas. Em seguida, ela mal tem água quente o suficiente para realmente sobreviver a um banho completo.

Ela sorri assim que entro no banheiro. Ela cospe pasta de dente na pia e depois enxágue. Em seguida, ela se aproxima de mim e me envolve com os braços, pressionando sua boca na minha. Há uma grande diferença nela agora em

comparação com a versão cansada de si mesma que ela tem se arrastado durante o dia. Ela está definitivamente animada com a proposta. É como se tivesse soprado uma nova vida nela.

— O que você está fazendo? — Ela pergunta, sua voz em um nível perturbador de alegria.

— Trabalhando.

Ela desliza as palmas das mãos no meu peito. — Você deveria fazer uma pausa. Tome banho comigo.

Eu olho por cima do ombro como se eu tivesse um lugar para estar. — Tomei um banho esta manhã.

Quando eu olho para ela, ela revira os olhos e abaixa as mãos na minha calça de moletom. — Bem, então, *vou* tomar banho. — Ela passa seus lábios em minha mandíbula enquanto alcança minha calça. — Depois que eu terminar com você.

Antes que eu possa impedi-la, ela me empurra contra o chão do banheiro e cai de joelhos. Não fazemos sexo há três dias. Não sei se posso inventar uma desculpa boa o suficiente para recusar um boquete sem ferir seus sentimentos.

Ela está doida agora, presumindo que esta viagem termine com uma proposta. Ela acha que vamos passar o resto de nossas vidas juntos – eu e Layla contra o mundo.

E talvez o façamos. Eu nem sei. Mas ela não está realmente em uma posição em que possamos discutir isso

porque ela está me levando em sua boca, apesar do fato de que eu ainda nem estou duro. Eu olho para ela e, embora não esteja imediatamente excitado com isso por causa do caos em minha cabeça, não posso deixar de pensar em Willow quando olho para Layla.

Às vezes, quando olho para Layla, *gostaria* que ela fosse Willow. No café da manhã, me pego desejando estar conversando com uma alegre Willow durante o café, em vez de Layla reclamando de sua dor de cabeça. Durante o dia, quando estou conversando com Willow no computador, passo esse tempo desejando que ela pudesse assumir o controle de Layla e eu pudesse conversar com ela cara a cara.

E agora... enquanto Layla desliza sua língua por meu comprimento, eu meio que gostaria que Willow estivesse fazendo isso comigo.

Eu endureço com esse pensamento.

É fácil fingir que Layla é Willow porque o rosto de Layla é o único que posso atribuir a Willow quando penso nela. Eu envolvo minha mão no cabelo de Layla e a observo por um momento... imaginando como seria se fosse Willow dentro de Layla agora. Willow usaria sua língua assim? Ela faria os mesmos ruídos que Layla faz?

Ela envolve seus lábios em volta de mim e me leva o mais fundo que pode. Minha cabeça cai para trás contra a porta e eu gemo, colocando pressão na parte de trás de sua cabeça, não querendo que ela pare agora.

Uma de suas mãos está se movendo para cima e para baixo em meu comprimento no ritmo de sua boca. A outra mão está deslizando pelo meu estômago. Eu agarro, aperto, pressiono contra meu peito enquanto penso em Willow.

Eu imagino como seria o beijo de Willow. Seria o mesmo que o beijo de Layla?

Sexo com Willow seria diferente do sexo com Layla?

Ela arquearia as costas da mesma forma que Layla faz quando empurro para dentro dela?

— *Porra.* — Eu solto a mão de Layla e agarro sua nuca com as duas mãos. — Estou quase terminando, — digo, avisando-a. Ela sempre para quando eu digo isso para que ela possa terminar com a mão.

Ela se afasta, sem fôlego, e sussurra: — Você pode terminar na minha boca desta vez.

Há um brilho em seus olhos quando ela me leva de volta em sua boca — uma empolgação — e eu sei que essa é sua maneira de me agradecer por uma proposta que ainda não aconteceu. Se eu já não estivesse à beira de explodir, provavelmente colocaria um fim nisso, simplesmente porque sei onde a cabeça dela está.

Tudo neste momento está errado. Layla pensa que está dando prazer ao seu futuro noivo enquanto eu finjo que ela é o fantasma pelo qual tenho me apaixonado lentamente.

É o lançamento mais estranho que já tive.

Eu nem gosto disso.

Minhas pernas tremem enquanto ela mantém sua boca em mim, engolindo cada gota do engano que eu estive entregando a ela. Eu não faço barulho. Eu apenas fecho meus olhos e espero ela parar.

Quando ela finalmente me solta, não consigo nem olhar para ela.

Só consigo pensar nas palavras que ela me disse na primeira noite em que nos conhecemos, depois de eu ter acabado de dizer que ela foi o melhor sexo que já tive. — *Sempre pensamos isso quando estamos nele. Mas então surge alguém novo e esquecemos o quanto bom pensávamos que era antes, e o ciclo começa tudo de novo.*

Isso é tudo que Layla era para mim? Parte de um ciclo interminável de relacionamentos?

Tive a certeza de que era ela. Eu senti em meus ossos.

Agora tudo que sinto é remorso, porque só há dez segundos é que percebi que já passei para outro ciclo.

Eu mudei para Willow.

É com Willow que quero falar quando acordar. Willow, quem quero ver antes de fechar os olhos. Willow, quem quero passar todo o meu tempo durante o dia.

Eu prefiro Willow em vez de Layla agora, em quase todos os sentidos, e é uma realização pesada, terrível e vergonhosa.

Eu ouço a água correndo na pia do banheiro. Abro os olhos e Layla está escovando os dentes novamente. Ela sopra a água ao redor da boca e depois cospe na pia. Ela limpa as costas da mão na boca e sorri com orgulho. — Eu deixei você sem palavras? — Ela diz, rindo.

Eu não tenho ideia do que dizer. *Desculpe*, não seria apropriado.

— Isso foi intenso. — Não é mentira. Intenso não é necessariamente uma coisa boa, e não quero mais mentir para Layla. Não me sinto bem.

Ela caminha de volta para mim e me enfia de volta na minha calça de moletom. Ela se inclina e me beija suavemente na bochecha, deixando sua boca na minha pele quando diz: — Volte ao trabalho. Você pode retribuir o favor amanhã à noite. — Ela se afasta e tira a camisa com um sorriso, e finalmente entra no chuveiro.

A água está correndo esse tempo todo.

Eu entro no quarto e fico olhando para a nossa cama. A mesma cama em que eu estava quando comecei a me apaixonar por Layla.

Apaixonar-se por ela não tinha peso, como se o ar estivesse passando por meus ossos.

Apaixonar-se é muito pesado, como se meus pulmões fossem esculpidos em ferro.

Eu caminho até a cama e me jogo nela. Eu não desço as escadas. Não posso enfrentar Willow esta noite. Eu nem quero enfrentar Layla.

Eu só quero dormir.



Layla  
COLLEEN  
HOOVER

# *Capítulo Dezesseis*

— Por que você acha que sou capaz de tocar nas coisas?

Sua voz me arranca das garras de um sono profundo. Abro meus olhos e Willow está de frente para mim, deitada de lado. Não sei que horas são, mas ainda está escuro lá fora.

Esfrego meus olhos com as palmas das mãos. — O que você quer dizer? — Minha voz ainda está pesada de sono.

— Posso mover coisas quando não estou no corpo de Layla, — diz ela. — Eu posso tocar nas coisas. Mas você não pode me ver, e eu nem consigo me ver, então não sou feita de matéria. Não faz sentido.

— Talvez você seja feita de energia. E você de alguma forma canaliza essa energia em algo tão denso quanto a matéria.

Ela suspira e rola de costas. Ela olha para a viga de madeira sobre a cama. — Você pensaria que se fosse esse o caso, eu não seria tão forte quanto sou.

— O que você quer dizer?

— Também posso mover coisas grandes. Eu fiz isso uma vez. Movimentei cada pedaço de mobília do Grande Room no meio da noite.

— Porque você estava entediada? — Eu pergunto.

— Não. Porque eu odeio Wallace Billings e queria assustá-lo.

Ela tem toda a minha atenção agora. Eu me apoio no cotovelo. — Quem é Wallace Billings?

Ela olha para mim e há um sorriso malicioso em seu rosto. — Ele é o dono deste lugar. Sou a razão pela qual ele o colocou à venda há alguns meses.

Ela parece orgulhosa de tudo o que fez. Há um brilho em seus olhos, e eu acho isso fascinante. Estou me perguntando por que esse lugar foi colocado à venda.

Ela se senta, enrolando o lençol em volta dela para se cobrir. — Você sabe como eu não consigo me lembrar há quanto tempo estou aqui?

Eu concordo.

— Bem, eu sei que Wallace herdou este lugar um pouco antes de eu aparecer. Apenas com base em conversas que ouvi dele. Sua mãe era a dona e passou para ele quando ela morreu, mas ele não sabia o que fazer com isso. Se ele deveria mantê-lo aberto, vendê-lo ou se mudar. Depois de um tempo, ele começou a se inclinar para mudar sua família para cá. E eu sei que isso é terrível, mas eu não conseguia suportá-lo. Ele era um idiota com as pessoas. Sua esposa, seus filhos, qualquer pessoa com quem ele falasse ao telefone. Eu não

poderia imaginar compartilhar este lugar com ele por quanto tempo eu acabaria aqui.

— O que você fez? Assombrou ele?

— Não, — ela diz, balançando a cabeça. Mas então ela olha para cima e para a direita. — Espera. Acho que o que fiz *pode* ser definido como assombrar. Eu nunca realmente me identifiquei como um fantasma, então para mim, eu estava apenas brincando com ele.

— O que você fez?

Ela encosta um pouco o queixo no peito, olhando para mim um tanto envergonhada. — Não me julgue.

— Eu não vou.

Ela relaxa um pouco. — No início eram pequenas coisas. Eu batia portas, apagava as luzes. Seus encontros típicos com fantasmas. Foi divertido vê-lo tentar explicar tudo de uma maneira. Mas quanto mais eu testemunhava seu comportamento idiota, maior eu ficava com as pegadinhas. Uma noite, depois de decidir que não o queria nesta casa por mais um dia, mudei todos os móveis do Grand Room. Mudei o sofá contra a estante oposta. Mudei o piano para o outro lado da sala. Até movi livros de uma prateleira para outra.

— Qual foi a reação dele no dia seguinte quando viu que tudo havia sido movido?

Willow pressiona os lábios com força. Ela move a cabeça de um lado para o outro com uma expressão envergonhada no rosto. — Bem... essa é a coisa, — diz ela. — Mudei tudo enquanto ele ainda estava na sala.

Tento imaginar como deve ter sido para o cara – ver um piano inteiro se movendo sozinho pela sala.

— Ele colocou a casa à venda naquele dia e não voltou desde então.

— Puta merda, — eu digo, rindo. — Isso explica a pressa em vender.

Ela cai de volta no travesseiro e está sorrindo com orgulho. Seu sorriso é contagiente. Eu me deito em meu próprio travesseiro, sorrindo junto com ela.

O momento me faz pensar nas poucas coisas que aconteceram quando cheguei aqui. Willow me salvou de queimar a cozinha. Ela limpando o derramamento de vinho. Isso dificilmente é uma assombração.

Eu rolo minha cabeça até estar de frente para ela. — Por que você não tentou me assombrar quando eu apareci?

Willow perde o sorriso, gentilmente me encarando. — Porque. Você não é um idiota. E eu senti pena de você.

— Você sentiu pena de mim? Por quê?

Ela encolhe os ombros. — Você parecia triste.

*Eu parecia triste?*

*Estou triste?*

Eu tiro meu olhar do dela e olho para o teto.

— Você sempre esteve triste? — Ela pergunta.

— Não tenho certeza se sei o que você quer dizer quando diz triste. Me dê um exemplo.

— É principalmente quando Layla sai de uma sala, — Willow diz. — Você fica olhando para a porta por um longo tempo com esse olhar distante em seus olhos. Às vezes você parece triste mesmo quando está com ela. Eu não sei. É apenas uma sensação que tenho. Provavelmente estou errada.

Eu não deveria estar balançando a cabeça, mas estou. — Você não está errada.

Ela se senta novamente, segurando o lençol sobre os seios. Eu inclino minha cabeça no travesseiro e olho para ela.

— Você não gosta de estar com ela? — Ela pergunta.

— Eu costumava. Mas agora é... complicado. — Eu mantendo minha voz baixa porque por qualquer motivo, parece menos uma admissão se eu disser em voz baixa. — Muita coisa mudou entre nós desde aquela noite. Desde o tiroteio. Não somos o mesmo casal que éramos no início. Ela passou por muita coisa, fisicamente, emocionalmente, mentalmente. E é claro que eu nunca desistiria dela, mas... —

Não sei como terminar minha frase. Nunca admiti nada disso em voz alta.

— Mas o que? — Willow pergunta.

Eu expiro. — Às vezes me pergunto, se eu a teria conhecido hoje... como ela está agora... eu teria me apaixonado por ela tão facilmente quanto me apaixonei por ela no início? Eu não sei. Parte de mim pensa que talvez eu não fosse capaz de me apaixonar por essa versão dela. E quando tenho esses pensamentos... isso me faz sentir uma merda. Porque *eu sou* a razão de ela ser assim. *Eu sou* a razão de ela estar tão infeliz agora. Porque eu falhei em protegê-la.

A expressão de Willow é simpática. Quase arrependida — como se ela não tivesse a intenção de abrir esta lata de vermes. Ela inala uma respiração suave e a libera na sala silenciosa. — Talvez as coisas eventualmente voltem a ser exatamente como eram no início entre vocês dois. Se serve de consolo, você não parece tão triste agora. Não como quando você apareceu pela primeira vez aqui.

Eu olho para ela incisivamente. — Isso não tem nada a ver com Layla e tudo a ver com você, — eu admito.

Willow não reage a nada além dos olhos. Eles tremem um pouco, como se ela não esperasse que eu dissesse.

Eu não deveria ter dito isso. Assim que as palavras saíram da minha boca, senti a culpa. Mas eu disse isso, e disse

porque é a verdade. Estou ansioso por esses momentos com Willow mais do que ansioso por um tempo com Layla.

O que isso diz sobre mim?

Eu me sento e deslizo minhas mãos pelo meu rosto, em seguida, pelo meu cabelo. Estou segurando minha nuca quando mudo completamente de assunto. — Você está com fome? Quer que eu faça algo para você comer?

Willow me encara, imóvel, como se minhas palavras ainda estivessem afundando. Mas então ela balança a cabeça e desliza graciosamente para fora da cama, deixando o lençol para trás. Ela caminha com confiança até o armário e tira uma das camisas de Layla. Ela me pega olhando para ela enquanto ela a puxa pela cabeça. Não consigo nem desviar os olhos desta vez.

— Nada que você não tenha visto antes, — ela diz uniformemente. Ela sai da sala e ouço seus passos descendo as escadas.

Espero alguns minutos antes de descer sozinho. Estou vergonhosamente ciente de que a visão de Willow nua teve mais efeito sobre mim do que quando Layla tinha meu pau em sua boca. E isso não faz sentido, porra. É o corpo de Layla de qualquer maneira.



Fiz queijo grelhado. Layla só comeu salada no jantar e Willow disse que as dores da fome eram intensas esta noite, então fiz dois sanduíches para ela.

Estou aliviado que Willow está assumindo o controle do corpo de Layla, mesmo que seja apenas para benefício nutricional. Não que o queijo grelhado seja tão nutritivo, mas é melhor para o corpo de Layla do que poucas calorias, e Layla certamente não comeria um queijo grelhado por vontade própria.

Sua obsessão por fazer dieta tem sido uma preocupação minha há algum tempo, mas eu realmente não fiz disso uma prioridade porque muitas outras coisas com Layla têm sido meu foco nos últimos seis meses. Achei que a comida daria certo.

Não deu, mas Willow pelo menos torna isso uma preocupação a menos para mim.

Ela está em seu segundo sanduíche, e nenhum de nós falou desde que eu entreguei a ela o prato de comida. Estou no meu laptop, olhando para a lista da casa. Ainda estou indeciso sobre o que fazer.

Não quero deixar Willow sozinha, mas sei que Layla não quer ficar aqui. Eu pediria a Willow para vir conosco, mas isso não é realmente uma opção. Não posso permitir que ela continue usando o corpo de Layla. Era para ser apenas uma solução temporária – uma maneira de Willow e eu nos comunicarmos. Mas está afetando Layla.

Está me afetando.

A única solução que consigo pensar é comprar este lugar. Se eu fizer isso, Layla e eu podemos visitar. Willow ainda poderia assumir o corpo de Layla nas poucas vezes por ano que viermos aqui. Enquanto isso, poderíamos trabalhar para encontrar respostas para Willow. Quando ela estiver pronta para isso, é claro.

Envio um e-mail para a corretora de imóveis e faço uma oferta de 10.000 dólares acima do preço pedido, mas digo a ela que gostaria da opção de continuar ocupando a propriedade durante o fechamento.

Não sei como Layla se sentirá em ficar ainda mais tempo, mas a preocupação de Layla não parece pesar em minha decisão. Eu consegui e estou preparado para lidar com as consequências.

Depois de enviar a mensagem para a corretora de imóveis, verifico algumas mensagens não abertas na minha caixa de entrada. Um é de um endereço que não reconheço.

*Leeds,*

*Já faz um tempo que você não está no fórum. Peço desculpas se entrar em contato com você além do fórum o deixa desconfortável, mas eu tenho um talento para separar o joio do trigo. Eu acredito em você e espero que você também possa acreditar em mim.*

*Eu posso ajudar seu fantasma.*

Não há nome anexado ao e-mail, mas reconheço o título no endereço de e-mail. UncoverInc.

Como ele me encontrou? Eu nem usei meu nome verdadeiro no fórum.

Eu imediatamente vou ao fórum para verificar meu perfil, me perguntando se ele puxou minhas informações do Facebook de alguma forma. Todas as configurações são privadas, mas antes de eu sair, uma mensagem de bate-papo é exibida.

*Recebeu meu email?*

Eu olho através da mesa para Willow, mas ela ainda está comendo, sem prestar atenção em mim. Eu me mexo na cadeira e bato em responder.

*Sim. Como você conseguiu meu endereço de e-mail?*

*Nunca se comunique com alguém pelo celular se deseja permanecer anônimo. Eu, entretanto, não tenho interesse em você ou em quem você é, então não há necessidade de se preocupar. Estou interessado no seu fantasma. Você descobriu alguma coisa sobre ela?*

*Não.*

*Você ainda está na pousada?*

Eu me inclino para trás na minha cadeira e fico olhando para aquela mensagem, enervado. *Ele sabe onde estamos hospedados?* Meu coração começa a bombear

descontroladamente no meu peito. A última vez que alguém descobriu onde estávamos hospedados, não terminou bem. Eu imediatamente me afasto da mesa e caminho até a porta da frente para me certificar de que está trancada.

Eu verifico o sistema de alarme quando passo por ele para ter certeza de que está ativado. Eu verifico as outras portas, bem como todas as janelas da casa. Demoro um pouco porque esta casa é enorme e tem muitas janelas, então, quando volto para a cozinha, não fico surpreso de ver que Willow acabou de comer.

Eu *estou* surpreso ao ver que ela está olhando para o meu laptop. Ela aponta para a tela e olha para mim como se eu a tivesse traído.

— O que é isso?

Não sei dizer se ela está chateada ou não. Eu balanço minha cabeça e tento fechar o laptop, mas ela o força para abrir novamente. — Quem é ele? — Ela pergunta.

— Eu não sei.

— Como ele sabe sobre mim?

— É apenas alguém que conheci em um fórum. Achei que fosse anônimo, mas ele descobriu como entrar em contato comigo.

A mandíbula de Willow endurece. Ela se levanta e caminha pela cozinha. — É por isso que você parecia ansioso enquanto eu estava comendo?

— Não estou ansioso.

— Você está. Você verificou todas as janelas e portas porque quem quer que seja, sabe onde estamos.

— Não se preocupe. Estou excessivamente cauteloso agora. Tudo está trancado.

Os ombros de Willow estão tensos. É apenas a segunda vez que a vejo estressada dentro de Layla. Ela faz uma pausa no seu ritmo e diz: — Por que você está falando com ele? Você me quer fora desta casa?

— Não. Tenho conversado com ele porque, quando isso começou, pensei que estava enlouquecendo.

— Por que você ainda está falando com ele?

— Ele continua me contatando. Não estou escondendo nada, Willow. Ele só está inflexível de que pode ajudá-la, mas não aceitei a oferta porque não é o que você quer agora.

Ela solta um suspiro rápido e frustrado. Em seguida, ela caminha até o freezer, abre e pega meio litro de sorvete. Ela pega uma colher e coloca no sorvete, então dá uma grande mordida.

— Nós dois sabemos o que as respostas significam para um fantasma, — ela diz, falando entre mordidas em pedaços

de chocolate com menta. — Isso significa que vou terminar aqui. Seja qual for o motivo para eu estar presa aqui, se aquele homem estiver certo, eu vou me soltar. Eu não estarei mais aqui. Você viu todos os filmes. Patrick Swayze teve que morrer duas vezes naquele veículo. *Duas vezes!*

— Eles são apenas filmes, Willow. Escrito por pessoas em Hollywood que são pagas para usar a imaginação. Não sabemos o que realmente acontece a seguir.

Ela acena a colher para mim enquanto caminha, colocando a vasilha de sorvete contra o peito. — Talvez não, mas é um consenso. É o tema de todas as histórias de fantasmas. Todo fantasma é um fantasma porque algo deu errado. Eles foram maus em uma vida passada, ou têm negócios pendentes, ou precisam encontrar perdão. Ou *dar* perdão. — Ela se estrela em uma cadeira à mesa. Sua energia é canalizada para uma carranca. — E se eu não gostar do que descobrir? E se eu não gostar do que vem a seguir? — Ela dá outra mordida com a colher de cabeça para baixo e então deixa a colher pendurada em sua boca enquanto se inclina para frente, colocando as mãos atrás da cabeça, cravando os cotovelos na mesa.

A colher está apenas pendurada em sua boca.

Nunca tive a intenção de aborrecê-la.

Antes de Layla e eu aparecermos, Willow não tinha essas preocupações. Ela nem mesmo se considerava um fantasma.

Ela simplesmente existia em qualquer reino em que ela

estivesse, e ela estava contente com isso até que eu aparecesse. Nada de bom veio de sua passagem para este reino.

Isso só fez com que Layla se estressasse com seu cansaço.

Isso me transformou em um mentiroso.

Isso incutiu um medo em Willow que não existia antes.

— Willow, — eu digo baixinho. Ela olha para mim e tira a colher da boca. — Você acha que o que estamos fazendo é errado? Usando Layla como estamos fazendo?

— É *claro* que é errado. Só porque somos capazes de fazer isso, não significa que devemos fazê-lo.

Por mais que eu não queira que ela esteja certa, eu sei que ela está. Eu sabia o tempo todo, mas o meu lado egoísta tem me desculpado porque tenho dito a mim mesma que estou ajudando Willow.

Mas antes de eu chegar aqui, Willow nem sequer queria ajuda. Ela assumiu Layla simplesmente porque queria provar a comida. E mesmo isso pode ter sido bom, mas então eu me envolvi demais. Fiquei morbidamente fascinado a ponto de colocar Layla em risco. Talvez até Willow.

Pode não haver um manual sobre como lidar com um fantasma, mas uma pessoa não precisa que ele seja escrito para saber a diferença entre o certo e o errado.

Willow leva o sorvete de volta ao freezer. — Você parece cansado, — diz ela categoricamente.

— Eu estou.

— Você pode ir para a cama, — ela diz, acenando em direção às escadas. — Vou assistir a um filme.

Eu não quero que ela assista a um filme. Não tenho certeza se a quero usando o corpo de Layla mais. — Layla também está cansada. Ela precisa dormir.

Willow se enrijece com minhas palavras. Ela pode ver em minha expressão resoluta que alcancei meu limite imoral. Ela apenas me encara, em silêncio, com tristeza. — Você quer que eu saia dela? — Ela sussurra.

Eu aceno, então viro e subo porque eu não quero ver a expressão no rosto de Willow.

Ela não está muito atrás de mim. Ela entra no quarto um minuto depois, com os olhos baixos. Ela não olha para mim enquanto caminha para o lado de Layla na cama. Ela ainda está usando a camisa que tirou do armário de Layla mais cedo.

— Layla não estava usando roupas quando foi para a cama.

Willow puxa a camisa pela cabeça e volta ao armário para pendurá-la. Ela não se preocupa em se cobrir na caminhada de volta para a cama, mas eu nem estou olhando para o corpo dela. Estou olhando para o reflexo da lua em seu rosto e as lágrimas que cobrem seus olhos.

Ela rasteja para a cama e puxa as cobertas até o pescoço.  
Ela está de costas para mim, mas posso ouvi-la chorar.

Eu odeio tê-la chateado. Não quero que ela fique chateada, mas não sei de que outra forma posso lidar com isso. Ela é um fantasma que não quer ajuda. Eu sou um cara que não quer deixá-la. Estamos nos comunicando por meio de uma garota que não temos o direito de usar como temos feito.

Parece um término, e nem sequer somos íntimos.

Sua respiração está vindo em rajadas curtas e superficiais, como se ela estivesse tentando ao máximo lutar contra as lágrimas. A necessidade de confortá-la é esmagadora, especialmente porque fui eu que fiz ela se sentir assim. Eu movo minha cabeça para seu travesseiro e a encontro sob as cobertas, em seguida, envolvo meu braço sobre sua barriga.

Ela agarra meu braço com a mão e o aperta para apoiar. É sua maneira de me dizer que entende minha decisão. Mas entender não torna isso mais fácil.

Quando Layla está triste, quase sempre é possível consertar com qualquer tipo de remédio que cure sua dor ou doença.

Mas com Willow, sua tristeza é inalcançável, mesmo com esta proximidade. Não consigo acalmar a solidão que ela sente em seu mundo. Não posso dizer a ela que vai ficar tudo bem,

porque não sei se vai ficar. Esta é uma jornada sem precedentes para nós dois.

— Quero que você envie uma mensagem para ele amanhã, — ela diz. — Pergunte se ele realmente acha que pode me ajudar.

Eu fecho meus olhos, aliviado por ela finalmente estar disposta a fazer algo sobre isso. O pensamento dela apenas vivendo para sempre sem propósito é deprimente. Eu beijo a nuca dela. — Ok, — eu sussurro.

— Você não quer que eu use Layla mais? — Ela pergunta.

Não respondo de imediato porque não é um simples sim ou não. Claro que quero que ela use Layla porque gosto de passar tempo com ela. Mas também quero que ela pare, porque levamos esse caminho longe demais.

Ela considera meu silêncio como uma confirmação de que não quero mais que ela faça isso.

Enterro meu rosto em seu cabelo, mas ainda não falo. Qualquer coisa que eu disser neste momento parece que será apenas um novo item adicionado à lista de maneiras pelas quais traí Layla. Como o fato de eu ter feito uma oferta pela casa. Eu nem disse a Willow. Agora não tenho tanta certeza de que ela iria querer que eu a comprasse.

— Eu fiz uma oferta pela casa.

Willow rola. Seu seio roça no meu braço, e tento ignorar, mas estamos em uma posição mais íntima do que nunca. É difícil ignorar quando meu rosto está a apenas dois centímetros do dela e ela está olhando me olhando com esperança brilhando através de seus olhos cheios de lágrimas.

— Você fez?

Eu aceno e levanto minha mão de sua cintura. Eu levo para sua testa e movo uma mecha de cabelo que está caindo sobre seus olhos. — Sim. Eu não estaria aqui em tempo integral, mas posso voltar e visitar. Eu quero te ajudar.

— E quanto a Layla? — Ela pergunta.

Dou de ombros, porque não sei o que vai acontecer com Layla. Eu não sei se ela vai querer voltar aqui. Não sei onde estaremos quando sairmos daqui. As coisas com Layla parecem diferentes agora que Willow entrou em cena.

Mas também sei que as visitas a este lugar serão apenas outra forma de tortura se não usarmos o corpo de Layla. Claro, poderemos nos comunicar. Mas teremos que fazer isso sem uma maneira de olhar um para o outro, e isso soa como um tormento.

A sala está silenciosa. Tão quieta, juro que posso ouvir o coração de Willow batendo forte em seu peito. Ela está olhando para mim com uma mistura de saudade e tristeza. Estou olhando para ela da mesma maneira.

Mesmo comprando esta casa não me traria segurança.  
Ainda penso nela a cada minuto do dia quando não estou aqui.

Ainda vou fingir que Layla é Willow toda vez que a beijar.

Meus olhos caem para os lábios de Willow, e me lembro da maneira louca como meu coração bateu quando beijei Layla pela primeira vez, só que agora é um plink ainda menor e um BOOM muito maior.

Nunca pensei que sentiria mais por alguém do que naquela noite. Mas agora... estou sentindo tudo que posso sentir neste mundo, juntamente com tudo que poderia sentir no mundo de Willow.

Eu corro as costas da minha mão em sua mandíbula, angulando seu rosto mais em direção ao meu. Ela mantém os olhos abertos enquanto eu lentamente abaixo minha cabeça e descanso minha boca contra a dela. Há uma hesitação de ambas as partes enquanto nossos lábios deslizam um contra o outro com muito pouco movimento. É como se ambos estivéssemos com medo do que isso significará para o nosso futuro.

Cruzar uma linha física ao beijá-la me fará deseja-la ainda mais? Isso me fará nunca querer sair? Isso enfraquecerá minha decisão a ponto de deixar Willow assumir o controle de Layla quando ela quiser?

Neste momento, eu honestamente não me importo.

Neste momento, a única coisa com que posso me preocupar é minha necessidade egoísta e insaciável de beijar Willow. Eu nem me importaria se isso causasse uma revolução em toda a *humanidade*.

Eu deslizo minhas mãos em seus cabelos e coloco minha língua em sua boca, e não o faço suavemente. Eu a beijo com uma necessidade que nem sabia que estava enterrada dentro de mim.

Ela greme em minha boca, e isso me enche com ainda mais urgência. Não sei por que a estou beijando como se alguém pudesse roubar esse momento de nós.

Ela responde da mesma forma, enfiando os dedos pelo meu cabelo, inclinando seu corpo mais em direção ao meu. Ela pressiona seus seios contra meu peito e um puxão sensacional rola por mim. Eu quero estar em cima dela, dentro dela. Eu quero que minha boca cubra cada centímetro dela. Quero ouvir cada som que ela é capaz de fazer e quero que minhas mãos e minha língua sejam responsáveis por esses sons.

O beijo durou apenas alguns segundos, mas é longo o suficiente para que uma dor dentro de mim cresça e cresça a ponto de o beijo se tornar doloroso.

Se tornar triste.

Eu nunca tive tantas emoções passando por mim durante um único beijo antes, mas eu corro por todos os sentimentos

que meu corpo e mente são capazes até que aquele que eu menos quero me consuma mais.

Eu sinto dor em todos os lugares, mas a mais proeminente é em meu peito. Dói tanto que sou forçado a me afastar dela e respirar fundo, porque sinto que meu coração está sendo estrangulado.

Eu rolo em minhas costas e tento recuperar o fôlego, mas não há ar suficiente neste mundo para aliviar essa sensação.

Eu encontro a mão de Willow e a seguro, mas é tudo que posso fazer. Eu não posso beijá-la novamente. Não posso passar por isso com ela de novo, sabendo que ela não é alguém que vou manter pelo resto da minha vida.

Eu não deveria ter feito isso. Agora eu não quero ir embora. A única coisa que parece importante para mim agora é garantir que Willow não tenha que passar mais um dia sozinha nesta casa.

Estou cheio de uma necessidade imensa de encontrar respostas para o porquê de Willow estar presa em seu mundo, porque preciso desesperadamente que ela fique presa no meu.

Inclino minha cabeça para olhar para ela e, quando o faço, gostaria de não ter feito isso. Só piora porque ela está olhando para mim com o coração partido. Ela rola em minha direção e enfia a cabeça na curva do meu pescoço, enrolando-se em torno de mim. — Cada vez que tenho que deixar o corpo

dela, parece um castigo. Todas as noites, sem parar. É uma tortura.

Eu envolvo meus braços em torno dela, desejando poder consertar tudo para ela. Mas eu não posso.

Acabei de tornar tudo muito pior.



Layla  
COLLEEN  
HOOVER

# Capítulo Dezessete

A cama está vazia quando acordo. Eu toco o travesseiro de Layla e passo minha mão sobre ele, como se Willow ainda estivesse deitada lá. *Talvez ela esteja.*

Sento-me para verificar a hora, mas não consigo encontrar meu telefone. Eu olho para o chão. Em cima da cama. Não está aqui.

*Layla pegou?*

Eu corro escada abaixo para encontrá-la, meu medo dois passos à minha frente enquanto me pergunto por que ela pegou meu telefone e o que ela pode estar vendo nele. Uma conversa com Willow, o aplicativo para o sistema de segurança. Corro para a cozinha, mas Layla não está lá. Procuro no Grand Room, os quartos do térreo. Abro a porta dos fundos, mas ela não está na piscina.

Eu corro para a porta da frente e abro.

Layla está sentada nos degraus da varanda, olhando para o jardim da frente. Tem um cigarro na mão dela.

— O que você está fazendo?

Ela não se vira para olhar para mim, o que me faz pensar no que ela descobriu. Existem tantas coisas. As câmeras, as conversas no meu laptop, o beijo da noite passada.

Eu ando timidamente em direção aos degraus e vejo Layla dar uma tragada lenta no cigarro. — Não sabia que você fumava, — digo.

Ela sopra a fumaça. — Eu não. Mas eu mantenho alguns escondidos na minha bolsa para quando estiver estressada. — Ela olha para mim, olhando por cima do ombro. Não tenho certeza do que causou essa traição em sua expressão, mas ela definitivamente descobriu algo.

Eu mantenho minha voz firme quando digo: — O que há de errado, Layla?

Ela desvia o olhar de mim novamente. Sua voz é monótona quando diz: — Por que você não me disse que estava comprando esta casa?

Eu inclino minha cabeça para trás e solto um suspiro silencioso de alívio. Achei que talvez ela pudesse ter encontrado a filmagem de segurança. Eu não seria capaz de explicar isso.

Mas eu esperava que ela ficasse brava com isso.

Estou até bem que ela saiba disso. Eu planejava contar a ela hoje de qualquer maneira. — Como você descobriu?

— A corretora de imóveis acabou de passar por aqui. — Layla enfa o cigarro no degrau de madeira ao lado dela, e parece um insulto. — O contrato está no balcão da cozinha. Ela gostaria de voltar no final do dia.

Eu nunca a vi com tanta raiva. Suas frases são firmes e ela não me olha nos olhos. — Layla. Era para ser uma surpresa.

— O inferno que era, — diz ela. Ela se levanta e passa por mim, então faz seu caminho para dentro de casa e sobe as escadas.

Eu a sigo, um pouco confuso com seu nível de raiva. Eu não esperava que ela ficasse emocionada, mas também não esperava que ela ficasse tão furiosa. — Layla, — eu digo quando chego ao topo da escada. Eu digo o nome dela, assim que a porta do quarto se fecha na minha cara. Abro e vejo enquanto ela puxa uma mala vazia de debaixo da cama. Ela a joga na cama, abre e vai até a cômoda. — Por que você está tão chateada com isso?

Ela recolhe todo o conteúdo da gaveta da cômoda e joga na mala. — Não quero viver no meio do *nada*. Somos um casal. Você deveria falar comigo sobre coisas assim, mas em vez disso, você foi pelas minhas costas. — Ela caminha até o armário agora e pega várias de suas camisas.

— Eu não estava escondendo. Era uma surpresa. Nós nos apaixonamos aqui. Achei que este lugar significava algo para nós.

Seu rosto se contorce em uma mistura de confusão e raiva. — Minha irmã se casou aqui. Este lugar significa mais para ela do que para mim. Eu nem *gosto* do Kansas. Eu disse de todas as maneiras que posso dizer, sem ser rude. — Ela enfia as camisas na mala, com cabides ainda nelas. — Qual é o seu objetivo final, Leeds? Para me forçar a viver em algum lugar onde não quero viver, ou você esperava que eu o deixasse e voltasse para Chicago?

Ela ainda está fazendo as malas e não tenho certeza se posso convencê-la a não ir embora. Mas ela não pode ir embora. Não depois da noite passada. Não depois daquele beijo com Willow. Tenho que convencê-la a ficar, mesmo que seja só por uma noite passada. Preciso de uma chance de ver Willow novamente. Mesmo que seja apenas para que eu possa dizer adeus cara a cara.

Não posso fazer isso se Layla for embora.

Corro para o armário e procuro dentro do sapato. Eu freneticamente puxo o anel de noivado. — Eu tinha um plano, Layla, — digo, caminhando até ela.

Ela está olhando para o anel em minha mão.

— Eu ia propor esta noite e contar a você sobre a casa. Eu tinha tudo planejado. Você não deveria descobrir desta forma.

Layla parou de fazer as malas. Ela está olhando para a caixa, e então ela levanta os olhos para mim, mas eles ainda

estão cheios de raiva. — Já vi o anel. Você percebeu que deixou o recibo dentro da caixa, certo?

— Não sei por que isso importa. Eu teria tirado antes de propor de qualquer maneira. — Por que isso importa?

— Você comprou o anel enquanto eu estava no hospital, Leeds. *Seis meses* atrás. Isso significa que você passou os últimos seis meses duvidando se quer mesmo ficar comigo. — Ela se vira e fecha a mala. — Se você não quer ir embora, tudo bem. Fique e feche a sua casa. Mas não gosto daqui e não quero ficar aqui. Vou de carro.

Porra.

*Porra.*

Se ela for embora, não poderei ver Willow novamente.

Corro pelo quarto, passo por Layla. Bloqueio a porta e me ajoelho na frente dela. Ela para de se mover. — Não é assim que eu queria que isso acontecesse, — digo. — Mas eu sabia desde a noite em que te conheci que queria me casar com você. Comprei este anel há seis meses, sabendo que assim que você se recuperasse, voltaríamos aqui. Eu queria pedir que você fosse minha esposa, mas eu queria fazer isso aqui. Onde nos conhecemos. Amo você e quero passar o resto da minha vida com você, Layla. Por favor, não vá.

Layla não se move. Ela está olhando para o anel agora, menos tensa do que há um minuto. Menos zangada.

— *Por favor*, — eu imploro.

Ela hesita, sua expressão ainda cheia de dúvida. Ela solta a mala. — Isso é realmente confuso, — diz ela. — Eu quero acreditar em você. Por que não acredito em você?

*Porque você não deveria*, eu quero dizer. Em vez disso, eu me levanto e pego sua mão. Eu olho para ela atentamente, e com o que espero que pareça ser honestidade. Porque o que estou prestes a dizer é honesto. — Eu sabia que queria me casar com você na primeira noite em que nos conhecemos. Eu nunca me senti mais conectado a alguém como me senti com você. — O que eu digo com isso é uma mentira, no entanto. — Eu quero passar minha vida com você, Layla. Por favor. Case comigo.

Ela acreditou nisso. Eu posso ver em sua expressão. Toda a sua raiva se transformou em alívio. — Então você não tem duvidado de nós?

*Sim. Por seis meses.* — Não. Nem por um segundo.

Uma lágrima escorre de seu olho direito e então ela balança a cabeça com pesar. — Eu estraguei tudo. Leeds, sinto muito. Fiquei com raiva e estraguei tudo.

Eu retiro o anel da caixa. Eu coloco em seu dedo trêmulo. Ela está chorando agora. — Não é sua culpa. Eu deveria ter planejado isso melhor.

Ela balança a cabeça e joga os braços em volta do meu pescoço. — Não, foi perfeito. — Ela me beija e depois se afasta

para olhar o anel. — E sim. Sim, sim, sim, eu me casarei com você.

Essa não era a proposta que eu havia imaginado.

Longe disso.

Tento manter uma expressão sólida no rosto, mas quanto maior o sorriso dela fica, menor me sinto.

Ela me beija de novo e tem gosto de cigarro, e eu tenho que me forçar a beijar.

Fiz coisas terríveis no ano passado, mas pode ser o nível mais baixo que já afundei. Acabei de pedir em casamento uma garota que eu nem tenho certeza se estou mais apaixonado.

— Tenho que ligar para Aspen, — diz Layla. Ela sai pela porta do quarto e desce as escadas.

Eu apenas fico parado no quarto, balançando minha cabeça. *O que acabei de fazer?*

Eu ouço algo atrás de mim — um barulho vindo da cômoda. A gaveta inferior desliza lentamente e abre sozinha.

Eu caminho até a cômoda e olho dentro da gaveta. Meu laptop e meu telefone estão guardados lá dentro. Pego meu telefone e digito a senha. Abro as mensagens em que Willow e eu temos a maior parte de nossas conversas. Há uma mensagem não lida que diz: *Eu tive que esconder seu telefone e seu laptop depois que a corretora saiu. Layla estava com muita raiva e não queria que ela bisbilhotasse.*

A mensagem foi enviada há uma hora.

Eu suspiro, caminho até a cama e caio em cima dela, de cara. — Sinto muito, — digo em voz alta. — Eu não tinha outra escolha.

A sala está em silêncio. Deito meu telefone na cama, caso Willow queira usá-lo para responder a mim.

Ela não quer.

Ela não fala comigo.



# *Capítulo Dezoito*

— Você não come o suficiente. — Minhas palavras saem mais duras do que pretendo. Layla ergue os olhos da comida que finge comer.

— Eu comi o suficiente para ganhar um quilo desde que chegamos aqui.

— Não estou falando apenas sobre essas duas últimas semanas. Você mal consegue oitocentas calorias por dia, no máximo. Isso me preocupa.

— Meu corpo está acostumado a oitocentas calorias. Eu funciono muito bem com isso.

— Não, você não funciona. Você está sempre com fome.

Layla ri incrédula. — Você diz isso como se conhecesse meu corpo melhor do que eu.

Estou deixando ela com raiva. Essa não é minha intenção. É que estive com raiva o dia todo e isso está passando para Layla.

Willow não fala comigo desde que dei o anel a Layla. Tentei falar com ela sempre que Layla sai da sala, mas ela não responde.

*Mais uma noite vou passar contando os minutos até que Layla adormeça.*

Levo meu prato para a pia e enxágua. Layla pode sentir que algo está errado comigo. Ela se afasta da mesa e caminha até mim, se esgueirando ao meu lado. — Você está bem?

Eu percebo que deveria estar no alto porque propus ao *amor da minha vida* hoje, mas é tão difícil fingir um sorriso.

— É por causa da casa? — Ela pergunta. — É realmente tão importante para você?

Não ouço nenhum traço de raiva em sua voz. Ela parece genuinamente curiosa, então uso seu bom humor a meu favor. Eu seguro seu queixo em minha mão. — Foi aqui que te conheci, Layla. Claro que é importante para mim.

Ela sorri. — Isso é doce. — Isso não significa que ela está bem com isso, no entanto.

— Seria um bom investimento. — Eu nem sei se isso é verdade. Pode ser um poço de dinheiro. — Você não teria que viver aqui. Podemos comprar uma casa em Nashville e só visitar este lugar quando precisarmos checar as coisas.

Ela parece que está pensando em tudo o que estou dizendo. — Eu não teria que viver aqui?

— Não. Pense nisso como uma casa de férias. Mas se eu comprar, vamos precisar ficar mais uma semana para que eu possa fechar. Encerrar algumas coisas antes de voltarmos para

o Tennessee. — Eu nunca comprei um pedaço de propriedade antes, mas eu tenho certeza que é preciso mais do que uma semana para fechar o negócio. Não quero que Layla saiba disso, no entanto.

Layla encosta a testa no meu peito. — Uma *semana* inteira, — ela diz com um suspiro. — Ugh. Tudo bem. Eu confio em você.

Eu dou um passo para trás. — Seriamente?

Ela concorda. — Por que não? Significa muito para você e logo será meu marido. Além disso, pode ser legal se casar no mesmo lugar em que minha irmã se casou.

Eu envolvo meus braços em torno dela e a abraço. É o primeiro abraço que dei a ela ultimamente que não parecia forçado, mas estou tão aliviado. Ela está me dando uma semana extra aqui, o que significa que poderei ver Willow novamente.

E possuir este lugar me dará mais tempo para *ajudar* Willow.

Talvez.

Depois das minhas ações hoje, há uma chance de que Willow nunca mais fale comigo.



Eu propus Layla hoje, então só fazia sentido não afastá-la quando ela queria fazer amor esta noite. Ela tirou todas as roupas e disse que queria que eu fizesse amor com ela enquanto ela usava apenas o anel de noivado.

Eu tive que pensar em Willow novamente para superar isso. Então, quando acabou e Layla quis me abraçar, eu finge que ela era Willow enquanto gentilmente corria minha mão para cima e para baixo em seu braço até que ela adormecesse.

Isso foi há meia hora e ainda estamos na mesma posição. Ela está dormindo no meu peito. Estou olhando para o teto - esperando Willow aparecer. *Torcendo* que ela apareça.

Não liguei para minha mãe para contar que pedi Layla em casamento. Não estou orgulhoso disso. Não tenho orgulho do que acontecerá com Layla quando eu admitir que não estou mais apaixonado por ela.

Ela se move contra meu peito e depois se senta.

Meu corpo inteiro suspira de alívio quando vejo que é Willow. Eu estava começando a pensar que a deixei com raiva o suficiente para não assumir o controle de Layla novamente.

Ela está olhando para o anel de Layla. Em seguida, ela desliza do dedo e coloca na mesa de cabeceira.

— Não gosto da sensação, — diz ela. Ela puxa as cobertas sobre o peito nu e estende o braço para coçar o ombro. Há uma elegância em Willow, e é minha diferença física favorita entre elas.

A atração é estranha. Como elas podem usar o mesmo corpo, mas minha reação a elas ser tão diferente? Como pode o sexo com Layla antes parecer uma tarefa árdua, mas apenas olhar para Willow parecer uma recompensa?

— Ela fica mais bonita quando você está dentro dela, — eu digo.

Willow não faz contato visual. — Isso não é realmente um elogio para mim. Não é o meu corpo. — Ela se levanta e atravessa a sala com confiança. Ela vai ao banheiro e fecha a porta. Alguns segundos depois, ouço o chuveiro ligado.

Ela sabe que fiz sexo com Layla esta noite. Ela está lavando isso.

Deve ser difícil para Willow quando sou íntimo com Layla. Mas eu tenho que ser físico com Layla para mantê-la aqui, ou não vou conseguir ver Willow.

É o pior beco sem saída imaginável. Não posso terminar com a garota por quem estou deixando de me apaixonar, ou não vou conseguir passar mais tempo com a garota por quem estou me apaixonando.

Quando Willow termina de tomar banho, ela volta para o quarto com uma toalha. Ela a deixa cair no chão e veste uma camiseta antes de rastejar de volta para a cama comigo. Ela rola de lado, de costas para mim. Ela está sofrendo, e isso é minha culpa.

— Eu não quero casar com ela, Willow.

— Então você não deveria ter proposto, — ela diz rapidamente.

— O que eu deveria fazer? Deixá-la sair?

Willow rola e se senta. — Sim. — *Ela faz isso parecer tão simples.*

— Eu não queria que ela tomasse nossa última noite juntos.

— E *depois* desta noite? — Ela diz. — O que vai acontecer se você comprar esta casa? Teremos um caso escandaloso sempre que Layla estiver disposta a voltar aqui com você? Você assumir depois de ter que ficar do lado de fora da sua porta e ouvir você fazer sexo com ela?

Eu pego a mão dela e a puxo contra mim, odiando ouvir aquela dor em sua voz. Ela cai em meus braços em uma pilha de derrota.

— Isso não é justo comigo, — ela diz. — Você tem nós duas no seu mundo, mas eu não te tenho inteiro no meu.

Eu escovo minha mão suavemente sobre seu cabelo. — Se eu soubesse como fazer diferente, eu o faria. Mas não estou mais apaixonado por Layla, se isso ajudar em algo.

— Sim, você está, — Willow diz calmamente. — Você está apenas confuso. Você apareceu aqui apaixonado por ela, mas eu compliquei isso usando o corpo dela.

— Foi complicado antes mesmo de eu chegar aqui. Achei que esse lugar pudesse mudar isso. Consertar-nos de alguma forma. Mas só piorou. Você mesmo disse que fico triste quando estou com ela.

Willow levanta do meu peito e procura meus olhos. — E se a culpa for minha? Se eu não estivesse aqui, me inserindo em sua vida, você poderia realmente ser capaz de se reconectar com ela.

Eu suspiro, não querendo que ela olhe para mim quando digo o que estou prestes a dizer. Estou com medo de que isso a faça perder qualquer respeito que possa ter deixado por mim.

— Não tem nada a ver com você, Willow. Eu vi Layla em seus pontos mais baixos, e às vezes esses pontos baixos são muito, muito baixos. No início, eu culpei meus sentimentos sumindo no fato de que nossos papéis haviam mudado tão repentinamente. Eu me tornei seu cuidador. Achei que quando ela melhorasse, as coisas mudariam. Mas quanto mais avançávamos em sua recuperação, mais distante eu comecei a me sentir. Isso não é culpa dela. Não é sua culpa. É *minha* culpa. — Arrasto minhas mãos pelo rosto com um forte suspiro. — Tudo isso é minha culpa. O que estamos fazendo com Layla agora. O que Sable fez com ela. O que eu fiz com *Sable*.

Willow se senta na cama. Ela envolve os joelhos com os braços e fica em silêncio por um momento. — Eu quero saber o que aconteceu naquela noite.

— Você não pode apenas olhar para as memórias de Layla?

— Eu quero ouvir sua versão.

— Não há muito para contar. Sable atirou em Layla e depois em mim quando entrei na sala. Corri para pegar a arma.

Willow não reage a isso com palavras, mas posso ver seu corpo inteiro enrijecer quando digo isso. — Então... você atirou nela? — Ela pergunta em um sussurro.

Eu concordo. A memória de tudo isso ainda parece surreal.

Willow descansa a cabeça em cima dos joelhos e continua a olhar para mim. — Quem era Sable para você?

— Eu namorei com ela por alguns meses. No ano passado, antes de conhecer Layla.

— Mas você terminou com ela? Por quê?

Eu engulo a espessura da minha garganta e sento na cama. Willow continua a me observar, mas não consigo olhá-la nos olhos. Eu descanso meus cotovelos em meus joelhos e foco meu olhar em minhas mãos. — Eu pensei que ia acabar sendo uma noite só no começo, mas ela continuou voltando. Não fiz nada a respeito porque não me importava com a companhia. Mas antes que eu percebesse, ela estava postando fotos nossas online, me chamando de namorado, indo a todos os shows. Garrett e os caras da banda acharam engraçado

porque sabiam que eu estava arrastando as coisas porque sentia pena dela. Eu deixei isso continuar por várias semanas a mais do que deveria porque não queria incomodá-la. Mas então ela começou a levar as coisas um pouco longe demais, e isso me deixou sem escolha a não ser interromper as coisas.

— Levando as coisas longe demais de que maneira? — Willow pergunta.

— Ela estava chateada porque eu não disse a ela que a amava depois de conhecê-la apenas por algumas semanas. Ela ficou chateada por eu não ter postado uma foto nossa juntos no Instagram. Ela ficava irracionalmente zangada quando eu contava que não estava procurando nada sério, e então tentava me contar todos os motivos pelos quais pensava que eu estava errado. Na minha cabeça, estávamos nos divertindo. Em sua cabeça, ela estava praticamente planejando nosso casamento. Quando eu finalmente terminei com ela, ela não parava de me ligar. Então ela foi a um de nossos shows e começou a gritar comigo porque eu não atendia nenhuma de suas ligações. Garrett teve que expulsá-la e não a permitiu em nenhum show futuro. Eu tive que bloqueá-la. Não sabia mais como lidar com isso. Achei que ela acabaria superando isso.

— É por isso que ela apareceu na sua casa e fez o que fez? Porque você seguiu em frente com Layla?

— Eu não sei, honestamente. Ela estava definitivamente preocupada com uma foto que eu postei com Layla. Perturbada o suficiente para entrar em contato com Layla nas redes

sociais. Mas a polícia disse que ela tinha uma longa lista de diagnósticos, alguns dos quais originados na infância. Depressão, bulimia, transtorno bipolar, o que quiser. E ela não estava tomando remédio para nada disso. Talvez seja por isso que ela fez o que fez. Porque ela era realmente instável.

— Isso deve ser assustador para Layla. E você.

Eu concordo. — Isso foi.

— Por que parece que você se sente culpado por isso? — Ela pergunta. — Não parece que você fez nada de errado. As pessoas separam o tempo todo.

Eu encolho os ombros. — Não me sinto culpado por terminar com ela. Eu me sinto culpado por acabar com a vida dela. Eu poderia facilmente tê-la mantido sob a mira de uma arma até a chegada da polícia, mas não o fiz. Eu deixei minha raiva pelo que ela fez com Layla assumir. Eu tirei a vida dela e me arrependi desde o momento em que fiz isso.

A voz de Willow é tranquila quando ela diz: — Você fez o que a maioria das pessoas faria naquela situação. Ela tinha uma personalidade obsessiva, e você foi apenas uma vítima disso. Como você deveria saber o quanto profundo foi, ou que ela tinha um fã-clube para você antes mesmo de conhecê-la? — Ela se inclina um pouco para mim, me pedindo para fazer contato visual com ela. — Ela forçou você a ir tão longe quanto você fez quando ela apareceu em sua casa com uma arma. Isso não é culpa sua.

Eu não falo sobre isso com ninguém, então é bom ouvi-la dizer essas palavras. Estou prestes a dizer obrigado a ela.

Mas então meu sangue gela... *congela*... se estilhaça como minúsculos cacos de vidro explodindo dentro de mim. As palavras que acabaram de sair da boca de Willow estão correndo por mim, procurando por um lugar ao qual pertencer, mas elas *não* pertencem.

Suas palavras não pertencem à cabeça de Layla.

Nunca mencionei coisas específicas sobre Sable para Layla. Nunca disse a Layla que Sable tinha um fã-clube.

Eu certamente nunca disse a *Willow* que Sable tinha um fã-clube.

Como Willow sabe alguma coisa sobre Sable? Isso não é algo que ela deveria saber.

Eu agarro seu pulso e me sento, rolando-a de costas. Eu rastejo para fora da cama e fico ao lado dela, olhando para ela.

Seus olhos estão arregalados de confusão com o meu movimento repentino.

Eu aperto minha mandíbula, silenciosamente tentando montar um quebra-cabeça que parecia tão complicado, mas realmente é simples. É um quebra-cabeça que consiste em apenas três peças.

Eu.

Layla.

*Sable.*

É por isso que Willow está aqui? Porque ela é Sable, precisando de um encerramento? Se for esse o caso, por que ela teria um nome diferente?

— Por que você se chama de Willow? — Eu pergunto a ela.

Minha reação a está deixando nervosa. Ela esfrega as mãos nos braços. — Você perguntou qual era o meu nome. Eu não tenho um, então eu apenas... inventei.

Minhas palavras parecem presas na minha garganta. — Você... *inventou*?

— Sim. Já te disse que não tenho memórias. Como eu saberia qual era meu nome? Eu nunca falei com ninguém antes de você, então ninguém nunca me perguntou meu nome.

Minha mente começa a girar em todas as direções possíveis. Por que não considerei essa possibilidade? Sable está morta. *Sou responsável pela morte dela.*

*É por isso que ela está aqui.*

— Leeds? — Willow joga o cobertor de lado enquanto me observa andando pela sala. — O que está errado?

Eu paro de andar, viro-me e a encaro. Sinto que o chão caiu e estou prestes a cair em queda livre pela casa. — Como você sabia que Sable tinha um fã-clube?

Seus olhos se enchem de outra coisa agora... algo que a expressão de Willow nunca está cheia. *Culpa.*

Pela primeira vez desde que cheguei a esta casa, finalmente estou tendo a reação que deveria ter tido desde o início. Medo.

— Saia de Layla.

— Leeds...

— Saia. De. Layla!

Willow se levanta com dificuldade. — Leeds, espere. Você não entende. É confuso dentro de sua cabeça. Nada faz sentido. Essa não é minha memória - é uma de Layla. — Ela está na minha frente agora, implorando.

Eu me sinto um idiota. — Eu nunca *disse* isso a Layla. Ela não teria essa memória. Apenas Sable saberia disso.

As mãos de Willow vão para os lados de sua cabeça como se ela não pudesse inventar uma desculpa rápido o suficiente.

Willow é Sable, e eu deveria ter reconhecido isso imediatamente. Mas eu estava muito envolvido com a ideia de tudo isso. Muito apaixonado por algo tão grande estar acontecendo, e eu ser parte disso. Eu senti como se fosse parte

de algo maior do que eu ou Layla, mas tudo de que fiz parte está nos destruindo ainda mais do que já fomos destruídos.

Quero Willow fora de Layla, e nem me importo se ela fizer isso enquanto Layla não estiver na cama. Não me importo se Layla fica apavorada quando abrir os olhos e não se lembrar de ter se levantado. Estou pensando em sair com Layla esta noite de qualquer maneira. Eu preciso levá-la o mais longe possível de Willow.

Eu empurro Willow e pego a mala que Layla começou a embalar mais cedo. Jogo na cama e pego nossa outra mala. Willow não diz uma palavra enquanto faço as malas. Seus olhos apenas me seguem ao redor do quarto enquanto eu recolho nossas coisas.

Vou até o banheiro e arrumo tudo; em seguida, vou até o topo da escada. Empurro uma das malas para a frente e a vejo tombar escada abaixo, e então desço correndo com a outra.

Willow está atrás de mim, ainda dentro de Layla.

Não sei por que demorei tanto para perceber isso. Willow está aqui por um motivo. Isso porque foi ela quem atirou em nós. Esse motivo está me olhando na porra da cara desde que entrei nesta casa. Uma casa que foi colocada à venda há vários meses. Uma casa que mudou de dono não muito antes disso.

Willow disse que não consegue se lembrar há quanto tempo está nesta casa, mas eu me lembro dela dizendo que não era antes de mudar de propriedade. O que significaria... o

tempo coincide. Willow apareceu aqui na época em que atirei em Sable.

Eu chego à cozinha e pego as chaves do meu carro e, em seguida, me viro para ver Willow parada na porta. — Estamos indo embora. Eu preciso que você saia dela.

Ela balança a cabeça, olhando para mim com olhos implorantes. — Mesmo se eu fosse Sable em uma vida passada, não sou ela agora. Eu nunca poderia fazer o que ela fez com você. O que ela fez com Layla.

Estou apertando minhas chaves em meu punho, cheio de ainda mais medo agora. Cada vez que eu já pedi a Willow para deixar Layla, ela fez isso.

E se ela se recusar a deixá-la agora? O que eu deveria fazer?

— Você disse que as coisas estavam caóticas dentro da cabeça de Layla. Elas são caóticas porque você tem memórias que não são de Layla?

O queixo de Willow está tremendo. Ela concorda.

— Quantas memórias de Sable você tem?

Ela encolhe os ombros. — Eu não sei. Não sei quais são as memórias de Sable e não sei o que pertence a Layla. Eu tenho ambas quando estou dentro dela. É por isso que eu disse a você que era caótico dentro dela, porque existem duas versões de tudo.

— Como o quê?

Willow se aproxima de mim e eu dou um passo para trás. Suas sobrancelhas separam em agonia quando eu me afasto dela. Ela sufoca um soluço e depois se senta à mesa. Ela está cobrindo a boca com as duas mãos agora, como se estivesse tentando conter os soluços enquanto também tenta manter a verdade sob controle.

Eu chego atrás de mim no balcão e pego um guardanapo. Eu entrego para ela... querendo que ela confie em mim enquanto eu ainda estiver aqui. Tempo suficiente para deixá-la se explicar, e então espero poder convencê-la a me deixar ir embora com Layla. Repito a pergunta que ela ainda não respondeu, mas a repito com mais cuidado.

— De quais memórias você tem duas versões, Willow?

Ela levanta os olhos para mim, enxugando as lágrimas com o guardanapo. — Nenhuma delas quando eu não estou no corpo de Layla. Mas quando estou dentro dela... há um monte.

Eu solto uma respiração instável e me afasto dela. *Ela tem mentido para mim o tempo todo.* — Você se lembra do tiroteio?

— Sim, — ela sussurra.

— Você se lembra de ter feito isso?

Há uma pausa e então...

— Todas as memórias parecem minhas quando estou dentro de Layla. Então eu não sei. Está lá. Mas são minhas? Eu não sei.

Eu me viro e olho para ela. — Por que mais você teria acesso às memórias de Sable?

Ela desvia o olhar de mim, cobrindo o rosto com a mão, cheia de vergonha. — Eu não sei. — Ela se levanta rapidamente e corre para mim. — Se eu era Sable, não sou mais, Leeds. Eu nunca seria capaz de algo assim.

Sinto-me mal do estômago. — Saia de Layla, — eu imploro, sabendo que é um apelo vazio. De jeito nenhum ela vai nos deixar sair agora. Sable nos atingiu uma vez antes, e agora ela nos atingiu novamente. E eu caí nessa, anzol, linha e isca.

Exceto que isso não é um pequeno erro. Não é nem mesmo uma grande traição.

Isso está muito além de tudo que eu poderia imaginar. Isso é de outro mundo.

Muito além da minha compreensão.

Lágrimas estão escorrendo dos olhos de Willow. Ela apenas balança a cabeça e, com os olhos cheios de tristeza, diz: — Sinto muito.

E então ela grita.

É um grito horripilante que faz minha espinha enrijecer.

Posso dizer instantaneamente que Willow não está mais usando o corpo de Layla.

Layla olha ao redor da cozinha e então agarra o balcão. Ela se abaixa, como se seus joelhos estivessem fracos demais para sustentá-la. — O que está acontecendo? — Sua voz é um sussurro trêmulo. Quando ela olha para mim, seus olhos estão arregalados. — Leeds, o que está acontecendo comigo?

Pego a mão de Layla e a puxo para cima. — Precisamos sair. Agora.

Ela está histérica. Ela se afasta de mim e diz: — Preciso do meu remédio. Estou enlouquecendo.

— Eu empacotei.

Ela para na porta e olha para mim. — Por quê? Eu preciso disso. Cadê?

Vou até o saguão e pego nossas malas. — Vou pegar para você no carro. Precisamos sair agora. Vamos.

Ela está imóvel. — Por que estamos indo embora? Por que estou aqui embaixo? — Ela gira em um círculo, olhando para as escadas e depois para a cozinha. — Não consigo me lembrar de nada. Acho que algo está errado. Alguma coisa está errada comigo.

— Não há nada de errado com você, Layla. É a casa. Precisamos sair dela.

Ela olha para mim, e talvez seja a seriedade na minha expressão, mas ela finalmente balança a cabeça em concordância. — Ok, — ela diz, sua voz cheia de nervosismo. Abro a porta e empurro Layla para fora primeiro. Então eu puxo as malas sobre a soleira.

— Depressa, — eu digo, precisando que ela seja mais rápida antes que Willow assuma novamente.

Estamos na metade do caminho para o carro quando Layla para. — *Vamos*, Layla.

Ela não se move.

Eu olho para ela, mas não vejo mais Layla parada ao meu lado.

É Willow novamente.

Eu apenas solto as malas. Eu jogo minhas mãos em derrota. As malas caem e eu chuto uma. Eu chuto de novo. Eu chuto, chuto e chuto porque ela não vai nos deixar sair.

— Leeds, *pare*, — Willow implora.

Não sei como tirar Layla das mãos dela agora.

E mesmo que ela escape de Layla, Willow vai nos seguir? Como vou saber que ela não estará no carro conosco quando partirmos? Não posso chamar a polícia. O que diabos eu diria? O fantasma da garota que matei está me perseguindo? *De novo?*

Como diabos eu me meti nessa bagunça?

— Me escute, — Willow diz calmamente. Sua frieza contrasta fortemente com a histeria de Layla. — Se eu *fui* Sable em uma vida passada, não sou mais. Eu sou Willow. E eu nunca poderia fazer o que Sable fez com você e Layla. Se você quiser sair, vou deixar você sair. Mas...

Eu balancei minha cabeça. — Eu nem quero ouvir o que você tem a dizer. Eu quero ir.

Ela levanta a mão. — Por favor. Deixe-me dizer isso. — Ela dá dois passos para frente, lentamente. — Se eu *fosse* Sable, então há uma razão para eu estar aqui. Você assistiu todos os filmes comigo. Você conhece todas as teorias. Por que Sable está presa aqui, Leeds? Talvez ela precise do seu perdão. Ou talvez você precise dela? Não sei, mas se você for embora, nunca descobriremos isso. E você passará o resto da vida sabendo que existem fantasmas, e você pode ser a razão pela qual um deles está preso aqui. Isso vai nos seguir para sempre. Nós dois.

Eu mudo meu peso para minha outra perna. — Tenho *tentado* ajudá-la a descobrir isso desde que começamos a conversar! Você é quem não queria saber de nada, Willow! Agora você quer minha ajuda? Depois de descobrir que você está mentindo para mim há semanas?

— Eu não estava mentindo. Eu não sabia, — diz ela. — Eu pensei que tudo era apenas um caos dentro da cabeça de Layla, porque eu não tenho nenhuma memória quando não

estou na cabeça dela. Ainda não tenho certeza. Sua teoria faz sentido, mas não parece certa. Há algo errado nisso. — Ela se aproxima novamente. Não recuo desta vez porque parte de mim só vê Willow quando olho para ela, e essa parte de mim ainda se sente mal por ela.

Mas não o suficiente para ficar.

Eu aponto para ela. — Você é a razão disso acontecer, se você se lembra ou não. Você é a razão pela qual Layla quase morreu. Eu não serei a razão pela qual você a matará. *Saia dela e fique fora dela.*

Ela ainda está calma, mas agora há lágrimas silenciosas escorrendo pelo seu rosto. — Não sei porque estou aqui. Mas estou aqui e, onde quer que seja, não me sinto uma pessoa má. Eu me sinto *bem* e me sinto *honesto*. Eu não sou quem Sable foi em sua vida. Eu me sinto como eu. Como Willow. Sou a garota com quem você tem assistido filmes, comido sobras e com quem você passa muito tempo. Eu sou a garota que você beijou naquela cama noite passada. *Eu.* Não Sable. Não Layla. *Willow.*

Eu cerro meus dentes. — Willow não existe. É um nome que você inventou.

Ela fecha a lacuna entre nós e pega meu rosto em suas mãos, seus olhos cheios de desespero. — Eu existo. Eu estou bem aqui. Estou bem na sua frente.

Eu não posso olhar para ela enquanto ela está chorando assim. Eu giro e descanso minhas mãos em meus quadris. Eu abajo minha cabeça, sem saber o que fazer a seguir. Um minuto inteiro se passa e ela apenas fica atrás de mim, chorando baixinho.

Eu não sei o que fazer. Eu fico olhando para a calçada, sabendo que é a direção que devo seguir. Mas por que minha bússola interna está me puxando na direção oposta? Por que estou lutando contra essa decisão? Por que ainda me sinto atraído por ficar aqui quando ela é a razão de estarmos nesta confusão, para começar?

— Leeds? — Ela finalmente diz. — Apenas... vá.

Eu me viro e Willow está olhando para mim, completamente derrotada. Ela acena em direção ao carro. — Vai. Isso não está certo. Não deveríamos estar fazendo isso com Layla de qualquer maneira. Vá, case, compre uma casa diferente para ela, tenha filhos, seja famoso e tudo mais. Seja feliz. — Ela limpa as áreas sob os olhos com os dedos. — Eu quero que você seja feliz. Eu prometo que não vou te impedir quando você sair com ela desta vez, se é isso que você quer.

Eu a estudo por um momento, sem saber em que acreditar.

E por que *diabos* ainda me sinto mal por ela?

Eu me aproximo e pego uma das malas. Depois a outra. Eu as levo até o carro e as fecho no porta-malas. Ela está parada na porta do lado do motorista.

Eu paro a alguns metros dela, observando-a com cautela.

— Faça-me um favor? — Ela diz. — Você vai enviar um e-mail para aquele homem e pedir a ele para vir aqui de qualquer maneira? Eu preciso descobrir isso agora. Eu não quero ficar mais aqui.

Essas palavras, e a maneira agonizante como ela as disse, instalaram-se no meu peito.

*Eu não quero mais ficar aqui.*

Eu limpo minha garganta. — Vou mandar um e-mail para ele hoje à noite.

Ela sorri suavemente, e seus lábios estão tremendo quando ela sussurra: — Obrigada. — Outra lágrima cai de seu olho e ela olha para cima e para a direita, com dor no rosto. — Espero que você tenha uma boa vida.

*E então ela se foi.*

Layla está histérica novamente.

Ela gira em um círculo, confusa sobre como saiu.

Eu pego sua mão e a levo até a porta do passageiro. — Apenas entre no carro, — eu digo, tentando soar calmo, mas isso é difícil de fazer quando ela está gritando e com medo e

confusa e soluçando. Eu coloco o cinto e ando até a porta do motorista.

Eu coloco minha mão na maçaneta da porta e paro por um momento. Layla está gritando para eu me apressar. Minha cabeça lateja com a pressão de tudo o que aconteceu na última hora. Eu só quero gritar porque sinto que estou sendo rasgado ao meio agora.

Penso na noite em que conheci Layla. Eu penso no que ela disse... sobre reinos e como ela acredita que passamos de um reino, para o próximo, e para o próximo. Eu penso sobre como ela disse que no útero não nos lembramos da existência *antes* do útero. Na vida, não nos lembramos de estar no útero. E como no próximo reino, podemos não nos lembrar *desta* vida.

*E se Willow realmente não se lembrar de ser Sable?*

*E se quem ela é neste reino for diferente de quem ela era em seu reino anterior?*

Ela está certa. Não importa o quão longe eu esteja desse lugar, nunca vou parar de pensar nisso. Nunca vou parar de precisar de respostas.

Eu olho de volta para a casa... no lugar que mais significa para mim neste mundo. *O coração do país.*

Se Willow... *Sable...* não precisava da minha ajuda, por que ela teria vindo aqui?

Há uma razão para ela estar aqui. Ela sabia que eu iria aparecer aqui de alguma forma. Talvez fosse uma força cósmica em jogo. Talvez seja algo tão simples como precisar do perdão de Layla e do meu.

Seja o que for, seja o motivo complicado ou simples, tudo isso é maior do que Layla. Isso é maior do que eu. Isso é muito maior do que o mundo em que pensava que existíamos, e estou tentando forçá-lo a uma caixinha minúscula e guardá-lo como se nada disso estivesse acontecendo.

Eu sinto a necessidade de ajudar Willow em minhas entranhas, meus ossos, meu coração. Se eu for embora, esses sentimentos vão ficar aqui, nesta casa, com este fantasma, e vou embora me sentindo tão vazio quanto me senti quando cheguei.

Eu não posso explicar por que, mas sair deste lugar com medo é muito pior do que ficar para ajudar essa garota a encontrar um fechamento. Se Layla e eu estivermos relacionados ao motivo pelo qual ela está presa aqui, provavelmente também seremos sua única saída.

— Leeds, — implora Layla. — Entra no carro!

Sempre sentirei uma atração constante por este lugar, não importa onde eu esteja na vida ou o quão longe eu dirija para longe daqui.

E pela minha vida... não consigo descobrir por quê. Por que me importo com o que acontece com Sable? Ela está manipulando meus pensamentos de alguma forma?

— Willow, — eu digo para o ar. — Eu tenho uma pergunta. Volte para dentro de Layla novamente.

Layla ainda está gritando meu nome, implorando para que eu me apresse.

*Então ela para.*

Ela está repentinamente calma enquanto solta o cinto e abre a porta. Quando ela sai do carro e se vira, é Willow olhando para mim por cima do carro.

— Você já entrou em mim? — Eu pergunto a ela.

Ela imediatamente responde com um aceno de cabeça. — Não. Claro que não.

A expressão em seu rosto é um claro indicador de que ela não está mentindo. — Você disse que só tem memórias quando está ligada a um corpo, — digo. — Isso está certo?

Ela concorda.

— Se aquele homem vier para te ajudar, então você vai precisar de um corpo. Você vai precisar dessas memórias.

Leva alguns segundos para registrar minhas palavras, mas quando o faz, Willow cobre a boca com a mão, tentando

abafar o choro. Então ela coloca a mão no peito, sobre o coração. — Você vai me ajudar?

Soltei um suspiro de pesar. — Sim. E não tenho ideia do porquê. Então, por favor, não me faça me arrepender. *Por favor.*

Willow balança a cabeça com firmeza. — Eu não vou. Mas... Layla não vai ficar aqui de boa vontade. Não depois desta noite.

Volto para casa e me afasto do carro. — Eu sei.

Este é o momento em que realmente me questiono como namorado, cuidador, ser humano. Não sei por que sinto tanto por ficar, ou por que sinto tanto por manter Layla aqui comigo. Meu comportamento agora vai contra toda moral que tenho, mas nunca senti esse tipo de certeza em minhas entranhas.

Meu instinto está me dizendo que essa terrível decisão vai valer a pena quando estiver tudo dito e feito.

O que significa que este é o momento do qual provavelmente vou me arrepender mais.

# *A Entrevista*

— Eu gostaria de falar com Willow agora, — o homem diz. Ele não para o gravador. Ele apenas me encara com expectativa, esperando que eu suba e desamarre Layla.

Quando chego ao quarto, posso dizer que Willow já está dentro dela.

— Ele me deixa nervosa, — diz ela.

— Ele parece inofensivo.

— Ele é tão ambíguo. Foi uma conversa unilateral a noite toda. Ele não ofereceu nada.

Eu não respondo a isso porque eu o conheço há tanto tempo quanto Willow, então não posso garantir seu caráter. Mas qual é a pior coisa que pode acontecer? Ele não tem respostas? Já estamos nesse ponto, então não é como se ele pudesse piorar as coisas.

Willow está quieta enquanto descemos as escadas. Quando entramos na cozinha, ele está recostado na cadeira, observando Willow atentamente. Ele só esteve em sua presença física por alguns segundos esta noite, quando ela impediu Layla de abrir a porta da frente. Ele está olhando para ela como se a estivesse examinando de dentro para fora. Willow se senta em frente a ele.

— Você quer algo para beber? — Eu pergunto a ela.

Ela balança a cabeça, os olhos fixos no homem.

Ele pousa a mão na mesa, batendo nela com a ponta dos dedos. — Qual é a sua primeira lembrança desse lugar?

Willow encolhe um pouco os ombros. — Eu não tenho uma primeira memória específica.

— Você apenas sente que sempre esteve aqui? — Ele pergunta.

Ela concorda. — Sim. Quer dizer, eu sei que não. Mas não me lembro de *não* estar aqui, se isso faz sentido.

— Claro que faz sentido, — ele diz suavemente. — É como o nascimento. Os humanos sabem que nasceram, mas não se lembram disso. Isso não é diferente.

Willow parece relaxar um pouco com seu comentário.

O homem se inclina para frente, olhando-a de perto. — Leeds me disse que você tem memórias de sua vida passada.

— Tenho memórias que pertencem a Layla e Sable, mas apenas quando estou dentro do corpo dela.

— Que memórias você tem quando não está dentro de Layla?

— Apenas as memórias que fiz aqui.

O homem acena em compreensão, ainda estudando-a atentamente.

— Mas eu tenho sentimentos, — acrescenta Willow. — Mesmo quando não estou em um corpo.

— Quais são os sentimentos?

Os olhos de Willow cortaram para os meus por um momento; então ela olha para suas mãos. — Quando Leeds chegou aqui... eu não sei, é difícil de explicar. Mas foi como se eu estivesse aliviada ao vê-lo. Foi a primeira vez que me lembro de ter sentido algo bom.

— Você acha que ficou aliviada em vê-lo especificamente, ou apenas as pessoas em geral? A sensação poderia ter sido porque você estava sozinha?

Willow balança a cabeça. — Não. Fiquei aliviada porque senti vontade... eu senti *falta* dele. Não senti nada por Layla. Apenas Leeds.

— E você sentiu isso antes de estar no corpo de Layla pela primeira vez?

Willow acena com a cabeça.

Eu não tinha ideia de que ela sentiu alguma coisa quando chegamos. Mas isso significa muito pouco. Sable pensava que sentia algo por mim quando estava viva, então faz um pouco de sentido que esses sentimentos se transferissem para qualquer lugar em que ela esteja agora.



Willow esfrega as bandagens em seus pulsos. Percebo que os olhos do homem caem para as mãos de Willow. Ele os encara. — Há quanto tempo você mantém Layla cativa? — Ele pergunta.

— Cativo é um termo forte, — eu interrompo.

O homem volta sua atenção para mim. — Que outro termo você sugere?

Tento pensar em uma alternativa, mas não consigo. Ele tem razão. Estamos mantendo Layla aqui contra sua vontade, e não há maneira suave de descrever isso. — Nós a amarramos logo depois que eu mandei uma mensagem para você e pedi sua ajuda.

— Você a desamarra quando Willow assume? — Ele me pergunta.

— Sim, mas eu não acho que podemos usá-la por muito mais tempo. Ela só dormiu algumas horas nos últimos dias.

— O que Layla acha que está acontecendo? — Ele olha para Willow. — Ela já sabe sobre você?

— Leeds tentou explicar a ela por que ela não podia partir, mas ainda não a acalmou. Então... pensamos que a melhor maneira de fazê-la entender seria mostrar a ela.

O homem se vira para mim dessa vez. — E como você fez isso?

# Capítulo Dezenove

Não sei como chamá-la agora. Willow ou Sable.

Sable parece um insulto. É difícil para o nome passar pela minha cabeça sem me consumir em uma onda de emoções negativas.

Mesmo agora, sabendo o que sei, a Sable que conheci e a Willow que conheço ainda parecem duas pessoas diferentes. Talvez Willow esteja certa, e neste reino, ela é apenas Willow. Ela não é quem era em sua vida passada.

Vou continuar a chamá-la de Willow porque não consigo me referir a ela como Sable.

Quando voltamos para a casa mais cedo, fui direto para o laptop e abri as mensagens no fórum. Eu digitei: *Precisamos de sua ajuda.*

Não digitei mais nada na mensagem. O homem já sabe de alguma forma onde estamos hospedados, então se ele puder vir, ele virá. E se ele precisar de mais informações, ele perguntará. Não quero digitar muitos detalhes.

— Ela vai ficar histérica quando acordar, — Willow diz. — Você pode querer tirar a medicação do carro, caso ela precise.

— Boa ideia. — Volto para o carro e pego as duas malas. Quando fecho o porta-malas, olho para a casa. Posso ver Willow através das enormes janelas salientes da cozinha. Ela está andando para frente e para trás, mordendo a unha do polegar nervosamente. Eu a observo por um momento, me perguntando o que vai acontecer quando Layla acordar.

Como vou explicar isso a ela?

Eu digo a ela a verdade?

Não tenho certeza se posso convencê-la de que tudo o que aconteceu esta noite foi apenas um sonho, e não estou ansioso para dizer a ela que pretendo ficar nesta casa ainda mais. Eu vou descobrir isso enquanto prossigo. Isso é tudo que posso fazer neste momento. Não posso simplesmente ligar para pessoas que conheço e pedir conselhos sobre como segurar adequadamente sua namorada contra a vontade dela, para que seu amigo fantasma possa usar o corpo dela.

Esta é definitivamente uma situação para ver o que acontece.

Quando volto para dentro de casa com as malas, ligo o sistema de segurança. Então Willow me segue escada acima. Nós desempacotamos as malas e tentamos colocar tudo do jeito que estava antes de eu colocá-las. Se eu vou tentar convencer Layla de que ela sonhou tudo o que aconteceu antes, vai precisar parecer que nunca fizemos as malas para ir embora.

Willow está sentada na cama quando eu volto depois de colocar os produtos de higiene de Layla no balcão do banheiro. Ela está abraçando os joelhos, as costas contra a cabeceira da cama.

— O que você vai dizer a ela quando ela acordar? — Willow pergunta.

— Não sei ainda.

Ela acena com a cabeça, fechando os lábios com força. Eu caminho até a cama e me sento. Ela deita a cabeça nos joelhos e me encara. Ela parece tão pequena agora, enrolada em si mesma. Tão vulnerável.

Talvez seja por isso que escolhi ficar e ajudá-la, porque ela nunca se sentiu uma ameaça para mim. Não nesta casa de qualquer maneira. Mesmo assim, depois de saber o que sei, não consigo odiá-la. Não consigo nem me arrepender de nada disso. Aproveitei meu tempo com ela aqui, não importa quem ela costumava ser. Ainda me sinto atraído por sua presença agora.

Ainda quero Willow aqui em vez de Layla, e percebo que é uma merda, mas não posso evitar como me sinto, não importa o quanto eu desejasse não sentir isso.

— Eu deveria ficar acordado enquanto você dorme? — Eu pergunto a ela.

— Eu não acho que você precisa. Será melhor se você tentar dormir um pouco também.

— E se ela acordar enquanto estou dormindo?

— Eu não vou dormir, mesmo se Layla dormir. Se ela acordar, avisarei você. Vou escorregar para dentro dela novamente se precisar, mas só se for preciso.

Nós dois deitamos e puxamos o cobertor sobre nós.

Eu quero envolver meus braços em torno dela porque ela parece assustada. Mas há muito mais entre nós agora para isso. Não importa o quanto eu ainda sinta uma atração irracional por ela, não posso beijá-la como fiz ontem à noite, sabendo o que sei agora.

Willow nem parece que ela espera que eu faça. Ela fecha os olhos. — Boa noite, Leeds, — ela diz.



Eu acordo com um tremor violento, como se meu corpo inteiro estivesse sendo empurrado dentro de uma secadora. Sinto mãos em meus ombros. Alguém está puxando minha camisa. Meus olhos estão tão pesados que sinto que preciso usar meus dedos para abri-los.

— Leeds! — Quando ela diz meu nome, meus olhos finalmente se abrem. Eu imediatamente me sento na cama. Layla acendeu a lâmpada e está ao meu lado. Ela está puxando

minha mão agora. — Algo está *errado*, — ela sussurra... sua voz entrou em pânico.

Ela tenta me puxar para fora da cama, mas eu não me movo. Ela finalmente solta minha mão e vai para a cômoda. Ela puxa um par de jeans e os coloca. — Algo está errado comigo, Leeds. Precisamos sair. Eu não quero estar aqui.

Tento manter minha voz firme quando digo: — Você teve um pesadelo, Layla. Volte para a cama.

Ela me olha como se eu a tivesse insultado. Ela dá dois passos rápidos para frente e diz: — Não estou *sonhando!* — Ela sibila a palavra *sonhando* de uma forma febril, mas depois desvia o olhar como se estivesse envergonhada de sua própria explosão. — Eu não estou sonhando, — ela murmura.

Eu saio da cama e a encontro perto da cômoda. — Está tudo bem, Layla. Estou aqui. — Tento abraçá-la, mas ela me empurra, enfiando um dedo no meu peito.

— Você *sabe* que não está tudo bem! Você estava lá antes! Você também estava tentando ir embora! — Ela agarra a testa com uma das mãos e gira em um círculo, olhando freneticamente ao redor da sala até que seu olhar está fixo no meu novamente. — O que está acontecendo? Estou ficando louca?

Sinto um nó no estômago por causa da direção que seus pensamentos estão tomando, mas não digo nada para refutar

esses pensamentos. Talvez seja melhor se ela assumir que está ficando louca. A verdade seria muito difícil para ela aceitar.

Mas é certo deixá-la pensar que está perdendo a sanidade?

Layla me encara por vários segundos, muito longos e preocupantes, como se soubesse que estou me segurando. A desconfiança desliza entre nós. É apenas um flash – um segundo de escuridão em seus olhos – como se ela estivesse questionando se estou ou não do lado dela. Antes mesmo que eu possa responder a essa pergunta silenciosa, ela corre para a porta do quarto e corre em direção às escadas.

Ela está tentando ir embora.

Ela não pode ir embora.

Eu a persigo. Eu passo por ela. Eu chego à porta da frente antes dela, e pressiono minhas costas contra ela, esticando meus braços. — Eu não posso deixar você sair assim. Você está perturbada.

Ela balança a cabeça, pequenos solavancos rápidos, e seus olhos transbordam de lágrimas e medo. Então ela corre para a cozinha. Sigo atrás dela e vejo como ela tira uma faca do bloco de açoíqueiro e gira, acenando freneticamente para mim. — Me. Deixe. Sair. — Sua voz é baixa e ameaçadora, mas também está trêmula.

— Abaixe a faca, — eu imploro.

— Vou largá-la quando estiver no carro.

Eu balancei minha cabeça. — Não posso deixar você sair, Layla.

— Você não pode me fazer *ficar!* — Ela grita. — *Por que* você está tentando me fazer *ficar?* — Ela cobre a boca com a mão para abafar um soluço, mas mantém a faca erguida, apontada na minha direção. — Algo está acontecendo conosco, Leeds. Você está ficando louco. Ou talvez seja eu, não sei, mas é esta casa e precisamos sair. *Por favor.*

Eu aperto minha nuca enquanto tento pensar no que dizer. Como acalmá-la. Não sei que desculpa posso usar para fazê-la ficar, mas não quero que ela saia em um estado tão histérico. E então me ocorre. — O carro não pega.

Seus olhos se estreitam.

— Eu tentei ligar mais cedo. Está morto. Não podemos sair até que a bateria que encomendei chegue aqui.

Ela aponta a faca para mim como se fosse seu dedo indicador. — Você está *mentindo!*

— Eu não estou mentindo.

— Então deixe-me tentar ligá-lo. — Ela começa a caminhar em direção à saída da cozinha, mas eu a bloqueio.

É quando realmente a atinge. Até este momento, ela estava apenas confusa e um pouco assustada, mas agora ela

entende. Ela percebe que não estou totalmente em seu estado de espírito.

Quero estar ao lado dela, mas há algo que me impede de escolher. É como se minha consciência estivesse rasgada ao meio, ou possivelmente até mesmo perdida por completo.

Ela avança, mas a faca em sua mão se solta de sua mão e voa sobre a cozinha. Ela atinge a janela e cai no chão com tinido. Ela está olhando para a faca com os olhos arregalados. Ela olha para mim e depois volta a olhar para a faca. Estou a vários metros dela, então ela sabe que não a tirei de sua mão.

Ela grita.

Tão logo seu grito começa, ele para.

Willow assumiu.

— Você vai ter que trancá-la no quarto, — ela diz.

Saio da cozinha porque preciso de mais espaço para pensar. Eu ando pelo saguão, minhas mãos entrelaçadas atrás da minha cabeça. — Ela vai tentar sair pela janela.

— Tranque-a em um quarto diferente.

— Todos eles têm janelas, — eu digo.

— Existe um porão?

— Eu não posso fazer isso com ela. Ninguém quer ficar trancado em um porão.

— Ninguém quer ser trancado em *qualquer* lugar, Leeds.

Eu me viro e enfrento Willow. — Você não pode simplesmente ficar dentro dela até que o homem chegue aqui?

Ela balança a cabeça. — Seu corpo está muito exausto neste momento. Eu não posso mantê-la acordada, não importa o quanto eu tente.

Eu prefiro que Layla não esteja dentro e fora da consciência assim. Isso a está deixando louca, mas não tenho certeza se posso deixá-la ir neste momento. Ela iria direto para a polícia.

*Estou nisso agora.*

*Não há como voltar atrás.*

— Eu vou ter que amarrá-la na cama.

Willow acena com a cabeça. — Ok, mas então o que acontece? Quando isso acabar? Ela não vai simplesmente deixar você se afastar disso. Ela acha que você está segurando ela contra a vontade dela.

— Quer dizer, eu estou. Mas vou cruzar essa ponte quando chegar lá.

— Você não pode levar a queda por isso. Diga a ela que você tentou ir embora, mas eu não deixei. Faça ela pensar que você é uma vítima nisso também. Ela precisa se sentir como se alguém estivesse do seu lado.

— Você quer que eu conte a ela sobre você?

Willow acena com a cabeça. — Talvez não tudo. Você pode dar a ela apenas informações suficientes para que ela saiba que não é sua culpa e que há algo maior em jogo. Talvez isso a acalme em relação a você. Eu realmente não me importo como ela se sente em relação a mim, ou esta casa. Eu só não quero que ela culpe você.

Pode funcionar. Posso convencê-la de que está fora de nosso controle, que há alguma outra força nos mantendo aqui. Não vai acalmá-la de forma alguma, porque a ideia disso será difícil de compreender, mas no final, ela pode não me culpar. Isso é tudo que posso esperar como resultado. Para não acabar passando o resto da vida na prisão.

— Precisamos encontrar uma corda.

## *Capítulo Vinte*

Abro meu aplicativo de câmera, coloco meu telefone na cômoda e aponto para Willow. Ela está sentada calmamente na cama, com as pernas cruzadas, as costas contra a cabeceira da cama. Suas mãos estão amarradas à cabeceira da cama.

Eu bato para gravar e então vou sentar na cama ao lado dela.

Eu aperto sua mão de forma tranquilizadora porque ela parece nervosa. Então eu olho para a câmera do meu telefone.  
— Layla, eu sei que isso é confuso. Eu sei que é assustador. Mas eu preciso que você me escute. — Eu sopro uma respiração. — Há alguém nesta casa. Alguém que não podemos ver. É maior do que eu e você. Ela é mais forte do que eu e você. E até eu ajudá-la, não podemos ir embora.

Eu olho para Willow. — Qual o seu nome?

— Willow, — diz ela.

— Você é um perigo para Layla?

— Não.

— Sou um perigo para Layla?

Willow balança a cabeça. — Não.

— Estou segurando Layla contra sua vontade?

— Não, — ela diz. — Mas eu estou. Só por mais um dia.

— Willow olha para a câmera. — Então estará acabado, Layla. Por favor, não fique chateado com Leeds por isso. Está fora de seu controle.

— O que acontecerá se Layla tentar escapar? — Eu pergunto a ela.

Ela ainda está olhando para a câmera quando diz: — Você não pode escapar, Layla. É melhor apenas esperar o mais calmamente possível.

Com isso, vou até o meu telefone e paro a gravação.

— Ela vai ficar assustada quando vir isso, — diz Willow.

— Ela já está com medo. — Apago a luz, mas o quarto não está escuro como breu porque o sol provavelmente está prestes a nascer. Ficamos acordados a noite toda. Fecho a cortina do quarto. — Tente dormir um pouco. Eu cuido dela quando ela acordar.

Willow balança a cabeça e encosta a cabeça nos braços, que estão pendurados na corda. — Vou tentar, — ela sussurra.



Ela adormeceu cerca de meia hora atrás. Mudei a câmera de segurança do Grand Room para o nosso quarto. Assim, posso ficar de olho em Layla se precisar descer.

Estou sentado em uma cadeira ao lado da cama desde que Willow adormeceu, mas tem sido um desafio apenas manter meus olhos abertos. Quero estar ao lado de Layla quando ela acordar. Ela vai ficar com medo. Apavorada.

Minhas pálpebras estão fechando quando meu telefone apita com uma notificação. Eu me inclino na cadeira e olho para Layla. Isso não a acordou.

Tenho uma nova notificação do fórum. Eu freneticamente movo meus dedos sobre a tela para destravar meu telefone, e então clico na notificação e leio sua mensagem.

*Estou a caminho.*

É tudo o que sua mensagem diz. Ele nem mesmo fez perguntas. Estou aliviado, mas também não tenho ideia do que esperar. *Quem esperar. Quando esperar por ele.*

Eu fecho meus olhos e prenso meu telefone contra minha testa, liberando uma lufada de ar do que parece ser pulmões de concreto. Sinto o peso de tudo o que aconteceu desde que entrei em sua vida. Cada grama disso, como se cada decisão errada que eu fiz fosse comprimida na forma de um bloco de cinza, e aquele bloco de concreto estivesse pressionando meu peito.

Layla engasga antes de gritar.

O peso no meu peito dobra quando vejo o pânico se instalar.

Seus olhos estão vagando freneticamente pela sala. Então ela grita de novo ao ver que está amarrada à cama. Ela esfrega os pulsos em uma tentativa de deslizar para fora da corda, mas a corda não se move.

Eu pressiono uma mão calmante ao lado de sua cabeça para tentar fazê-la olhar para mim, mas ela está no modo lutar ou fugir agora. Ela está cravando os calcanhares no colchão, tentando se afastar de mim, mas não tem para onde ir.

— Está tudo bem, está tudo bem, — eu digo baixinho. — Não tenha medo.

Ela está respirando profundamente como se não houvesse o suficiente na sala. Ela está chorando de novo. Cada lágrima que cai por sua bochecha parece uma faca em meu coração.

Posso não ter os mesmos sentimentos por ela que costumava ter, mas ainda a amo. E apesar do que pode parecer agora, eu não quero que nenhum mal aconteça a ela.

Há uma ironia mórbida neste momento. Sable causou muito sofrimento e dor na vida de Layla. E agora, para ajudar Sable, Layla está sofrendo mais uma vez.

Não vale a pena. Nenhuma parte de mim deveria querer ou mesmo se importar em ajudar Sable, mas para mim, não estou ajudando Sable. Estou ajudando Willow.

Nada disso faz sentido, mas é como se eu não tivesse controle total sobre minhas escolhas. Não posso ter, ou não estaria fazendo uma merda agora.

Eu rastejo para a cama com Layla e a seguro, porque não importa o quanto assustada ela esteja agora, eu sei que ainda há uma parte dela que precisa ser consolada. Ou talvez seja só eu quem precisa confortá-la. De qualquer forma, eu envolvo meus braços em torno dela e a seguro durante sua histeria. Eu a abraço até que os gritos e súplicas e choro começem a exauri-la, e ela finalmente há tempo suficiente para eu falar com ela sem que ela me interrompa.

— Eu preciso te mostrar uma coisa. Depois que eu mostrar a você, você entenderá por que está amarrada à cama.

Ela nem mesmo olha para mim. Ela ainda está soluçando, mas é um choro desesperado, como se eu tivesse perdido a cabeça e não houvesse nada que ela pudesse fazer a respeito. Abro o vídeo no meu telefone e coloco na frente dela. Ela desviou os olhos em desafio.

Aperto o play no vídeo, e ela não olha para a tela. Certifico-me de que o volume esteja no máximo para que ela possa ouvir minhas palavras através das lágrimas. Ela está olhando para o teto e continua a fazê-lo até se ouvir falar.

Quando ela ouve sua própria voz pronunciar o nome *Willow*, seus olhos caem para a minha tela. Ela testemunha uma memória de si mesma que não consegue se lembrar, e ela assiste em horror silencioso.

E então ela grita. É um grito como nada que eu já tenha ouvido.

O som disso parte meu coração ao meio.



Layla  
COLLEEN  
HOOVER

## Capítulo Vinte e Um

Depois que reproduzir o vídeo, Layla ficou apavorada e confusa e ficou ainda mais combativa comigo. Já faz um dia e meio desde que mostrei o vídeo a ela, e ela ainda está gritando no andar de cima. Sua voz está rouca agora. Ela terá pequenas explosões de histerismo, então ficará com raiva, então estará exausta demais para sentir qualquer coisa. A cada hora, ela se move por todo o espectro de emoções.

Willow assumiu o controle de seu corpo por tempo suficiente para se certificar de que Layla estava recebendo comida, mas não temos certeza de quando o homem vai aparecer. Ele indicou que estava a caminho, mas de onde? Está quase escuro agora e não recebi nenhuma mensagem dele desde a que ele enviou ontem. Cada minuto que passa é mais um minuto em que me sinto péssimo por torturar Layla do jeito que eu estou.

Subo as escadas para fazer companhia a ela. Tenho estado sentado com ela periodicamente, tentando tranquilizá-la. Eu sinto que se ela puder ver que estou calmo, talvez isso a ajude a não sentir tanto medo. Quando mostrei o vídeo a ela ontem, ela não parava de dizer: — *Essa não sou eu, não sou eu, não sou eu.*

Eu não queria colocá-la em mais agonia, então não a forcei a assistir novamente. Levei dias para me abrir para a possibilidade de Willow. Não posso esperar que Layla aceite isso imediatamente, especialmente enquanto é amarrada a uma cama e mantida contra sua vontade.

Quando abro a porta, ela para de gritar. Ela mantém seus olhos treinados em mim enquanto eu caminho para a cama. Ela se encolhe como se eu fosse fazer algo com ela. Sento-me na cadeira ao lado da cama e afasto o cabelo de seus olhos. — Eu *não* vou te machucar. Estou tentando te ajudar.

Seus olhos estão inchados com o preço do choro. — Se isso for verdade, então vamos embora, — ela implora.

— Nós vamos.

— Quando?

— Willow não quer que a gente saia até eu ajudá-la a falar com um cara sobre sua situação. Espero que ele esteja aqui esta noite.

— Willow quer falar com ele?

Eu concordo.

Layla ri, mas é um som meio assustador, considerando a situação. — Willow, — ela sussurra. — Willow. Eu me chamei de Willow naquele vídeo. — Ela fixa seus olhos nos meus. — Você me drogou?

— Não. Willow é um espírito preso nesta casa que às vezes usa seu corpo para se comunicar.

— Um *espírito*. — Ela diz isso categoricamente, como se eu tivesse enlouquecido.

— Você viu o vídeo, Layla. Não há outra maneira de explicar o que você viu.

— Eu vi um vídeo em que você me drogou e me forçou a dizer coisas que não me lembro de ter dito.

Eu suspiro e me inclino para trás na cadeira. — Eu não faria isso com você. — Eu digo isso, mas neste ponto, não tenho certeza se é algo que está além da minha integridade. Não tenho certeza se ainda tenho um fragmento de integridade sobrando, para ser honesto.

— Se você me deixar ir, não direi a ninguém, — diz ela. — Eu prometo. Não irei à polícia. Eu só quero ir embora. Não vou nem usar o carro, vou a pé.

— Eu não vou mantê-lo amarrada para sempre. Assim que o homem chegar aqui e fizer o que precisa, vou deixar você ir.

Seu rosto endurece e ela desvia o olhar de mim.

Uma luz brilha na parede, puxando nossas atenções para a janela do quarto. A cortina está fechada, então vou até a janela e a empurro de lado.

Há um homem saindo de uma caminhonete branca. Ele é um homem grande... alto, não largo, com uma barba espessa. Há um chapéu em sua cabeça – uma espécie de boné que parece combinar com o logotipo de seu caminhão de trabalho. Ele joga a tampa na picape antes de passar a mão pelo cabelo e olhar para a casa. Ele me vê na janela.

Ele acena com a cabeça uma vez, então começa a se dirigir para a porta da frente.

— Socorro! — A voz de Layla é desesperada e alta. *Muito alta.*

— Por favor, fique quieta. — Corro para a cama e cubro sua boca com a mão. — Quanto mais quieta você for, mais rápido ele pode ajudar. Eu preciso que você me prometa que vai ficar quieta.

Ela ainda está gritando contra minha mão. Eu olho ao redor da sala em busca da fita que trouxe com a corda ontem. Eu não queria fazer isso, mas vou ter que fazer. Não posso ter uma conversa com este homem lá embaixo enquanto Layla está gritando lá em cima. Eu arranco dois pedaços de fita adesiva e cubro sua boca com os dois pedaços.

Eu seguro seu rosto suavemente em minhas mãos. — Estou *tão* arrependido, Layla. — Eu a beijo na testa e, em seguida, saio da sala.

A campainha toca assim que chego ao final da escada.

Abro a porta, sem saber o que estava esperando, mas certamente não era esse cara. Ele está no final dos trinta, início dos quarenta. Ele está vestindo uma camisa da Jiffy Lube e cheira a óleo de motor.

— Desculpe o cheiro, — diz ele, acenando para si mesmo.  
— Foi o único corpo que consegui encontrar quando cheguei à cidade.

Foi o único... *o que?*

Ele empurra a porta e se espreme entre mim e a porta. Ele ri da expressão no meu rosto. — Você pensou que eu era como você? — Ele olha ao redor do saguão e para o Grand Room. — Lugar legal. Eu posso ver o apelo.

Eu fecho a porta e a tranco. — Você é como Willow?

O homem se vira para mim e balança a cabeça, mas então sua atenção é atraída para o topo da escada. Layla está batendo na cabeceira da cama contra a parede. Não há como negar seus gritos abafados. Podemos ouvi-los claramente, mesmo daqui de baixo. — Quem é aquele?

— Minha namorada. Layla.

— Por que ela está fazendo tanto barulho?

— Eu tive que amarrá-la na cama.

O homem levanta uma sobrancelha. — Ela vai ser um problema?

Eu balancei minha cabeça. — Não. Ela só está chateada comigo, mas não preciso da sua ajuda com ela. Eu preciso que você ajude Willow.

— Onde está Willow?

— Ela está aqui. Layla precisa descansar, no entanto. Não quero usá-la ainda, então responderei todas as perguntas que puder até que você precise fazer perguntas específicas a Willow.

O homem caminha até a mesa da cozinha e coloca uma pasta no chão. Ele abre e tira um gravador.

Eu não sabia que tudo o que contaria a ele seria registrado.

Tenho minha namorada amarrada a uma cama no andar de cima, e a única coisa que sei sobre esse homem é que seu nome de usuário é UncoverInc. Agora ele está prestes a registrar tudo que estou prestes a admitir?

— Como posso saber se posso confiar em você? — Eu pergunto a ele, olhando para o gravador.

O homem olha para mim. — Você não tem outra escolha, não é?

## *Capítulo Vinte e Dois*

Eu o envolvi com tudo que posso pensar, desde o segundo em que ele se sentou nesta mesa. — Então... é onde estamos, — eu digo. — Qual é o seu conselho? Como ajudamos Sable a encontrar o fechamento?

— Você parece tão certo de que Sable tem algo a ver com isso. — O homem volta sua atenção para Willow. — Você já assumiu o controle de Leeds?

— Não, — Willow diz. — Apenas Layla.

— Eu acho que você deveria tentar. Eu gostaria de ver como suas memórias se compararam dentro da cabeça dele.

Willow me olha com preocupação. Ela até parece um pouco desconfortável com a ideia disso. — Eu não vou fazer isso se você não quiser.

— Estou bem com isso. — Eu *estou* bem com isso. Estou bem com qualquer coisa que ele pensa que pode nos ajudar a sair dessa situação. E para ser honesto, estou curioso para saber como é. O que Layla sente quando isso acontece com ela.

Willow se levanta. — Não estarei dentro de Layla se me mudar para Leeds. Precisamos amarrá-la novamente.

Há uma energia nervosa entre nós enquanto subimos as escadas para o quarto, porque estamos prestes a fazer algo que nunca fizemos antes. Algo que nunca pensamos em fazer.

Willow se senta na cama e olha para mim enquanto eu alcanço a corda ainda amarrada ao redor da cabeceira da cama. — Você tem certeza disso?

— Eu não tenho nada a esconder, Willow. Está bem. Pode até ajudar. — Enrolo a corda em seus pulsos e começo a amarrá-los.

— Como isso poderia ajudar?

Eu encolho os ombros. — Eu não sei. Mas ele é como você. Ele não é como eu. Ele sabe mais do que nós dois juntos, então só temos que confiar nele. É tudo o que nos resta.

Ela inala e, quando exala, deixa o corpo de Layla.

Layla apenas desaba contra a cabeceira da cama. — De novo não, — ela diz, sua voz cheia de derrota. — Por que isso está acontecendo? — A expressão em seu rosto é agonizante. Eu me forcei a desviar o olhar.

— Eu não sei, — eu digo baixinho. — Mas sinto muito que esteja acontecendo. — Vou até a porta e Layla está chamando atrás de mim, mas não posso ficar para ouvir seus apelos. Eu fecho a porta atrás de mim e desço as escadas.

— Onde devo sentar? — Eu pergunto ao homem.

Ele aponta para a cadeira em que estive sentado o tempo todo. — Aí vai ficar tudo bem. — Ele estende a mão. — Me passa seu telefone. Vou gravar nossa interação enquanto ela está dentro de você e reproduzi-la para você quando acabar.

Eu deslizo meu telefone para ele, e ele o sustenta usando sua pasta. Ele aponta a câmera para mim e pressiona gravar. Eu sugo uma corrente de ar nervosa. Estou olhando para o telefone quando digo: — Estou pronto, Willow.

Eu só sinto isso por um segundo.

Um sopro, como uma rajada de vento passando pela minha cabeça. É tão rápido quanto o bater de uma pálpebra, mas sei que o tempo passou, porque quando abro os olhos ainda estou olhando para o meu celular, mas os minutos da gravação mudaram. Passou de apenas alguns segundos para mais de três minutos. É como estar sob anestesia para uma cirurgia. Você está acordado, e então você está acordado novamente, sem nenhuma memória do meio.

— Já aconteceu? — Eu pergunto, olhando para o homem.

Ele está me encarando com os olhos semicerrados, como se estivesse trabalhando em uma equação difícil. Ele estica o braço e pressiona o botão parar na gravação do celular.

Eu coloco minhas mãos em um ponto contra meu queixo, oprimido pela simplicidade do que acabou de acontecer, mas também oprimido pela magnitude disso. Foi uma sessão

estranya, mas também não totalmente desconhecida. Alguém pode passar por uma crise de tontura.

Eu penso em todas as vezes que Willow fez isso com Layla. Como deve ter sido aterrorizante para Layla estar no meio de uma mordida na comida, e então um piscar de olhos depois e seu prato de repente ficar vazio.

Um segundo ela estava lá em cima; no próximo segundo ela estava lá fora.

Eu corro minhas palmas pelo meu rosto, inundado de culpa pelo que isso fez com a estabilidade mental de Layla. Eu sabia que isso a estava afetando, mas agora que me coloquei no lugar dela, me sinto ainda pior.

Sem mencionar que ainda a tenho amarrada como se ela não significasse nada para mim. Eu não posso acreditar que deixei Willow fazer isso com Layla.

— O que Willow disse? — Pergunto-lhe. — Quero assistir ao vídeo.

Ele pega meu telefone, mas antes de entregá-lo para mim, diz: — Você tem acesso aos registros médicos de Layla?

Tive acesso porque estive em todas as consultas que ela teve desde que estive com ela, mas não sei por que ele precisa deles. — Por quê?

— Eu gostaria devê-los.

— Por quê? — Eu digo novamente.

— Porque eu gostaria de vê-los, — ele repete.

Este homem não me deu absolutamente nada esta noite. Apenas pergunta após pergunta e não uma única resposta. Eu suspiro, frustrado, e então coloco meu laptop na minha frente. Levo alguns minutos para fazer login nos registros médicos de Layla e, em seguida, deslizo o laptop para ele. — Você acha que algum dia vai nos dar uma explicação ou essa entrevista unilateral vai durar a noite toda?

O homem olha fixamente para a tela do computador enquanto responde. — Vá buscar Layla para Willow para que eu possa mostrar o vídeo para vocês.

De bom grado me afasto da mesa. Subo as escadas, me perguntando o que o vídeo vai mostrar. E por que ele precisa de Willow no corpo de Layla para reproduzi-lo para mim?

Acho que Willow precisa ficar longe de Layla desse ponto em diante. Não há realmente uma razão para assumir mais. Nós contamos tudo a eles. Layla já passou por bastante.

Parte de mim quer desamarrá-la e deixá-la ir embora para que ela acabe com sua miséria, mas o quarto está silencioso quando abro a porta. Willow já assumiu Layla novamente.

Provavelmente é o melhor. Eu me sinto muito culpado para enfrentar Layla agora.

— Não está certo... o que temos feito com Layla, — digo. Eu desato os nós e solto a corda.

Willow apenas balança a cabeça em concordância. Quando solto suas mãos, ela enxuga os olhos e noto pela primeira vez que está chorando.

— O que está errado? O que você descobriu?

— Eu não sei o que isso significa, — ela sussurra, sua voz presa na garganta.

Então ela sai da cama, passa por mim e sai pela porta do quarto. Ela está caminhando com urgência em seus passos. Desço as escadas correndo atrás dela e, quando chego à cozinha, ela pega meu telefone do homem. Ela o empurra em minhas mãos como se não quisesse que outro segundo se passasse sem que eu visse o vídeo.

Minha mão está tremendo, então coloco meu telefone na mesa enquanto o vídeo começa a ser reproduzido.

Eu me vejo na tela e, quando digo — *Estou pronto, Willow*, — na câmera, ocorre uma mudança instantânea em mim. Minha postura fica rígida. Meus olhos se abrem. Eu olho para minha camisa e ouço a voz do homem quando ele diz: — Willow?

Minha cabeça balança para cima e para baixo.

É tão estranho... me ver fazer coisas que não me lembro de ter feito.

Eu aumento o volume do meu telefone para que eu possa ouvir a conversa que ele teve com Willow enquanto ela estava dentro da minha cabeça.

— O que você sente? — O homem pergunta a Willow.

— Preocupada.

— Não sinta, — diz o homem. — Eu só quero esclarecer algumas coisas. Preciso que você tente ver tudo do ponto de vista de Leeds agora. Você pode ver seus pensamentos? Suas memórias?

Willow acena com a cabeça.

— Eu quero que você volte ao dia em que Leeds e Layla foram baleados. Você tem essa memória?

— Sim.

— Você pode ver aquele dia do ponto de vista dele?

— Parece errado, — diz Willow. — Eu não deveria estar nele. É diferente. Eu só quero usar Layla.

— Espere mais um minuto. Só tenho algumas perguntas, — diz o homem. — O que Leeds sentiu quando ouviu a arma?

— Ele estava... assustado.

— E o que Sable sentiu?

Willow não fala através de mim por vários segundos. Ela está em silêncio. Então, — Eu não sei. Não consigo encontrar essa memória.

— Você tem outra lembrança daquele momento?

— Não. Apenas a memória que Leeds tem. Lembro-me do que aconteceu antes de ele ouvir o tiro, mas não durante.

— O que aconteceu antes?

— Ele estava em seu quarto com Layla, fazendo as malas para uma viagem.

— E depois disso? Qual é a próxima memória que você tem que não pertence a Leeds?

— Não há um depois disso. Todas essas memórias pertencem a Leeds.

— Ok, — diz o homem. — Quase pronto. Vamos voltar. Volte para a noite em que Leeds e Layla se conheceram aqui.

— Ok, — diz Willow. — Eu tenho essa memória.

— O que Leeds sentiu na primeira vez que olhou para Layla?

Ela solta uma respiração estável. Então ela ri. — Ele me achava uma péssima dançarina.

— Ok. Bom. Você pode deixá-lo agora, — diz o homem.

No vídeo, meus olhos se abrem e estou olhando diretamente para a câmera novamente. Então o vídeo termina.

Eu bloqueio a tela do meu telefone e caio de volta na minha cadeira. — Você perguntou tipo três perguntas, — eu digo, acenando minha mão em direção ao meu telefone. — Como isso ajudou?

O homem ainda está olhando para meu laptop. Willow está andando pela cozinha atrás de mim, roendo as unhas novamente.

Tudo isso parece sem sentido. Estou pronto para encerrar e tirar Layla daqui quando o homem olha para Willow e dizer: — Por que você disse que ele pensava que você era uma dançarina terrível?

Ela olha dele para mim. — Porque foi isso que ele sentiu naquele momento.

— Mas você não disse que *Layla* era uma dançarina terrível, — diz ele. — Você disse especificamente: 'Ele *me* achava uma péssima dançarina'. Você se referiu a si mesmo como Layla quando estava na cabeça de Leeds.

— Oh, — ela diz, sua voz um sussurro fraco. — Eu não sei. Eu não posso explicar isso.

O homem aponta para a cadeira dela. — Sente-se.

Willow senta.

— De acordo com os registros médicos de Layla, eles tiveram que ressuscitá-la depois que ela foi baleada. Uma vez, antes de os paramédicos colocá-la na ambulância. E novamente no hospital.

— Isso mesmo, — eu digo. — Como eu disse a você, foi instável por uma semana inteira.

— Então ela teve uma parada cardíaca?

Eu concordo.

O homem me lança um olhar curioso. — Você disse que Layla está diferente desde o ataque. Perda de memória, mudanças de personalidade... você consegue pensar em mais alguma coisa sobre ela que seja diferente agora do que antes da lesão?

— Cada coisa, — eu digo. — Isso a afetou muito.

— Há coisas em Willow que te lembram Layla?

Eu olho para Willow, então olho de volta para o homem.  
— Claro. Ela está no corpo de Layla quando nos comunicamos, então há muitas semelhanças.

Ele dirige sua atenção para Willow. — Como foi assumir o controle do corpo de Leeds?

— Estranho, — ela diz.

— É estranho quando você possui o corpo de Layla?

Ela concorda. — Sim, mas... de uma maneira diferente.

— Como é diferente? — Ele pergunta.

— É difícil explicar, — diz ela. — Eu não me sentia parte do corpo de Leeds. Parecia estranho. Difícil de controlar. É difícil permanecer na cabeça dele.

— Mas você não se sente assim quando está no corpo de Layla?

— Não.

— Você sente que é mais fácil possuir o corpo de Layla?

Willow concorda. O homem se inclina para ela. — Se sente... *familiar*?

Os olhos de Willow cortaram para os meus por um breve momento; então ela olha de volta para o homem e acena com a cabeça. — Sim. Essa é uma boa maneira de descrever.

O homem balança a cabeça com uma expressão de total descrença em seu rosto. — Nunca vi nada assim antes.

— Nada assim como o quê? — Eu pergunto. Estou confuso com sua linha de questionamento.

— Sua situação é única.

— Como assim?

— Eu sabia que era possível, mas nunca vi isso pessoalmente.

Eu quero estrangular as palavras para fora dele. — Você pode nos dizer o que está acontecendo?

Ele concorda. — Sim. Sim, claro. — É o mais expressivo que ele já esteve esta noite. Ele se levanta e dá a volta ao lado da mesa da cozinha, encostado nela, olhando para nós dois atentamente. — A morte por ferimentos de bala é geralmente o resultado de perda excessiva de sangue, então provavelmente Sable levou vários minutos para morrer depois que você atirou nela. E, nesse mesmo período, Layla *também* se estabilizou. Havia duas almas na mesma sala que deixaram dois corpos ao mesmo tempo. O que significa que quando o corpo de Layla foi revivido por paramédicos, há uma forte possibilidade de que a alma errada entrou naquele corpo.

Eu fico olhando para ele sem acreditar. — Você está brincando comigo? — Eu pergunto. — Isso é o melhor que você pode inventar?

— Tenha paciência comigo, — ele diz. Ele cutuca sua cabeça em direção a Willow. — Quando Willow está dentro de Layla, ela pode se lembrar das coisas do ponto de vista de Sable e Layla. Mas quando ela estava dentro de você, ela só conseguia se lembrar das coisas do seu ponto de vista e do ponto de vista de *Layla*. As memórias de Sable não se moveram com ela em seu corpo. — Ele se afasta da mesa e começa a andar pela cozinha. — A razão pela qual é difícil para sua namorada se lembrar das coisas não é por causa da perda de memória. É porque elas não são suas memórias. Ela tem que procurá-los e, mesmo assim, ela só consegue recuperar uma

memória quando for solicitada. A única explicação lógica para isso seria que a alma que tem andado dentro do corpo de Layla desde a noite do tiroteio *não* é Layla.

*Lógica?* Ele acha que me dizer que Layla não é realmente Layla é uma explicação *lógica*?

Foi uma façanha para mim chegar a um acordo com a existência de uma vida após a morte. Mas isso está além da capacidade da minha imaginação. *Isso é um absurdo.* Ridículo. Insondável. — Se Sable é Layla, então onde está Layla? — Eu pergunto.

Ele aponta para Willow. — Ela está bem aí.

Eu olho para Willow, muito confuso — ou talvez muito assustado — para aceitar o que este homem delirante está tentando nos alimentar. Eu descanso meus cotovelos sobre a mesa e pressiono as palmas das mãos contra a minha testa. Tento desacelerar meus pensamentos.

— O que tornaria isso possível? — Eu pergunto. — Por que a alma de Sable escolheria o corpo de Layla em vez do seu próprio?

O homem dá de ombros, e não tenho certeza se gosto disso. Eu preferiria que ele fosse absoluto em suas respostas.

— Talvez não seja tanto onde sua alma pertencia naquele momento, mas onde ela *desejava* pertencer. Sable obviamente queria o que Layla tinha, ou ela não teria feito o que fez. Talvez

o que desejamos às vezes possa ser tão forte que supera nosso destino.

Eu pressiono minhas palmas contra os lados da minha cabeça em uma tentativa de extrair cada grama de racionalidade das profundezas do meu cérebro. Preciso da última gota se quero ser capaz de digerir esse absurdo.

Este é um conceito que não consigo compreender imediatamente, mas se aprendi alguma coisa desde que cheguei aqui, é que entreter o insondável muitas vezes me leva a acreditar no insondável.

Eu pressiono minhas mãos sobre a mesa e me inclino para trás na minha cadeira. — Se isso for verdade, Willow não teria memórias quando ela não estivesse dentro da cabeça de outra pessoa? Willow não se lembra de nada.

— As memórias desaparecem rapidamente na vida após a morte, especialmente quando você não tem um corpo e um cérebro para anexá-las. Você apenas tem sentimentos, mas não pode conectá-los a nada. É por isso que eles são chamados de almas *perdidas*.

Willow não diz nada durante tudo isso. Ela apenas escuta, o que não é difícil de fazer porque o homem continua falando, enchendo minha cabeça com muito mais informações do que eu consigo acompanhar.

— Nós os chamamos de sobressalentes, — diz ele. — São como almas que não têm mais corpo, mas a alma não está

totalmente morta, por isso não são considerados fantasmas tradicionais. É muito raro que as circunstâncias sejam adequadas para que algo assim ocorra, mas não é inédito. Duas almas deixam dois corpos de uma vez na mesma sala. Apenas um dos corpos é revivido. A alma errada se apega ao corpo revivido e a alma certa fica presa, sem ter para onde ir.

Willow coloca as palmas das mãos na mesa. Ela fala pela primeira vez com uma curiosa inclinação da cabeça. — Se isso é verdade... e eu sou Layla... como e por que acabei presa aqui nesta casa?

— Quando uma alma deixa um corpo, mas se recusa a seguir em frente, geralmente acaba em um lugar que significou algo para ela durante a vida. Este lugar não tem significado para Sable. Mas tem muito significado para você. É por isso que sua alma veio aqui depois de ser deslocada, porque é o único lugar que você sabia que Leeds poderia encontrá-la.

Ele acha que a alma de Layla foi *deslocada*? É um termo tão simples para explicar algo tão monumental. Mas não importa o quão simples ou monumental isso possa ser, eu nunca quis acreditar em algo mais, enquanto também esperava que não fosse verdade. — Você está errado, — eu digo com firmeza. — Eu saberia se Layla não fosse Layla.

— Você *sabia*, — o homem diz com firmeza. — É por isso que você parou de se apaixonar por Layla depois da cirurgia. Porque ela não era a Layla por quem você se apaixonou quando a conheceu.

Eu me afasto da mesa. Atravesso a cozinha, querendo socar alguma coisa. Jogar alguma coisa. Já passei por bastante. Eu não preciso de alguém aparecendo aqui e mexendo com minha cabeça ainda mais.

— Isso é ridículo, — murmuro. — Quais são as chances de que as almas possam ser trocadas? — Não sei se estou perguntando a Willow, ao homem ou a mim mesmo.

— Coisas estranhas aconteceram. Você mesmo disse que não acreditava em fantasmas antes de voltar aqui, mas olhe para você agora, — diz o homem.

— Fantasmas são uma coisa. Mas *isso*? Isso é algo que você veria em um filme.

— Leeds, — Willow diz. Sua voz está calma. Quieta.

Eu me viro e olho para ela.

*Realmente* olho para ela.

Parte de mim quer acreditar nesse cara porque isso explicaria essa atração inexplicável que sinto por Willow. Mesmo quando pensei que ela poderia ser Sable.

Isso também explicaria por que Layla parecia uma pessoa completamente diferente desde o acidente.

Mas se ele estiver certo, e Willow for Layla, isso significa...

Eu balancei minha cabeça.

*Isso significaria que Layla está morta.*

Significaria que é *Layla* quem está presa nesta casa sozinha.

Eu agarro o balcão, meus joelhos estão fracos. Tento pensar em uma maneira de refutar sua teoria. Ou provar. Eu nem mesmo sei qual teoria quero que seja verdadeira neste momento.

— Preciso de mais provas, — digo a ele.

O homem aponta para a minha cadeira, então atravesso a cozinha e volto para a mesa. Eu tomo um gole de água, meu pulso batendo forte na garganta.

— Você sabe a extensão total da perda de memória de Layla desde o acidente? — O homem pergunta.

Tento pensar no que ela conseguia se lembrar, mas não tenho muito o que continuar. Ela não gosta de falar sobre aquela noite, e evito falar muito sobre o passado porque não gosto de lembrá-la de sua perda de memória. Eu balancei minha cabeça. — Não. Eu nunca perguntei a ela sobre isso porque eu me sinto mal. Mas há coisas que percebi que ela esqueceu. Como no voo para cá, quando mencionei o nome da pousada, era como se ela não tivesse nenhuma lembrança até que eu a lembrei.

— Se a alma de Sable assumisse o controle do corpo de Layla, ela teria dificuldade em acessar as memórias de Layla imediatamente, porque elas não são dela. Elas estão lá – em

seu cérebro – mas não seria tão fácil alcançá-las quando seu espírito não tivesse realmente experimentado essas memórias.

Willow fala. — Mas Layla não saberia que ela era Sable? As memórias de Sable também estão lá, em sua cabeça. Quando ela acordou da cirurgia, ela saberia que estava no corpo errado, certo?

— Não necessariamente, — ele diz. — Como você disse, quando você estava na cabeça dela, as memórias dela eram confusas. Isso pode ser porque quando uma pessoa morre, ela normalmente não leva toda a sua identidade com ela.

Estou observando Willow enquanto ela percebe o que ele está dizendo. Ela parece tão confusa e cética quanto eu.

— Existe a possibilidade de que, quando ela acordou da cirurgia, tenha se sentido deslocada. Confusa. Até mesmo olhar no espelho pode ser confuso para ela, porque talvez ela não se sinta apegada ao reflexo que está olhando para ela. Toda essa confusão, que foi atribuída à amnésia, é provavelmente o que está alimentando sua ansiedade e ataques de pânico. — O homem bate os dedos na mesa, pensando por um momento. Eu fico olhando para seus dedos, esperando que ele ofereça mais provas. Ele pausa sua mão e fecha os olhos com Willow.  
— Se você for Layla, você terá memórias de vocês duas que Sable não seria capaz de acessar imediatamente. — Ele se vira para mim dessa vez. — Existem outras memórias que você notou que Layla luta contra além do nome desta pousada?

Eu penso em tudo que poderia ser uma pista. Coisas que faltaram na memória de Layla nos últimos seis meses e que atribuí à perda de memória dela. Retiro coisas recentes que estão frescas em minha mente.

Eu me viro e olho para Willow. — Qual é a hora mais mortal do dia?

— Onze da manhã, — Willow diz constantemente.

Eu enrijeci com essa resposta.

Na semana passada, quando toquei no assunto, Layla agiu como se não tivesse ideia do que eu estava falando. Mas Willow também pode ter ouvido aquela conversa na cozinha, então isso realmente não ajuda a provar muito.

— Porra. — Eu aperto meus olhos fechados, tentando pensar em outra coisa que parecia ter escapado da memória de Layla recentemente. Algo que Willow não teria ouvido.

Penso em uma conversa que aconteceu no Grand Room na semana passada. Mencionei um livro que estava lendo, mas Layla não tinha ideia do que eu estava falando. Então mudei de assunto e nunca mencionei o título do livro, então Willow não deveria saber. — Qual... qual livro eu estava lendo na noite para a qual deveria partir para...

Willow me interrompe. — *Confissões de uma mente perigosa*. Era sobre um apresentador de game show que alegou ser um assassino. — Layla não conseguia se lembrar de nenhuma dessas coisas na semana passada. — Você me disse

que lê e-books porque as brochuras ocupam muito espaço na sua bagagem.

Eu imediatamente me viro e olho para Willow depois que ela diz isso.

Todas as peças do quebra-cabeça parecem estar começando a se encaixar, e não sei se quero cair no chão em agonia ou envolvê-la em meus braços. Mas antes de fazer qualquer um... eu tenho mais uma pergunta.

— Se você for Layla... você saberia disso. — Minha voz está com medo. Esperançoso. — Qual foi a sua primeira impressão de mim?

Ela solta uma respiração instável. — Você parecia estar morrendo por dentro.

Eu não consigo me mover. Isso é demais. — Puta merda.

Ela se inclina para frente e segura a testa. — Leeds. Todas essas memórias de você e Layla se encontrando aqui. O beijo na piscina, a música que você tocou para ela... sou *eu*? Essas são *minhas* memórias?

Eu não posso dizer nada. Eu apenas a observo enquanto ela luta com a mesma realização que estou lutando.

Penso nos últimos meses de minha vida e em como me senti como se tantas coisas tivessem mudado em Layla. É como se ela tivesse se tornado uma pessoa diferente depois da cirurgia.

*Ela era.*

Ela era uma pessoa completamente diferente. Toda a sua personalidade mudou; a maneira como eu me sentia por ela mudou. E agora que estou olhando para trás, há até semelhanças entre a Layla que acordou da cirurgia e a Sable com quem namorei. Sable tinha bulimia. Layla ficou obcecada com seu peso após a cirurgia. Sable era obcecada por mídias sociais e... eu. Layla ficou obcecada em construir minha plataforma. Sable sofria de uma série de doenças mentais e, quanto mais dias se passavam após a cirurgia de Layla, parecia que *Layla* estava começando a sofrer dessas mesmas doenças mentais. E no dia em que chegamos aqui, eu sabia que foi Layla quem socou aquele espelho. Eu não entendi porque ela fez isso, mas eu *sabia* que ela fez.

Quando Layla acordou daquela cirurgia, ela não era a mesma garota por quem me apaixonei.

Mas todas as coisas que adorei em Layla nesses primeiros meses em que a conheci são exatamente as mesmas que comecei a notar em Willow. Sua personalidade, seu humor, sua alegria, a familiaridade na maneira como ela beijava, seus fatos estranhos e aleatórios. Eu costumava dizer a Layla que ela era como uma versão mórbida da Wikipedia.

Essa também é uma das coisas que reconheci e gostei em Willow.

Isso desencadeia outra memória que deveria ser uma pista óbvia.

— Na cama, lá em cima, — eu digo para Willow. — A noite em que você estava assistindo *Ghost*. Eu disse: 'Você é tão estranha.' Mas eu também disse isso quando te conheci. Porque... fiquei fascinado e apaixonado por você, e então, quando conheci Willow, ela me pareceu tão familiar e...

Não consigo terminar minha frase porque parece que o bloco de concreto que estava pesando em meu peito acabou de se levantar.

Não sinto mais que estou deixando de me apaixonar por Layla, porque estive me apaixonando por ela esse tempo todo em Willow.

Layla é Willow, e agora que estou olhando para ela, não tenho ideia de como não a vi antes desta noite.

Eu pego seu rosto em minhas mãos. — Ela é você. Todo esse tempo eu estive me apaixonando por *você* novamente. A mesma garota por quem me apaixonei no momento em que vi você dançando como uma idiota na grama do quintal.

Ela ri da memória — uma memória que ela possui. Uma memória que compartilhamos juntos. Uma memória que não pertence a Sable.

Uma lágrima rola por sua bochecha e eu a limpo e a puxo para mim. Ela envolve seus braços em volta de mim. Eu não tinha ideia do quanto eu sentia falta dela até este exato segundo. Mas eu senti tanto a falta dela. Eu perdi o que

compartilhamos nos primeiros dois meses em que estivemos juntos. Sinto sua falta desde a noite em que foi baleada.

Tive essa sensação constante de vazio dentro de mim desde aquela noite, e por tanto tempo me senti culpado por sentir isso. Por sentir que a perdi quando ela ainda estava bem na minha frente. Eu até me senti culpado pela maneira como Willow me lembrava dela.

Essa culpa se foi agora. Eu me sinto justificado. Cada escolha que fiz... cada sentimento que Willow me preenchia... tudo se justificou, pois minha alma já estava apaixonada pela dela. É por isso que senti uma atração inexplicável por este lugar. Por Willow. Mesmo quando pensei que Willow era Sable, ainda sentia aquela atração, e isso me confundia.

Tudo faz sentido agora.

Eu pressiono meus lábios nos dela e a beijo. Eu beijo *Layla*. Assim que ela me beija de volta, sinto tudo o que costumava sentir quando a beijava. Tudo que eu pensei ter perdido. Está bem aqui. Ela esteve aqui o tempo todo.

Eu continuo tocando seu rosto entre beijos, espantado por finalmente ver. É por isso que havia uma diferença tão grande cada vez que Willow assumia Layla. É por isso que Willow parecia mais confortável e confiante no corpo de Layla. É porque sempre foi dela. Nunca pertenceu a Sable. Sable parecia desconfortável com ele desde o dia em que acordou da cirurgia.

Willow está sorrindo em meio às lágrimas quando diz: — Isso explica por que fiquei tão aliviada quando você apareceu aqui, Leeds. Foi porque senti sua falta, embora não conseguisse me lembrar de você. — Ela me beija de novo e eu nunca mais quero deixá-la ir.

Mas algo nos separa de qualquer maneira. O som da porta da frente se fechando.

Eu olho por cima do ombro e o homem não está mais na cozinha.

Nós dois corremos para fora da cozinha e para a porta da frente.

— Espera! — Eu digo, correndo atrás dele. Ele está subindo em sua caminhonete quando eu o alcanço. — Onde você vai?

— Você realmente não precisa mais de mim. Você encontrou sua resposta.

Eu balancei minha cabeça. — Não. Não, não encontramos. Você tem que consertar agora. Sable ainda está no corpo errado. Layla ainda está presa a nada. — Eu aceno minha mão em direção a Layla. — Troque-as.

O homem me olha com pena. — Eu encontro respostas, mas isso nem sempre significa que existem soluções.

Tento manter a calma, mas quero estrangulá-lo por essa resposta. — Você está brincando comigo? O que devemos fazer? Tem que haver uma maneira de consertar isso!

Ele liga a caminhonete e fecha a porta. Ele abaixa a janela e se inclina para fora dela. — Apenas uma alma pode reivindicar um corpo. Claro, Layla é capaz de deslizar em seu antigo corpo, mas é apenas temporário. Como uma possessão. Você nunca será capaz de tirar Sable do corpo de Layla. Não até que ela morra, pelo menos. Mas quando isso acontecer, as duas estarão mortas. — Ele começa a fechar a janela, mas eu bato freneticamente no vidro. Ele rola até a metade. — Veja. Eu sinto muito que isso aconteceu com vocês. Eu realmente sinto. Mas temo que vocês terão que descobrir uma maneira de viver assim até que vocês três se mudem para sempre.

Eu dou um passo para trás. — *Esse* é o seu conselho? Deixar Sable amarrada a uma cama pelo resto de nossas vidas?

Ele encolhe os ombros. — Bem, Sable meio que causou isso sozinha, se você quer saber. — Ele dá ré na caminhonete. — Talvez você devesse deixar Sable partir, e você pode ficar aqui com o espírito de Layla.

Estou tão zangado com esse conselho que chuto a porta de sua caminhonete, deixando uma marca. Eu chuto de novo. Eu quero gritar.

O homem abaixa a janela e se inclina sobre a porta. Ele vê o amassado. — Agora, não faça isso com a caminhonete de

Randall. Ele ficará confuso o suficiente quando acordar no trabalho e não conseguir se lembrar do que aconteceu durante metade de sua noite. — Ele coloca o boné de volta e lentamente começa a recuar para fora da garagem. — Um humano morre a cada segundo, e eles nem sempre morrem da maneira certa. Tenho muito mais pessoas para ajudar. — Ele levanta a mão no ar. — Vou manter contato online. Com certeza gostaria de ver como vocês dois resolvem isso.

Ele faz a volta com sua caminhonete na garagem.

Nós o observamos em silêncio até que ele vá embora. Até que sejamos apenas nós dois.

Ele realmente estava aqui apenas para nos dar respostas. Nada mais e nada menos.

Estou cheio de uma frustração que não pode ser resolvida, mas, ao mesmo tempo, sinto que me foi dada clareza. É como se a mecha de cabelo que estava estrangulando meu coração finalmente se soltasse e estivesse batendo aquela batida descontrolada e irregular de novo que só a presença de Layla pode criar.

Um plink e um BOOM.

— Layla? — Eu sussurro.

— Sim?

Eu me viro para ela. — Nada. Eu só queria dizer o seu nome. — Eu a puxo para mim. Eu seguro Layla por vários

minutos enquanto ficamos em silêncio no jardim da frente. Não estou segurando Sable ou Willow ou uma versão falsa de Layla.

*Eu seguro Layla.*

Posso não ter uma solução. Não sei como vou mantê-la em meus braços para sempre, mas por enquanto, eu a tenho. E estou garantindo que ela nunca mais passe outra noite sozinha nesta casa.



*Layla*  
COLLEEN  
HOOVER

# *Capítulo Vinte e Três*

O clima na casa mudou drasticamente na última hora. Passamos os primeiros dez minutos nos beijando, abraçando, nos deleitando com o conhecimento de que nosso amor de alguma forma transcendia os reinos.

Agora temos respostas sobre por que a alma de Layla acabou aqui. Mas essas respostas são acompanhadas por mais um milhão de perguntas e muitos sofrimentos inesperados.

Eu nem sei como lamentar adequadamente a ideia de que Layla essencialmente morreu... porque ela está aqui comigo. Mas ela não está.

Parece que ela voltou para mim, mas de uma forma horrível. Eu me sinto mais longe dela do que nunca, mesmo estando no quarto e a segurando em meus braços.

Me sinto desamparado.

Seu rosto está pressionado contra meu peito e não temos ideia do que fazer a seguir. Não quero ficar cara a cara com Sable, e se Layla dormir, isso vai acontecer. Estou com muita raiva para fazer isso agora.

— Você acha que Sable sabe? — Layla pergunta, se afastando para olhar para mim.

Eu balancei minha cabeça. — Não. Acho que ela provavelmente está tão confusa quanto você. Ela tem essas memórias que não consegue explicar. Isso não pertence à cabeça em que ela vive.

— Isso deve ser assustador para ela, — diz Layla. — Acordar no hospital com memórias conflitantes. Reconhecendo Aspen e minha mãe, mas não sendo capaz de identificá-las, e então ouvir que elas são sua família.

Seguro as bochechas de Layla com as duas mãos. — Não sinta pena dela, — eu digo. — Ela fez isso. Nada disso teria acontecido com nenhuma de vocês se ela não tivesse aparecido em minha casa com a intenção de nos machucar.

Layla acena com a cabeça. — Você vai contar a ela o que aconteceu? Que ela é Sable?

— Provavelmente. Ela merece uma explicação de por que ela foi amarrada.

— Quando você vai contar a ela?

Eu encolho os ombros. — Acho que, quanto mais cedo a informarmos, mais rápido poderemos encontrar uma solução.

— E se ela exigir ir embora?

— Ela vai. Não tenho dúvidas sobre isso.

— Você vai deixá-la sair?

Eu balancei minha cabeça. — Não.

As sobrancelhas de Layla se separaram de preocupação.  
— Não podemos mantê-la aqui contra sua vontade. Se alguém descobrir, você pode ter problemas jurídicos.

— Ela não está saindo daqui em seu corpo. É seu.  
— Diga isso à polícia, — diz Layla.  
— Ninguém tem que saber. Mas ela não vai sair daqui até que descubramos como consertar isso.

Layla agarra sua nuca e se afasta de mim. — Você ouviu aquele homem. Ele disse que não há como consertar isso.

— Ele também disse que isso é raro. Talvez ainda não aconteça o suficiente para que alguém tenha descoberto uma solução. Seremos pacientes. Faremos nossa pesquisa. Vamos resolver isso, Layla.

Eu envolvo meus braços em torno dela novamente, na esperança de acalmar seus nervos. Mas isso é difícil de fazer quando sei que ela pode sentir meu batimento cardíaco acelerado contra seu peito.

Estou tão preocupado quanto ela. Se não mais.  
— Acho que você deveria contar a ela agora, — diz Layla.  
— Talvez se ela perceber o que fez, pare de lutar com você. Talvez ela nos ajude a descobrir isso.

Layla sempre viu o melhor nas pessoas.

O problema com isso é que não tenho certeza se há coisas boas o suficiente em Sable que a faria querer nos ajudar. Afinal, ela é a razão de estarmos aqui agora.

— Ok, — eu digo. — Mas eu tenho que amarrar você primeiro.

Layla rasteja para a cama. Depois que eu a amarrei, ela disse: — Eu sei que você está com raiva dela agora. Mas não seja mau com ela.

Eu aceno, mas não é uma promessa.

Zangado é um eufemismo.

Layla fecha os olhos e respira fundo. Quando seus olhos se abrem e posso dizer que não é Layla olhando para mim, não sinto nada além de ressentimento. Não sinto remorsos e quando ela começa a chorar baixinho. Não me sinto culpado quando ela começa a implorar para que eu a desamarre. Sento-me na beira da cama ao lado de seus pés e apenas fico olhando para ela.

Pelo menos ela não está histérica ou gritando neste momento. Podemos realmente ter uma conversa sobre isso.

— Você vai me deixar sair agora? — Ela pergunta.

— Quero fazer algumas perguntas primeiro.

— E então você vai me deixar ir?

— Sim.

Ela concorda. — Ok, mas... você pode por favor me desamarrar primeiro? Estou dolorida. Estou nesta posição há horas.

Ela está amarrada por um minuto. Ela não percebe que anda livremente na maior parte do tempo. — Eu vou desamarrar você depois que você responder às minhas perguntas.

Ela se ajusta na cama para se sentar um pouco mais longe de mim. Ela puxa os joelhos e me olha nervosa. — Você parece zangado, — ela diz baixinho. — Por que você está zangado?

— O que você lembra da noite em que foi baleada?

— Eu não gosto de falar sobre isso. Você sabe disso.

— Por quê? Porque você não se lembra como eu?

Ela sacode seu anúncio. — Não. É porque eu não me lembro de nada.

— Isso não é totalmente verdade, — eu digo. — Acho que você só se lembra de uma forma que é confusa para você.

Ela balança a cabeça. — Eu não quero falar sobre isso.

Eu continuo a falar, apesar de seus apelos para que eu pare. — Eu sei o que está acontecendo dentro da sua cabeça. Você diz que tem amnésia, mas não tenho certeza se tem. É apenas mais difícil para você acessar as memórias de Layla porque elas estão misturadas com outras memórias. É por

isso... as vezes... quando eu menciono algo do passado, você não tem essa memória imediatamente. É como se você tivesse que filtrá-las. Desenterrá-las.

Eu posso ver sua respiração presa.

Eu me inclino para frente e a olho diretamente nos olhos.

— Você às vezes sente que tem muitas memórias? Memórias que nem pertencem a você?

Seu lábio inferior começa a tremer ligeiramente. Ela está com medo, mas está tentando esconder.

— Você se lembra de ter aberto a porta quando Sable bateu naquela noite?

Ela concorda. — Sim.

— Mas você também se lembra de ser a pessoa que *bateu* na porta.

Seus olhos se arregalam. — Por que você diria isso? — Ela diz imediatamente.

— Porque... você é Sable.

Ela me encara por vários segundos. — Você é louco?

— Suas memórias são confusas porque você está no corpo errado.

Seu olhar se torna ameaçador. — É melhor você me deixar ir agora, ou eu farei você ser preso tão rápido, Leeds. Eu vou. Não pense que vou te perdoar por isso.

— Você sabia todo esse tempo que poderia ser Sable?

— Foda-se, — ela sibila. — Me deixar ir.

— Por que você socou o espelho do banheiro quando chegamos aqui? Você vê o rosto de Sable às vezes quando se olha no espelho?

— *Claro que* às vezes vejo o rosto dela! Ela *atirou* em mim, Leeds! Eu tenho TSPT<sup>6</sup>!

Ela não negou socar o espelho. — Você não tem TSPT. É uma memória real.

— Você parece um lunático.

Eu mantendo minha voz firme quando digo: — Você atirou em mim. E você atirou em Layla. E eu sei que você se lembra de fazer isso.

Ela balança a cabeça. — Eu atirei em *Layla*? EU SOU Layla!

Eu balancei minha cabeça. — Eu sei que é confuso. Mas você não é Layla. Você só pode acessar algumas de suas memórias, porque você está dentro da cabeça de Layla e tem acesso a elas. Mas quando eu atirei em você, você morreu. E quando você atirou em Layla, *ela* morreu. Mas apenas por alguns segundos. Tempo suficiente para que sua alma

acabasse no corpo errado. E a alma de Layla acabou presa aqui, nesta casa.

— Ela está chorando agora. — Você está me assustando. — Sua voz é tímida. — Você não está fazendo nenhum sentido. Eu *sou* Layla. Como você pode pensar que não sou Layla?

Eu começaria a listar todas as provas, mas há muitas. Em vez disso, tento pensar em uma pergunta que apenas Layla seria capaz de responder imediatamente. Uma Layla já respondeu, mas essa Sable teria dificuldade para se lembrar.

— Que música eu cantei para você na primeira noite em que nos conhecemos aqui?

Ela diz: — Eu... isso foi há muito tempo atrás.

— Qual música eu cantei para você? Você tem três segundos para me responder.

— '*Remember me*'? — Ela diz o nome da música como se fosse uma pergunta.

— Não. Eu cantei '*I Stopped*'. Layla se lembraria.

— Pare de falar sobre mim como se eu não fosse Layla. Isso é uma *loucura*. — Ela se arrastou mais em direção à cabeceira da cama, como se estivesse tentando se afastar de mim.

Eu não a culpo por ter medo de mim. Se alguém tivesse tentado me explicar isso há um mês, eu não teria sido capaz de acreditar. Tento parecer o mais equilibrado que posso,

porque sei que ela pensa o contrário de mim agora. — Não posso esperar que você aceite isso mais facilmente do que eu, mas é verdade. Só vai levar tempo, e talvez uma prova, antes que você comprehenda totalmente o que está acontecendo. Por isso, sinto muito, mas não posso deixar você sair agora. Não até eu descobrir como consertar isso para Layla.

— Mas eu sou Layla, — ela sussurra, ainda tentando se convencer de que isso não está acontecendo.

Eu olho para trás. — Layla, assuma o controle.

Espero alguns segundos até ver a mudança.

Layla abre os olhos. Ela relaxa as pernas, mas sua expressão não relaxa. Ela parece que está prestes a chorar, e não sei se é porque não há nenhuma dúvida nela se é Layla, ou se ela se sente mal pela situação em que Sable está agora.

Eu me inclino para frente e desamarro suas mãos. Quando seus pulsos estão livres, ela se lança para a frente e envolve seus braços com força em volta de mim. Ela começa a chorar.

Torna-se real neste momento. Saber que Sable luta para acessar as memórias que fiz com Layla — memórias que estão na frente e no centro da mente de Layla — eliminou qualquer resquício de dúvida que ainda existia entre nós.

Layla agarra minha nuca e pressiona sua bochecha contra a minha. Sua voz está cheia de medo. — Por favor, me ajude a encontrar um caminho de volta.

Eu fecho meus olhos. — Eu não vou parar de lutar por você até que descubramos isso. Eu prometo.

A faint, blurry silhouette of a person walking away from the viewer across a sandy surface, leaving footprints. The scene is set against a warm, golden-yellow gradient background.

Layla

COLLEEN  
HOOVER

## *Capítulo Vinte e Quatro*

Estou limpando o cabelo de Layla no chuveiro. É uma duplicação assustadora da manhã depois que nos conhecemos, parados juntos neste chuveiro. Só que desta vez estamos quietos. Não estou fazendo perguntas a ela porque sinto que minha necessidade de respostas só nos trouxe tristeza. Isso me faz pensar se ela se arrepende de eu ter aparecido aqui. Se eu não tivesse aparecido, ela não estaria ciente do quanto ela não pertence ao seu reino. Ela não saberia como isso é injusto.

Ela não saberia que talvez não fosse capaz de voltar.

Não dormimos nada na noite passada. Passamos horas procurando soluções online e folheando livros paranormais no Grand Room. Não encontramos nada até agora, embora tenhamos procurado até duas horas depois do nascer do sol.

Hoje é um novo dia. Depois de dormirmos um pouco, vamos começar tudo de novo. Eu me recuso a permitir que Layla se sinta desesperançada sobre esta situação.

Quando termino de enxaguar seu cabelo, dou um beijo no topo de sua cabeça. Ela relaxa em mim com um suspiro, de costas para o meu peito, e nós apenas deixamos a água quente bater em nós enquanto ficamos juntos em silêncio. Não é romântico. Não é sexy.

Estamos apenas tristes.

—O corpo dela está exausto, — diz Layla.

— Não é o corpo dela. É seu.

Ela se vira e olha para mim. Seus olhos estão vazios e cansados. Ela precisa dormir, mas agora que sabe que pertence mais a este corpo do que ao reino espiritual, ela não gosta da ideia de voltar para o nada. Ela me disse antes que isso a assusta agora.

Isso me destruiu.

Não quero que ela deixe Sable assumir novamente, mas é inevitável. É a única maneira de seu corpo se recuperar.

— Tome duas pílulas para dormir, — eu digo. — Talvez ela não acorde por um tempo.

Layla acena com a cabeça.

Saímos do chuveiro e pego dois comprimidos para ela. Layla os pega com um gole d'água e depois sobe na cama. Eu fecho as cortinas opacas para bloquear o sol. Eu rastejo na cama com ela, mas desta vez não hesito em puxá-la contra mim. Finalmente parece normal de novo – tê-la nesta cama comigo.

Tão normal quanto nossa situação pode parecer.

Eu continuo esperando acordar desse pesadelo. Não gosto de pensar nos últimos meses e em todos os sinais que

estavam bem na minha frente. Isso me faz sentir ignorante – como se minha mente fechada nos impedisse de alguma forma. Eu nunca acreditei em fantasmas ou espíritos, mas se acreditasse, eu teria notado que Layla não era realmente Layla?

Existem outras pessoas neste mundo que - como Sable - presumem que estão sofrendo de alguma forma de amnésia que torna as memórias difíceis de filtrar, quando, na realidade, elas simplesmente não pertencem ao corpo que estão habitando? Eles são apenas um espírito preso no corpo errado.

— Leeds. — Layla sussurra meu nome, mas mesmo através de seu sussurro, posso sentir o peso disso.

— O que é?

Ela enfa a cabeça no meu ombro. — Acho que só há uma maneira de consertar isso.

— Como?

Ela suga uma respiração pesada. E então, enquanto ela exala, ela diz: — Você vai ter que me matar. E então espero que você possa me trazer de volta. — Eu aperto meus olhos fechados, tentando empurrar suas palavras para longe de mim. Não quero nem ouvir, mas ela continua falando. — Se eu conseguir nivelar por tempo suficiente para que a alma de Sable deixe meu corpo, então talvez minha alma possa assumir o controle antes de você me trazer de volta.

— Pare, — eu digo imediatamente. — É muito arriscado. Tanta coisa pode dar errado.

— Não podemos viver assim para sempre.

— Mas nós podemos.

Ela se afasta do meu ombro e olha para mim. Seus olhos estão cheios de lágrimas. — É exaustivo. Não posso viver assim, dia após dia. E você realmente quer manter uma garota cativa lá em cima nesta casa para o resto da sua vida?

Eu não. É agonizante, mas é melhor do que pensar na possibilidade de Layla morrer. — Esta não é a solução.

— E viver assim é? Ela não vai dormir a menos que a droguemos, e então fico com os efeitos colaterais. Estou cansada. Você está cansado. Se esta for a única maneira de existir com você... então eu prefiro nem existir, — diz ela. Ela está chorando agora, e eu não aguento. Eu não quero vê-la chateada, mas a parte egoísta de mim prefere vê-la chateada do que não a ver.

— Se fizéssemos e desse errado, eu nunca me perdoaria. Não consigo viver sem você, Layla.

— Você pode. Você conseguiu nos últimos sete meses.

Eu olho para ela incisivamente. — E eu tenho sido péssimo ‘pra’ caralho.

Ela me encara solenemente. Então, como se ela de alguma forma sentisse simpatia por mim, ela coloca a mão na

minha bochecha e me beija. Seu beijo é doce, mas também é desolador. Não sei o que fazer com isso.

É uma tortura beijá-la em meio à dor, porque eu sei o que está acontecendo em sua mente agora. Ela acha que a morte é a resposta.

Tenho medo que a morte seja o fim.

— Não quero mais falar sobre isso, — digo.

— Nós vamos ter que fazer algo sobre isso. E logo, enquanto eu ainda tenho energia.

— Não vou concordar com isso.

Os dedos de Layla percorrem meu braço até ela encontrar minha mão. Ela desliza seus dedos nos meus. — Pode funcionar, Leeds. Se planejarmos da maneira certa, vai funcionar.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Porque, — ela diz. Ela pressiona um beijo novamente no meu queixo. — Eu te amo mais do que Sable. Vou *fazer* funcionar.

Eu quero acreditar nela. Mas o que acontece se não funcionar? E se eu não puder trazê-la de volta? Se seu corpo morrer para sempre, seu espírito provavelmente morrerá junto com ele.

E então o que eu faria? Como eu explicaria sua morte para a polícia? Para sua família? Para Aspen?

Layla estende a mão para alisar minha testa franzida. — Relaxe, — ela diz. — Podemos nos preocupar com os detalhes depois de acordar.

Eu aceno, querendo nada mais do que colocar esses pensamentos em ação. Só quero pensar em Layla.

Eu traço meus dedos delicadamente sobre seus lábios, e ela está olhando para mim com a mesma expressão que ela estava olhando para mim quando estávamos deitados na grama na primeira noite em que nos conhecemos. Pouco antes de eu perguntar por que ela era tão bonita.

Eu passo meus dedos sobre as sardas derramadas sobre a ponte de seu nariz. — Por que você é tão bonita? — Eu sussurro.

Essa memória a faz sorrir.

Isso é o que eu estava perdendo. Esses momentos com Layla. As memórias não faladas que compartilhamos juntos... os olhares que trocamos. Tivemos uma conexão imediata na noite em que nos conhecemos. Uma conexão tão forte que me trouxe de volta aqui para ela quando eu nem sabia que estava procurando por ela. Uma conexão que me *manteve* aqui, mesmo quando eu estava convencido de que Willow era Sable.

Layla me beija novamente, só que desta vez nosso beijo não para. Isso dura tanto tempo que meus lábios ficam inchados no momento em que empurro dentro dela.

Ela se envolve com força em torno de mim enquanto fazemos amor. Eu mantendo meus olhos abertos o tempo todo porque estou impressionado com o quão diferente é agora que a tenho de volta. É exatamente como costumava ser. Intenso, perfeito e cheio de significado.

Quando acaba e ela está em meus braços, percebo que ela pode estar certa.

Nós nos encontramos uma vez... quando nos conhecemos.

Então nos encontramos novamente... depois que ela morreu.

Isso me faz acreditar em nós o suficiente para pensar que poderíamos fazer isso uma terceira vez.

# *Capítulo Vinte e Cinco*

Layla passou os últimos dois dias planejando meticulosamente sua morte.

Passei os últimos dois dias tentando encontrar soluções alternativas.

Infelizmente, não encontrei nada.

Ela está ficando mais fraca. Quanto mais tempo ela continua controlando Sable, menos sono Sable consegue. E quando Layla deixa seu corpo por tempo suficiente para Sable dormir, Sable dorme muito pouco. Só quando os remédios fizerem efeito, e mesmo assim, não por muito tempo.

Sable continua tentando escapar, o que resultou em danos ainda maiores em seus pulsos. As marcas são proeminentes demais para serem ocultadas. Eu os mantenho enfaixados, mas me preocupo porque Aspen e Chad devem voltar hoje e não temos certeza de como esconder os pulsos de Layla deles. No momento, ela está usando uma das minhas camisas de mangas compridas porque não havia nenhuma dobradiça com mangas compridas o suficiente para cobrir seus pulsos em seu guarda-roupa.

Espero que Aspen não note as bandagens.

Espero que Aspen não perceba *nada*.

As pernas de Layla estão em meu colo, e estamos assistindo TV sem pensar quando ouvimos o carro deles entrar na garagem. Na verdade, não estamos prestando atenção na TV. Estamos apenas tentando parecer normais, o que tentaremos fazer nas próximas vinte e quatro horas, enquanto Aspen e Chad estão aqui.

Layla se levanta e puxa as mangas da camisa para baixo. Ela os enfia sob os polegares e se dirige para a porta. Eu a sigo.

Aspen já está espiando a cabeça para dentro quando chegamos ao saguão. Abro totalmente a porta e pego a bolsa de Aspen. Layla a abraça assim que ela passa pela porta.

O abraço me pega desprevenido. Não é uma saudação casual. Ela a abraça com força, como se ela tivesse sentido sua falta. Acho que sim. Layla estava confusa na última vez em que Aspen esteve aqui. Ela pensava que todos os seus sentimentos pertenciam a outra pessoa, então provavelmente não reconheceu que a atração que ele sentia por Aspen era real.

— Bem, olá, — diz Aspen, rindo do afeto de Layla. Layla a solta e Aspen inclina a cabeça, olhando para ela com curiosidade. — Você parece exausta.

Layla dá de ombros. — Estou doente há alguns dias. Me sinto muito melhor agora, no entanto, — ela mente, sorrindo brilhantemente.

Chad acena com a cabeça em minha direção e pega a bolsa de Aspen. — Por favor, me diga que você tem cerveja.

Estou dirigindo há 12 horas e preciso de cerveja. — Ele caminha em direção às escadas para levar as malas para o quarto de costume, mas Layla estica o braço, conduzindo Chad para o corredor.

— Vocês vão para o quarto do andar de baixo desta vez, — Layla diz. — O banheiro do andar de cima está quebrado.

Ela está mentindo, e eu não sei por que, mas ajudo Chad a levar suas coisas para o quarto do andar de baixo. E nós quatro nos reunimos na cozinha enquanto Chad procura algo para beber.

— O que tem para o jantar? — Ele pergunta. — Cheira bem.

Layla e eu preparamos uma caçarola juntos há cerca de uma hora. No ritmo em que tudo que aconteceu, foi um bom adiamento. Tivemos alguns momentos nos últimos dias que de alguma forma consegui aproveitar, apesar de nossas circunstâncias. É difícil não deixar a realidade de nossa situação permanecer na frente e no centro de nossas mentes, mas nas poucas vezes em que estivemos preocupados com outra coisa, foi um lembrete bem-vindo de como as coisas costumavam ser entre nós. Antes de Sable.

— Há uma caçarola no forno, — diz Layla. — Está quase pronto. — Ela olha para Aspen. — Como foi a viagem para o Colorado?

Aspen sorri, mas é obviamente forçado. Ela e Chad trocam um olhar. — Interessante, — diz Aspen. — Dois pneus furados, uma lanterna traseira quebrada, seis horas perdidas enquanto estávamos presos em uma vala.

— Aquelas seis horas não foram perdidas, — Chad diz a ela, levantando uma sobrancelha.

Aspen sorri, e basta dessa conversa.



— Ela parece diferente.

Eu me viro ao som da voz de Aspen. Achei que estava sozinho na cozinha.

— O que você quer dizer? — Eu pergunto com cautela.

— Melhor, — ela diz. — É como se eu finalmente tivesse minha irmã de volta. Boa ideia trazê-la aqui. Acho que a ajudou.

Eu solto uma liberação sutil de ar. — Sim. Sim, ela está definitivamente muito melhor.

— Ela parece cansada, no entanto. E ela perdeu peso.

— Eu concordo. — Estou de olho nela. Como ela disse, ela teve gripe na semana passada.

— Gripe? — Aspen pergunta com uma inclinação de cabeça. — Ela acabou de me dizer que foi uma intoxicação alimentar.

*Merda.*

*Layla e eu precisamos ter certeza de que nossas mentiras se alinharam no futuro.*

Eu aceno uma vez. — Sim. Isso também. Semana de merda. — Pego meu celular e Aspen me segue enquanto saio, onde Layla e Chad estão.

Layla está sentada à mesa do pátio, ao lado de uma lâmpada de aquecimento que acendi depois do jantar. Chad está sentado na beira da piscina com os pés na água. Eu esquentei a piscina ontem quando percebemos que eles estavam vindo.

Eu caminho até Layla e pressiono um beijo no topo de sua cabeça antes de me sentar ao lado dela. Ela agarra minha mão e sorri para mim.

Passamos a próxima meia hora fingindo que nossos mundos estão do lado certo. Rimos das piadas de Aspen e Chad. Nós nos forçamos a parecer relaxados. Até fazemos planos para fazer uma viagem com eles em dois meses.

Uma viagem que sabemos pode não acontecer se não descobrirmos uma maneira de resolver isso.

Enquanto estou sentado aqui, percebo por que Layla está disposta a arriscar sua vida para ter sua vida de volta.

É porque ela não tem vida nenhuma enquanto está presa nesta casa à mercê de Sable.

Não podemos arriscar deixar este lugar quando Layla é apenas uma possuidora temporária de seu próprio corpo. E como seria a vida de Layla se eu a forçasse a permanecer em nossa configuração atual? Ela seria uma visitante deste mundo... à mercê de Sable. Nunca seremos capazes de partir. Não poderemos nem mesmo fazer a viagem que planejamos fazer com Aspen e Chad em dois meses.

É isso. Esta será a vida dela. Exausta e presa.

Eu sou puxado para fora dos meus próprios pensamentos quando Layla ri alto.

Eu me pego olhando fixamente para ela de vez em quando, mas estou fascinado em vê-la ser ela mesma, mesmo que ela esteja se forçando. Mas há momentos – uma fração de segundo aqui e ali – quando esqueço que isso não é normal.

Mas não é normal. Sair com sua irmã nunca pode ser normal. Terá que ser planejado meticulosamente. Ela nunca conseguirá deixar este lugar com Aspen.

Mesmo suas visitas aqui nunca podem ser normais. Quando Chad e Aspen forem para a cama hoje à noite, Layla vai ter que descobrir como ficar acordada a noite toda para evitar que Sable volte, ou terei que descobrir como mantê-la quieta se ela acordar enquanto Chad e Aspen ainda estão nesta casa.

Talvez seja por isso que Layla colocou Chad e Aspen no quarto do andar de baixo. Dessa forma, se Sable assumir momentaneamente enquanto eles estão aqui, eles podem não ouvir qualquer comoção de Sable antes que Layla possa deslizar de volta para dentro dela.

— Layla me disse que você fez uma oferta por este lugar?  
— Aspen pergunta, olhando para mim. Devo ter ficado fora da conversa deles, porque não tenho certeza do que levou a essa pergunta.

Eu concordo. — Sim, semana passada. Deve estar fechando em breve.

— Espero que saiba que estaremos aqui o tempo todo. Wichita não é tão longe e sinto falta deste lugar. — Ela olha para Layla. — Eu até sinto sua falta, — ela diz provocativamente.

Layla sorri e estende a mão, apertando a mão de Aspen.  
— Você não tem ideia do quanto eu senti sua falta também. Mal posso esperar para que tudo volte ao normal. — Suas palavras são doces, mas Aspen não tem ideia do duplo sentido por trás delas.

Layla está de costas para a piscina, então ela não percebe quando Chad sai da água e vai até o fundo. Ele recua até estar a cerca de três metros da piscina. Então ele tira a camisa e começa a correr em direção à água. Ele pula, envolvendo os joelhos com os braços, e grita antes de fazer um grande respingo.

Todo o corpo de Layla estremece com a comoção inesperada atrás dela.

Quase imediatamente, vejo a mudança. É como se eu pudesse dizer o momento exato em que Layla escorregou para fora de seu corpo agora.

Eu congelo quando reconheço que Sable assumiu o controle. O respingo inesperado na piscina deve ter assustado Layla, como na noite em que o raio a assustou.

Os olhos de Sable se arregalam e ela olha por cima do ombro, sentando-se ereta na cadeira. Ela se levanta de repente, jogando a cadeira para trás. — O que...? — Ela olha para os braços, depois para a casa. — Como eu saí?

Eu me levanto imediatamente e tento me colocar entre ela e Aspen, mas Sable dá um passo rápido para trás. — Não se atreva a chegar perto de mim! — Ela grita comigo.

*Merda.*

Aspen está de pé agora. — Layla? Qual é o problema?

Sable continua se afastando de mim. Ela aponta para mim enquanto olha freneticamente para Aspen. — Ele está me drogando! Ele não me deixa sair! — Eu balanço minha cabeça, pronto para me defender, mas antes que eu possa abrir minha boca, Sable puxa uma das mangas de sua camisa, revelando a bandagem em um de seus pulsos. — Ele me mantém amarrada!

Eu pulo em direção a ela para impedi-la, mas antes de alcançá-la, seu braço cai para o lado e seus olhos se fecham. Eu fico na frente dela, segurando seus ombros, tentando protegê-la da vista de Aspen. Layla respira lentamente e abre os olhos com calma. Eu vejo a piscina de medo em seu rosto.

— O que está errado? — Aspen diz, sua voz mais alta e cheia de pânico. — O que você quer dizer com ele está drogando você? — Aspen se coloca entre mim e Layla, separando-nos.

Aspen está segurando o rosto de Layla nas mãos, tentando fazer com que ela olhe para ela e não para mim.

Eu agarro os lados da minha cabeça e dou um passo para trás. Não tenho ideia de como ela vai explicar esse deslize.

Os olhos de Layla estão arregalados, como se ela estivesse lutando para descobrir uma maneira de sair disso. Eu não tenho ideia do que dizer. Aspen olha por cima do ombro e me encara como se eu fosse um monstro.

— Somente... brincando? — Layla diz, completamente não convincente.

— O... o que? — Aspen diz.

Chad está vindo em nossa direção agora, seu jeans deixando poças d'água atrás dele. — O que está acontecendo?

Aspen aponta para Layla. — Ela... ela acabou de dizer que Leeds a está drogando. E mantê-la amarrada.

— Eu estava brincando, — diz Layla, olhando para trás e para frente entre eles, tentando explicar a explosão. Ela está forçando um sorriso, mas tudo está tão tenso agora.

— É uma coisa estranha para brincar, — Chad diz.

— Não acho que seja uma piada, — diz Aspen. — Mostre-me seu pulso novamente.

Layla enfia a manga sob o polegar e puxa a mão. — Foi uma piada interna, — diz ela. Ela olha para mim. — Diga a ela, Leeds.

Eu não sei o que dizer a ela. Nesse ponto, não há como Aspen acreditar em uma palavra que sai da minha boca. Mas eu aceno de qualquer maneira e me aproximo de Layla enquanto envolvo a mão em sua cintura. — Ela está certa. É uma piada interna estranha. É engraçado apenas para nós.

Aspen encara Layla sem acreditar. Em seguida, ela leva as mãos à testa como se não soubesse o que fazer com o último minuto de sua vida. Ela balança a cabeça, confusa. Não

convencido. — Venha para dentro de casa comigo, Layla, — diz ela, estendendo a mão para a irmã.

Layla apenas olha para ela. Então ela balança a cabeça. — Aspen, eu sei que foi estranho. Eu sinto muito. Faço coisas que às vezes não consigo explicar... por causa da lesão cerebral. Achei que seria uma piada engraçada. Caiu plano.

Aspen estuda o rosto da irmã... procurando um sinal. Um pedido silencioso de ajuda, talvez. — Isso é seriamente fodido, — diz ela. Então ela passa por nós e se dirige para a casa.

Chad observa Aspen desaparecer dentro de casa. Então ele bebe o resto de sua cerveja. Ele limpa a boca com as costas da mão. — Vocês são estranhos, — diz ele, pouco antes de seguir atrás de Aspen.

Somos apenas Layla e eu lá fora agora.

Layla cobre o rosto com as mãos. — Eu não posso acreditar que isso aconteceu.

Eu a puxo para um abraço. — Eles vão superar isso.

Layla balança a cabeça com firmeza. — Aspen não vai. Eu vi a expressão em seu rosto. Ela não confia em você agora. — Ela pressiona o rosto contra meu peito. — Não podemos continuar fazendo isso, Leeds. Eu quero que isso pare.

Eu aceno, mas só porque quero que ela relaxe. Vou concordar momentaneamente com qualquer coisa, se isso deixar sua mente à vontade.

— Esta noite. Eu quero fazer isso hoje à noite.

Eu balancei minha cabeça. — Por favor, não.

— Vamos fazer isso esta noite. — Sua voz está decidida.  
Suas palavras finais.

Sinto como se tivesse afundado no fundo da piscina. Meus pulmões estão densos de água. Eu limpo minha garganta. — Como vamos fazer isso esta noite? Sua irmã está aqui.

Como se ela estivesse pensando nisso o tempo todo, ela responde imediatamente. — Acho que afogar seria a maneira mais fácil. Teríamos que cronometrar perfeitamente. Você teria que ter certeza de que meu coração para antes de começar a me ressuscitar.

Eu me afasto dela e começo a andar no concreto ao redor da piscina. — Não sei se me sinto confortável com isso. Eu nem sei como fazer RCP<sup>7</sup>.

— Aspen é enfermeira.

— Aspen não vai concordar com isso, — eu digo.

Layla fecha qualquer espaço entre nós e abaixa sua voz.  
— Ela não precisa. Vamos jogar como se não fosse planejado. Como se fosse um acidente. Assim que meu coração parar de bater, você gritará por ela. Verifiquei se uma das janelas do

quarto está aberta, para que ela possa ouvi-lo. E se ela não fizer isso, apenas corra para a janela e acorde-a.

*É por isso que ela os colocou lá embaixo.* — Você já tinha isso planejado?

Os olhos de Layla estão firmes. — Não me julgue. Você não tem ideia de como é para mim.

Há um mundo de dor em sua expressão como eu nunca vi. Eu nem sei como argumentar contra essa dor.

Ela está certa. Não sei o que é para ela. Não vou nem fingir que sei. Tudo o que posso fazer neste momento é amá-la o suficiente para tentar encontrar confiança em seus instintos.

— E se eu não puder te trazer de volta imediatamente? O que acontecerá se a ambulância levar seu corpo embora antes que você consiga voltar para dentro dele?

— Não os deixe. Certifique-se de que Aspen me traga de volta.

— Como você sabe que Aspen saberá o que fazer?

— Ela é enfermeira. Ela salva vidas todos os dias.

Eu não gosto disso — E se funcionar e nós trouxermos seu corpo de volta? Como sabemos que Sable não vai voltar no lugar de você?

— Eu não vou deixar ela, Leeds. — Layla diz que com tanta convicção não posso deixar de confiar nela. Eu a puxo

para mim e descanso meu queixo no topo de sua cabeça. Pela primeira vez desde que descobri que os fantasmas são reais... eu estou aterrorizado.

— Eu te amo.

Suas palavras são abafadas contra meu peito quando ela diz: — Eu também te amo. Muito. É assim que eu sei que isso vai funcionar.



# Capítulo Vinte e Seis

Já se passaram duas horas desde que subimos para nos preparar para o afogamento de Layla.

Duas horas desde que comecei a sentir que meu mundo poderia estar chegando ao fim.

Ela tem tudo planejado. Ela até escreveu instruções e está me fazendo estudá-las como se fosse algum tipo de exame final da faculdade.

**1** - *Segure-me até que eu não esteja mais lutando para respirar.*

**2** - *Verifique meu pulso. Quando parar, ligue para a emergência imediatamente.*

**3** - *Acorde Aspen.*

**4** - *Comece a ressuscitação.*

**5** - *Você só tem cinco minutos para salvar minha vida.*

Eu deixei o papel cair na cama. *Cinco minutos.* Não consigo ler de novo.

— Você precisa de mais tempo para examiná-lo? — Ela me pergunta.

— Vou precisar de anos antes de estar pronto para fazer isso.

Ela levanta a mão e toca o lado da minha cabeça. — Eu sei que você está com medo. Eu também estou com medo. Mas quanto mais deixarmos isso continuar, mais fraca estarei. Precisamos fazer isso agora, antes que tenhamos mais deslizes. Antes que Aspen se tornasse ainda mais suspeita. — Ela pega a folha de papel e a dobra. Em seguida, ela caminha até o banheiro e dá a descarga. No caminho de volta para o quarto, ela pega meu laptop e o coloca do lado da cama. Ela limpa a garganta e diz: — Eu digitei uma nota de suicídio. Eu acho que é importante ter, apenas no caso.

Eu cubro meu rosto com a mão. — Uma nota de suicídio? — Eu não consigo manter minha voz baixa. — Como você está tão calmo sobre isso? Você acabou de escrever uma nota de suicídio, Layla.

— Eu não quero que você tome a culpa se isso não funcionar. Programei o envio por e-mail para daqui a quatro horas. Você sabe o login do meu e-mail. Se eu não conseguir... permita que o e-mail seja enviado. Mas se eu conseguir... delete isso. Porque vai para todos, Leeds. Você, Aspen, minha mãe... — Sua voz é uniforme – mecânica, quase – como se ela estivesse completamente desligada da realidade do que estamos prestes a fazer.

Ela agarra minha mão, querendo que eu me levante. Querendo que eu a seguisse.

Os próximos minutos parecem surreais. Eu a sigo para fora do quarto, desço as escadas e vou para o quintal.

Ela caminha calmamente para a piscina, e grande parte desse momento está envolvido na noite em que nos conhecemos. A primeira vez que nos falamos foi nesta piscina. Nosso primeiro beijo foi nesta piscina.

*Por que parece que nosso último adeus pode acontecer na piscina?*

Meu pulso está frenético. Eu não consigo respirar. A realidade do que estamos prestes a fazer pode não estar sendo absorvida por ela, mas tomou conta de cada parte de mim.

Ela está parada no meio da piscina, no mesmo local onde a encontrei flutuando de costas na primeira noite em que nos conhecemos. E por algum milagre, ela tem a mesma expressão em seu rosto. Sereno. — Eu preciso de você na água comigo, Leeds. — Percebo que ela está tão calma quanto está porque ele sabe que se ela não o fizer, vou convencê-la a desistir. Vou *me* convencer do contrário.

Mas ela está certa. Precisamos fazer isso agora, antes que ela fique ainda mais fraca por causa da falta de sono.

Estou relutante enquanto faço meu caminho em direção à piscina. A água está quente quando eu entro nela, e me ocorre que ela me fez ligar o aquecedor da piscina ontem... não para que pudéssemos nadar, mas com esse propósito.

Nós mantemos nossos olhos fixos juntos enquanto eu caminho até ela.

Quando a encontro no meio, tenho que fechar os olhos, porque finalmente vejo uma barreira de medo em sua expressão. Ela envolve seus braços em volta da minha cintura e pressiona seu rosto contra meu peito. — Eu sei que você não quer isso, Leeds. Mas eu quero minha vida de volta. Eu preciso de volta. — A voz dela está tremendo. — Cada vez que tenho que deixar meu próprio corpo, é como um novo coração partido.

Eu a beijo no topo da cabeça, mas não digo nada. Eu não poderia falar se quisesse. O medo está muito grosso na minha garganta.

— Ouça-me, — diz ela, guiando meu olhar para o dela. — Eu vou ter que deixar Sable assumir. Será melhor se ela estiver assustada e confusa quando seu coração parar. Porque estarei alerta e pronta.

Ela está certa. Layla terá vantagem se estiver esperando na lateral.

— Assim que eu escorregar para fora dela em um minuto, Sable vai entrar em pânico quando ela acordar e ver que ela está nesta piscina com você. É quando você faz isso. Você a empurra para baixo, a segura e não a deixa respirar, não importa o quão assustado você esteja ou o quão culpado você se sinta.

Imagino como será para Sable. Afogando-se sem saber por quê. Ela vai ficar apavorada. Ela vai lutar de volta. E, de alguma forma, vou ter que esquecer o fato de que será o corpo

de Layla que estou me afogando enquanto mato Sable pela segunda vez.

— Ei, — Layla diz, sua voz simpática e gentil. Ela está olhando para mim como se soubesse exatamente o que estou pensando. Ela sempre faz. Ela entende meus pensamentos como se fossem sussurrados em sua cabeça assim que os tenho. — Você não estará acabando com a vida de Sable, Leeds. Você estará salvando a minha. Você consegue fazer isso.

Essa é a perspectiva que eu precisava para seguir em frente. É sobre o que é merecido. Não se trata do que é moral. — OK. Você está certa. Eu posso fazer isso. *Podemos* fazer isso.

— Bom. OK. — Ela suga uma lufada de ar, mas é uma entrada frágil, marcada pelo medo. — Você está pronto?

Eu balancei minha cabeça inflexivelmente porque quem poderia estar pronto para algo assim? Eu pego seu rosto em minhas mãos e nós olhamos. Ela está assustada. Seus lábios estão tremendo. Quando suas mãos pousam novamente no meu peito, posso sentir seus dedos tremendo.

Eu devo isso a ela. Ela foi forçada a passar muito tempo aqui sozinha, esperando por alguém que ela não conseguia se lembrar. Eu pressiono minha testa na dela e fechamos nossos olhos. Quando estou tão perto dela, posso sentir uma conexão desfeita que nem mesmo a morte poderia quebrar. Estamos unidos por toda a eternidade, e se eu não entender direito — se eu perdê-la — aquela corda vai parecer um laço apertando meu coração até parar.

Eu a beijo. Eu a beijo com força e não quero parar, porque e se esta for a última vez que eu conseguir beijá-la?

Eu a beijo até sentir o gosto das lágrimas. Ambos nossos.

Eu a beijo até que ela me faça parar.

Ela pressiona sua testa contra meu peito, e posso sentir a tristeza em seu suspiro. — Eu te amo, — ela diz.

Eu envolvo meus braços com força em torno dela e pressiono minha bochecha contra o topo de sua cabeça. — Eu te amo, Layla.

— Obrigado por me encontrar, — ela sussurra.

E então ela se foi.

Não é mais Layla que estou segurando, mas Sable. Posso sentir a mudança na maneira como ela se empurra contra mim e, em seguida, levanta a cabeça do meu peito, com os olhos arregalados.

Eu coloco minha mão em sua boca antes que ela possa gritar.

E talvez seja a parte de mim que se ressente dela que encontra força, ou talvez seja a parte de mim que quer Layla de volta mais do que eu quero ar, mas eu faço isso. Eu a empurro para baixo. Para segurá-la ali, tenho que usar cada parte de mim. Eu preendo seu corpo entre minhas pernas. Eu envolvo meus dedos em seu cabelo para me alavancar.

Ela se debate na água... unhas em meus braços e meu peito. Ela tenta de tudo para escapar... para respirar, mas ela está gritando logo abaixo da superfície, seus pulmões rapidamente absorvendo água.

Eu fico olhando para o céu porque se eu olhar para ela, vou parar. Eu não seria capaz de olhar para o rosto de Layla e continuar fazendo o que estou fazendo. E embora eu saiba que é Sable por trás dos olhos de Layla agora, se eu olhar para eles, tenho medo de que tudo o que eu veja seja uma Layla apavorada. Eu aperto meus olhos e aumento meu aperto.

Eu espero e espero e espero que ela pare de lutar. Parece que nunca vai acabar. Eu conto enquanto a seguro. Chego a cento e dezoito segundos antes que ela finalmente pare de lutar.

E, mesmo então, quando penso que pode acabar, ela me agarra novamente, seus dedos procurando um salvador.

Ela agarra meu pulso esquerdo e o aperta com muita pouca força.

Então... eu não sinto nada.

Os gritos subaquáticos cessaram por vários segundos. Seu cabelo começa a escorregar por entre meus dedos. Eu mantendo meus olhos fechados e preendo a respiração até ter certeza de que não há mais ar em seus pulmões. Então eu lentamente deixo meu olhar cair.

Seu cabelo está cobrindo seu rosto, então eu o afasto. Seus olhos estão abertos, mas não estão olhando para mim. Eles não estão olhando para nada. Não há foco para eles. Sem vida.

*É quando eu começo a entrar em pânico.*

Eu a puxo até que sua cabeça saia da água, e é óbvio que Sable não está mais dentro deste corpo. Mas Layla também não.

Um gemido escapa da minha garganta quando vejo os olhos sem vida de Layla. Seus braços estão moles dos lados do corpo. Eu coloco minhas mãos sob ela e começo a arrastá-la em direção aos degraus na parte rasa.

— Aspen! — Eu grito. — Socorro!

É quase impossível movê-la tão rápido quanto imaginei que a moveria. A parte de trás das pernas está se arrastando contra os degraus da piscina, depois contra o concreto. Quando finalmente coloco Layla de costas na beira da piscina, pego meu celular. Eu ligo para a emergência.

— Aspen! — Eu grito. Começo a administrar a RCP da maneira exata que Layla me mostrou como fazer, mas sinto que estou fazendo tudo errado.

O telefone está ao meu lado. Quando uma operadora atende, eu simplesmente começo a gritar o endereço no telefone enquanto tento ressuscitar Layla.

*Cinco minutos.*

*É tudo o que temos.*

— Cinco minutos, — eu sussurro. Seus lábios estão azuis. Nada nela parece vivo. Eu preciso de Aspen porque não sei se estou fazendo isso direito.

Mas não quero sair do lado de Layla.

— Aspen! — Eu grito de novo.

Antes mesmo de eu terminar de dizer seu nome, Aspen está de joelhos ao meu lado. — Saia! — Ela grita, me empurrando para fora do caminho. Eu caio para trás e vejo Aspen inclinar Layla de lado para limpar as vias respiratórias; então ela a empurra de costas novamente e começa as compressões torácicas.

Chad também está aqui. Ele pega meu celular e começa a falar com a operadora da emergência. Eu me movo por Aspen, em direção a cabeça de Layla, e me inclino para frente, segurando sua cabeça.

— Você pode fazer isso, Layla, — eu imploro a ela. — Por favor volte. Por favor. Eu não posso fazer isso sem você. Volte, volte, volte.

Ela não quer. Ela está tão sem vida quanto quando eu a estava arrastando para fora da piscina.

Estou chorando. Aspen está chorando.

Mas Aspen não para de tentar salvá-la. Ela faz tudo o que pode. Tento ajudar, mas sou um inútil.

Parece que já se passaram mais de cinco minutos.

Parece que foi uma maldita eternidade.

Certa vez, pensei que os minutos pareciam importar mais quando eu os passava com Layla, mas eles nunca importaram mais do que agora, pois estamos tentando salvar a vida dela.

Aspen está ficando mais histérica, o que me faz pensar que ela sabe que é tarde demais. Muito tempo se passou. Eu a segurei por muito tempo?

Eu fiz isso?

Eu sinto que estou afundando mais... de alguma forma derretendo no concreto. Estou de joelhos e cotovelos, minhas mãos cruzadas com força atrás da cabeça, e nunca senti fisicamente tanta dor.

Por que eu deixei ela me convencer disso? Poderíamos ter encontrado uma maneira de viver assim. Eu prefiro viver uma existência miserável com ela do que nem existir com ela.

— Layla. — Eu sussurro o nome dela. Ela pode me ouvir? Se ela não está em seu corpo agora, ela ainda está aqui? Ela está assistindo isso? Ela está me observando?

Eu ouço um som gorgolejante.

Aspen imediatamente vira a cabeça de Layla para o lado novamente. Eu vejo como a água sai da boca de Layla e cai no concreto.

— Layla! — Eu grito o nome dela. — Layla!

Mas seus olhos não abrem. Ela ainda não responde.

— Eles estão a oito minutos de distância, — Chad diz, abaixando o telefone.

— Isso não é rápido o suficiente, — murmura Aspen. Ela retoma as compressões torácicas. E mais uma vez, Layla começa a engasgar.

— Layla, volte, volte, — eu imploro.

Aspen agarra seu pulso para verificar se há pulsação. É como se todos os sons do mundo fossem desligados automaticamente enquanto espero pela resposta dela.

— Ela tem pulso. Pouco.

— Você só tem cinco minutos para salvar minha vida.

Eu imediatamente deslizo minhas mãos sob os braços de Layla e começo a puxá-la para cima.

— O que você está fazendo? — Aspen perguntou, sua voz em pânico.

— Precisamos encontrar a ambulância! — Eu grito. — Vamos!

Chad me ajuda a carregar Layla para o jardim da frente. Nós a colocamos no banco de trás do meu carro, e Aspen e Chad entram no banco de trás com ela. Aspen põe a mão no pulso de Layla para ter certeza de que ela mantém o pulso enquanto eu saio da garagem.

— Mais rápido, — diz Aspen.

Eu não posso ir mais rápido. O pedal do acelerador está tocando o chão.

Eu dirijo pelo que parecem milhas, mas na verdade são provavelmente apenas duas, antes de encontrarmos a ambulância. Assim que vejo suas luzes vindo da colina, começo a piscar as minhas. Paro o carro no meio da rodovia para que a ambulância seja obrigada a parar para nós.

Eu ajudo Chad e Aspen a arrastar Layla para fora do banco. Ela ainda está sem vida.

Os paramédicos nos encontram com uma maca. Eles a puxam para a ambulância, mas quando eu começo a subir atrás dela, Aspen me agarra e me puxa de volta. Ela abre caminho na minha frente e sobe na ambulância. Quando meus olhos encontram os dela, ela está olhando para mim como se eu fosse um monstro. — Fique longe da minha irmã, porra.

As portas se fecham.

A ambulância sai em alta velocidade.

Eu caio de joelhos.

# *Capítulo Vinte e Sete*

Já se passaram trinta e oito minutos desde que a tirei da água.

Estou andando de um lado para o outro na sala de espera.

Chad está a vários metros de distância em seu telefone, provavelmente tentando ligar para Aspen. Não a vimos desde que entramos na sala de emergência. Chad teve que me tirar da estrada e dirigir o carro até aqui. Eu estava muito chateado.

Ninguém é capaz de nos dizer nada.

*Trinta e nove* minutos passam.

*Quarenta.*

Chad desliga o telefone. Corro até ele, esperando que ele receba notícias de Aspen. Ele apenas balança a cabeça. — Ela não está respondendo. Acho que ela deixou o telefone em casa.

Eu aceno e retomo o ritmo. Estou observando meus pés se moverem no chão, mas parece que estou flutuando. Como se eu não estivesse realmente me movendo. Tudo isso parece um sonho.

Um pesadelo.

— O que ela estava fazendo na piscina?

Eu me viro ao som da voz de Aspen. Ela está parada atrás de mim agora, seus olhos se estreitaram para mim. Suas bochechas estão manchadas de manchas e lágrimas.

— Ela está bem? — Eu pergunto a ela.

Aspen balança a cabeça, e meu coração parece que derrete e vaza para dentro das minhas costelas. — Eu não sei de nada. Eles não me deixam entrar, — diz ela. — Por que ela estava na água, Leeds? — Seus olhos são acusadores.

Chad caminha até ela e envolve seus ombros com o braço. Ele tenta conduzi-la para uma cadeira, mas ela o afasta e volta sua atenção para mim. — Por que *diabos* ela estava na água, Leeds?

Seu grito chama a atenção de todos na sala. Ela está histérica. Brava. Ela acha que fiz isso com a irmã dela.

— Não sei, — minto. — Mas eu não fiz isso com ela.

Os olhos de Aspen caem e, quando o fazem, congelam em meus braços. Ela apenas encara meus braços, e a maneira como ela está olhando para eles me força a seguir seu foco. Quando eu olho para mim mesma, vejo que meus braços estão cobertos de marcas de arranhões. Arranhões das unhas que tiraram sangue. Sangue *fresco*.

Eu olho de volta para Aspen assim que ela começa a chorar histericamente. Chad é forçado a segurá-la. Ele a

carrega para uma cadeira, mas o tempo todo ele a afasta de mim, ela está gritando comigo. — Por quê? Por que você fez isso com minha irmã?

Não há nada que eu possa dizer ou fazer para afastar essa suposição de Aspen. Muita, muita coisa aconteceu esta noite para fazê-la acreditar que eu sou inocente.

E se Layla não sobreviver... nem eu. Porque ninguém jamais aceitará a verdade. Se isso fosse no mês passado, eu também não teria acreditado na verdade.

Mas a ideia de que Aspen nunca mais confiará em mim, mesmo se Layla conseguir, ainda não é um resultado com o qual estou bem.

Chad está fazendo o possível para acalmar Aspen, mas ela está histérica. Eu ando até eles e me ajoelho na frente dela. — Aspen, — eu digo, minha voz firme e baixa. — Ela teve uma convulsão na água. Eu estava tentando ajudá-la, mas não conseguia fazer isso sozinho. Eu não conseguia mantê-la acima da água. Foi quando eu chamei para você. Eu não fiz isso com ela.

Ela não acredita em mim. Eu posso ver a desconfiança em seus olhos.

— Por que Layla disse que você a estava mantendo amarrada mais cedo? — Aspen perguntou. — Por que ela diria isso?

Abro a boca na tentativa de explicar, mas não tenho resposta. Eu aperto e minha mandíbula endurece.

— Leeds?

A voz vem atrás de mim.

Eu me levanto e giro ao mesmo tempo que Aspen pula da cadeira. Um médico está parado na entrada da sala de espera.

— Leeds Gabriel? — Ele diz.

Não posso deixar de sentir alívio por esse homem estar me poupando de uma explicação que não fui capaz de dar a Aspen, mas estou apavorado que ele esteja aqui para dar notícias para as quais não estou preparado. Eu dou um passo à frente. — Ela está bem?

O médico empurra a porta atrás dele. — Ela está perguntando por você.

Não sei como tenho forças para dar um passo, porque essas palavras me deixam sem fôlego. Mas de alguma forma, eu atravesso o caminho, até a porta, pelo corredor, e entro em um quarto onde Layla está em uma cama, coberta por um cobertor, com o cabelo ainda molhado e empilhado sobre o ombro.

Faço uma pausa quando entro na sala, porque não sei exatamente no que estou entrando. É difícil dizer apenas olhando para ela.

*Ela é Layla?*

Aspen passa por mim e corre para o lado da cama. Aspen está chorando. Abraçando ela.

Mas Layla não está olhando para Aspen. Ela está olhando diretamente para mim.

Não há emoção em seu rosto. Não há como saber se estou olhando para Layla agora ou se estou olhando para Sable. Quero acreditar que é Layla, porque *sinto* que é Layla. Estou com muito medo de confiar em meu instinto agora.

*Eu preciso que ela diga algo.*

— Layla? — Minha voz é um sussurro. Uma pergunta.

Uma única lágrima cai de seus olhos e rola por sua bochecha. Ela concorda... mal. — Leeds, — ela diz. — Você sabe como você está agora?

Eu balancei minha cabeça.

Sua boca se curva em um sorriso. — Parece que você está morrendo por dentro.

Essa declaração se torna a única prova de que preciso. Corro para ela, deslizando entre Aspen e a cama. Eu abajo a grade e rastejo para a cama com ela e a seguro enquanto ela se agarra a mim. Beijo-a repetidamente, em todo o rosto, nas mãos, no topo da cabeça. Ela está chorando, mas também rindo.

— Conseguimos, — diz ela.

— Eu suspiro, pressionando minha bochecha na dela. —  
Conseguimos, Layla. — Eu limpo as lágrimas de seu rosto.

— Diga isso de novo. Diga meu nome de novo.

— Layla, — eu sussurro. — Layla, Layla, Layla.

Ela me beija.

*Layla* me beija.

*Layla*.



# *Epílogo*

Layla e eu saímos dessa experiência sabendo de uma coisa com certeza, e esse é o simples fato de que agora não sabemos *nada* com certeza.

Esta vida e tudo o que vier depois dela são mais do que podemos compreender, então nem tentamos. Tudo o que podemos fazer é apreciar que descobrimos como ter uma segunda chance juntos. E com essa segunda chance, estamos fazendo todo o possível para garantir que não precisamos de uma terceira.

Não sabemos se Sable mudou para outro reino ou se seu espírito agora está preso em algum lugar que poderia estar ligado a uma memória minha, então Layla e eu decidimos que o melhor curso de ação seria recomeçar. Completamente.

Nunca mais voltamos para a pousada em Lebanon, Kansas. Nem mesmo voltamos para nosso apartamento temporário no Tennessee. Quando Layla recebeu alta do hospital, fomos direto para o aeroporto e perguntamos para onde o próximo voo disponível estava indo.

Foi assim que acabamos aqui em Montana.

Nenhum de nós nunca esteve aqui antes, e isso nos dá uma sensação de conforto. Nós ficamos em um hotel por

algumas semanas até fecharmos uma casa. Certificamo-nos de que adquirimos uma nova construção. Achamos que seria melhor se não houvesse história ligada à casa que compramos. Haveria menos chance de encontrarmos uma entidade que não seja deste reino.

A casa é provavelmente mais do que precisamos, mas assim que Layla colocou os olhos nela pela primeira vez, eu poderia dizer pela maneira como ela engasgou que esta seria a nossa casa. A casa fica em dez hectares de colinas com vista panorâmica das Montanhas Beartooth do nosso quintal.

É uma casa única e moderna, diferente de qualquer outra casa da região. Tanto que a casa parece um pouco deslocada em meio a toda a natureza que nos cerca. Acho que fomos atraídos por isso porque é uma reminiscência de como Layla e eu nos sentimos no mundo agora. É como se não nos adaptássemos bem, porque vivemos com um grande segredo que não podemos compartilhar com ninguém.

Como poderíamos começar a contar a alguém o que aconteceu conosco? As pessoas pensariam que somos loucos. Layla nem sente que pode explicar sua experiência para Aspen. Ela teme que isso faça Aspen acreditar que o ferimento na cabeça de Layla é pior do que pensamos inicialmente.

Vai levar tempo para conquistar Aspen. Ela não confia em mim depois de tudo o que aconteceu, e agora que levei Layla para uma casa isolada em Montana, isso só aumentou a preocupação de Aspen por sua irmã. Eu irei ganhar o favor de

Aspen de volta eventualmente. Estou confiante disso. Layla é minha alma gêmea em todos os domínios da vida.



Layla e eu passamos os últimos dias nos acomodando em nossa casa. Como não trouxemos nada conosco, essa mudança consistiu principalmente em comprar móveis e tudo o mais que a casa precisava e que não tínhamos.

Estamos ambos exaustos. Assim que o sol começou a se pôr mais cedo, desabamos juntos em uma nova cadeira de jardim e ficamos sentados aqui em silêncio pela última meia hora, ouvindo música tocando no dispositivo Alexa.

Layla está dobrada ao meu lado com o braço envolto em minha barriga e a cabeça no meu ombro. Minha mão está em seu cabelo, retorcendo seus cachos, quando uma das canções que escrevi começa a tocar.

*Esta deve ser uma lista de reprodução de Layla.*

Ela imediatamente se anima e abre um sorriso. — Minha favorita, — ela diz. E ela fala sério. Ela ouve minhas músicas com tanta frequência que começo a enjoar da minha própria voz.

Layla desliza para fora da cadeira e começa a balançar de forma sedutora com a música. Ela se vira, levantando os braços no ar enquanto dança na minha frente. — Alexa, — ela diz. — Volume máximo.

A música fica mais alta e Layla fecha os olhos e continua dançando. Ela está fora de sincronia e nada elegante.

Ela ainda é uma péssima dançarina. Foi a primeira coisa que notei nela... e é a última coisa que eu gostaria de mudar.

*Fim*

